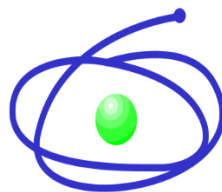




**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CEARÁ**  
**CENTRO DE HUMANIDADES**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA APLICADA**

**ANDREZZA ALVES QUEIROZ**

**REFERENCIAÇÃO E POLIDEZ EM CARTAS DE AMOR: O RESGATE DA  
HISTÓRIA DE JAYME E MARIA POR MEIO DA (RE)CONSTRUÇÃO DO *SELF* E  
DO OUTRO**



**C A P E S**

**FORTALEZA-CE**

**2015**

ANDREZZA ALVES QUEIROZ

REFERENCIAÇÃO E POLIDEZ EM CARTAS DE AMOR: O RESGATE DA HISTÓRIA  
DE JAYME E MARIA POR MEIO DA (RE)CONSTRUÇÃO DO *SELF* E DO OUTRO

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada, do Centro de Humanidades da Universidade Estadual do Ceará, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Linguística Aplicada. Área de concentração: Linguagem e Interação.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Maria Helenice Araújo Costa.

FORTALEZA-CE

2015

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação**  
**Universidade Estadual do Ceará**  
**Biblioteca Central do Centro de Humanidades**  
**Bibliotecário Responsável – Doris Day Eliano França – CRB-3/726**

Queiroz, Andrezza Alves.

Referenciação e Polidez: o resgate da história de Jayme e Maria por meio da (re)construção do self e do outro [recurso eletrônico] / Andrezza Alves Queiroz. – 2015.

1 CD-ROM. 230 f. : il. (algumas color.); 4 ¾ pol.

“CD-ROM contendo o arquivo no formato PDF do trabalho acadêmico, acondicionado em caixa de DVD Slim (19 x 14 cm x 7 mm)”.

Dissertação (mestrado acadêmico) – Universidade Estadual do Ceará, Centro de Humanidades, Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada, Fortaleza, 2015.

Área de concentração: Linguagem e Interação.

Orientação: Prof.<sup>a</sup> Dra. Maria Helenice Araújo Costa.

1. Texto. 2. Referenciação. 3. Polidez. 4. Cartas de amor. I. Título.

ANDREZZA ALVES QUEIROZ

REFERENCIAÇÃO E POLIDEZ EM CARTAS DE AMOR: O RESGATE DA HISTÓRIA DE JAYME E MARIA POR MEIO DA (RE)CONSTRUÇÃO DO SELF E DO OUTRO”

DISSERTAÇÃO apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada do Centro de Humanidades da Universidade Estadual do Ceará, como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em Linguística Aplicada.

Área de Concentração: Linguagem e Interação

Aprovada em: 13 / 03 / 2015.

BANCA EXAMINADORA



Profa. Dra. Maria Helenice Araújo Costa (Orientadora)  
Universidade Estadual do Ceará – UECE



Profa. Dra. Maria Margarete Fernandes Sousa (1º Membro)  
Universidade Federal do Ceará - UFC



Profa. Dra Letícia Adriana Pires Ferreira dos Santos (2º Membro)  
Universidade Estadual do Ceará – UECE

Dedico este trabalho ao amor de Jayme e  
Maria.

## AGRADECIMENTOS

A Deus, por sempre alimentar a fé que me move.

À minha mãezinha, Valdísia, por todas as orações, por acreditar sempre nessa filha teimosa e por compreender como ninguém o silêncio que faz parte de mim.

Ao meu paizinho, Luiz Carlos, pelo orgulho que sempre teve dos meus primeiros textos e por saber, antes de mim mesma, o caminho certo que eu deveria seguir.

À Natacha, minha irmã, por “segurar as pontas” em casa durante minha seleção para o mestrado e durante a escritura desta dissertação.

Ao Victor, meu irmão, por atender todos os meus pedidos prontamente e por me ajudar a alimentar a implicância que nos acompanha desde crianças e que nos diverte tanto.

À minha Profa querida, Helenice, por quem eu tenho um carinho imenso e um respeito profundo. Obrigada por acreditar desde o comecinho em mim. Obrigada por contribuir para que eu seja uma pessoa melhor. Obrigada pela companhia constante nesta difícil caminhada dissertativa.

À Alana, à Maninha e à Raquel, minhas catirobas queridas, pela amizade sincera e verdadeira, por me ouvirem sempre que eu precisei, por me apoiarem incondicionalmente desde a graduação. P.S.: Um agradecimento adicional à Alana pela gentileza em revisar este trabalho e pelas sugestões preciosas.

À Benedita, pelo carinho, pelos presentes cheirosos, pela atenção com que sempre me trata, pela polidez que lhe é tão peculiar, por ser essa pessoa maravilhosa que eu admiro tanto.

À Eduarda, pelo apoio carinhoso nos momentos difíceis e pela torcida vibrante que me deu força para seguir em frente.

À Hivilinha, pela amizade divertida que me mata de rir e pela ajuda inestimável no momento que tive problemas com meu computador.

Às pessoas maravilhosas do GEENTE, Benedita, Alana, Poly, Jariza, Érika, Charliana, Eleildo, Eliana, Idália, Joana, pelos conhecimentos divididos e pela amizade solidária.

À Profa Letícia Adriana, pela confiança que deposita em mim e por fazer parte de momentos importantes da minha trajetória acadêmica, a defesa da monografia, a qualificação e a defesa de mestrado.

À Profa Margarete, pelas contribuições valiosas na banca de qualificação e por aceitar participar da defesa deste trabalho.

À profa Laura Tey, pela gentileza e cortesia de aceitar o convite para a suplência deste trabalho.

À Keiliane, pela paciência e pela doçura em me atender sempre que eu precisei e por ter me deixado te arrancar risos com a implicância que eu criei para nos divertir. P.S.: Ainda não comprei outro *pen drive*.

Ao PosLA, pela oportunidade de fazer parte do programa.

À Capes, pelo apoio financeiro.

À profa Célia Regina dos Santos Lopes e à doutoranda Rachel de Oliveira Pereira pela organização do *Acervo Jaime-Maria “Casal dos anos 30” (1936-1937)*.

À equipe do *Laboratório de História do Português (LaborHistórico)*, Profa Célia Regina dos Santos Lopes, Profa Márcia Cristina de Brito Rumeu, Profa Silvia Regina de Oliveira Cavalcante, Profa Juliana Barbosa de Segadas Vianna e Prof. Leonardo Lennertz Marcotulio pela generosidade em compartilhar um rico acervo documental que nos permitiu conhecer a linda história de Jayme e Maria.

### **Cartas de Meu Avô**

A tarde cai, por demais  
Erma, úmida e silente...  
A chuva, em gotas glaciais,  
Chora monotonamente.

E enquanto anoitece, vou  
Lendo, sossegado e só,  
As cartas que meu avô  
Escrevia a minha avó.

Enternecido sorriso  
Do fervor desses carinhos:  
É que os conheci velhinhos,  
Quando o fogo era já frio.

Cartas de antes do noivado...  
Cartas de amor que começa,  
Inquieto, maravilhado,  
E sem saber o que peça.

Temendo a cada momento  
Ofendê-la, desgostá-la,  
Quer ler em seu pensamento  
E balbucia, não fala...

A mão pálida tremia  
Contando o seu grande bem.  
Mas, como o dele, batia  
Dela o coração também.

(Manuel Bandeira)



## RESUMO

Nesta pesquisa, entendendo o texto como um multissistema que compreende “múltiplos sistemas interativos” (BEAUGRANDE, 1997, §34), nosso propósito é resgatar a história de um casal de namorados dos anos trinta, Jayme e Maria, por meio da (re)construção do *self* e do outro, nas cartas de amor trocadas entre eles, noventa e duas ao todo, as quais compõem o *corpus* “Acervo Jaime-Maria”, hospedado na página virtual *Laboratório de História do Português Brasileiro (Labor-histórico PB)*. Para cumprir esse propósito, recorreremos às contribuições de textos dos campos teóricos da referência (MONDADA; DUBOIS, 2003; MARCUSCHI, 2007) e da polidez (GOFFMAN, 2011; LEECH, 2005), além de textos teóricos acerca do contexto (HANKS, 2008; BENTES; REZENDE, 2008) e do gênero epistolar (BIBER, 1988; VIOLI, 2009). No tratamento dos dados para a análise, procedemos inicialmente à organização do *corpus* em um apêndice, composto pela sequência completa de cartas, dispostas cronologicamente; ao lado de cada carta, destacamos as expressões de tratamento utilizadas pelo escrevente para se referir ao outro. A análise está dividida em três partes: na primeira, registramos os resultados do levantamento quantitativo, no *corpus* completo, de todas as expressões de tratamento utilizadas por Jayme e Maria para se referir ao outro; na segunda, tratamos das três fases que supomos constituírem a história do casal de namorados. Para a reconstituição desses episódios, tomamos como foco da análise uma amostra de oito cartas que, segundo entendemos, ofereciam pistas para inferências que favoreceriam a construção da narrativa; e na terceira parte, discutimos mais três episódios dessa história, os quais, embora não façam parte direta da cronologia dos momentos reconstruídos na segunda parte da análise, consideramos importantes para complementar a caracterização desses personagens. Os resultados demonstraram que as reconstruções ocorridas intra e intertextualmente garantiram a ênfase das predicções na construção dos referentes. Além disso, por um lado, as inferências permitiram amplificar a materialidade do discurso, o que favoreceu o resgate da história dos personagens e, por outro, a polidez linguística contribuiu para a interpretação dos dados, tornando mais acessíveis os discursos dos interlocutores.

**Palavras-chave:** Texto. Referência. Polidez. Cartas de amor.

## ABSTRACT

In this research, understanding text as a multi-system which comprises “multiple interactive systems” (BEAUGRANDE, 1997, §34), our purpose is to recover the story of a loving couple from the Thirties, Jayme and Maria, through the (re)construction of self and of other, in the love letters exchanged between them, a total of ninety two, which compound the *corpus* "Acervo Jaime-Maria ", hosted by the virtual page *Laboratório de História do Português Brasileiro (Labor-histórico PB)*. In order to fulfill this purpose, we resorted to contributions of texts from the referenciation (MONDADA; DUBOIS, 2003; MARCUSCHI, 2007) and politeness theoretical fields (GOFFMAN, 2011; LEECH, 2005), as well as theoretical texts about context (HANKS, 2008; BENTES; REZENDE, 2008) and the epistolary genre (BIBER, 1988; VIOLI, 2009). The treatment we gave the data for the analysis consisted initially of the *corpus* organization in an appendix, made up of the complete following of letters, chronologically arranged; next to each letter, we highlighted the expressions of treatment used by the writers to refer to each other. The analysis is divided in three parts: in the first part, we documented the results of the quantitative survey, of the whole *corpus*, of all expressions of treatment used by Jayme and Maria to refer to each other; in the second one, we dealt with three phases that constitute, we suppose, the loving couple's story. In order to reconstitute these episodes, we assumed as the focus of our analysis a sample of eight letters that, according to what we understand, offered clues to inferences that benefited the construction of the narrative; and in the third part, we discussed three more episodes of this story, which, although are not actual part of the chronology of reconstructed moments in the second part of the analysis, we considered important to complement these characters' characterization. The results demonstrated that the reconstructions in the text and the reconstructions between the texts ensured the emphasis of predications on the construction of referents. In addition, on one hand, the inferences allowed amplifying the materiality of discourse, which endorsed the recovery of the characters' story and, on the other hand, the linguistic politeness contributed to the interpretation of the data, which made the speakers' utterances more accessible.

**Keywords:** Text. Referenciation. Politeness. Love letters.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Acesso aos <i>corpora</i> do Projeto Para uma História do Português Brasileiro .....	43
Figura 2 - Acesso ao Acervo Jayme-Maria “Casal dos anos 30” (1936-1937).....	44
Figura 3 - Acesso às correspondências trocadas entre Jayme e Maria.....	45
Figura 4 - Acesso às cartas para <i>download</i> .....	46
Figura 5 - Acesso aos arquivos na versão <i>doc/pdf</i> .....	47

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>7</b>
<b>2</b>	<b>REFERENCIAL TEÓRICO.....</b>	<b>12</b>
2.1	A REFERÊNCIA E A REFERENCIAÇÃO: DISCUTINDO O PERCURSO TEÓRICO .....	12
2.1.1	<b>A Categorização .....</b>	<b>14</b>
2.1.2	<b>A Recategorização .....</b>	<b>16</b>
2.1.3	<b>A Intersubjetividade .....</b>	<b>18</b>
2.2	POLIDEZ LINGUÍSTICA: DISCUTINDO AS PERSPECTIVAS TEÓRICAS .....	21
2.2.1	<b>O trabalho de face de Goffman .....</b>	<b>22</b>
2.2.2	<b>Polidez Linguística: Brown e Levinson (1987) .....</b>	<b>23</b>
2.2.3	<b>Polidez Linguística: Leech (2005) .....</b>	<b>25</b>
2.3	A EMERGÊNCIA E A INCORPORAÇÃO: CONTEXTUALIZANDO AS PISTAS .....	28
2.3.1	<b>O que é contexto? .....</b>	<b>28</b>
2.3.2	<b>O social e o histórico: ampliando o ato localizado .....</b>	<b>31</b>
2.3.2.1	Século XIX: antecipando as mudanças .....	32
2.3.2.2	Século XX: disseminando as mudanças .....	33
2.4	UMA PALAVRA SOBRE O GÊNERO CARTA .....	36
<b>3</b>	<b>PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS .....</b>	<b>41</b>
3.1	TIPO DE PESQUISA .....	41
3.2	CONTEXTO DA PESQUISA .....	42
3.3	PROCEDIMENTOS DE COLETA DA PESQUISA .....	43
3.4	CRITÉRIOS DE ANÁLISE .....	49
<b>4</b>	<b>PERCURSO DE (RE)CONSTRUÇÃO DOS SUJEITOS: RESGATANDO UMA HISTÓRIA DE AMOR .....</b>	<b>51</b>
4.1	O TRATAMENTO ENTRE JAYME E MARIA: CARACTERIZANDO O <i>CORPUS</i> .....	51
4.2	A HISTÓRIA DE JAYME E MARIA: CONSTRUINDO O <i>SELF</i> E O OUTRO..	59
4.2.1	<b>Primeira Fase: o prelúdio .....</b>	<b>60</b>
4.2.1.1	Momento 1: a viagem, a chegada e a permanência de Maria .....	60

4.2.1.2	Momento 2: a negociação e a consolidação dos sujeitos .....	66
<b>4.2.2</b>	<b>Segunda Fase: o clímax .....</b>	<b>80</b>
4.2.2.1	Momento 3: a perseguição ao relacionamento de Jayme e Maria .....	80
<b>4.2.3</b>	<b>Terceira Fase: o desenlace .....</b>	<b>87</b>
4.2.3.1	Momento 4: a calma representada pela subjetividade lírica de Jayme .....	87
4.3	JAYME E MARIA: COMPLEMENTANDO A CARACTERIZAÇÃO DOS PROTAGONISTAS .....	95
<b>5</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>103</b>
	<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>108</b>
	<b>APÊNDICES .....</b>	<b>113</b>
	APÊNDICE A - Correspondência entre Jayme e Maria (versão adaptada) .....	115
	APÊNDICE B - Correspondência entre Jayme e Maria (acervo completo) .....	124

## 1 INTRODUÇÃO

Os estudos linguísticos atuais, nos mais diversos quadros teóricos, postulam que a linguagem não é um retrato ou uma imagem especular do mundo e que as palavras não funcionam como etiquetas dos objetos ou das entidades a que se referem. A linguagem, atividade sociointerativa de caráter cognitivo e histórico, constitui-se em uma forma de ação que se desenvolve entre os indivíduos na sociedade, permitindo que estes se entendam.

A partir dessa perspectiva, que estabelece entre linguagem e mundo uma “relação não biunívoca, mas configurada por ações conjugadas, social e cognitivamente” (MARCUSCHI, 2007, p. 41), é possível perceber que as entidades discursivas não são dotadas somente de uma dimensão sintático-semântica. Pelo contrário, seus sentidos também são apreendidos através do entorno sociocognitivo e pragmático motivado pelos participantes da interação. O texto, então, seria definido pelos seus contextos de uso situados e socialmente partilhados.

Em nossa pesquisa, trabalhamos com o gênero epistolar, mais especificamente com cartas de amor do início do século XX. A nosso ver, esse “diálogo escrito”, nas palavras de Violi (2009, p. 45-46), travado em fins de uma época bastante representativa para a história do Brasil, contribui para reforçar o que diz Barros (1996, p. 28): “a relação entre os locutores não apenas funda a linguagem e dá sentido ao texto, como também constrói os próprios sujeitos produtores do texto.”

Seguindo essa ótica, nossos primeiros contatos com essas cartas de amor foram unicamente voltados para o estudo da (re)construção do *self* e do outro. O caráter particular dessas missivas foi um dos aspectos que favoreceu nosso olhar sobre as formas de fazer referência ao *self* e ao outro, uma vez que os resultados geralmente apontavam para a construção e a reconstrução de referentes que contribuíam para manter “viva” a afetividade negociada entre o casal. No entanto, devido ao conteúdo amoroso das cartas e ao contexto histórico e social em que estavam imersos nossos personagens, esbarrávamos inevitavelmente em um tratamento, além de afetuoso, polido. Dessa forma, inquietou-nos sobremaneira saber em que intensidade as possíveis marcas linguísticas de polidez permeavam a subjetividade dos remetentes.

A partir desse ponto, sentimos a necessidade de buscar o apoio de algumas ideias provenientes da teoria da polidez para ajudar-nos a interpretar de forma proveitosa o que parece ter ocorrido na troca comunicativa estabelecida entre nossos personagens, na medida em que, como coloca Kerbrat-Orecchioni (2006, p. 76), as marcas de polidez “exercem

pressões muito fortes sobre a produção dos enunciados.” Desse “mergulho” pragmático, emergiu nosso trabalho de conclusão do Curso de Bacharelado em Letras, intitulado *Estratégias de polidez linguística em cartas de amor*. Nessa pesquisa, verificamos, observando o trato polido dos participantes, quais as principais estratégias de polidez linguística usadas pelos missivistas para manter o equilíbrio da interação e discutimos possíveis propósitos específicos relacionados a esses usos. Concluímos, a partir da análise de uma amostra de vinte cartas, que a presença substancial das estratégias de polidez postuladas por Brown e Levinson (1987) nessas correspondências funcionava como um recurso para manter o vínculo afetivo entre os interlocutores e para afastar qualquer ação que pudesse ameaçar esse seu relacionamento amoroso. Nosso problema de pesquisa atual constitui uma tentativa de ampliar esse estudo que iniciamos ainda na graduação.

Motivados pelos Estudos sociocognitivos do texto e pela Pragmática, mais especificamente, pela Referenciação e pela Polidez, estabelecemos como nosso objetivo geral resgatar a história de Jayme e Maria, por meio da (re)construção do *self* e do outro nas cartas de amor trocadas entre esse casal de namorados dos anos trinta, utilizando para nossa análise pressupostos teóricos da Linguística Textual, principalmente voltados à Referenciação, e da Pragmática, com ênfase na Polidez. Essas cartas foram retiradas da página virtual *Projeto para a História do Português Brasileiro (PHPB)*. Guiados pela tese de que a negociação intersubjetiva interfere na construção dos referentes, tomamos como objeto de análise essas missivas, cientes de que, ao analisarmos as expressões referenciais presentes nesses textos, especialmente as expressões de tratamento afetivo, podemos perceber os referentes ganhando contornos específicos dentro do contexto em que esses usos foram negociados.

Apesar de reconhecermos que já existem diversos estudos especializados em referenciação (SOUSA, 2005; CIULLA, 2008; CUSTÓDIO FILHO, 2011) e em polidez linguística (PAIVA, 2008; TEIXEIRA, 2011, PAIVA, 2013), percebemos que há uma carência de trabalhos que explorem a amplitude do texto recorrendo a esses dois campos teóricos. Reconhecemos, no entanto, que, dentro do campo da Linguística Textual, existem alguns trabalhos de aplicação do fenômeno da referenciação que, assim como o nosso, assumem uma perspectiva sociocognitiva<sup>1</sup> do texto, como, por exemplo, a investigação de

---

<sup>1</sup> De acordo com Salomão (1999, p.64, grifo da autora), na abordagem sociocognitiva, a linguagem é “operadora da **conceptualização socialmente localizada** através da atuação de um sujeito cognitivo, **em situação comunicativa real**, que produz significados como **construções mentais**, a serem sancionadas no fluxo interativo.” Em outras palavras, o sinal linguístico (acompanhado não só pela gramática, mas também pelos esquemas conceptuais e pelas molduras comunicativas) conduz “o processo de significação diretamente no contexto de uso.”

Oliveira (2012), em que a autora destaca o processo criativo de algumas peças de divulgação. Em seu estudo, ela volta-se para o processo sociocognitivo de criação e não apenas para o produto final de divulgação, o que revela o olhar amplo da pesquisadora sobre o texto. Outra investigação que também merece ser elencada é a de Santos (2013). A autora, assim como Oliveira, assume que as negociações não envolvem apenas aspectos imediatos, mas também abrangem aspectos mais amplos do texto.

Observamos, assim, que as pesquisas das autoras demonstram a mesma peculiaridade da nossa: a ampliação dos sentidos do texto, no entanto precisamos ressaltar que o diferencial dessas pesquisas e a do nosso trabalho são as posturas teóricas. Oliveira (2012) associa os estudos de referência aos estudos em Semiótica e *Design*, Santos (2013) estabelece a aliança entre a perspectiva teórica da referenciação e os estudos linguísticos que se interessam pelo ciberespaço e pela sociocognição, enquanto o nosso estudo está assentado no campo dos estudos sociocognitivos do texto, mas também está pautado no território da polidez. Diante dessa breve exposição, convém destacarmos que não é nossa intenção questionar a eficiência dessas pesquisas. Pelo contrário, estamos na verdade conferindo o merecido crédito às pesquisas que assumem a perspectiva sociocognitiva de texto e enaltecendo essa peculiaridade que também faz parte de nosso trabalho.

Frisamos que, além das contribuições do campo da referenciação, também é necessário situar nossa investigação dentro do campo da polidez, o outro eixo teórico em que buscamos subsídios para entender algumas especificidades dos discursos de nossos interlocutores. Dentro desse campo teórico, destacamos o trabalho de Paiva (2008). Em sua pesquisa, a autora faz uma análise de como os participantes de uma sala de bate-papo utilizam as estratégias e regras pragmáticas de polidez linguística e com que finalidade eles operam esses usos.

Embora Paiva inove ao analisar a polidez linguística em ambientes virtuais, uma vez que a maioria das pesquisas sobre esse tema se restringem às interações face a face, destacamos que nossa pesquisa traz o diferencial de estudar a polidez em uma interação assíncrona. Acreditamos, portanto, que nosso objeto de estudo constitui uma forma distinta de interação, visto que a distância é sentida afetivamente pelos interactantes, o que os obriga a utilizar diversos recursos linguísticos na construção de uma cenografia que os presentifique. Além desse diferencial, salientamos que a polidez, em nossa pesquisa, está menos presa às categorias postuladas pelos teóricos clássicos da polidez, como Brown e Levinson (1987), e mais empenhada em explicitar o dito e alcançar o implícito do discurso.



Evidenciamos ainda que nossa perspectiva de texto nos fez olhar para nosso *corpus* de forma diferenciada da de outras investigações, como Silva (2011), Lopes (2012) e Silva (2012), que também o utilizaram como objeto de estudo. Dentre essas pesquisas, apontamos a de Silva (2012), em que a autora faz uma incursão filológica a fim de analisar os aspectos grafemáticos das cartas de Jayme e Maria. Entendemos, então, que nossa proposta permitiu evidenciar mais aspectos do que os destacados pela pesquisadora, uma vez que estamos cientes que outros elementos, além da materialidade, também contribuem para ampliar a compreensão da história de nossos protagonistas. Um desses elementos, ressaltado em nossa pesquisa, é o processo inferencial que nos possibilita preencher as lacunas presentes nas cartas dos participantes e reconstruir a história deles.

Nossa proposta se justifica, então, não só pelo lugar que ela ocupa entre os estudos do campo da referenciação e da polidez, mas também pelo fato de ela ampliar um estudo, mencionado anteriormente, que iniciamos ainda na graduação. Pensamos que esse diálogo entre a referenciação e a polidez nos permitiu ver os dados – as cartas de amor – sob uma perspectiva ampla, que combina diversos aspectos sociocognitivos e entra em sintonia com a tendência atual de texto como evento dinâmico e multissemiótico. Sendo o texto um construto multidisciplinar, não há como fugir à interface da Linguística de Texto com as diversas ciências que dão conta do estudo da linguagem. É sob a perspectiva da necessidade de colaboração entre diferentes campos de estudo para tentar dar conta do objeto complexo e multifacetado que é o texto, que julgamos pertinente esta pesquisa, a qual se propõe olhar para essas cartas de namorados do início do século passado sob as lentes da Referenciação e da Polidez linguística.

Com base nas relações que estabelecemos entre esses fundamentos teóricos e a partir do percurso que desenvolvemos até aqui, orientamo-nos, ao longo da investigação pelas seguintes questões:

- Como os atores sociais categorizam e recategorizam a si e ao outro ao longo da troca de correspondências?
- Quais marcas de polidez estão envolvidas na construção desses atores sociais?
- As escolhas referenciais e as marcas de polidez entrelaçadas na tessitura textual contribuem para contar a história dos atores sociais?
- De que forma a ampliação do texto possibilita o resgate da história dos protagonistas?

Para tentar responder a esses questionamentos, organizamos esta dissertação em cinco capítulos. No primeiro capítulo, que é constituído por estas considerações introdutórias, explicitamos o problema, a relevância e o objetivo principal de nosso estudo, além das questões de pesquisa.

No segundo capítulo, apresentamos o referencial teórico ao qual nosso trabalho recorreu, abordando alguns conceitos fundamentais da Referenciação, da Teoria da Polidez, do Contexto e do Gênero em foco, a Carta Pessoal, que fundamentarão a análise do material que selecionamos.

No terceiro capítulo, descrevemos, de forma pormenorizada, as ações desenvolvidas durante o percurso do nosso trabalho com o intuito de demonstrar a autenticidade de nossa fonte e esclarecer como foi feita a seleção das cartas que utilizamos em nossa análise.

No quarto capítulo, tomando por base as contribuições de Costa (2000, 2001, 2007a), Custódio Filho (2011), Marcuschi (2007), Ariel (2001), Bakhtin (1997, 2006), Beaugrande (1997), Pinker (2008), Goffman (1975, 2011), Leech (2005), Hanks (2008), Del Priore (2006), Violi (2009), procedemos à análise dos dados. Iniciamos este capítulo com uma apresentação geral das formas de tratamento encontradas nas cartas de cada personagem. Em seguida, debruçamo-nos sobre a análise de oito cartas de amor trocadas entre o casal de namorados, tentando, de um lado, explicitar como acontecem a categorização e recategorização do *self*<sup>2</sup> e do outro, e de outro lado, avaliar quais as marcas de polidez deixadas durante a construção dos sujeitos. Na última seção deste capítulo, selecionamos três episódios adicionais da história de Jayme e Maria para complementar a caracterização desses personagens.

No quinto e último capítulo, tecemos nossas considerações finais sobre o trabalho.

Ao final dessas considerações, apresentamos as referências citadas em nosso trabalho e, em seguida, exibimos um apêndice com as cartas selecionadas para nossa análise, organizadas em sequência cronológica.

---

<sup>2</sup> As noções de *self* e outro às quais fazemos referência serão melhor explicitadas no segundo capítulo.

## 2 REFERENCIAL TEÓRICO

“Escolhemos nossas palavras com cuidado porque elas têm de realizar duas tarefas ao mesmo tempo: transmitir nossas intenções e manter ou renegociar nossos vínculos com os outros.”

(PINKER, 2008, p. 477).

Como o nosso estudo envolve principalmente dois eixos teóricos, julgamos necessário reservar espaço para ambos ao explanar os principais conceitos que compõem o nosso quadro teórico. Assim, organizamos este tópico em quatro seções, que contemplam os dois lados da questão. Na primeira seção, que trata do eixo teórico da Referenciação, discorremos sobre os fenômenos da categorização (MONDADA; DUBOIS, 2003; VARELA; THOMPSON; ROSCH, 2003; MARCUSCHI, 2007), da recategorização (CUSTÓDIO FILHO, 2011; CAVALCANTE, 2013; SILVA; CUSTÓDIO FILHO; LEITE, 2007) e da intersubjetividade (SAUSSURE; 2006; BENVENISTE, 2006; MEAD, 1973; BAKHTIN, 1997). Na segunda seção, que versa sobre o eixo teórico da Polidez, tratamos do trabalho de face desenvolvido por Goffman (2011), o modelo de polidez postulado por Brown e Levinson (1978; 1987) e a perspectiva da polidez de Leech (2005). Na terceira seção, discutimos sobre a noção de contexto postulada por Hanks (2009) e sobre o contexto social e histórico (DEL PRIORE, 2006) em que viveram Jayme e Maria. Na quarta seção, discorremos de forma breve a respeito do gênero carta com base nas contribuições de Biber (1988) e Violi (2009).

### 2.1 A REFERÊNCIA E A REFERENCIAÇÃO: DISCUTINDO O PERCURSO TEÓRICO

A questão da referência tem interessado muitos estudiosos nos mais diversos quadros conceituais. Segundo Mondada e Dubois (2003, p. 23), “A literatura científica é atravessada por grande número de divergências entre a linguagem ou o conhecimento humano e o mundo, entre os nomes, seus sentidos comuns, seus usos, seus conceitos e as ‘coisas’”. Apesar dessas discordâncias que eclodem no campo de estudos da linguagem, é saliente a tese não representacionista da linguagem, na qual a relação linguagem-mundo não é vista como biunívoca, “mas configurada por ações conjugadas, social e cognitivamente.” (MARCUSCHI, 2007, p. 41).

Costa (2007a), assumindo uma perspectiva pragmático-discursiva, à qual nos filiamos, argumenta que a linguagem é construída nas atividades sociais. A língua, assim,

consoante Koch (2009, p. 33), seria um “lugar de interação” entre sujeitos ativos que constroem e são construídos pelo discurso.

Essas breves reflexões são apenas para constar que a visão de referência com que estamos lidando alinha-se com a proposta levantada por Mondada e Dubois (2003), segundo a qual,

[...] no lugar de partir do pressuposto de uma segmentação *a priori* do discurso em nomes e do mundo em entidades objetivas, e, em seguida, de questionar a relação de correspondência entre uma e outra – parece-nos mais produtivo questionar os próprios processos de discretização. [...] no lugar de pressupor uma estabilidade *a priori* das entidades no mundo e na língua, é possível reconsiderar a questão partindo da instabilidade constitutiva das categorias por sua vez cognitivas e linguísticas, assim como de seus processos de estabilização (MONDADA; DUBOIS, 2003, p. 19).

Seguindo esse caminho alternativo, entendemos que as entidades discursivas não apresentam uma segmentação pronta, mas se elaboram durante a interação, transformando-se a partir dos contextos. Segundo Mondada e Dubois (2003, p. 27), essas entidades discursivas demonstram uma instabilidade que lhes é inerente, e mesmo um referente considerado estático “pode ser ‘decategorizado’, tornado instável, evoluir sob o efeito de uma mudança de contexto ou de ponto de vista”. Para as autoras, “a instabilidade caracteriza o modo normal e rotineiro de entender o mundo – e, lança, assim, a desconfiança sobre toda descrição única, universal e atemporal”. A instabilidade, assim, não estaria somente na relação entre palavras e coisas, mas também entre as categorias, no interior das práticas discursivas e cognitivas.

No primeiro caso, das variações entre as palavras e as coisas por estas designadas, pode ocorrer instabilidade tanto no eixo sincrônico como no diacrônico. Como observam as autoras, os falantes de uma língua encontram sempre, num determinado momento da história, múltiplas categorias para identificar alguém ou algo; a decisão por uma delas fica a cargo de quem produz e compreende (co-produz, neste último caso) o discurso. Por outro lado, certas categorias podem dar lugar a outras, ao longo da história cultural. Fenômenos podem ser recategorizados, por exemplo, em razão do desenvolvimento das ciências, que passam a interpretá-los sob novos pontos de vista (COSTA, 2007a, p. 69-70).

Esse constitui um ponto relevante quando nos voltamos para as cartas de Jayme e Maria. Na correspondência trocada entre esse casal, os referentes, à primeira vista, parecem assumir certa estabilidade aprisionada no tempo em que os textos foram escritos. No entanto, transcorridos anos desde a escritura dessas cartas, observamos que os sentidos que inferimos da interação entre os namorados é resultado não somente das impressões deixadas por Jayme

e Maria na superfície textual, mas também é reflexo da nossa observação como pesquisadores e do entorno sócio-histórico que envolvia os personagens no início do século XX.

Sendo assim, a referenciação não seria simplesmente a representação especular das entidades discursivas, mas seria, acima de tudo, construída sociocognitivamente à medida que os sujeitos interagem com a realidade. Ao produzir um texto, um determinado sujeito vai fazer escolhas linguísticas para que o seu projeto de dizer, consoante Bakhtin (1997), seja concretizado com êxito. Essas escolhas não serão simplesmente lexicais, mas vão envolver, conforme Marcuschi (2007, p. 69), “uma rede lexical situada num sistema sociointerativo” que vai possibilitar a produção de sentidos.

Destaca-se, então, que o sujeito passa a ter um papel ativo nas práticas linguísticas e cognitivas. Nesse ponto, nas palavras de Mondada e Dubois (2003, p. 20), podemos entender que o sujeito não é “solitário face ao mundo”, mas negocia intersubjetivamente a construção dos objetos cognitivos e discursivos.

Sendo assim, a construção referencial seria algo que transpõe as fronteiras lexicais, como postula Marcuschi (2007) e como demonstram em suas pesquisas Costa (2007a), Custódio Filho (2011), Oliveira (2012) e Santos (2013). Em razão disso e tendo em vista o foco de nossa análise, que recai principalmente sobre as formas usadas por Jaime e Maria para se referirem um ao outro, julgamos importante discutir nosso ponto de vista acerca dos conceitos de categorização, de recategorização e de intersubjetividade.

### 2.1.1 A Categorização

Tendo em vista a posição que assumimos no tópico anterior, iniciamos este tópico compactuando com as ideias de Mondada e Dubois (2003, p. 28), quando enfatizam que as categorias “não são dadas e nem evidentes”, mas são “o resultado de reificações práticas e históricas de processos complexos, compreendendo discussões, controvérsias, desacordos.” Dessa forma, podemos dizer que a categorização, assim como a referenciação, não é um fenômeno estável, mas sim um processo que pode mudar sincrônica e diacronicamente. Afinal, como coloca Ciulla (2008, p. 31, grifo da autora),

[...] todo ato de referir implica, também, categorizar, pois ao escolher uma expressão, entre todas as opções que julgar adequadas, incluindo-se aí as invenções, adaptações e transformações, o falante privilegia alguns aspectos e algumas *semelhanças de família* em detrimento de outros, de acordo com as discriminações (ou abstrações ou generalizações, etc.) que a palavra escolhida pode comportar naquela situação de uso.

As variações do discurso, então, segundo Mondada e Dubois (2003), seriam interpretadas tendo em vista mais a pragmática da enunciação do que a semântica dos objetos. De acordo com Marcuschi (2007, p. 98), não é fácil estabelecer as fronteiras entre traços semânticos e traços de conhecimento enciclopédico ou cultural. Necessita-se, então, de uma “teoria de categorias globais” que não estabeleça traços definidos, mas que sugira “conhecimentos globais.”

Em Salomão (1997, p. 32), a autora enaltece, baseada em Fillmore (1975), a importância de possibilitar a “mediação entre o conhecimento-do-mundo – acumulado como memória social (modelos culturais) e/ou pessoal – e a sua ativação numa perspectiva singular, definida para o evento comunicativo em desenvolvimento.” Em outras palavras, para a autora, uma mesma informação pode selecionar diferentes esquemas semânticos, dependendo do contexto interpretativo. Dessa maneira, “a especificidade do enquadramento prevalece-se da informação estruturalmente armazenada ativada segundo as contingências comunicativas locais.” (SALOMÃO, 1997, p. 32).

Sob uma visão atuacionista, a percepção não seria embutida no mundo e limitada por ele, mas ela também contribuiria para “a atuação desse mundo circundante” (VARELA; THOMPSON; ROSCH, 2003, p. 178). Assim, as entidades discursivas tanto constituem o mundo como são moldadas por ele. Ressaltamos ainda que, consoante o posicionamento assumido por esses autores, embora mente e mundo surjam juntos, esse processo não se dá de forma arbitrária. Segundo os autores, o nível básico da categorização proposto por Rosch *et al.* (1976), por exemplo, “parece ser o ponto no qual a cognição e o ambiente tornam-se simultaneamente atuados. O objeto aparece para o observador proporcionando certos tipos de interações, e o observador utiliza os objetos com seu corpo e mente da forma proporcionada.” (p. 180). Já sob uma visão antropológica, o conhecimento seria articulado por meio das trocas que ocorrem entre “a mente, a sociedade e a cultura e não em apenas uma delas ou mesmo em todas. O conhecimento não preexiste em qualquer lugar ou sob qualquer forma, mas é atuado em situações particulares.” (p. 182).

Assumindo uma abordagem discursiva das categorias, Mondada e Dubois (2003) postulam que as categorias são construídas pelos sujeitos em suas práticas discursivas nas quais negociam versões do mundo. Para as autoras, que enfatizam a noção de prototipicidade de Rosch, “os nomes enquanto rótulos correspondem aos protótipos e contribuem para sua estabilização ao curso de diferentes processos” (MONDADA; DUBOIS, 2003, p. 42), visto que, em um primeiro momento, eles “correspondem às unidades discretas da língua” (p. 42) e,

em um segundo momento, passam a ser compartilhados socialmente até evoluírem “para uma representação coletiva, chamada geralmente de estereótipo.” (p. 42).

Apesar de reconhecerem que a prototipicidade defendida por Rosch pode contribuir para a análise da categorização, Mondada e Dubois (2003) fazem duas críticas: a primeira diz respeito à concepção reducionista da língua como nomenclatura, o que não se adequa ao posicionamento defendido por elas, e a segunda refere-se à necessidade de conceber os estereótipos a partir de um nível intersubjetivo e não a partir de um nível puramente subjetivo. Segundo Costa (2007a), o que podemos entender a partir da crítica de Mondada e Dubois

[...] é que elas reconhecem o papel da lexicalização na estabilização da língua. O que essas autoras condenam são, na verdade, as explicações baseadas em pressupostos da lingüística cognitiva. Conforme afirmam, ‘Numerosos lingüistas já observaram que as unidades lexicais estabilizam convencionalmente os significados das palavras numa comunidade lingüística.’ Apenas previnem que ‘a evolução dos protótipos e das significações das palavras para estereótipos não se baseia mais em propriedades realistas ou de valores de verdade, mas na codificação social dos modos de falar e de representar o mundo.’ (COSTA, 2007a, p. 73).

Seguindo o mesmo viés de Mondada e Dubois (2003), Marcuschi (2007, p. 89) defende a tese de que não existem categorias naturais, uma vez que não existe um mundo naturalmente categorizado. Conforme esse estudioso, “a realidade mundana não está segmentada da forma como a concebemos e as coisas não estão no mundo da maneira como as dizemos aos outros”, mas o que dizemos é construído discursivamente. Para o autor, a forma como dizemos as coisas aos outros é reflexo de nossa atuação lingüística sobre o mundo, uma vez que o processo de categorização apresenta uma dimensão discursiva.

Estabelecendo-se a construção de categorias como um processo dinâmico e discursivo, caminhamos rumo à construção de uma realidade na qual o sujeito e os processos interativos constituem pontos centrais. As categorias, então, segundo Mondada e Dubois (2003, p. 35), estão “ligadas à dimensão constitutivamente intersubjetiva das atividades cognitivas”. Quando interagimos, nossos enunciados são produzidos colaborativamente, mas também podem ser construídos, alimentados e enriquecidos por diferentes interlocutores.

### **2.1.2 A Recategorização**

Considerando que em nosso estudo estamos observando as formas como nossos sujeitos, Jayme e Maria, constroem a si mesmos e ao outro, e a forma como nós os

reconstruímos por meio do discurso, pareceu-nos pertinente tratar também do fenômeno da recategorização. Em Cavalcante (2013), a autora explica que a recategorização se trataria da possibilidade que uma determinada entidade discursiva tem para passar por mudanças ao longo do texto. Essas modificações estariam relacionadas às intenções do produtor do texto, sejam elas: emotivas, expressivas, poéticas, dentre outras. Nas cartas de Jayme e Maria, as escolhas linguísticas empreendidas por esses sujeitos facilitaram, para nós, o entendimento do sólido vínculo afetivo que unia o casal e também refletiram o desvelo de um para com o outro. Percebemos, então, que nossos sujeitos tentavam recategorizar a si e ao outro a fim de enaltecer o sentimento que os impulsionava.

Silva e Custódio Filho (2013, p. 61) defendem que são os possíveis “acréscimos postos aos referentes, explícitos ou não, que vão colaborar para a progressão referencial”. Sendo assim, nesse ponto, julgamos pertinente lembrar também a posição de Jaguaribe (2007, p. 232) de que a recategorização pode ser considerada “como ‘um processo mental por meio do qual os objetos-de-discurso vão sendo reavaliados pelo falante.’” Esse processo, então, que também compreende uma dimensão social, realiza-se com o intuito de atender ao propósito comunicativo do falante.

Nesse mesmo viés, Leite (2007) demonstra a preocupação de atestar a atividade referencial como proveniente de aspectos que extrapolam o puramente verbal da superfície textual. Nessa investigação, o autor enfatiza as relações entre diversas porções de materialidade linguística e os elementos que se situam além da superfície textual. Consoante Silva e Custódio Filho (2013, p. 70), as observações de Leite (2007) são pertinentes, uma vez que demonstram a “possibilidade de integração de vários elementos do texto para a construção de objetos de discurso”, o que favorece o conceito de texto como um construto dinâmico, cujas partes se integram para construir sentidos.

Acreditamos, então, que Jayme e Maria interagem colaborativamente na construção e na reconstrução de entidades discursivas. Interessa-nos observar não apenas as (re)construções do *self* e do outro, ocorrendo intratextualmente nas cartas, mas também o modo como tais construções se dão ao longo da progressão comunicativa. Fica evidente, assim, que, ao optarmos por uma proposta sociocognitiva, estamos conferindo importância à interação e à negociação pública durante as práticas discursivas, tendo em vista que o processo de significação emerge nos contextos de uso.



### 2.1.3 A Intersubjetividade

A perspectiva sociocognitiva de linguagem e mundo à qual estamos filiados, nos permite concordar com a ideia do Círculo bakhtiniano (SOBRAL, 2013, p. 24) de que o sujeito não seria um “fantoche” das construções sociais, mas um agente, “responsável por seus atos e responsivo ao outro.” Essa noção de sujeito nos possibilita evidenciar o que vimos tratando até aqui, que os referentes são (re)elaborados dinamicamente durante a interlocução cooperativamente desenvolvida.

Sendo assim, podemos avançar um pouco mais e afirmar com Marcuschi (2007, p. 108, grifos do autor) que “a língua não é um *retrato* e sim um *trato* do mundo, isto é, uma forma de agir sobre ele.” Essa perspectiva de linguagem, então, envolve a participação de um sujeito colaborativo e cooperativo durante o processo interativo. Desse modo, ao assumirmos um posicionamento sociocognitivista, parece-nos importante retomar algumas diferentes visões de sujeito em alguns estudos especializados para esclarecer a percepção de sujeito à qual estamos fazendo referência em nosso estudo.

Em sua obra *Curso de Linguística Geral*, Saussure (2006, p. 22) argumenta que a língua “é a parte social da linguagem, exterior ao indivíduo, que, por si só, não pode nem criá-la nem modificá-la; ela não existe senão em virtude duma espécie de contrato entre os membros da comunidade.” Dessa forma, para o autor, as relações sociais pareciam não interferir na linguagem.

Tentando ampliar a teoria saussuriana do signo, Benveniste introduz, “no centro das preocupações linguísticas, a questão do sujeito, a partir de uma abordagem enunciativa da linguagem.” (BRAIT, 2006, p. 39). Para o autor,

Aquele que fala se refere sempre pelo mesmo indicador *eu* a ele-mesmo que fala. [...] Assim, em toda língua e a todo momento, aquele que fala se apropria desse *eu*, este *eu* que, no inventário das formas da língua, não é senão um dado lexical semelhante a qualquer outro, mas que, posto em ação no discurso, aí introduz a presença da pessoa sem a qual nenhuma linguagem é possível. [...] Por outro lado, este *eu* na comunicação muda alternativamente de estado: aquele que o entende o relaciona ao *outro* do qual ele é signo inegável; mas, falando por sua vez, ele assume *eu* por sua própria conta (BENVENISTE, 2006, p. 68-69, grifo do autor).

Entretanto, apesar do avanço empreendido por Benveniste, Cardoso (2003) destaca que um dos problemas da reflexão do autor seria a subjetividade. Isto porque o sujeito para Benveniste (2006, p. 84) seria alguém que “se apropria do aparelho formal da língua e enuncia sua posição de locutor por meio de índices específicos, de um lado, e por meio de

procedimentos acessórios, de outro.” A crítica da autora, então, seria direcionada para a “fugacidade da enunciação”: o ato enunciativo seria engendrado “independentemente do jogo de influências sociais condicionantes”, ou seja, seriam ignorados “os lugares sociais de onde falam os interlocutores.” (CARDOSO, 2003, p. 81).

Contrário à concepção de língua como objeto abstrato e à percepção de sujeito como detentor do sentido, Bakhtin propõe “conceber um sujeito que, sendo um eu-para-si, condição de formação da identidade subjetiva, é também um eu-para-o-outro.” (SOBRAL, 2013, p. 22). Bakhtin, dessa forma, posiciona-se contra qualquer “atitude monológica ou modelo monológico do mundo.” Para o autor, a subjetividade seria constituída “no denso caldo do simpósio universal, sendo a alteridade e a intersubjetividade, portanto, absolutamente indispensáveis.” (FARACO, 2009, p. 76). Dessa forma, a proposta defendida pelo Círculo bakhtiniano envolve sempre considerar a situação social e histórica do sujeito, “tanto em termos de atos não discursivos como em sua transfiguração discursiva, sua construção em texto/discurso.” (p. 23).

Frente às ideias mencionadas até aqui, compactuando com Santos (2013, p.15), acreditamos que “o referente já nasce intersubjetivo, até porque no processo de construção desse referente o sujeito age com base em experiências e aprendizados socioculturais”. Dessa maneira, sob essa perspectiva sociocognitivista, o sujeito vai se constituindo intersubjetivamente, construindo, imerso na interação, a si e ao outro. Isso nos permite defender o argumento de Donald Davidson, extraído de Marcuschi (2007, p. 129, grifo do autor), de que a “*intersubjetividade é o fundamento da objetividade.*” Se nem o mundo nem a linguagem apresentam uma estabilidade *a priori* e nem estão discretizados definitivamente, a estabilidade e a discretização deve resultar da interação linguística entre dois sujeitos. Dito de outra forma, “*ter uma vida mental organizada é ter uma vida social e intersubjetivamente fundada.*” (p. 137).

Acreditamos, assim como Santos (2013), que a visão abrangente de sujeito, de linguagem e da natureza do sentido postulada por Bakhtin pode ser relacionada com a concepção de sujeito sociocognitivo defendida por Marcuschi e assumida por nós em nossa pesquisa. Seguidora da perspectiva sociocognitivista, Salomão (1999, p. 72) nos auxilia na defesa do fato de que “não há como separar “interpretação-do-mundo, representação-de-si e escolha da linguagem.” Sendo assim, sem um sujeito para inferir e suprir informações implícitas, a enunciação seria incompreensível. Para a autora, então, “[...] **fazer sentido (ou interpretar) é necessariamente uma operação social** na medida em que o sujeito nunca

constrói o sentido-em-si, mas sempre para alguém (ainda que este alguém seja si mesmo).” (p. 71, grifo da autora).

Tendo em vista a noção de representação postulada por Goffman (1975), Salomão (1999, p. 72, grifo da autora) enfatiza que toda interpretação seria uma espécie de encenação dramática. Para ela, “[...] a experiência social não prescinde da semantização primária, que corresponde ao investimento do sujeito em específico papel comunicativo, configurado frente à sua **audiência**, num trabalho de **mútua determinação**, através do qual se constrói **a face**”. Em outros termos, isso sugere que as pessoas ou os “atores sociais”, nas palavras de Goffman (1975), à medida que participam de um **encontro dramático**, estão inseridos em uma **moldura**, adotando dentro dela um **papel comunicativo particular** que exercem para si e para os outros. (SALOMÃO, 1999, p. 71, grifo da autora).

A face<sup>3</sup> é definida por Goffman (2011, p. 13) como “o valor social positivo que uma pessoa efetivamente reivindica para si mesma através da linha que os outros pressupõem que ela assumiu durante um contato.” De acordo com o autor, o *self*, que seria uma construção social, também pode ser percebido como face. Para estudar essa construção social, Goffman utiliza o termo *self*, cunhado por Mead (1973 *apud* GOULART; BREGUNCI, 1990, p. 53, grifos das autoras), como

[...] um processo social, compondo-se de duas fases distinguíveis: o **eu** e o **mim**. O **eu** é a parte comportamental do *self* e consiste na reação do organismo às atitudes dos outros; o **mim** é a série de atitudes organizadas dos outros que cada pessoa adota, como *self* que tem consciência. Logo, o homem precisa introjetar o outro, o social, para desenvolver o *self*. Mas uma pessoa dotada de *self* é reflexiva, crítica e pode envolver-se em interações que resultam em escolhas que divergem das definições de seu grupo. Neste sentido, ela é capaz de fazer transformações sociais. O conceito de *self* adotado por Mead esclarece, portanto, como o desenvolvimento ou a socialização do homem ao mesmo tempo o vincula à sociedade e o libera desta.

Em outras palavras, conforme Mead (1973), o *self* não é unicamente biológico, não nasce com o indivíduo. O *self* desenvolve-se por meio do contato social, é reflexo da experiência social. Uma situação social implicaria, então, um eu e um mim que são, essencialmente, elementos sociais. Esse posicionamento de Mead (1973), refletido nos estudos de Goffman (2011), de certa forma, invoca a colocação de Bakhtin de que o sujeito seria construído ao interagir com o outro. De acordo com o autor,

---

<sup>3</sup> Na tradução de 2011 da obra *Ritual de interação: ensaios sobre o comportamento face a face* de Goffman, o termo **fachada** é utilizado para fazer referência à face. Em nosso trabalho, optamos por esse último termo, **face**, do original em inglês.

[...] a experiência verbal individual do homem toma forma e evolui sob o efeito da interação contínua e permanente com os enunciados individuais do outro. É uma experiência que se pode, em certa medida, definir como um processo de *assimilação*, mais ou menos criativo, das *palavras do outro* (e não *das palavras da língua*). Nossa fala, isto é, nossos enunciados [...], estão repletos de palavras *dos outros*, caracterizadas, em graus variáveis, pela alteridade ou pela assimilação, caracterizadas, também em graus variáveis, por um emprego consciente e decalcado. As palavras dos outros introduzem sua própria expressividade, seu tom valorativo, que assimilamos, reestruturamos, modificamos (BAKHTIN, 1997, p. 313-314, grifos do autor).

Nesse processo de reconstrução e reelaboração, o eu torna-se único. Por meio dessa unicidade, podemos enaltecer a ideia de Faraco (2009, p. 21), para quem o eu e o outro constituem, “cada um, um universo de valores”, uma vez que cada enunciado carrega os valores dos sujeitos envolvidos na interação.

Sendo assim, as definições de *self* e outro que estamos assumindo em nossa pesquisa estão alinhadas com as perspectivas de Bakhtin e de Goffman. Isto porque acreditamos que nossos sujeitos foram construídos socialmente durante a progressão intra e intertextual das correspondências. Esse enriquecimento social dos sujeitos nos despertou para a noção de contexto de Hanks (2008). Para ele, o contexto abrange “a produção de sujeitos e a condição de possibilidade para a intersubjetividade.” (p. 192). Em vista disso, julgamos necessário discutir a polidez linguística na próxima seção, visto que acreditamos que o tratamento polido, de certa forma, está envolvido na produção discursiva de nossos sujeitos.

Como já mencionamos anteriormente, para Goffman (2011), o valor social que cada indivíduo assume para si é chamado pelo autor de *face*. Por meio desse conceito de *face*, o autor articula a teoria da *face* ou trabalho de *face*. Segundo Paiva (2008), o trabalho de *face* seriam as ações realizadas com a finalidade de mitigar ou evitar conflitos, ou seja, os eventos cujas implicações simbólicas ameaçam aqueles que estão imersos na interação. Esse trabalho de *face* desenvolvido por Goffman será melhor explorado na subseção 2.2.1.

## 2.2 PRINCÍPIOS DE POLIDEZ LINGUÍSTICA: DISCUTINDO AS PERSPECTIVAS TEÓRICAS

Para versar sobre algumas contribuições do campo da polidez linguística, dividimos este tópico em três subseções. Na subseção 2.2.1, discutimos o trabalho de *face* desenvolvido por Goffman (2011), que, de certa forma, subsidiará a análise de nossos dados. Já na subseção 2.2.2, apresentamos brevemente o modelo de polidez linguística proposto por Brown e Levinson (1978; 1987). Isto porque este constitui o modelo de maior destaque no

campo da polidez, visto que a teoria desses autores se tornou base para diversos estudos sobre polidez linguística.

Na subseção 2.2.3, ressaltamos as ideias de Leech (2005) acerca do fenômeno da polidez linguística na busca de estabelecer nosso posicionamento sobre esse assunto. A justificativa para a abordagem dos estudos de Leech (2005) reside na importância, dada por esse autor, não apenas à figura do falante (*self*), como ocorre no modelo de Brown e Levinson (1978; 1987), mas também à figura do ouvinte (*other*) ou de uma pessoa que exerça influência na interação. Para nós, é importante evidenciar a polidez linguística, uma vez que ela aparece imbricada nos discursos de nossos sujeitos e contribui expressivamente para a inferência dos sentidos negociados durante a dramatização desses sujeitos.

### 2.2.1 O trabalho de face de Goffman

De acordo com Goffman (2011), quando um sujeito está em um processo interativo, já existe algum tipo de vínculo social estabelecido, previamente, entre ele e seus possíveis interlocutores. Com o intuito de manter a harmonia da interação, qualquer escolha linguística é feita de forma cooperativa e equilibrada, conforme o interesse de ambas as partes. Para evitar a quebra desse equilíbrio, o falante<sup>4</sup> pode tentar neutralizar os atos ameaçadores de face, adotando estratégias discursivas que favoreçam a interação.

As pessoas estão, conforme Goffman (2011, p. 14), constantemente, participando de encontros sociais, e, durante essas interações, o indivíduo assume uma determinada forma de agir, ou seja, assume um padrão de atos verbais e não verbais por meio dos quais expressa sua visão da situação. Então, para construir esse padrão de atos verbais, ele mantém uma determinada face. Essa face, segundo o autor, é a “imagem do *self* delineada em termos de atributos sociais aprovados”; em outras palavras, o *self* seria uma construção social que podemos criar, manter ou perder, conforme as nossas intenções em relação a ela. Ainda de acordo com o autor, a interação<sup>5</sup> social constitui uma espécie de ritual, que não necessita

---

<sup>4</sup> Estamos usando os termos **falante** e **ouvinte** em seu sentido mais amplo, abrangendo o interlocutor em qualquer modalidade discursiva.

<sup>5</sup> A interação, para Goffman (1975, p. 23), seria “a influência recíproca dos indivíduos sobre as ações uns dos outros, quando em presença física imediata. Uma interação pode ser definida como toda interação que ocorre em qualquer ocasião, quando, num conjunto de indivíduos, uns se encontram na presença imediata de outros.” No entanto, acreditamos que suas ideias também podem ser utilizadas para documentos escritos, como, por exemplo, o *corpus* de nossa pesquisa, uma vez que, ao assumirmos uma perspectiva sociocognitiva, entendemos que os elementos linguísticos, junto com outras diversas semioses, servem como “instruções” para a composição da “cena social”.

especificamente do contato face a face para ser realizado, e, muitas vezes, traz marcas do caráter ritualístico das relações sociais (GOFFMAN, 2011).

Os rituais de conversação seriam compostos por três fases: a fase de iniciação, a fase de manutenção e a fase de fechamento. Durante essas fases, o interlocutor está sujeito a sofrer algum ato ameaçador de face e, dessa forma, quando detecta uma ofensa, busca, entre suas práticas sociais, uma ação adequada para a situação que oferece perigo à face. Goffman (2011) identifica, então, três tipos de movimento para evitar atos ameaçadores que poderiam ser realizados pelo falante e poderiam prejudicar as faces do interlocutor, do próprio falante e/ou de outros indivíduos envolvidos na ação.

O primeiro movimento é o *processo de evitação*, quando o falante minimiza o efeito de certos atos ameaçadores, tratando o interlocutor com o respeito que gostaria que lhe fosse dado; o segundo movimento é o *intercâmbio*, quando uma sequência de atos se movimenta para que no final se restabeleça o equilíbrio da interação; e o terceiro movimento é o *processo corretivo*, quando o falante tenta corrigir uma falha com o intuito de restaurar o equilíbrio da interação (GOFFMAN, 2011, grifo nosso). Esse último movimento engloba outros quatro movimentos, que são: o desafio, a oferta, a aceitação e o agradecimento. Assim, a polidez linguística estaria presente em todos os movimentos citados, uma vez que os interlocutores tencionam diminuir os conflitos para atingir o equilíbrio no ritual.

Por meio do trabalho de face, Goffman (2011) apresenta como os valores pessoais relacionados ao *self* operam ao longo do processo interativo e determinam as escolhas linguísticas do falante. Esse trabalho de face desenvolvido por Goffman (2011) inspirou não somente trabalhos que lidam com a construção da identidade nas interações face a face, o que, para nós, constitui um ponto valioso, uma vez que estamos lidando com a (re)construção de Jayme e Maria, mas também estudos que tratam da polidez linguística, como, por exemplo, o estudo de Brown e Levinson ([1978] 1987), no qual o conceito de face introduzido por Goffman serviu para implementar diversas estratégias de polidez. Como em nossa pesquisa utilizamos algumas contribuições do campo da polidez linguística, o trabalho de face de Goffman (2011) constitui um assunto relevante para que possamos acompanhar, na seção 2.2, a discussão desse eixo teórico.

### **2.2.2 Polidez linguística: Brown e Levinson (1978; 1987)**

Ao construir um modelo de polidez, Brown e Levinson (1987) tomaram como referência o Princípio de Cooperação de Grice e recorreram à noção metafórica de face,

instituída por Goffman (1967), para tratar do funcionamento das relações humanas nos rituais de interação. A partir disso, analisaram as semelhanças das estratégias linguísticas empregadas por falantes de três línguas diferentes: inglês, tzetal (língua maia falada na comunidade de Tenejapa, no México) e tâmil (língua falada no sul da Índia) e, em seguida, analisando essas estratégias, elaboraram uma teoria da polidez cujo intuito seria mostrar que os interlocutores usam certos recursos para tentar evitar prováveis conflitos durante a interação

A partir do pressuposto de que todo ser humano tem uma imagem pública que tenta preservar, Brown e Levinson (1987) propõem uma teoria da imagem. Conforme esses autores, essa imagem ou face apresenta dois lados: a face negativa e a face positiva. A face negativa seria o desejo de qualquer membro de uma sociedade de que suas ações não sejam impedidas e de que seu território seja respeitado pelos outros. Já a face positiva refere-se ao desejo que todo ser humano tem de que suas ações sejam aprovadas pelos demais interlocutores.

Considerando cada face, Brown e Levinson (1987) desenvolveram um conceito de polidez construído sobre as noções de polidez negativa (território) e polidez positiva (aprovação). A polidez positiva mostra a face positiva do ouvinte e seu principal objetivo é aproximar os participantes da interação de forma que estes possam compartilhar seus interesses. Já a polidez negativa tenta assegurar que o falante conheça e respeite a face negativa do interlocutor, de maneira que não interfira na liberdade de ação deste. Dessa forma, o objetivo da polidez negativa é manter o território e tentar evitar uma aproximação desnecessária entre os participantes da interação.

No processo interativo, Brown e Levinson (1987) também apontam a noção de ato ameaçador de face ou *Face-Threatening Acts* (FTAs), ou seja, uma ação verbal que pode “arranhar” uma ou ambas as faces do interlocutor. O sujeito, ainda conforme os autores, ao tentar prevenir esse ato ameaçador de face, vai introduzir estratégias para diminuir uma possível ameaça. Ao suporem que determinados atos de fala ameaçam a imagem de um determinado interlocutor, esses linguistas reconhecem um conjunto de estratégias que minimizam os efeitos dos FTAs. Tais estratégias serão apropriadas às intenções comunicativas do falante e podem ser enunciadas de três formas: *on record*; *off record*; e *bald on record*.

A descrição do modelo de Brown e Levinson constitui uma referência obrigatória para as pesquisas que lidam com a polidez, muito embora alguns pontos desse modelo tenham inspirado revisões, tentativas de reformulações e até mesmo críticas. Apesar de advogar que o

modelo de Brown e Levinson (1987) pode ser ampliado e aperfeiçoado, Kerbart-Orechioni (2006), por exemplo, reconhece que uma das limitações desse modelo é o fato de os autores focalizarem apenas os atos ameaçadores de face, o que favorece uma visão pessimista da interação, em que os sujeitos estão constantemente sob ameaça de algum tipo de FTA.

Além de admitirmos esse posicionamento da autora, também destacamos que o modelo de Brown e Levinson (1987), conforme Dias (2010), não pareceu evidenciar a complexidade dos aspectos sociais, culturais e situacionais das interações, uma vez que, para os autores, o contexto situacional e social estaria restrito à relação estática entre as variáveis poder relativo (P), distância social (D) e grau de imposição (R) do FTA. Essa é uma das razões que demonstra a inadequação do modelo de Brown e Levinson (1987) para nossa pesquisa, visto que esses aspectos sociais, culturais e situacionais, por serem dinâmicos, estão sujeitos a constantes negociações e, por essa razão, acabam interferindo na construção da subjetividade de Jayme e Maria.

Concordando com Paiva (2008, p. 41), julgamos relevante mencionar também o fato de que o modelo de Brown e Levinson (1987) nos pareceu reducionista e restrito às estratégias de polidez, já que eles utilizaram gráficos e até mesmo uma fórmula para medir a polidez, o que, de certa forma, enaltece “a lacuna do elemento humano” em sua teoria. Dessa forma, se em nosso estudo estamos alinhados com o pensamento de Bakhtin (2006, p. 115) de que “A palavra é uma espécie de ponte lançada entre mim e os outros. Se ela se apóia sobre mim numa extremidade, na outra apóia-se sobre o meu interlocutor”, acreditamos que as estratégias de polidez de Brown e Levinson não seriam suficientes para dar conta das diversas “instruções semiológicas” (SALOMÃO, 1999, p. 69) que nos guiam no processo interpretativo das missivas de Jayme e Maria.

Em decorrências de todas as restrições mencionadas até aqui, buscamos as contribuições de Leech (2005), descritas na subseção 2.2.2, para auxiliar a análise de nossa amostra e, dessa forma, ampliar a compreensão do que acontece na interação entre os sujeitos de nossa pesquisa.

### **2.2.3 Polidez linguística: Leech (2005)**

Além dos estudos de Brown e Levinson (1987), outras pesquisas, como a de Leech (1983; 2005), figuram como ponto de partida para diversos trabalhos que tratam da polidez linguística. Assim como os primeiros, o trabalho desenvolvido por Leech, *Principles of Pragmatics*, em 1983, também recebeu críticas. Essas críticas diziam respeito ao fato de a



proposta em questão (1) basear-se no modelo do Princípio Colaborativo de Grice, que foi muito criticado devido à obscuridade e à sobreposição das máximas; (2) apresentar muitas máximas; e (3) apresentar exemplos voltados para as sociedades ocidentais, comprometendo, assim, seu caráter universal. Essa última crítica ao autor, que veio da parte de diversos pesquisadores, teve como foco o uso que ele fez de exemplos exclusivamente em língua inglesa para validar seu princípio.

Em virtude dos problemas detectados em sua teoria, Leech publica, em 2005, o artigo *Politeness: is there an East-West divide?*, no qual propõe modificações ao modelo da década de oitenta. Sobre essa nova proposta do autor, concordamos com o que afirma Cunha (2009), que Leech (2005) opta por um posicionamento nem tão universalista do uso da polidez, como o proposto por Brown e Levinson (1987), nem tão relativista, como o defendido por Matsumoto (1989 *apud* CHEN, 2010). Isto porque, por um lado, ainda conforme Cunha (2009), a polidez poderia se manifestar de diferentes formas em diferentes culturas, mas, por outro lado, ela também poderia refletir normas comuns compartilhadas por diferentes línguas e culturas. Como concordamos com as modificações propostas por Leech, esse segundo momento de sua teoria nos pareceu mais condizente com a perspectiva que adotamos, visto que a identificação da polidez não precisa obedecer a critérios rígidos ou estáticos, como no modelo de Brown e Levinson (1987), mas ela pode variar nas diferentes culturas.

Assim, para investigar as manifestações da polidez em línguas ocidentais e orientais, Leech (2005) estabelece novas perspectivas para o seu modelo. Nesse momento, o autor identifica, além das escalas de custo e benefício postuladas em seu estudo inicial, outras duas escalas que contribuem para a definição da natureza da investigação para o pesquisador. Essas escalas seriam: a escala absoluta de polidez e a escala relativa de polidez. Na primeira escala, a interpretação das elocuições aparece livre de informações contextuais. Para o estudioso, essa escala é unidirecional e registra os níveis de polidez em termos lexicogramaticais e de interpretação semântica dos enunciados. Em nossa pesquisa, de cunho sociocognitivista, o uso dessa escala não seria adequado devido ao fato de não podermos contar com elementos contextuais configuraria uma dificuldade para alcançar as peculiaridades envolvidas no discurso de Jayme e Maria.

Sendo assim, a segunda escala, que trata das manifestações linguísticas que são sensíveis aos aspectos contextuais e culturais, nos pareceu mais compatível com o posicionamento que estamos assumindo e, possivelmente, poderá contribuir na análise de nossos dados. Para Leech (2005), essa escala é bidirecional. Isso significa que além dos

aspectos linguísticos, elementos como distância social, situação e poder também podem influenciar no julgamento de um determinado enunciado. O enunciado *Could I possibly interrupt?*, que em tese seria interpretado como um pedido polido, poderia, por exemplo, ser visto como um enunciado sarcástico em um contexto familiar, em que os membros monopolizam a conversa. Esta escala, então, registra a polidez como uma manifestação “superpolida”, “pouco polida” e “apropriada à situação”, tendo em vista o contexto.

Além de tratar dessas escalas de polidez, Leech (2005, grifo nosso), assim como Brown e Levinson (1987), argumenta que esse fenômeno também é influenciado por variáveis socioculturais definidas pela *distância vertical entre falante e ouvinte*, que envolve diferentes fatores, como poder, idade, status, etc.; pela *distância horizontal entre falante e ouvinte*, que está relacionada à intimidade, à familiaridade, ao conhecimento, etc.; pelo *peso ou valor*, que trata do real valor do que está em questão (favor, obrigação, pedido, etc.); pela *força dos direitos e deveres socialmente definidos*, que diz respeito à função social que é orientada pelas obrigações e direitos ao assumir-se um determinado papel social (relações entre pai e filho, irmão e irmã, etc.); e, finalmente, pelo *auto-território e território do outro*, que balizam se os membros pertencem ou não a um determinado grupo.

Visto que, em nossa pesquisa, estamos lidando com sujeitos envoltos em um contexto social bem específico da história do Brasil, pareceu-nos relevante, então, considerar as quatro primeiras variáveis citadas anteriormente para, possivelmente, nos ajudarem em nossa análise. Nas cartas de Jayme e Maria, pudemos inferir a presença da distância vertical marcada, de certo modo, pelo *status* social de cada interlocutor; da distância horizontal sinalizada pela intimidade estabelecida entre o casal; e do peso determinado pelas informações que foram negociadas entre os namorados. Por meio da variável força dos direitos e obrigações, observamos que a relação entre Jayme e Maria sofre influência dos direitos e obrigações que ambos têm ao assumir um determinado papel na interação. A última variável que mencionamos anteriormente, auto-território e território do outro, não nos pareceu adequada para nossa cultura, visto que, segundo Paiva (2008), foi estipulada por Leech (2005) para tentar compreender algumas relações sociais existentes no Japão e na China.

Após articular todos os conceitos que mencionamos até aqui, Leech (2005) sugere que as suas máximas de polidez sejam repensadas, uma vez que o termo “máxima”, para ele, pode ser mal interpretado. Desse modo, o autor propõe um único postulado chamado Grande Estratégia de Polidez (GEP). Observamos, portanto, que nem todas as categorias articuladas por Leech (2005) seriam úteis para nosso estudo. Dessa maneira, selecionamos somente aquelas que, de certa forma, se adequam à nossa análise.

Utilizamos, então, as seguintes regras pragmáticas postuladas por Leech (2005, grifo nosso): *generosidade*, que trata dos atos comissivos, como, por exemplo, ofertas e promessas; *tato*, que envolve os atos diretivos, como os pedidos; *aprovação*, que cuida dos elogios e cumprimentos; *modéstia*, que diz respeito à avaliação pessoal, como, por exemplo, autodepreciação; *obrigação* (do falante com o ouvinte), que trata das desculpas e dos agradecimentos, como, por exemplo, o pedido de desculpas; *concordância e discordância*, que, como o próprio nome diz, refere-se, por exemplo, às concordâncias e às discordâncias; e *simpatia*, que versa sobre a expressão dos sentimentos, como, por exemplo, as congratulações e as condolências.

Sendo assim, com Marcuschi (2007, p. 41), acreditamos que “a significação surge quando relacionamos conhecimentos encapsulados em palavras situadas em contextos de uso.” Para o autor, as línguas não são códigos com valores pré-estabelecidos e definidos. É possível que um determinado item adquira novos contornos e receba cargas específicas “num contexto em que foi negociado o seu uso.” (p. 135). Dessa maneira, julgamos pertinente esclarecer, na seção 2.3, a qual contexto estamos nos referindo em nossa pesquisa a fim de explicitar a importância desse elemento para a análise de nossos dados.

## 2.3 A EMERGÊNCIA E A INCORPORAÇÃO: CONTEXTUALIZANDO AS PISTAS

Assim como Salomão (1997, p. 72), admitimos, como já mencionamos anteriormente, que “não há como dissociar interpretação-do-mundo, representação-de-si e escolha da linguagem”. Sendo assim, sentimos a necessidade de explicitar a qual contexto estamos nos referindo em nossa análise e também de conhecer o contexto mais amplo que está atrelado ao discurso de nossos personagens como forma de subsidiar a interpretação e a compreensão da troca comunicativa entre Jayme e Maria.

### 2.3.1 O que é contexto?

A noção de contexto parece ser uma das mais imprecisas com as quais os estudiosos da linguagem são chamados a lidar. Dependendo da perspectiva teórica assumida, esse termo pode significar uma realidade mais ou menos estável, mais ou menos abrangente, mais ou menos interferente no uso da linguagem.

Diversos estudos, consoante Hanks (2008), nas últimas décadas têm se preocupado com a relação estabelecida entre linguagem e contexto. Em consequência do

amplo âmbito desses estudos, surgiram várias abordagens acerca do contexto. Dentre elas, por exemplo, estão a teoria dos atos de fala, a teoria da relevância e a análise da conversação. Esses pontos de vista, ainda de acordo com o autor, partilham uma visão individualista, que trata o contexto como “um concomitante local da conversação e da interação, efêmero e centrado sobre o processo emergente de fala.” (p. 171).

Sob uma perspectiva oposta, estão as abordagens baseadas em teorias sociais e históricas de larga escala como, por exemplo, a descrição linguística convencional e a análise crítica do discurso. Nessas abordagens globais, o contexto não está mais preso ao ato localizado, mas se estende até “as condições sociais e históricas que são anteriores à produção do discurso e que o restringem.” (HANKS, 2008, p. 171-172). Sendo assim, é notória a existência de uma contraposição entre essas duas perspectivas, o que pode ocasionar certa dificuldade na articulação dos diferentes níveis de contexto.

De acordo com Salomão (1997), algumas abordagens funcionalistas, ainda satisfazem-se com a limitação do contexto a um conjunto de variáveis (sociais, situacionais, espaço-temporais) estáticas. Entretanto, para a autora, é quando adotamos uma perspectiva fenomenológica acerca do contexto, “entendido como modo-de-ação, constituído socialmente, sustentado interativamente e temporariamente delimitado [...], que realmente nos comprometemos a enfrentar a irredutível dinamicidade do processo de construção conceptual.” (p. 27).

Para evitar o posicionamento em um extremo local ou global, Hanks (2008), compactuando com as ideias da antropologia linguística, tenta estabelecer uma integração entre os diferentes níveis de análise. Neste ponto, o autor destaca que as abordagens “individualistas” seriam complementares às abordagens “globais.” Em outras palavras, o discurso passaria a ser visto não só como uma análise localizada dos indivíduos e de suas ações, mas também como uma análise cuidadosa do que emerge em um escopo social e histórico mais global.

Uma das motivações para essa tentativa de integração é o “fato empírico de que as práticas de linguagem são ‘formatadas’ pelos contextos e ajudam a formatá-los em vários níveis.” (BENTES; REZENDE, 2008, p. 37). A outra motivação seria a patente inadequação das abordagens dicotômicas, que, conforme Hanks, “inevitavelmente distorcem a significação dos traços contextuais e produzem um vácuo entre um nível e outro.” (p. 37). Sendo assim, conforme o autor, o contexto seria

[...] um conceito teórico, estritamente baseado em relações. Não há contexto que não seja “contexto de”, ou “contexto para”. Como este conceito é tratado depende de

como são construídos outros elementos fundamentais, incluindo língua(gem), discurso, produção e recepção de enunciados, práticas sociais, dentre outros. (HANKS, 2008, p. 174).

Para lidar com essa nova abordagem, Hanks (2008) adota duas dimensões contextuais denominadas emergência e incorporação. A primeira dimensão diz respeito aos elementos da enunciação que emergem da produção e da recepção de processos em curso, envolvendo, dessa forma, a atividade mediada verbalmente, a interação, a co-presença, a temporalidade, “em um contexto restrito como um fato sensível (em termos fenomenológicos), social e histórico.” (p. 175). Já a segunda dimensão trata da relação entre os aspectos contextuais que dizem respeito ao enquadramento, à centração ou ao assentamento do discurso em âmbitos teóricos mais amplos.

A primeira distinção entre os diferentes níveis contextuais, postulada por Hanks (2008), é aquela entre a situação e o cenário. Segundo o autor, a situação seria “um campo de possibilidades de monitoramento mútuo, o que acarreta a capacidade dos co-ocupantes perceberem e prestarem atenção uns aos outros.” (p. 177).

No entanto, Hanks assegura que a situação descrita como um campo de co-presença não é suficiente para descrever a interação. Dessa maneira, o autor julga necessário acrescentar à situação social “os julgamentos dos participantes sobre o que é relevante e sobre ‘o que está acontecendo aqui e agora’” (BENTES; REZENDE, 2008, p. 39). Esse acréscimo demonstra a mudança da situação para o cenário social.

Com o intuito de enriquecer ainda mais esta discussão acerca do contexto, Hanks (2008), com base na teoria de Karl Bühler (1990 [1934]) sobre o contexto, postula um campo semiótico. Esse campo transforma o cenário interativo em um campo de signos “que inclui os gestos e outros aspectos perceptíveis dos participantes, tais como a postura, o apontar, os olhares diretos e o som da voz do falante, tudo isso orientando o foco de atenção subjetiva dos participantes” (BENTES; REZENDE, 2008, p. 40).

Com essa discussão, no entanto, Hanks não está sugerindo que a situação, o cenário e o campo semiótico são independentes. Pelo contrário, para o autor, o que existe é uma conexão entre essas três formações contextuais, uma vez que não existe situação desligada de um cenário, assim como não existe cenário separado de semiose. É essa relação de implicação ordenada e de conexão que o autor descreve como incorporação.

A incorporação, entretanto, não se limita aos níveis postos até aqui. Nas palavras de Bentes e Rezende (2008, p. 41), ao assumirmos que os níveis se interligam e partilham propriedades uns dos outros, o que proporciona mudanças no nível contextualizador, ou seja,

no “horizonte operativo a partir do qual o nível incorporado é compreendido”, podemos afirmar que qualquer campo demonstrativo pode ser incorporado a um ou mais campos sociais.

Segundo Hanks (2008), dessa forma, existe uma relação dinâmica entre a incorporação contextual e a formação dos agentes sociais que atuam nos contextos. Isso é o que observamos em relação a Jayme e Maria. Tendo em vista o contexto social em que nossos protagonistas estão inseridos, acreditamos que eles, de certa forma, não são apenas “sujeitos naturais” (p. 192), mas são produzidos pela sociedade patriarcal em que estão imersos. Nas palavras de Hanks (2008), então, a partir da perspectiva dos campos sociais, o contexto deixa de ser “concebido como uma série de camadas da estrutura na co-presença intersubjetiva e se torna a produção de sujeitos e a condição de possibilidade para a intersubjetividade.” (p. 192).

Para observar melhor a produção de nossos sujeitos, articulamos no tópico seguinte alguns esclarecimentos acerca do século XIX e século XX.

### **2.3.2 O histórico e o social: ampliando o ato localizado**

Nesta seção, julgamos necessário empreender uma breve discussão acerca do cenário social e histórico em que viveram nossos personagens. Como a troca das missivas foi travada no final da década de trinta, exploramos esse contexto histórico e social desde o final do século XIX até o início do século XX, de forma a explicitar as mudanças e as influências que podem interferir na situação comunicativa dos sujeitos de nossa pesquisa. Isto significa que concordamos com o que enuncia Hanks (2008) acerca do contexto. O autor, como já foi dito na subseção anterior, trabalha com duas dimensões diferentes de contexto: a emergência e a incorporação. Sendo assim, podemos notar que, para Hanks (2008), existe, de um lado, a emergência de um contexto efêmero entre dois interlocutores e, de outro, a incorporação desse contexto imediato a um contexto mais amplo.

Convém lembrar, então, que, ao considerarmos essa noção de contexto, estamos voltados não apenas para a produção emergencial de nossos personagens, mas também para o enquadramento do discurso desses sujeitos em quadros sociais e históricos mais amplos. Dessa forma, parece-nos importante, para darmos continuidade a nossa discussão, descrevermos, nesse tópico, os diversos desdobramentos que ocorreram durante o século XIX e o século XX.

### 2.3.2.1 Século XIX: antecipando as mudanças

De acordo com Del Priore (2006, p. 132), a partir do século XIX, existiam duas formas de encarar o amor: uma real, feita de namoros fortuitos e outra literária, que traz o amor como um “estado da alma”. Nos livros, os cônjuges faziam suas escolhas movidos pelo sentimento, mas, na vida real, essa escolha seguiria os critérios paternos e estaria presa a interesses de classe. Na mesma esteira, Sacramento (2006, p. 319) afirma que não havia oposição entre essas duas concepções amorosas, mesmo que “o monopólio espiritual do cristianismo” tivesse bastante aceitação. Para a autora, o século XIX alterou o sentimento amoroso, que adquiriu um caráter mais humanizado, enquanto as obras literárias passaram a representar o casamento “como um jogo de interesses em que o poder do dinheiro impunha-se mais fortemente”. Apesar disso, alguns casamentos ocorreram após o rapto das donzelas, o que confirmava que as uniões eram movidas pela afeição e não em obediência aos pais.

Eram raros os contatos entre o casal durante o período que precedia a cerimônia, uma vez que, na época, a virgindade era a condição essencial para o casamento. Dessa forma, a mulher resignava-se ao que lhe era imposto, já que moças que se casavam sem consentimento dos pais seriam excluídas da sociedade. Geralmente, a escolha dos pais era movida pelo receio de que fosse escolhida uma nora fora de seu círculo social, o que desestruturaria os bens da família, pois existia o cuidado de manter os grupos de mesmo nível econômico e social. Nesse período, o casamento seria uma avaliação pública da posição da família. Por isso, era necessário evitar as más alianças, uma vez que bons matrimônios, como narram os romances de José de Alencar, seriam a melhor forma de ascender socialmente. Desse modo, para a burguesia, a união servia para proporcionar estabilidade, *status* e para ampliar ou fundar negócios (DEL PRIORE, 2006).

Geralmente, as moças de classes mais abastadas casavam-se o mais cedo possível para evitar a alcunha de moça que chegara ao “caritó”. Alguns fatores culturais e econômicos foram responsáveis por essa tendência ao casamento precoce, tais como: a pouca educação e instrução; a falta de um mercado de trabalho para as mulheres; a submissão aos familiares; a procriação como objetivo principal do casamento; a maior sujeição feminina; e a pouca importância do amor na escolha do cônjuge.

Por outro lado, a partir do final do século XIX, essa realidade começaria a mudar, já que as mulheres passam a casar mais velhas, ganham mais liberdade e adquirem educação de todos os tipos.

### 2.3.2.2 Século XX: disseminando as mudanças

Na transição do século XIX para o século XX, conforme Del Priore (2006), momento em que se consolidava a República, o país passava por mudanças provocadas pela economia internacional. Durante esse período, ocorreram transformações sociais e econômicas que influenciaram o modo de viver e de pensar, provocando uma ruptura na relação entre homens e mulheres. Nesse período, segundo Santos (2009), as práticas populares de vida seriam a preocupação de sanitaristas, de reformadores sociais e da burguesia industrial. Essa elite burguesa teria o objetivo de transformar o país em uma nação civilizada, que tentava eliminar qualquer resquício de “atraso”, e moderna, que importava costumes europeus em busca da ordem e do progresso da república brasileira.

Aos poucos, ocorreram mudanças comportamentais que influenciaram o casamento. Consequentemente, os indivíduos foram superando os modelos que lhes eram impostos e, gradativamente, o casamento mudou. Em outras palavras, o casamento por conveniência ganhou um cunho vergonhoso e as relações matrimoniais passaram a ser fundadas no sentimento recíproco. Além disso, conforme Sacramento (2006), as mulheres passaram a circular mais nos espaços públicos e algumas delas entraram para o mercado de trabalho, apesar de ainda sofrerem restrições.

Contudo, conforme Del Priore (2006), é preciso entender por que as mudanças advindas do dinamismo da economia internacional influenciaram os comportamentos. Essas mudanças afetaram as noções de tempo e de espaço, a ordem e as hierarquias sociais e até mesmo a forma de sentir afeição pelo outro. Assim:

Nunca, em período anterior, tantas pessoas foram envolvidas em um tal processo de transformação de hábitos cotidianos, convicções e percepções, influenciadas, querendo-se ou não, pela expansão do capitalismo: a energia, o petróleo, os altos fornos, o desenvolvimento da indústria química e metalúrgica, e também da bacteriologia e da bioquímica, os impactos de novas medidas de higiene e profilaxia, isso e muito mais influenciou definitivamente o cotidiano, bem como controle de doenças, da natalidade e prolongamento da vida. Surgem os veículos automotores, os transatlânticos, os aviões, os telefones, os utensílios eletrodomésticos, o rádio, o cinema e a televisão, a anestesia, a penicilina etc. O impacto dessa revolução científico-tecnológica se fez sentir nos hábitos do dia a dia e, por conseguinte, nas formas de relacionamento (DEL PRIORE, 2006, p. 242-243).

Dessa forma, a vida seria influenciada pela industrialização, pela imigração e pela urbanização, tendências que se acentuaram e repercutiram pelo país. Essas tendências, então, ocasionaram mudanças importantes, tais como: o aumento do contingente de imigrantes italianos e alemães; “a urbanização da paisagem nacional, novos valores que iam substituindo



aqueles, considerados antiquados, do mundo rural”; a diminuição do número de filhos por família (cinco, seis ou sete filhos); o casamento civil; a liberdade de culto; a leitura de simbolistas e naturalistas; a substituição da “disparidade na idade entre cônjuges pela quase igualdade”; a injeção contra a sífilis; a libertação dos jovens do jugo dos pais; “a intensa vida de cafés e confeitarias”; a opção pelo casamento romântico (DEL PRIORE, 2006, p. 246) .

Apesar de tantas mudanças, alguns aspectos da vida no século anterior permaneciam, como, por exemplo, as modinhas amorosas. Para as moças seriam indício de felicidade os atos de dançar e de cantar. Um dos cronistas da época, João do Rio, narrava que as modinhas eram produto do cotidiano, das notícias de jornal, dos namoros e da noite. Para ele, existia a necessidade de cantar o amor de todos os tipos: “o trágico, o irônico, o lírico, o desconsolado, o mais desconsolado, o triste, o zangado, o idílico, o acanhado, o descritivo, o trocista e até — enfatiza — o ideal” (DEL PRIORE, 2006, p. 250). As músicas aproximavam as pessoas e os hábitos, e as letras, apesar das intimidades e do apelo de sentidos, ainda retratavam o moralismo associado à pureza feminina.

Além das modinhas, o relacionamento amoroso também seria o foco principal dos filmes hollywoodianos, nos quais a figura feminina apareceria em uma situação de triângulo. Em outras palavras, na trama ficcional, duas personagens lutam pelo amor de uma terceira. “Depois do triângulo esclarecido, os maus eram punidos e os bons pares, felizes para sempre. Outro traço comum? O casamento como solução para qualquer problema. É por meio dele que personagens de grupos sociais diferentes se encontram” (DEL PRIORE, 2006, p. 291).

Os musicais também influenciaram o imaginário amoroso da época. Nesses espetáculos, o par romântico se transforma em uma entidade autônoma, ou seja, tudo o que ocorre a sua volta só tem sentido devido a sua relação amorosa. Nesse sentido, a relação entre os amantes exime-se das opiniões da sociedade, dos pais ou dos parentes, movendo-se por meio do sentimento. Nesse contexto, a mulher, antes frágil, agora aparece insinuante como as atrizes americanas (SACRAMENTO, 2006, p. 322).

Por outro lado, segundo Del Priore (2006), apesar de todas as transformações que estavam ocorrendo, o tema do divórcio, por exemplo, era considerado “imoral”. O Código Civil de 1916 ainda mantinha a indissolubilidade do casamento. Nesse código, a mulher ocupava uma posição de dependência e de inferioridade em relação ao marido que era responsável pela família, por administrar os bens comuns e fixar a residência do casal. Dessa maneira, no início do século XX, os casamentos ocorriam entre membros da mesma elite. Essa atitude, comum durante o século XIX, prevaleceu no século XX como uma forma, utilizada pelas famílias, de combater “as mudanças administrativas advindas com burgueses

estrangeiros e comerciantes enriquecidos” (SACRAMENTO, 2006, p. 321). Com isso, percebe-se que o casamento era muito valorizado e os cônjuges deviam cumprir o objetivo principal do enlace que era procriar, mesmo que isso envolvesse algum tipo de sacrifício, principalmente para as mulheres, que, sem nenhuma educação sexual, eram estimuladas à castidade e à autorrepressão.

No final dos anos 30 e 40, de acordo com Del Priore (2006), a urbanização e a industrialização trouxeram mais mudanças. Uma delas foi a participação da mulher no trabalho, nas fábricas, nas lojas, nos escritórios, o que modificou seu *status* e a trouxe para perto do homem. Isso provocou modificações nos tipos de recreação e de namoro, uma vez que rapazes e moças mantinham, nesse momento, um contato mais frequente e direto. O primeiro passo para um namoro sério seria o flerte e para os encontros deviam-se obedecer regras mínimas:

O rapaz devia ir buscar a moça em casa e depois levá-la de volta — mas, se ela morasse sozinha, ele não poderia entrar; o homem sempre pagava a conta; “moças de família” não abusavam de bebida alcoólica e, de preferência, não bebiam; conversas ou piadas picantes eram consideradas impróprias; os avanços masculinos, abraços e beijos deviam ser firme e cordialmente evitados; a moça tinha de impor respeito (DEL PRIORE, 2006, p. 302).

Ainda conforme a autora, embora a escolha do cônjuge fosse responsabilidade dos amantes, em meados do século XX, a influência familiar e dos amigos ainda estava muito presente, uma vez que não se acreditava que casamentos realizados contra a vontade da família dessem certo. As moças deveriam escolher um “bom partido”, que seria um rapaz honesto e trabalhador, capaz de manter confortavelmente a família. Na mesma esteira, para Sacramento (2006), após o casamento, a mulher seria responsável pela felicidade do lar. Ela deveria ser recatada e prendada, com boa aparência para atrair a atenção de seu cônjuge, e estar disponível para sua família e seu marido a qualquer momento.

Depois de casados, estabelecia-se entre o casal uma relação assimétrica. A felicidade conjugal resumia-se ao bem estar do marido. Segundo o *Jornal das Moças*, de outubro de 1955, a boa companheira sempre procurava agradar o marido: compartilhar de suas opiniões para aumentar “seu espírito no conceito dele”; colocar-se sempre ao seu lado, cuidando dele e reconhecendo seus gostos e desejos; e completar o homem, animando-o e confortando-o. Assim, “[...] a arte de ser mulher exige muita perspicácia, muita bondade. Um permanente sentido de prontidão e alerta para satisfazer às necessidades dos entes queridos” (DEL PRIORE, 2006, p. 311).

Com essa discussão, podemos verificar que, durante o final do século XIX e início do século XX, as relações entre namorados passaram por mudanças provocadas pela urbanização e pela industrialização. Nesse momento, os casais moviam-se através do sentimento amoroso, entretanto a opinião dos pais e da sociedade ainda influenciava na escolha do cônjuge.

Diante dessa discussão acerca das mudanças ocorridas no século XX, frisamos que para nós o contexto “incorporado” (HANKS, 2008) pode nos fornecer elementos essenciais para a construção de nossa análise. Não estamos, com isso, valorando em excesso as contribuições advindas dessa noção de contexto, mas estamos tentando tornar, com toda essa discussão, mais explícitas as informações que estavam submersas nos textos e que já vínhamos inferindo somente com a leitura das cartas de Jayme e Maria.

Além das contribuições dos processos referenciais, de algumas marcas da polidez linguística, do contexto em que nossos personagens estão imersos, julgamos necessário ainda discorrer, na seção posterior, um pouco acerca do gênero epistolar, uma vez que, de acordo com Bakhtin (1997, p. 301, grifo do autor), o projeto de dizer de um determinado interlocutor se realiza por meio da *escolha de um gênero do discurso*. Em outras palavras, “todos os nossos enunciados dispõem de uma *forma padrão* e relativamente estável *de estruturação de um todo*.” (p. 301, grifo do autor).

## 2.4 UMA PALAVRA SOBRE O GÊNERO CARTA

O texto, segundo Beaugrande (1997, § 34), seria “um evento comunicativo para o qual convergem ações linguísticas, cognitivas e sociais.”<sup>6</sup> Dessa forma, os interlocutores da língua, sócio-historicamente situados, ao produzirem textos em condições específicas, enunciam conteúdos e constroem sentidos. Para construir esses sentidos, “cada esfera de utilização da língua, de acordo com Bakhtin (1997), elabora seus *tipos relativamente estáveis* de enunciados, sendo isso que denominamos *gêneros do discurso*.” (p. 279, grifos do autor).

Este posicionamento de Bakhtin privilegia uma noção de língua como atividade social, histórica e cognitiva. É neste contexto, segundo Marcuschi (2002, p. 3), “que os gêneros textuais se constituem como ações sócio-discursivas para agir sobre o mundo e dizer o mundo, constituindo-o de algum modo.” Dentro dos diversos contextos e domínios discursivos, podemos perceber gêneros textuais (orais e escritos) nos ajudam a construir nosso

---

<sup>6</sup> Tradução livre de Maria Helenice Araújo.

projeto de dizer. É importante mencionarmos que não estamos adotando um posicionamento estanque e dicotômico em relação aos gêneros orais e escritos, isto é, assim como Marcuschi (2010, p. 36-37), acreditamos que existem práticas sociais “mediadas preferencialmente pela escrita e outras pela tradição oral.”

Preocupado em afastar-se da dicotomia entre fala e escrita, Biber (1988 *apud* COSTA, 2001, p. 1) reconhece a ideia de que os textos orais e escritos se dispõem em um *continuum* tipológico. Para comprovar sua tese, o autor realiza um estudo pormenorizado envolvendo diversos gêneros discursivos. Após verificar as características gramaticais e lexicais que co-ocorrem em grande frequência em textos de língua inglesa, ele estabelece dimensões textuais e, em seguida, as interpreta em termos de funções comunicativas.

De acordo com Biber (1988), existem diversas diferenças funcionais entre os textos falados típicos e os escritos. Para demonstrar que a maior parte das chamadas diferenças entre fala e escrita estão mais ligadas às condições de produção que às modalidades de realização, o autor compara quatro gêneros: dois orais (conversação espontânea e conferência), e dois escritos (carta pessoal e ensaio acadêmico), focalizando critérios situacionais, como, por exemplo, grau de conhecimento compartilhado, grau de interação com o texto e partilhamento do espaço e do tempo.

Para cada um dos critérios (de um total de dez), o autor utiliza as seguintes marcações: “+” para o valor situacional da oralidade; “-” para o valor situacional da escrita; e “I” para o valor intermediário. A conversação espontânea e o ensaio acadêmico são considerados pelo autor os gêneros mais prototípicos das modalidades oral e escrita, respectivamente. No entanto, interessam-nos, no quadro elaborado por Biber (1988), as afinidades entre a conversação espontânea e a carta pessoal. Isso porque as cartas de Jayme e Maria nos pareceram mais próximas de uma conversa íntima entre duas pessoas que partilhavam certa gama de conhecimentos.

Sendo assim, as três características que ocorrem em ambos os gêneros, postuladas por Biber (1988), são: o alto grau de conhecimento pessoal, a manutenção das relações entre os interlocutores e o baixo foco informacional. Em relação à primeira característica, para o autor, em textos orais ou escritos, tanto o falante como o escrevente pode reduzir o conteúdo informacional de seu enunciado tendo em vista o conhecimento pessoal partilhado e ainda a expectativa de ser entendido.

Em outras palavras, não existe a necessidade de explicitar as informações, uma vez que elas podem ser pressupostas. Isso é o que observamos, por exemplo, nas cartas de nossos protagonistas, isto é, Jayme e Maria compartilham durante a troca de missivas muitas

informações, que se encontram pouco acessíveis para nós, leitores. Observamos, assim, que esse conhecimento mútuo permite que a construção do discurso de nossos protagonistas reflita uma certa “compreensão responsiva”. (SILVA, 2012, p. 102).

Quanto à segunda característica, ainda de acordo com Biber (1988), em textos orais, a comunicação depende, principalmente, do estabelecimento e da manutenção das relações entre os participantes, uma vez que um encontro social pode ser encerrado prematuramente caso os interlocutores não estabeleçam um envolvimento social. Ao se estabelecer uma relação entre falante e ouvinte, ela precisa ser monitorada para assegurar sua manutenção. De modo semelhante, em textos escritos, conforme o autor, a manutenção das relações entre os interlocutores vai depender da aceitação do outro.

Dito de outra forma, entre escritor e leitor o relacionamento é estabelecido *a priori* e cabe ao leitor aceitar ou rejeitar essa relação. Caso ele aceite, o escrevente tende a não modificar o seu posicionamento a fim de manter o envolvimento com o seu destinatário. Acreditamos que isso aconteceu nas cartas de Jayme, visto que nelas ele, frequentemente, demonstra um certo cuidado em manter o envolvimento com Maria. Ele apegava-se a um discurso piegas como uma forma de manter a relação amorosa, o que o fazia deixar em segundo plano o conteúdo informacional.

No que respeita à terceira característica, Biber (1988) esclarece que textos escritos, normalmente, centram-se em um determinado propósito informacional. Por outro lado, em textos orais, a expressão de sentimentos e o estabelecimento de relações interpessoais são mais frequentes. Se, nas cartas de Jayme e Maria, o foco era frequentemente o relacionamento entre os dois, eles voltavam-se para a expressão dos sentimentos, o que guarda certa semelhança com os textos orais. No entanto, também observamos que nas cartas de Maria, isto é, nos momentos em que a missivista demonstrou preocupação com a mãe de Jayme, o lirismo, peculiar de seu discurso, dava lugar aos acontecimentos do cotidiano.

Além desse estudo de Biber (1988), outra pesquisa que trata dos gêneros orais e escritos é a investigação de Violi (2009), que traz a análise dos aspectos que caracterizam o *e-mail* como gênero textual. Nesse estudo, a autora afirma que o *e-mail* guarda semelhanças com o “gênero mais geral da troca epistolar” (p. 45): a carta. Como estamos trabalhando com cartas pessoais, as colocações da autora sobre esse gênero carta foi o que mais nos chamou atenção em seu trabalho.

Conforme Violi (2009, p. 47), as cartas em geral constituem formas de comunicação dialógica que se efetuam na “ausência dos interlocutores” e apoiam-se nas distâncias marcadas pelo espaço e pelo tempo. Em outros termos, a autora explicita que, ao

contrário de uma conversação face a face, em que os interlocutores partilham o mesmo espaço de interlocução, na carta há “um vácuo entre o emissor e o receptor”, entre “o tempo e o espaço da elaboração do texto e o tempo e o espaço da leitura.” (p. 47).

Com essas observações, a autora quer mostrar que, quando se considera a distância espacial e temporal entre a produção e a recepção, o gênero e-mail é intermediário entre a conversação face a face e a carta. Vale ressaltar que a troca de correspondência entre Jayme e Maria chega a ser diária, o que caracterizaria suas cartas como um diálogo mais próximo do *e-mail* e até mesmo da conversação presencial.

Outro trabalho que também vale a pena ser lembrado é o de Silva (2002). Ao tentar explicar o funcionamento da carta pessoal por meio do exame dos fatores pragmáticos, discursivos e sociocognitivos, a autora afirma que, em uma carta pessoal, os interlocutores operam supondo que o outro a quem eles se dirigem domina uma ampla gama de conhecimentos, dentre eles, aquele “que compreende as representações que o destinatário tem da finalidade a que se presta a carta, para, inclusive, tomar como pertinente e significar o que nela se diz.” (p. 101). Isso ocorre, como já dito anteriormente, entre Jayme e Maria. Em determinadas missivas do casal, conseguimos inferir as informações negociadas entre eles, mas, em outros momentos, essas informações permaneceram “opacas”, o que nos permitiu fazer apenas suposições.

Para desvelar alguns “segredos” dessa compreensão existente na troca epistolar de Jayme e Maria, recorreremos também às contribuições de Silva (2012). Nesse trabalho, na tentativa de traçar o perfil sociolinguístico de Jayme e Maria, a autora acaba discorrendo acerca da carta de amor, o que contribui para a argumentação de nossa análise, na medida em que nos oferece observações dirigidas especificamente ao *corpus* com o qual lidamos, apesar de tratar-se de análises com orientações teóricas muito distintas. Sobre esse assunto, Silva (2012, p. 42), citando Bastos (2003)<sup>7</sup>, esclarece que as cartas pessoais, “embora não tenham um formato específico como os outros gêneros epistolares, apresentam algumas particularidades temáticas.” Para a autora, essas cartas evidenciam um caráter “confidencial e intimista” (p.42), mas ainda cumprem o formato tradicional do gênero. Percebemos que essa discussão está diretamente ligada às cartas de Jayme e Maria, uma vez que essas missivas, mesmo confidenciando sentimentos, revelando segredos, mostrando o cotidiano desses

---

<sup>7</sup> BASTOS, Maria Helena Carmen. Uma face do amor: a arte de escrever cartas. In: XIV Congresso de Leitura do Brasil, Campinas. **Anais**. Campinas: Associação de Leitura do Brasil, 2003.

sujeitos, ainda retratam certas convenções discursivas, sociais e pragmáticas embutidas nas práticas comunicativas do gênero.

Após a discussão dos pressupostos teóricos deste capítulo, voltamo-nos no capítulo seguinte aos esclarecimentos sobre nosso objeto de pesquisa.

### 3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

“[...] lidas em ordem cronológica, as cartas de Tarsila contavam uma espantosa história de moralismo e preconceito (ocorrida há meros cinquenta anos!), que mais parecia um romance de amor ou uma novela de época – repleta de paixão, traição, sofrimento e generosidade –, uma história que longe de denegrir quem quer que fosse, só engrandecia a memória dos seus personagens.”

(MARTINS, 2003, p. 15).

Tendo em vista nosso objetivo geral de resgatar a história de Jayme e Maria, por meio da (re)construção do *self* e do outro nas cartas de amor trocadas entre esse casal de namorados dos anos trinta, utilizando para nossa análise pressupostos teóricos da Linguística Textual, principalmente voltados à Referenciação, e da Pragmática, com ênfase na Polidez, a pesquisa que realizamos é de cunho qualitativo. Como bem mostra Nascimento (2010, p.17), essa pesquisa envolve procedimentos que visam a “descrever a complexidade de certos fenômenos sociais, históricos, antropológicos não captáveis por abordagens quantitativas.”

Sob essa ótica, temos, neste capítulo, o propósito de explicitar como se desenvolveu nosso processo metodológico, descrevendo o tipo de pesquisa realizada, o contexto em que nossos sujeitos estão imersos, os procedimentos de coleta de dados e os critérios de análise.

#### 3.1 TIPO DE PESQUISA

A pesquisa qualitativa, de acordo com Jung (2003, p. 40), baseia-se nas “descrições intuitivas do pesquisador” e do sujeito pesquisado. Para o autor, descrever e representar fenômenos por meio de modelos qualitativos são atos vulneráveis à interferência benéfica ou não dos “valores do próprio pesquisador.” (p. 40). Sob essa mesma perspectiva, Prodanov e Freitas (2013, p. 70) afirmam que a pesquisa qualitativa considera que existe uma “relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, isto é, um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito que não pode ser traduzido em números.” Para os autores, durante a análise dos dados, não existe a preocupação em confirmar hipóteses estabelecidas antecipadamente, no entanto essas hipóteses não excluem a presença de um quadro teórico que oriente “a coleta, a análise e a interpretação dos dados.” (p. 70).



Salientamos ainda que, apesar de nossa pesquisa ser de cunho qualitativo, pautamo-nos aqui pelo que observa Marcuschi (2010, p. 131) a respeito da dicotomia entre pesquisa quantitativa e qualitativa. Segundo o autor, “[...] não há oposição entre qualidade e quantidade. Elas são complementares. Tudo depende do que se busca e como se busca”. Sendo assim, a quantificação inicial de nossos dados constitui uma estratégia que nos permitiu compreender o comportamento dos sujeitos em relação aos usos linguísticos e interpretá-lo em termos qualitativos.

Além de apresentar características de cunho qualitativo, nossa pesquisa tem também caráter documental. A pesquisa documental, segundo Jung (2003, p.55), “baseia-se em materiais que não receberam ainda um tratamento analítico ou que podem ser reelaborados de acordo com os objetivos da pesquisa.” O uso da pesquisa documental, ainda conforme Jung (2003), é apropriado para se organizar informações que se encontram dispersas, atribuindo-lhe um novo valor como fonte de pesquisa. Essa valorização da fonte de pesquisa guarda uma certa relação com o nosso objeto de estudo. Isto porque, apesar de nosso *corpus* já estar organizado e até já ter sido objeto de outras pesquisas (SILVA, 2011; SILVA, 2012), nossa análise sobre ele adquire um viés novo, diferente dos até então considerados.

Alinhados com Marcuschi (2010) e Jung (2003), podemos discorrer agora sobre os outros procedimentos metodológicos que são envolvidos no desenvolvimento de nossa investigação.

### 3.2 CONTEXTO DA PESQUISA

Nosso *corpus* é composto por cartas produzidas por um casal dos anos trinta, retiradas da página virtual *Laboratório de História do Português Brasileiro (Labor-histórico PB)*<sup>8</sup> da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Esse domínio surgiu da necessidade criada pelo *Projeto Para uma História do Português Brasileiro (PHPB)*, que tem o intuito de reconstituir a história do português brasileiro em 500 anos de história, por meio de estudos realizados em diferentes áreas e abordagens teóricas. Na referida página, encontra-se disponível parte do acervo (literário e não literário) transcrito e utilizado no *Projeto Retratos da mudança no sistema pronominal: edição diplomático-interpretativa em fac-símile de cartas cariocas (séculos XVIII-XX)*.

---

<sup>8</sup> Disponível em: < <http://www.lettras.ufrj.br/laborhistorico> >. Acesso: 17/09/2011.

As cartas selecionadas para análise, presentes nesse ambiente virtual, foram escritas entre os anos de 1936-1937 por um casal de namorados<sup>9</sup>, Jayme Oliveira Saraiva e Maria Ribeiro da Costa, residentes no Rio de Janeiro. O noivo residia no subúrbio carioca e trabalhava no centro, enquanto a noiva morava em Petrópolis. De acordo com Silva (2012, p. 44), tratava-se de “indivíduos não-ilustres, por isso não há quaisquer materiais que descrevam a genealogia familiar deles.”

Esses documentos, de acordo com Silva (2012), não foram encontrados em um acervo ou arquivo de acesso público. Um dado curioso é que eles foram descobertos ao acaso, no lixo, no bairro de Ramos, subúrbio do Rio de Janeiro. Segundo explicita a autora, as cartas foram localizadas por um estudante da Faculdade de Letras da UFRJ, que cedeu esse material para o projeto de pesquisa coordenado pela Professora Célia Regina dos Santos Lopes.

### 3.3 PROCEDIMENTOS DE COLETA DE DADOS

Para iniciar a coleta de nosso *corpus*, tivemos que entrar no domínio do projeto que mencionamos no tópico anterior. Nesse site, selecionamos o *link Corpora* para visualizar parte do acervo disponibilizado. Nessa página do acervo, dirigimo-nos ao *link Cartas pessoais da Família Otoni* para abrir a página virtual *Laboratório de História do Português Brasileiro (Labor-histórico PB)*, em que as correspondências já se encontram transcritas, como podemos verificar na figura 1 a seguir.

**Figura 1 - Acesso aos corpora do Projeto Para uma História do Português Brasileiro**



Fonte: Elaborado pela autora.

<sup>9</sup> Julgamos importante salientar que a escolha de nosso *corpus* resultou de uma busca minuciosa em ambientes virtuais por documentos autênticos em que pudéssemos observar a negociação dos acordos e/ou desacordos empreendidos pelos interlocutores.

Ao entrar nesse ambiente, tivemos que clicar no *link corpus* para, em seguida, visualizar uma tabela com três colunas. A primeira coluna com os **títulos das amostras/famílias/períodos**; a segunda coluna com os **dados biográficos**; e a terceira coluna com a quantidade do **corpus**. Para chegar até as cartas, clicamos no *link* do **Acervo Jayme-Maria “Casal dos anos 30” (1936-1937)**, como podemos visualizar na figura 2.

**Figura 2 - Acesso ao Acervo Jayme-Maria “Casal dos anos 30” (1936-1937)**

Programa de Pós-Graduação em Letras Vernáculas | Linha de Pesquisa Língua e Sociedade: variação e mudança

**Laboratório de História do Português Brasileiro**  
Universidade Federal do Rio de Janeiro

As cartas são editadas em XML utilizando a ferramenta *E-Dictor* (desenvolvida por Fábio Kepler, Maria Clara Paixão de Sousa e Pablo Faria). Essa tecnologia de edição digital foi inspirada no *Corpus Histórico do Português Tycho Brahe* coordenado por Charlotte Galves. Nosso acervo de cartas está organizado pelo nome das famílias/datas da produção das cartas:

**Corpus compactado:** Para ter acesso a todo o corpus anotado em XML nas versões texto (TXT) original e modernizado, favor clicar [aqui](#).

Título da amostra/família/período	Dados biográficos	Corpus
Acervo Cupertino do Amaral (1873-1895)	Ver	23 Cartas
Acervo Afonso Pena Júnior (1896-1926)	Ver	31 Cartas
Acervo Land Avelar (1907-1917)	Ver	50 Cartas
Acervo Jayme-Maria "Casal dos anos 30" (1936-1937)	Ver	97 Cartas
Cartas de Casimiro de Azevedo (1837-1889)		11 Cartas
Cartas dos avós Ottoni (1879-1889)		41 Cartas
Acervo Oswaldo Cruz		27 Cartas
Acervo Família Pedreira Ferraz-Magalhães		33 Cartas
Amostra Robertina de Souza (1908)	Ver	13 Bilhetes
Acervo Marquês do Lavradio		Cartas
Peças portuguesas séculos XVIII-XIX		17 Peças

Universidade Federal do Rio de Janeiro  
Faculdade de Letras  
Av. Brigadeiro Trompovsk, s/n - Cidade Universitária  
Ilha do Fundão  
RJ-Brasil CEP21941-590  
Tel.+5521 25989709

CNPq FAPERJ


Fonte: Elaborado pela autora.

Após abrir o *link*, visualizamos um quadro com todas as correspondências trocadas entre o casal. Nesse ambiente, a versão diplomática de cada carta é apresentada ao lado do seu fac-símile para que o texto seja observado meticulosamente pelo leitor, como mostra a figura 3 a seguir. Esses arquivos foram editados em XML por meio da ferramenta *E-Dictor*. Essa tecnologia de edição digital, conforme Silva (2012, p. 53-54), baseando-se em

Paixão de Sousa, Kepler e Faria (2009)<sup>10</sup>, foi criada para “atender às necessidades do Corpus Anotado Tycho Brahe, que consiste em um grande arquivo de textos de autores portugueses do século XIV ao XIX.”

**Figura 3 - Acesso às correspondências trocadas entre Jayme e Maria**

The screenshot shows a web browser window with the URL [www.lettras.ufrj.br/laborhistorico/](http://www.lettras.ufrj.br/laborhistorico/). The page is titled "Laboratório de História do Português Brasileiro" and "Universidade Federal do Rio de Janeiro". It displays information about a project: "Projeto Retratos da mudança no sistema prothominal: edição diplomático-interpretativa em fac-símile de cartas católicas (séculos XVIII-XX)" and "Corpus compartilhado diacrônico - VERSÃO EM FAC-SÍMILE". The specific corpus is "Acervo Jaime-Maria 'Casal dos anos 30' (1936-1937)" organized by Rachel Oliveria & Célia Lopes. A table lists the letters with columns for file name, date, location, sender, recipient, relationship, and word count. The first row, "01-JM-24-09-1936.xml", is circled in red.

 Clique para Baixar	Data	Local	Remetente	Destinatário	Parentesco	(palavras)
01-JM-24-09-1936.xml	24 de Setembro de 1936	Rio de Janeiro	Jayme Oliveira Saraiva	Maria Ribeiro	noivo	238
01-MJ-22-09-1936.xml	22 de Setembro de 1936	Rio de Janeiro	Maria Ribeiro da Costa	Jayme O. Saraiva	Noiva	365
02-JM-22-09-1936.xml	22 de Setembro de 1936	Rio de Janeiro	Jayme Oliveira Saraiva	Maria Ribeiro	noivo	366
02-MJ-23-09-1936.xml	23 de Setembro de 1936	Rio de Janeiro	Maria Ribeiro da Costa	Jayme O. Saraiva	Noiva	375
03-JM-23-09-1936.xml	23 de Setembro de 1936	Rio de Janeiro	Jayme Oliveira Saraiva	Maria Ribeiro	noivo	269
03-MJ-26-09-1936.xml	26 de Setembro de 1936	Rio de Janeiro	Maria Ribeiro da Costa	Jayme O. Saraiva	Noiva	328
04-JM-25-09-1936.xml	25 de Setembro de 1936	Rio de Janeiro	Jayme Oliveira Saraiva	Maria Ribeiro	noivo	368
04-MJ-28-09-1936.xml	28 de Setembro de 1936	Rio de Janeiro	Maria Ribeiro da Costa	Jayme O. Saraiva	Noiva	502
05-JM-26-09-1936.xml	26 de Setembro de 1936	Rio de Janeiro	Jayme Oliveira Saraiva	Maria Ribeiro	noivo	654
05-MJ-29-09-1936.xml	29 de Setembro de 1936	Rio de Janeiro	Maria Ribeiro da Costa	Jayme O. Saraiva	Noiva	381
06-JM-28-09-1936.xml	28 de Setembro de 1936	Rio de Janeiro	Jayme Oliveira Saraiva	Maria Ribeiro	noivo	659
06-MJ-01-10-1936r.xml	1 de Outubro de 1936	Rio de Janeiro	Maria Ribeiro da Costa	Jayme O. Saraiva	Noiva	288

Fonte: Elaborado pela autora.

<sup>10</sup> PAIXÃO DE SOUSA, M. C.; KEPLER, F. N.; FARIA, P. E-dictor: Novas perspectivas na codificação e edição de corpora de textos históricos. **HD.br**. São Paulo, 2009. Disponível em: <<http://humanidadesdigitais.org/edictor/>>. Acesso em: 03 mai. 2015.

Ao todo, o acervo reúne noventa e sete cartas, no entanto percebemos que cinco delas, as cartas de Jayme do dia 16 de março de 1937 e 30 de março de 1937 e as cartas de Maria do dia 14 de setembro de 1936, 19 de janeiro de 1937 e 12 de fevereiro de 1937, estavam repetidas. Por causa disso, contamos os exemplares repetidos apenas uma vez em nossa seleção, passando, então, a contar com um total de noventa e duas cartas. Desse acervo, somente quarenta e duas estão disponíveis para *download* no formato *doc/pdf*, diretamente da página virtual do projeto. Para acessar esses arquivos, precisamos nos dirigir à tabela que mencionamos anteriormente e clicar no *link ver* que aparece ao lado do *link Acervo Jaime-Maria*, como podemos observar na figura 4 a seguir.

**Figura 4 - Acesso às cartas para *download***

Programa de Pós-Graduação em Letras Vernáculas | Linha de Pesquisa Língua e Sociedade: variação e mudança

**Laboratório de História do Português Brasileiro**  
Universidade Federal do Rio de Janeiro

As cartas são editadas em XML utilizando a ferramenta E-Dictor (desenvolvida por Fábio Kepler, Maria Clara Paixão de Sousa e Pablo Faria). Essa tecnologia de edição digital foi inspirada no *Corpus Histórico do Português Tycho Brahe* coordenado por Charlotte Galves. Nosso acervo de cartas está organizado pelo nome das famílias/datas da produção das cartas:

**Corpus compactado:** Para ter acesso a todo o corpus anotado em XML nas versões texto (TXT) original e modernizado, favor clicar [aqui](#).

Título da amostra/família/periodo	Dados biográficos	Corpus
Acervo Cupertino do Amaral (1873-1895)	Ver	23 Cartas
Acervo Afonso Pena Júnior (1896-1926)	Ver	31 Cartas
Acervo Land Avellar (1907-1917)	Ver	50 Cartas
Acervo Jaime-Maria "Casal dos anos 30" (1936-1937)	Ver	97 Cartas
Cartas de Casimiro de Abreu (1857-1859)		11 Cartas
Cartas dos avós Ottoni (1879-1889)		41 Cartas
Acervo Oswaldo Cruz		27 Cartas
Acervo Família Pedreira Ferraz-Magalhães		33 Cartas
Amostra Robertina de Souza (1908)	Ver	13 Bilhetes
Acervo Marquês do Lavradio		Cartas
Peças portuguesas séculos XVIII-XIX		17 Peças

Universidade Federal do Rio de Janeiro  
Faculdade de Letras  
Av. Brigadeiro Trompovsk, s/n - Cidade Universitária Ilha do Fundão  
RJ-Brasil CEP21941-590  
Tel:+5521 25989709

CNPq  
Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico

FAPERJ  
Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro

Fonte: Elaborado pela autora.

Feito isso, fomos direcionados para uma página que contém as descrições de alguns dos acervos contidos naquela tabela inicial. Acessamos novamente o *link Acervo Jaime-Maria “Casal dos anos 30” (1936-37)*. Após isso, fomos novamente direcionados para outra página em que estão dispostos em dois quadros (figura 5), um com as cartas de Jayme e outro com as cartas de Maria, quarenta e dois arquivos para *download*. Baixamos e salvamos todos esses arquivos em pastas separadas para facilitar a identificação dos arquivos de Jayme e dos de Maria.

**Figura 5 - Acesso aos arquivos na versão *doc/pdf***

Projeto Retratos da mudança no sistema pronominal: edição diplomático-interpretativa em fac-símile de cartas cariocas (séculos XVIII-XX)

Corpus compartilhado diacrônico - VERSÃO EM FAC-SÍMILE

Acervo "Casal dos anos 30": Jaime-Maria

Érica Nascimento, Janaina Pedreira e Célia Lopes  
(Organizadoras)  
UFRJ-PIBIC/CNPq-2007-2010/FAPERJ

	Data	Local	Remetente	Destinatário	Parentesco	
01-JM	DOC PDF	09/1936	Rio de Janeiro	Jayme Oliveira Saraiva	Maria Ribeiro	Noivo-noiva
02-JM	DOC PDF	22/09/1936	Rio de Janeiro	Jayme Oliveira Saraiva	Maria Ribeiro	Noivo-noiva
03-JM	DOC PDF	23/09/1936	Rio de Janeiro	Jayme Oliveira Saraiva	Maria Ribeiro	Noivo-noiva
04-JM	DOC PDF	25/09/1936	Rio de Janeiro	Jayme Oliveira Saraiva	Maria Ribeiro	Noivo-noiva
05-JM	DOC PDF	26/09/1936	Rio de Janeiro	Jayme Oliveira Saraiva	Maria Ribeiro	Noivo-noiva
06-JM	DOC PDF	28/09/1936	Rio de Janeiro	Jayme Oliveira Saraiva	Maria Ribeiro	Noivo-noiva
07-JM	DOC PDF	29/09/1936	Rio de Janeiro	Jayme Oliveira Saraiva	Maria Ribeiro	Noivo-noiva
08-JM	DOC PDF	30/09/1936	Rio de Janeiro	Jayme Oliveira Saraiva	Maria Ribeiro	Noivo-noiva
09-JM	DOC PDF	01/10/1936	Rio de Janeiro	Jayme Oliveira Saraiva	Maria Ribeiro	Noivo-noiva
10-JM	DOC PDF	03/10/1936	Rio de Janeiro	Jayme Oliveira Saraiva	Maria Ribeiro	Noivo-noiva
11-JM	DOC PDF	06/10/1936	Rio de Janeiro	Jayme Oliveira Saraiva	Maria Ribeiro	Noivo-noiva
12-JM	DOC PDF	24/01/1937	Rio de Janeiro	Jayme Oliveira Saraiva	Maria Ribeiro	Noivo-noiva
13-JM	DOC PDF	29/01/1937	Rio de Janeiro	Jayme Oliveira Saraiva	Maria Ribeiro	Noivo-noiva
14-JM	DOC PDF	02/02/1937	Rio de Janeiro	Jayme Oliveira Saraiva	Maria Ribeiro	Noivo-noiva
15-JM	DOC PDF	16/02/1937	Rio de Janeiro	Jayme Oliveira Saraiva	Maria Ribeiro	Noivo-noiva
16-JM	DOC PDF	02/02/1937	Rio de Janeiro	Jayme Oliveira Saraiva	Maria Ribeiro	Noivo-noiva
17-JM	DOC PDF	08/03/1937	Rio de Janeiro	Jayme Oliveira Saraiva	Maria Ribeiro	Noivo-noiva
18-JM	DOC PDF	15/03/1937	Rio de Janeiro	Jayme Oliveira Saraiva	Maria Ribeiro	Noivo-noiva
19-JM	DOC PDF	16/03/1937	Rio de Janeiro	Jayme Oliveira Saraiva	Maria Ribeiro	Noivo-noiva
20-JM	DOC PDF	16/03/1937	Rio de Janeiro	Jayme Oliveira Saraiva	Maria Ribeiro	Noivo-noiva
21-JM	DOC PDF	22/03/1937	Rio de Janeiro	Jayme Oliveira Saraiva	Maria Ribeiro	Noivo-noiva
22-JM	DOC PDF	30/03/1937	Rio de Janeiro	Jayme Oliveira Saraiva	Maria Ribeiro	Noivo-noiva
23-JM	DOC PDF	06/04/1937	Rio de Janeiro	Jayme Oliveira Saraiva	Maria Ribeiro	Noivo-noiva

Fonte: Elaborado pela autora.

Os outros cinquenta e três arquivos só estão disponíveis na versão digital para leitura. Esses arquivos podem ser gerados nas versões: diplomática (HTML), versão modernizada (HTML), texto simples (original), texto simples (modernizado) e léxico edições. Para facilitar nosso acesso a esses documentos digitais, procedemos da seguinte maneira: selecionamos a opção versão diplomática (HTML) para gerar um arquivo para leitura. Com

esse arquivo aberto, selecionamos a transcrição do texto que aparece na versão fac-símile. Após selecionar o texto, copiamos e colamos esse material em um documento *Word*. Todos os dados gerados desse processo foram salvos em pastas virtuais e nomeados conforme a nomenclatura utilizada no acervo virtual do projeto.

Após esse primeiro momento de coleta dos dados, partimos para a organização cronológica de todos os arquivos, uma providência importante para mostrar o funcionamento “da troca de turnos”. Nesse momento, sentimos a necessidade de renomear todos os arquivos, uma vez que tais documentos não obedecem a esse tipo de organização no ambiente de coleta. Esse ponto se mostra importante para nós, pois estabelecendo a cronologia das cartas podemos entender e interpretar com maior facilidade a “trama” tecida pelos personagens de nossa pesquisa.

Nesse segundo momento, organizamos os dados, em ordem cronológica, em dois quadros separados, um para as cartas de Jayme e outro para as cartas de Maria. Nesses quadros, dispusemos, após uma leitura minuciosa das cartas, as formas de tratamento dispensadas a cada interactante. No entanto, sentimos a necessidade de mostrar nos quadros os textos integrais das correspondências e as formas de referência ao outro. Por isso, julgamos que também seria mais cômodo para o momento de nossa análise reunir as informações contidas nesses dois quadros em um único quadro.

Partimos, então, para o terceiro momento da organização dos dados. Nessa etapa, para traçar a troca de correspondências entre o casal, criamos um quadro na versão *Word* em que a progressão da comunicação entre os namorados aparece representada. Resolvemos destacar as células do quadro com cores diferentes: as células referentes às cartas de Jayme em azul, e as células referentes às cartas de Maria em cor-de-rosa, com o intuito de facilitar a visualização do jogo comunicativo. Dividimos o quadro em duas células para cada participante, uma contendo a transcrição das missivas que coletamos naquele primeiro momento e a outra célula com as formas de tratamento dispensadas a ambos os sujeitos.

Em relação à transcrição das missivas, precisamos esclarecer que os textos das cartas de Jayme e Maria foram preservados e nenhum elemento linguístico foi modificado. No entanto, algumas marcações provenientes da edição digital disponibilizada no acervo do projeto PHPB foram retiradas por nós para facilitar a leitura. Após isso, os textos, antes alinhados à esquerda, foram realinhados com o uso do recurso *justificar*, como podemos observar no passo a passo a seguir.



## Edição digital

Espero que ja estejas um pouco refeita do golpe por que passaste. Apesar de ter te visto hontem [...] (27/06/1936, Jayme-Maria).

Edição elaborada pela autora<sup>11</sup>

Espero que ja estejas um pouco refeita do golpe por que passaste. Apesar de ter te visto hontem [...] (27/06/1936, Jayme-Maria).

Retomando a organização dos dados, enfatizamos que todo o levantamento, que mencionamos antes, constituiu uma importante ferramenta que facilitou a análise e ainda permitiu um entendimento mais apurado da história de Jayme e Maria. Salientamos que, embora tenhamos estabelecido uma cronologia na sequência das cartas, essa disposição, em alguns momentos, pode ter sido afetada pela ausência de algumas missivas ou, segundo inferimos, pelos atrasos do correio na entrega das correspondências, o que é, inclusive, mencionado por Maria e por Jayme nas cartas.

A reunião das noventa e duas cartas nas células do quadro que mencionamos anteriormente constitui nosso apêndice completo (APÊNDICE B). No entanto, devido a sua longa extensão, cento e quatro páginas, julgamos pertinente anexar esse apêndice completo somente à versão digital desta dissertação. Para a versão impressa de nosso trabalho, nosso apêndice completo foi reduzido em uma versão adaptada (APÊNDICE A)<sup>12</sup>. É importante lembrarmos que essa versão adaptada obedece à mesma estruturação empregada na versão completa do apêndice, exceto no que respeita a ordem de apresentação. Além disso, o apêndice adaptado apresenta outra diferença: ele está organizado de acordo com as três fases que compõem a nossa análise. A divisão dessas três fases será melhor explicitada nos segmentos posteriores.

## 3.4 CRITÉRIOS DE ANÁLISE

De acordo com André (2000 *apud* SUASSUNA, 2008, p. 349), “as categorias analíticas podem derivar diretamente da teoria que respalda a pesquisa ou surgir do próprio conteúdo dos dados sob análise.” Esta última possibilidade parece mais condizente com nossa análise, isto é, o próprio conteúdo dos dados nos levou à divisão estabelecida a seguir.

<sup>11</sup> Edição utilizada nos exemplos representados em nossa análise.

<sup>12</sup> Esclarecemos que a versão adaptada do apêndice, embora tenha sido organizada para a versão impressa desta pesquisa, permanece na versão digital desta dissertação para o melhor entendimento de nosso leitor.



A análise de nossa amostra, então, foi dividida nas seguintes etapas:

No primeiro momento, empreendemos uma comparação quantitativa geral dos termos utilizados para referir o outro. Em seguida, analisamos os dados qualitativamente com o intuito de interpretá-los e tecemos considerações sobre o que representaria a variação de formas de tratamento nas cartas de um e de outro.

No segundo momento, dividimos a história de Jayme e Maria em três fases: *O prelúdio*, *O clímax* e *O desenlace*. Após isso, realizamos a análise das amostras selecionadas para compor cada fase.

No terceiro momento, reunimos alguns episódios para complementar a caracterização de nossos protagonistas e estabelecemos uma relação entre as informações difundidas nas cartas e a personalidade deles.

Após todos esses esclarecimentos sobre a metodologia que empregamos na pesquisa, dirigimos nossa atenção para o próximo capítulo, no qual discutimos os dados.

#### 4 PERCURSO DE (RE)CONSTRUÇÃO DOS SUJEITOS: RESGATANDO UMA HISTÓRIA DE AMOR

“Ao analisar o ‘eu’, [...], somos arrastados para longe de seu possuidor, da pessoa que lucrará ou perderá mais em tê-lo, pois ele e seu corpo simplesmente fornecem o cabide no qual algo de uma construção colaborativa será pendurado por algum tempo. E os meios para produzir e manter os ‘eus’ não residem no cabide. Na verdade, frequentemente esses meios estão aferrolhados nos estabelecimentos sociais.”

(GOFFMAN, 1975, p. 231).

Neste capítulo, apresentamos a análise de nossos dados cujo objetivo é resgatar a história de amor de Jayme e Maria, por meio da (re)construção do *self*<sup>13</sup> e do outro e utilizando para isso os pressupostos teóricos da Linguística Textual, principalmente voltados à Referenciação, e da Pragmática, com ênfase na Polidez. Para cumprir esse propósito, além de considerarmos as marcas de polidez que aparecem na construção dos diversos personagens da trama, contamos também com o auxílio das pistas contextuais e dos sentidos evocados por elas. Reiteramos que nossa análise demandou três momentos principais: o primeiro momento, baseado no levantamento geral das expressões de tratamento utilizadas por Jayme e Maria para se referir ao outro; o segundo, pautado nos episódios que compõem a história de nossos sujeitos; e o terceiro, relacionado aos episódios complementares à caracterização do casal de namorados.

##### 4.1 O TRATAMENTO ENTRE JAYME E MARIA: CARACTERIZANDO O *CORPUS*

Nesta seção, registramos os resultados do levantamento quantitativo das expressões de tratamento utilizadas por Jayme e Maria em todas as noventa e duas cartas que compõem o nosso apêndice<sup>14</sup>. Esse levantamento constitui uma ferramenta importante para relatarmos, de forma mais geral, as primeiras impressões que tivemos acerca do tratamento negociado e construído entre Jayme e Maria. É relevante mencionarmos que para construirmos o percurso de nossa análise, realizamos a leitura exaustiva de todas as cartas

<sup>13</sup> Como já mencionamos no capítulo 2 desta dissertação, nossa concepção de *self* está alinhada com as perspectivas de Bakhtin (1997) e Goffman (2011), em que os sujeitos são construídos socialmente.

<sup>14</sup> O apêndice a que estamos fazendo referência é o apêndice composto pelo acervo completo das correspondências trocadas entre Jayme e Maria durante os anos de 1936 e 1937.

organizadas em nosso apêndice. Isso porque nos pareceu inevitável que para analisar a (re)construção dos sujeitos teríamos que, de certa forma, contar a grande história de amor de Jayme e Maria.

Em nosso primeiro contato com essas cartas, chamaram-nos a atenção as expressões de tratamento (vocativos e assinaturas) utilizadas por ambos os participantes para referirem-se um ao outro. A princípio, nossa expectativa era a de que os namorados transgredissem a estrutura textual devido à intimidade compartilhada entre eles. No entanto, apesar de tratar-se de uma correspondência de cunho afetivo, percebemos que as missivas ainda guardavam a tradição composicional clássica do gênero com “seção de contato inicial, núcleo da carta e seção de despedida” (LOPES, 2012, p. 46)<sup>15</sup>. Isso é o que podemos verificar, por exemplo, nos dois recortes a seguir.

(1)

Rio de Janeiro 20 de Agosto de 1936
Cara Mariquinhas.
[...]
Jayme O. Saraiva

(2)

Paulo de Frontem, 12- 9- 1936
Meu Queridinho Jayme
[...]
Maria Ribeiro da Costa

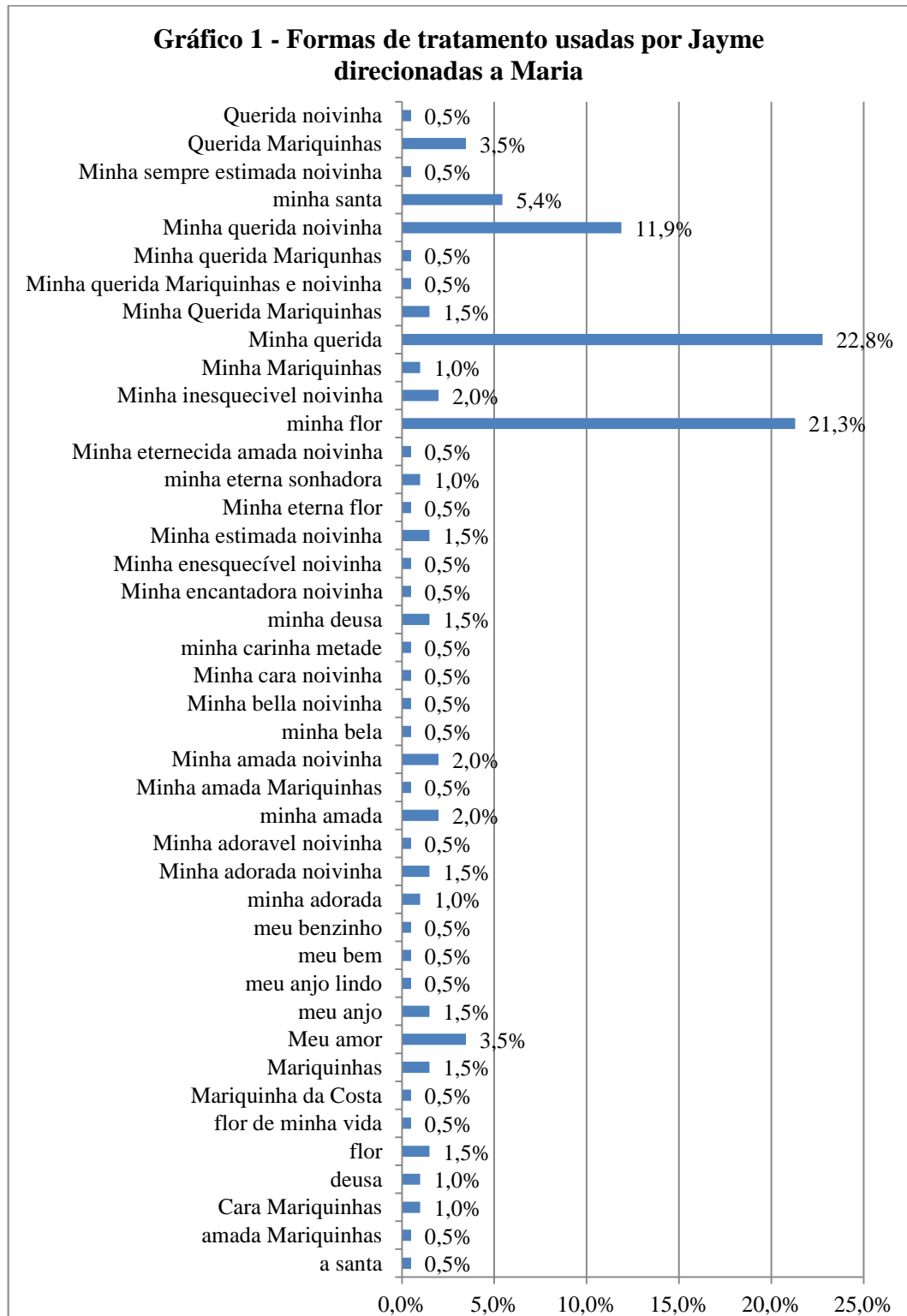
Além disso, admitimos também que a polidez está envolvida na manutenção dessa tradição. Se retomarmos o que já discutimos na subseção 2.3.2, podemos recordar que Jayme e Maria viviam em uma época em que, conforme verificamos nas contribuições de Del Priore (2006) no subitem 2.3.1.2, os bons costumes eram valorizados por pessoas bem comportadas. Dessa maneira, para serem aceitos pelo outro e, conseqüentemente, pela sociedade, Jayme e Maria assumem imagens delineadas por “atributos sociais aprovados” (GOFFMAN, 2011, p. 14). Isso porque eles adotam uma linha de conduta apropriada para os papéis que desenvolvem. Por consequência, ao optarem pela manutenção da composição textual tradicional da carta Jayme e Maria estão, de certa forma, sustentando as expectativas sociais.

Diante dessas descobertas iniciais, pareceu-nos pertinente ampliar nossa observação acerca das formas de tratamento utilizadas por Jayme e Maria, delineando, dessa forma, a construção e reconstrução das identidades desses sujeitos. Verificando as formas de

---

<sup>15</sup> Lopes (2012, p. 40), em seu estudo, intitulado *Tradição textual e mudança linguística: aplicação metodológica em cartas de sincronias passadas*, mostra “algumas aplicações do modelo de análise das Tradições Discursivas a dois fenômenos linguísticos.”

tratamento utilizadas por Jayme para se referir a Maria, coletadas em todas as noventa e duas cartas, temos as seguintes ocorrências:



Fonte: Elaborado pela autora.

Examinando o gráfico anterior, surpreendeu-nos o vasto e diversificado repertório de expressões para se referir a Maria utilizado por Jayme. Ao todo, ele articulou quarenta e duas formas diferentes de tratamento direcionadas à namorada, muito embora em alguns casos o núcleo do sintagma se repita e a variação fique apenas por conta dos modificadores. Para nós, esse fato demonstra que Jayme parecia ter a necessidade de reiterar o que sentia pela namorada, optando, com frequência, por um discurso lírico.

No entanto, também estamos supondo que ele tinha a necessidade de inovar o tratamento conferido à Maria ao construir novas expressões de tratamento para intensificar a recategorização. Em vista dessas duas necessidades, estamos supondo que as maiores porcentagens dos referentes que observamos no gráfico 1, *Querida Mariquinhas* (3,5%), *minha santa* (5,4%), *minha querida noivinha* (11,9%), *minha flor* (21,3%) e *minha querida* (22,8%), foram a forma que Jayme encontrou para enaltecer a imagem de Maria e ao mesmo tempo inovar o tratamento afetuosos. Acreditamos, assim, que Jayme manifesta a sua polidez quando demonstra o que Leech (2005) denomina de aprovação, isto é, ao aprovar a identidade de Maria, acaba buscando aprovação para sua própria imagem também.

Ademais, a ampla variedade de formas de tratamento articuladas por Jayme, despertou nossa atenção para sua facilidade no trato com a língua escrita. Essa “fluência” linguística seria condizente com a função que ele desempenhava. Conforme conseguimos perceber pela leitura das cartas, Jayme trabalhava em um escritório no centro da cidade do Rio de Janeiro, o que provavelmente lhe proporcionava um contato frequente com a língua escrita. É o que podemos observar a partir dos exemplos a seguir, retirados de duas cartas de Jayme dos dias 24 de janeiro de 1937 e 15 de fevereiro de 1937.

(3)

Rio de Janeiro 24 de Janeiro de 1937

Minha querida noivinha

Espero que ao receberes esta estejes passando bem, e que tua tristeza não seja tão avassaladora quanto a minha.

[...] Desejo saber minha flor se de fato tens confiança em mim, sofro ainda mais por isso, tenho andado muito adoentado estes dias. No escritório querem por força que eu vá a um medico já chegaram a falar com o Senhor. Mario e ele disse para que eu mo trata-se, porque ele me dá as férias se eu quiser.[...]

(4)

Rio de Janeiro 15 de Fevereiro de 1937

Minha eterna flor, saudades sem fim, [...]

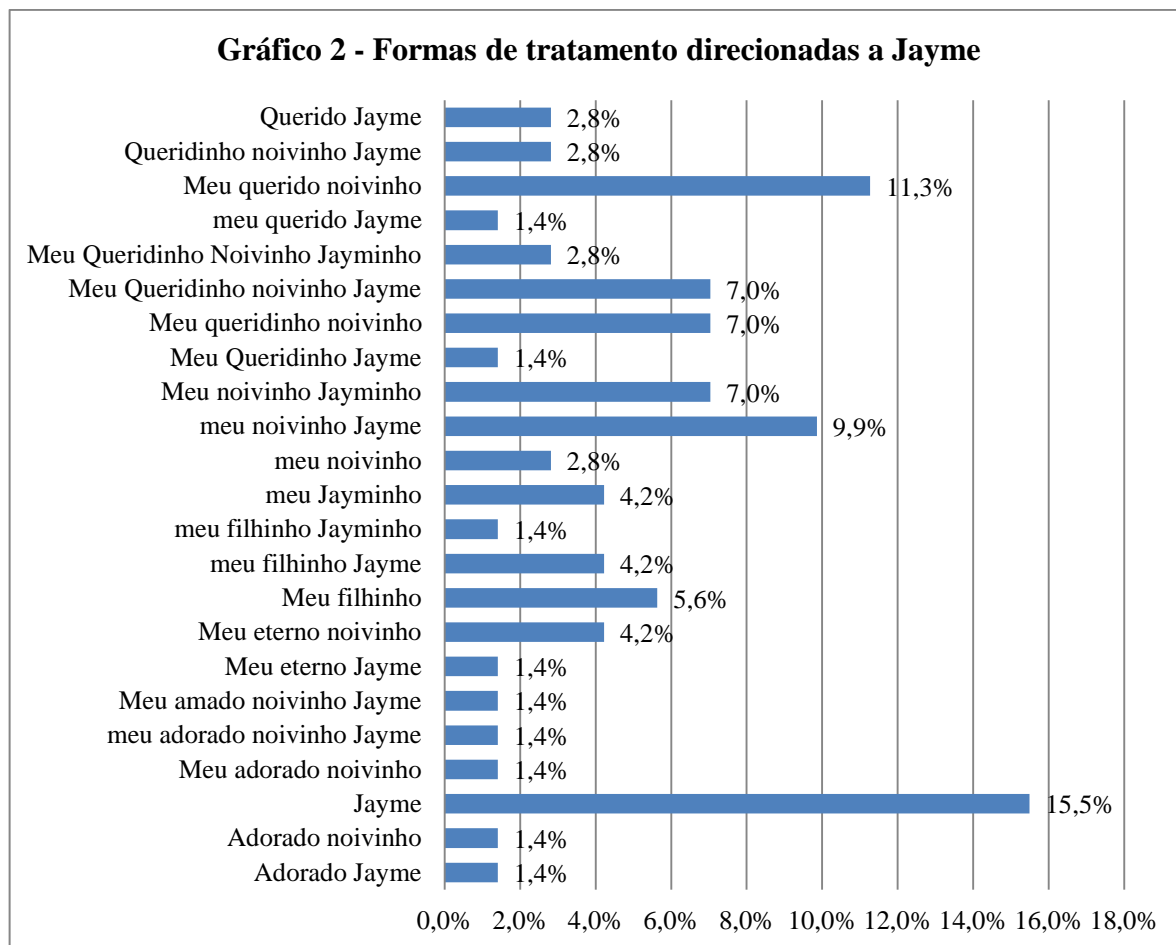
Espero que ao receberes esta te encontres de perfeito estado de saúde, bem disposta. É o quanto te pode desejar este coração que de ânsias de te amar muito sofre, [...]

Espero-te minha flor no sábado aonde combinamos, na Rua Buenos Aires esquina com Uruguaiana as 6 horas. mas eu vou pedir para sair as 15 para as 6 horas. [...]

No exemplo 3, Jayme marca um encontro com Maria “*na Rua Buenos Aires esquina com Uruguaiana as 6 horas*”, que são ruas do centro do Rio de Janeiro, e afirma que vai pedir para sair mais cedo, provavelmente do local onde trabalha. Esse local seria um escritório cujo chefe é o Senhor Mário, conforme podemos verificar no trecho seguinte do exemplo 4: “*no escritorio querem por força que eu vá a um medico já chegaram a falar com o Senhor Mario e ele disse para que eu mo trata-se, porque ele me dá as ferias se eu quizer [...].*” Para confirmar essa informação, recorreremos também a Silva (2012)<sup>16</sup>. Para a autora, que teve acesso aos envelopes ainda preservados, “Jayme trabalhava em uma empresa de importação e exportação de produtos têxteis situada na Rua Buenos Aires, 160, no Centro da então capital federal.” (p. 47).

Além dessa constatação sobre o trabalho desempenhado por Jayme, o uso de expressões formais também nos permitem inferir que ele tinha um maior conhecimento da língua escrita. Isto é o que podemos comprovar ao observar as seguintes marcas linguísticas presentes no ainda no exemplo 3: “*Senhor Mário*”, “*por força*” e “*mo trata-se.*” Já o resultado quanto às expressões de tratamento utilizadas por Maria direcionadas a Jayme, podem ser observado por meio do gráfico 2 a seguir.

<sup>16</sup> Silva (2012) utilizou, assim como em nosso estudo, como *corpus* de sua pesquisa de cunho variacionista as cartas de Jayme e Maria. Em seu trabalho, a autora estudou a alternância entre os pronomes *tu* e *você* na posição de sujeito nas cartas pessoais desses dois sujeitos.



Fonte: Elaborado pela autora.

Atentando para as vinte e três ocorrências registradas no gráfico 2, observamos que as maiores frequências foram: *Jayme* (15,5%), *Meu querido noivinho* (11,3%), *Meu noivinho Jayme* (9,9%), *Meu queridinho noivinho Jayme*, *Meu queridinho noivinho* e *Meu noivinho Jayminho* (7,0% cada um), *Meu filhinho* (5,6%), *Meu Jayminho* e *Meu filhinho Jayme* (4,2% cada um). Apesar de percebermos que Jayme supera quase que em dobro de ocorrências as articulações promovidas por Maria, precisamos considerar que, numericamente, contamos com uma quantidade maior de cartas de Jayme, sessenta e quatro, do que a quantidade de cartas de Maria, vinte e oito.

Além disso, a maioria das cartas escritas por Jayme são longas. Ao que parece, ele demonstra ter mais domínio do gênero epistolar, por isso escreve mais, o que, de certa forma, favorece o uso de mais expressões de tratamento. Sendo assim, devido ao número maior de cartas de Jayme e a extensão delas, é compreensível que o gráfico 1, representativo das formas de tratamento nas missivas deste, registre-se uma maior diversidade de formas do que o gráfico 2, representativo das formas de tratamento nas correspondências de Maria.

Julgamos importante mencionar que Jayme tinha uma maior competência linguística, visto que, como já apontamos anteriormente, trabalhava em um escritório no centro do Rio de Janeiro, o que lhe proporcionava um maior contato com a língua. Já as cartas de Maria<sup>17</sup> indiciam que ela tem pouca escolaridade, uma vez que em seu discurso são recorrentes as marcas de informalidade e de oralidade. Em suas cartas, corroborando o que observa Silva (2012), é possível percebermos, com frequência, além de diversos desvios ortográficos e ausência de sinais de pontuação, certa insegurança na grafia das palavras. Então, com a afirmação do autor: essas marcas indicam que “não há planejamento textual, o que evidencia a falta de contato da Maria com textos escritos.” (SILVA, 2012, p. 50). É o que podemos observar no exemplo a seguir em que Maria faz o uso redundante do pronome oblíquo *te*: “*Tu me pediste o retrato que te amostrei-te [...]*”.

(5)

Paulo de Frontim, 6 - 10 – 1936

Meu quirido noivinho  
[...]

Eu fiquei muito triste de voçe viajar em pé ate Cascadura eu nunca pagarei o sacrificio que voçe fais por min eu não mereço tudo isto do meu noivinho. Tu me pediste o retrato que te amostrei-te no Domingo este retrato eu dei a minha irman ja a muito tempo eu pedi a ella para eu mandar te para voce quando o receberes eu pecote para veres e de pois voçe pode rasgar ou mandar ou traveis pra min por que este retrato esta orivel, eu estou esperado o teu por que os que eu tenho estão desaparecendo com muitos beijos a sim voçe disse na carta que me mandaste. [...]

Para compreender os enunciados de Maria, necessitamos “olhar para além do campo imediato de co-presença” (HANKS, 2008, p. 189). Precisamos ter em conta o perfil sócio-histórico da mulher no Brasil oitocentista e novecentista, que, naturalmente, influi sobremaneira na construção da subjetividade de Maria. Conforme constata Del Priore (2006), durante o final do século XIX e a primeira metade do século XX, a mulher mostrava-se submissa diante da estrutura patriarcal e recebia a função de dirigir o lar e de sempre estar disponível para sua família e para seu marido.

Em vista disso, para nós, não é difícil inferir que Maria era uma escrevente “mais ou menos” letrada (SILVA, 2012, p. 35). Pareceu-nos que por influência das “forças sociais externas” (HANKS, 2008, p. 137) Maria tenha se construído socialmente (BAKHTIN, 1997)

<sup>17</sup> É importante acrescentarmos ainda que o acesso da mulher à escola era limitado. Segundo Almeida (2008, p. 79), “[...] as famílias e a própria configuração social brasileira das últimas décadas do século XIX e primeiras do século XX marcavam os papéis femininos de forma tal que não era possível fazer a mulher letrada.” Dessa forma, a autora reforça que “mesmo aqueles que ousadamente resolviam levantar uma voz dissonante, sucumbiam ante a pressão da imprensa, da Igreja e da própria família.” (p. 79).



para desempenhar somente o papel que essas circunstâncias lhe oportunizaram. De acordo com Cavalcante (2014, p. 157), os papéis que as mulheres no século XIX “desempenhavam estavam restritos ao lar, à criação dos filhos; ao passo que seus maridos tinham posições na sociedade bem definidas que iam além dos muros de suas casas.”

Conscientes dessa “pressão” social e atentos ao discurso de Maria, vislumbramos outro elemento importante para que (re)moldássemos sua subjetividade. No exemplo 6, verificamos a manifestação da polidez postulada por Leech (2005) quando Maria autodeprecia-se diante de Jayme, enaltecendo, assim, as qualidades do namorado. Maria é polida ao admirar a desenvoltura que Jayme demonstra com as palavras mesmo quando faz isto em detrimento de sua própria desvalorização: “*não repares a minha carta nei os meus eros, eu não sei escrever cartas de amor como voce eu quando lei chego a chorar, voce sabe que eu sou uma burinha.*” Esse ato de Maria permite ainda confirmar o que enuncia Goffman (2011) que a pessoa não sabe o que seria uma divisão justa de juízos em uma determinada ocasião. Em vista disso, para o autor, ela pode voluntariamente se privar ou se depreciar quando favorece e elogia os outros, “em ambos os casos, levando os juízos, com segurança, além daquilo que provavelmente seria justo. Ela permite que os juízos favoráveis sobre si própria venham dos outros; e os juízos desfavoráveis sobre si própria são sua contribuição.” (p. 36).

(6)

Paulo de Frontim, 7-10-1936

Meu adorado noivinho

[...]

[↓]<sup>18</sup> não repares a minha carta nei os meus eros, eu não sei escrever cartas de amor como voce eu quando lei chego a chorar, voce sabe que eu sou uma burinha.[↓]

Para tentar dar conta das diversas “faces” (PAIVA, 2008, p. 29) de Jayme e Maria, dedicamo-nos a contar na seção posterior breves episódios da história do casal. Acreditamos que tais episódios de certa forma, podem nos ajudar a (re)construir a identidade de nossos sujeitos e, indiretamente, dos outros personagens que, porventura, povoam as correspondências do casal de namorados.

<sup>18</sup> Segundo Silva (2012, p. 64), o uso do símbolo [↓] indica “palavras ou trechos da carta que aparecem subscritas à linha do texto.”

## 4.2 A HISTÓRIA DE JAYME E MARIA: CONSTRUINDO O *SELF* E O OUTRO

Na busca de compreender de forma elucidativa a (re)construção do *self* e do outro na troca de correspondências entre Jayme e Maria, julgamos necessário, neste tópico, resgatar a história de amor desses dois sujeitos. Para isso, dividimos a história desse casal de namorados em três fases distintas (*O prelúdio*, *O clímax* e *O desenlace*). Embora não haja um elemento categórico que justifique a separação, de forma discretizada, entre um momento e outro, salientamos que a leitura de todo nosso *corpus*, composto por noventa e duas cartas, como já mencionamos no capítulo precedente, possibilitou que inferíssemos essas fases. Em outras palavras, estamos assumindo que a referência construída no discurso de nossos sujeitos nos permitiu fazer inferências. Isto porque estamos considerando que o entendimento de um enunciado também depende da “projeção de sentidos.” (MARCUSCHI, 2007, p.88).

Na primeira fase, que denominamos *O prelúdio*, contamos com quarenta e oito cartas, das quais trinta e três são de Jayme e quinze são de Maria. Por contar com número maior de cartas do que as fases subsequentes (em função de um maior número de informações que consideramos relevantes para a história), essa primeira fase foi dividida em dois momentos: *a viagem, a chegada e permanência de Maria e a negociação e a consolidação dos sujeitos*. Seleccionamos duas cartas, uma de Jayme e outra de Maria, representativas de cada momento, o que resulta em um total de quatro cartas para a primeira fase. O primeiro momento trata da viagem de Maria para o município Engenheiro Paulo de Frontin, distante 67 km do Rio de Janeiro, possivelmente, para visitar a irmã. Já o segundo mostra a negociação empreendida por Jayme para conferir um novo papel a Maria.

Na segunda fase, temos ao todo vinte e quatro cartas, das quais treze são de Jayme e onze são de Maria. Essa fase é composta por um momento, *a perseguição ao relacionamento de Jayme e Maria*, representado por duas cartas, uma de Jayme e a outra de Maria. Desse momento, conseguimos inferir que a família de Jayme desaprovava o relacionamento entre ele e Maria.

Na terceira fase, contemplamos dezessete cartas, sendo dezesseis de Jayme e uma de Maria, das quais seleccionamos duas para retratar o momento *a calma representada pela subjetividade lírica de Jayme*. Essa fase tem a peculiaridade de ser composta, em sua maioria, por cartas de Jayme, o que somente nos permitiu construir a subjetividade de Maria por meio do discurso amoroso de seu noivo.

Salientamos, finalmente, que a sistematização de todos os momentos descritos até aqui também decorre das inferências que fizemos durante a leitura de todo o *corpus*

representativo de cada fase. Julgamos que os momentos selecionados para nossa análise constituem “pontos-chaves” para a (re)construção de nossos referentes.

Na análise que segue, recorreremos aos pressupostos da referenciação, considerando, conforme já explicitamos anteriormente, a ideia de que os referentes se constroem não apenas por meio de expressões nominais (no caso, as formas de tratamento usadas pelos escreventes para se referir um ao outro), mas pelas predicções, que se fazem linguisticamente e que se inferem a partir da materialidade textual. Recorreremos ainda a fundamentos da teoria da polidez para justificar algumas de nossas inferências que são pautadas na forma e no conteúdo da interação entre o casal de namorados.

#### **4.2.1 Primeira Fase: o prelúdio**

Como já mencionamos anteriormente, para cumprir o propósito de nossa pesquisa recorreremos ao eixo teórico da referenciação, mas também buscamos as contribuições do campo da polidez linguística, uma vez que acreditamos que esses dois campos teóricos nos fornecem elementos importantes para (re)construirmos nossos sujeitos à medida que resgatamos sua história. Selecionamos quatro cartas para essa primeira fase, uma vez que, para nós, elas são as mais representativas dos fenômenos envolvidos em nosso propósito.

##### 4.2.1.1 Momento 1: a viagem, a chegada e a permanência de Maria

Antes de iniciarmos esse tópico, precisamos esclarecer que, após a leitura das primeiras cartas de Jayme e Maria, para nós, ficou evidente que esses sujeitos já demonstravam ter uma relação amorosa estabelecida. Estamos supondo, então, que a (re)construção do *self* e do outro, a qual estamos analisando, não abrange o início do relacionamento desses namorados. Começamos, então, a contar a história de Jayme e Maria de um ponto em que esses sujeitos já compartilhavam uma ampla gama de informações, as quais só pudemos inferir no decorrer da leitura de muitas cartas.

É o que podemos observar nos trechos abaixo, retirados das duas primeiras cartas que Jayme remete à Maria. No exemplo 7, Jayme parecia já ter um relacionamento com Maria antes do início da correspondência de que dispomos: “*Apesar de ter te visto ontem de manhã não queiras saber a saudade que invade o meu peito.*” Isto também se confirma no exemplo 8, em que ele demonstra conhecer uma pessoa do convívio de Maria, a personagem Hilda,

cuja identidade somente será revelada mais tarde: “*Continuo aguardando tuas nova letras, beijos para ti e para Hilda.*”

(7)

Rio 27- 6-36

Querida Mariquinhas

Espero que ja estejas um pouco refeita do golpe por que passaste. Apesar de ter te visto hontem de manhã não queiras saber a saudade que invade o meu peito. [...]

Espero tuas letras, por favor. Deste que não cança de te amar, mil beijos. [...]  
Jayme O. Saraiva

(8)

Rio 30-6-36

Querida Mariquinhas

Recebi o teu favor datado de 29- 6- 36 não queiras saber a alegria que invadiu meu coração, pois a uns tempos para cá tem vivido tão oprimido [...]

Continuo aguardando tuas nova letras, beijos para ti e para Hilda  
[...] Jayme O. Saraiva

Recorrendo a Andrade (2010, p. 6), que analisa as tradições discursivas no gênero epistolar, reforçamos que nas cartas de Jayme e Maria “a presença real de um somente pode ser acompanhada da reconstrução imaginária do outro, em um tempo e lugar distintos, nunca compartilhados.” As cartas que receberam a nossa atenção nesta primeira fase marcam exatamente o momento em que a principal preocupação que aflige os namorados é a saudade ocasionada pela distância que os separa. Estamos inferindo essa reflexão baseados no que Jayme enuncia em sua carta (exemplo 9): “*Estimo que a viagem tenha te corrido maravilhosamente bem. Embora tivesses partido hoje só em pensar que tenho de passar uns tempos sem te ver, ja começo a sentir os tormento da saudade.*”

(9)

Rio de Janeiro 9 de setembro de 1936

Cara Mariquinhas

Estimo que a viagem tenha te corrido maravilhosamente bem. Embora tivesses partido hoje só em pensar que tenho de passar uns tempos sem te ver, ja começo a sentir os tormento da saudade, meu anjo eu falo com toda sinceridade eu falei contigo que iria te visitar no 3 ° domingo, mas eu não suporto tanto tempo assim sem te ver então irei no 2 ° domingo dia 20 do corrente.

Tu bem sabes minha flor o quanto eu te adoro e te amo, mas podes ficar certa, que de domingo para cá senti o meu amor aumentar muito mais. Só a ti é que eu dedico toda a minha vida, e os meus momentos, tú es a deusa que embala-me nos meus sonhos de ilusão, embora já estejas longe de mim pareço que sinto o teu coração batendo juntinho ao meu. Espera-me no 2.º domingo na estação que irei no trem de 5 horas, e como chegada te darei um beijo caso tú mo permitas, levarei a maquina fotografica, para tirarmos os nossos retratos.

Deste teu amo, que não sabe o que fazer para agradar-te, mil beijos e, ternas saudades.

Jayme O. Saraiva

N. B. Não separe o papel, e mais, por ter sido escrito a lapis, espero que me perdoe, por que o amo tem esses caprichos.

Ainda nessa carta saudosa de Jayme, representada no exemplo 9, a menção à Maria por meio da categorização “*Cara Mariquinhas*” foi algo que nos despertou interesse, visto que se trata de uma forma não tão íntima utilizada por ele para se referir à namorada. Em um primeiro momento, ele parece imprimir ao seu discurso uma certa formalidade, marcada pelo uso do modificador *Cara*, o que pode nos induzir a pensar que a relação entre remetente e destinatária estabeleça algum distanciamento.

No entanto, com o avanço da leitura, percebemos que Jayme vai reconstruindo a imagem referencial de Maria. Conforme Goffman (2011, p. 17), uma pessoa pode “ganhar uma [face]”, isto é, ela pode “possibilitar que outra pessoa assuma uma linha<sup>19</sup> melhor do que seria capaz de assumir sozinha.” Para nós, Maria, na carta de Jayme, ganha diversas faces dadas pelo noivo. Jayme “presenteia” a noiva com essas faces ao imprimir à sua argumentação, à medida que realça a imagem da namorada, um caráter cada vez mais íntimo para concretizar seu projeto de dizer. Dito de outra forma, para dar vazão ao seu discurso lírico, Jayme promove a mudança da figura da namorada ao longo do texto: a “*Cara Mariquinhas*” recategoriza-se em “*meu anjo*”, transformar-se em “*minha flor*” para depois tornar-se “*a deusa que embala-me nos meus sonhos de ilusão.*”

Essa última reconstrução de Maria nos despertou para o fato de que as recategorizações empreendidas por Jayme, em alguns momentos, não têm um caráter linear. Sendo assim, concordamos com Custódio Filho (2011), para quem alguns traços referenciais “demandam uma ação do sujeito para trabalhar em cima dos implícitos e para propor formulações mais globalizantes que as efetivamente explicitadas.” (p. 174).

Por outro lado, não é só Maria quem passa por transformações ao longo do texto; Jayme também se reconstrói no “diálogo escrito” (VIOLI, 2009, p. 45-46) que trava com a

<sup>19</sup> Para Goffman (2011, p. 13), linha seria “um padrão de atos verbais e não-verbais com o qual ela expressa sua opinião sobre a situação, e através disto sua avaliação sobre os participantes, especialmente ela própria. Não importa que a pessoa pretenda assumir uma linha ou não, ela sempre o fará na prática.”

namorada. Em um primeiro momento, ele é “*teu amo, que não sabe o que fazer para agradar-te*” e, em seguida, ele aparece como “*Jayme O. Saraiva*”. Acreditamos, portanto, que Jayme adota **um papel comunicativo particular** (SALOMÃO, 1999, grifo da autora) que exerce para si e para a namorada. Sendo assim, ele é, primeiro, o “*amo*” [amor] de Maria porque a intimidade que ambos compartilham permite esse tipo de tratamento. No entanto, depois, ele retoma o “*modelo de escrita da época*” (LOPES, 2012, p. 51), não se desprendendo da estrutura do gênero quando assina “*Jayme O. Saraiva*”.

É interessante ver que essa reconstrução de Jayme não para na assinatura, como seria esperado. O fechamento é seguido por um *post scriptum*, o recado comum nas cartas pessoais. Como vemos nesse recado final, Jayme mostra-se polido ao pedir “*desculpas*” (LEECH, 2005, p. 16) a Maria (“*Não separe o papel, e mais, por ter sido escrito a lapis, espero que me perdoe, por que o amo tem esses caprichos*”), o que acaba valorizando a sua própria imagem por meio da antecipação de uma possível imperfeição, isto é, Jayme desculpa-se antes que a noiva aponte a sua falha.

O exemplo 10 a seguir traz a resposta de Maria a essa carta de Jayme. Nesta missiva, percebemos que Maria faz referência ao amado sem utilizar muitos modificadores como fez Jayme em sua carta. Maria pareceu-nos assim, de certa forma, “*presa*” às estruturas mais prototípicas do gênero quando observamos, por exemplo, o vocativo “*Querido Jayme.*” Mesmo que estejamos tratando de cartas de amor cujo conteúdo é de caráter confidencial e intimista, elas ainda obedecem, como coloca Marcotulio (2009)<sup>20</sup>, ao formato previsto pelo gênero.

Entretanto, salientamos que a forma “*querido*”, que é muito recorrente nas cartas de Maria, seria, inclusive, uma forma de qualificar o vocativo a quem a missiva se destina, definindo, assim, o que Bravo e Briz (2004 *apud* LOPES, 2012, p. 45) consideram como “*o nível da interação estabelecida [+solidária, + íntima, - formal, - distante, + simétrica].*” É nessa tentativa da Maria de diminuir a “*distância horizontal*” (LEECH, 2005, p. 21) entre ela e Jayme, estreitando, assim, os laços entre o casal, que Maria se mostra polida.

---

<sup>20</sup> Em sua dissertação, o autor mostra como o marquês do Lavradio constrói sua imagem em seu discurso político, analisando as escolhas tratamentais que este faz em cartas escritas no âmbito público e privado. Lembramos também que o autor utiliza nessa dissertação algumas das cartas de Jayme e Maria para enriquecer sua argumentação.

(10)

Paulo de Frontem 10- 9- 1936

Querido Jayme

Saudades

Desejo que ja estejas passando melhor de saude que e o meu desejo eu e a Hilda chegamos bem grasas a Deus mais com muita chuva aqui fais muito fro e bom para que e casado aqui so tem mato tem muito sapo grilo e gafanhoto sam os bichos do lugar.

Jayme isto não entereça o que entereca e o nosso a mor eu tenho chorado muito con saldades tuas aqui e muito triste era bom se voce estivese aqui com migo. Jayme manda-me dizer se atua mãe falou alguma cousa com voce au meu respeito eu espero voce no dia 27 se poder vin no dia 20 era bom por que estou com tantas saudades tuas muitas lembranças da minha irma Imenia e dos meus sobrinha e da Hilda e desta tam te ama muitos beijo e abraços

Mariquinhas

Jayme não repare a minha carta por que eu não sei escrever quando acabar de ler voce rasga a carta vai uma rosinha por nome roso Mariquinhas do quintal da minha irma.

Tínhamos a expectativa, por estarmos lidando com cartas de cunho amoroso, de que o tratamento nesta correspondência de Maria se tornasse mais afetuoso no decorrer da missiva (assim como acontece na carta de Jayme que acabamos de comentar), que “acréscimos [fossem] postos aos referentes” (CUSTÓDIO FILHO, 2011, p. 114), mas nos surpreendeu o fato de Maria recategorizar o namorado apenas utilizando o nome “*Jayme*”, sem modificador. No entanto, podemos observar que Maria estava, no momento da escritura da carta, imersa em um novo “cenário social” (HANKS, 2008, p. 173) e para ela era importante informar a Jayme sobre essa nova realidade. Maria assume, então, uma subjetividade informativa, enquanto Jayme, que não se tinha afastado de seu cenário, mantém a atenção voltada para a saudade que sentia da namorada.

Como podemos perceber no discurso de Maria, há o conflito entre contar as novidades do novo “cenário” (*eu e a Hilda chegamos bem grasas a Deus mais com muita chuva aqui fais muito fro e bom para que e casado aqui sotem mato tem muito sapo grilo e gafanhoto sam os bichos do lugar*); expressar a dor causada pela saudade (*Jayme isto não entereça o que entereca e o nosso amor eu tenho chorado muito con saldades tuas aqui e muito triste era bom se voce estivese aqui com migo*); e saber notícias sobre a mãe de Jayme (*Jayme manda-me dizer se atua mãe falou alguma cousa com voce au meu respeito*).

A decisão de Maria de centrar o seu discurso nas novidades da viagem nos lembra o que coloca Biber (1988) acerca dos textos escritos. Para o autor, a manutenção das relações entre os interlocutores depende da aceitação do outro, isto é, o relacionamento entre o escritor e o leitor é estabelecido *a priori* e cabe ao leitor aceitar ou rejeitar essa relação. Se o leitor

aceita, ainda segundo o autor, o escritor tem a inclinação de não modificar o seu posicionamento com o intento de manter o envolvimento com o seu destinatário.

Acreditamos, então, que Maria ao optar por um discurso mais informativo, mais referencial, nos pareceu encontrar uma forma de manter o envolvimento com Jayme e de suprir a falta de discurso lírico, que era muito recorrente nas cartas de Jayme e que ela julgava ser a forma ideal de escritura. Mesmo diante do discurso informativo de Maria, Jayme demonstra, no seguinte trecho da carta do dia 11 de setembro de 1936, que aceita esse tipo de relacionamento com a noiva: “[...] *eu sei que ficaras acanhada em escrever, com medo de fazer muitos erros, não faz mal logo que escrevas é quanto basta o resto não reparo* [...] .”

Ademais, a menção à mãe de Jayme e a Hilda também despertaram a nossa atenção, no entanto a construção dessas duas identidades só será concretizada em subseções posteriores, visto que Maria não nos dá subsídios suficientes para executar essa tarefa. Tal como fez Jayme ao se referir também a Hilda, ela fala de pessoas e de relações que fazem parte da história anterior do casal. Essas referências, pelo menos nas primeiras trocas de correspondência, ficam opacas para o leitor. Como bem demonstra Ariel (2001), se um determinado referente está supostamente acessível, a tendência é que ele seja mencionado por meio de uma forma pouco informativa, menos rígida e mais atenuada.

Para finalizar a correspondência, na seção de despedida, a remetente se autorrepresenta como “*Mariquinhas*”. Concordamos com Silva (2012) que essa seria uma forma carinhosa de Maria se autodenominar. Essa forma pareceu-nos também a imagem que o *self* deseja mostrar ao outro, a autoimagem que Maria construiu socialmente (BAKHTIN, 1997) e que, conseqüentemente, é aceita e aprovada por Jayme. Entretanto, após a despedida, semelhante a Jayme, Maria continua seu “trabalho de face” (PAIVA, 2008, p. 28) no *post scriptum*, o pequeno lembrete deixado após a seção de despedida. Nele, com base em Leech (2005), verificamos que Maria, por um lado, manifesta a polidez quando autodeprecia-se em relação a sua competência na escrita ao enunciar: “*Jayme não repare a minha carta por que eu não sei escrever quando acabar de ler você rasga a carta.*” Todavia, por outro, tenta compensar essa imagem construindo outra, pouco modesta que envia uma rosa de presente para Jayme “*por nome roso [rosa] Mariquinhas do quintal da minha irma.*”

Desse nosso trabalho com o texto como “um multissistema compreendendo múltiplos sistemas interativos”<sup>21</sup> (BEAUGRANDE, 1997, § 34), conseguimos reunir até aqui elementos que nos permitem perceber que o foco principal das duas cartas estava na viagem e

---

<sup>21</sup> Tradução livre de Maria Helenice Araújo Costa.



na permanência de Maria em Engenheiro Paulo de Frontin. Levando em consideração as informações dadas explicitamente na carta, Maria tinha duas possibilidades de data de volta agendadas: quatro de outubro ou dezoito de outubro de 1936, no entanto ela decide ficar até essa última data para atender ao pedido da irmã. É o que podemos observar nos trechos a seguir.

(11)

Paulo de Frontim, 22 – 9 – 1936

[...] Eu talvez vou embora no dia 4 de Outubro si não for vou só no dia 17 por causa do aniversário da minha irman [...]

(12)

Paulo de Frontim, 1 – 10 – 1936

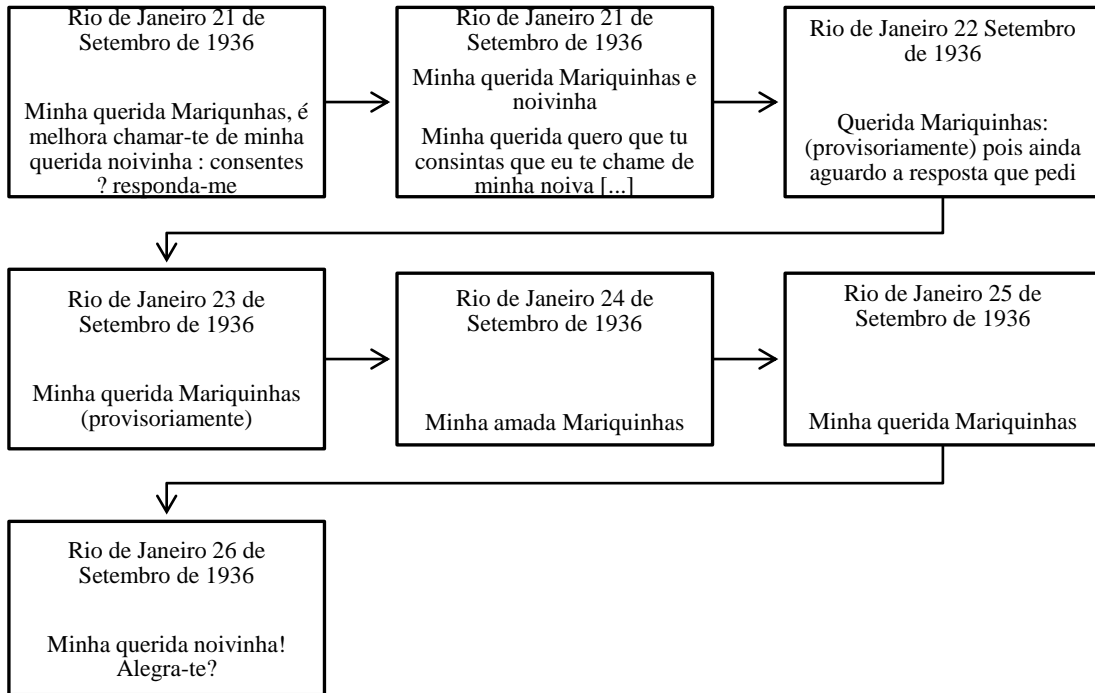
[...] e minha irman me pediu para eu ficar até o dia 18 por causa do aniversário dela que só faltão 15 dias e paixão no estante depois eu falo com voce no Domingo e combinamos tudo direitinho [...]

Em vista de todos esses indícios que reunimos até aqui, estamos inferindo que essa distância entre o casal, possivelmente, foi um ingrediente importante para que se estabelecesse a negociação de que trataremos no subitem a seguir.

#### 4.2.1.2 Momento 2: a negociação e a consolidação dos sujeitos

Neste momento, o que mais nos surpreendeu foi a negociação<sup>22</sup> realizada por Jayme, em uma extensa sequência de cartas, com o intuito de construir um novo papel social para si e para Maria. Para facilitar o entendimento, dispomos a seguir um diagrama representativo dessa negociação.

<sup>22</sup> Utilizamos o termo negociação porque, apesar de Jayme não ter recebido, durante a sequência de cartas, uma resposta de Maria, possivelmente, devido aos atrasos na entrega pelo correio, entendemos que os sentidos foram negociados, uma vez que a linguagem funciona como interação, quer essa interação ocorra de forma imediata ou não. Além do mais, podemos supor que a ausência de resposta fez Jayme considerar a hipótese de Maria não aceitar seu pedido, daí a longa caminhada até o consentimento.



Antes de discutirmos esse diagrama, julgamos importante lembrar que nossa análise não está voltada somente para a construção dos sujeitos realizada intratextualmente, mas também para a construção produzida intertextualmente, progredindo no decorrer da troca comunicativa. A sequência de sete aberturas de cartas mostra que Jayme empreende uma extensa negociação a fim de conseguir que Maria aceite o seu pedido: “*Minha querida Mariquinhas, é melhora chamar-te de minha querida noivinha: consentes? responde-me.*” No entanto, como Jayme não recebe o consentimento de Maria, provavelmente devido aos atrasos do correio, ele cessa a negociação, nas cartas dos dias 24 e 25 de setembro, e retoma o tratamento a Maria, como: “*Minha amada Mariquinhas*” e “*Minha querida Mariquinhas*”.

Estamos supondo que Maria enviou a resposta a Jayme, no dia 22 de setembro, como podemos observar no recorte 13 a seguir, mas este só recebeu esse consentimento no dia 26 de setembro, quando, de fato, Maria aceita essa nova identidade de noivinha de Jayme: “*Minha querida noivinha!*” É importante mencionarmos que Maria consente que Jayme se refira a ela como noivinha reconstruindo também a figura de Jayme por meio do vocativo: “*Meu Queridinho Noivinho Jayminho*”. Ao que parece, Maria avança no tratamento, enquanto Jayme, por não ter recebido a resposta da noiva, ainda mantém a figura da “*Querida Mariquinhas*” em suas cartas.

(13)

Paulo de Frontim, 22 – 9 – 1936

Meu Queridinho Noivinho Jayminho

Saudades

Espero que esta te vá encontrar em perfeita saúde junto aus teus eu e os meus vamos bem graças a Deus [...]

[...] Jayme voce dise que era melhor chamar-me de noivinha eu jabotei na carta não repares

Observamos, entretanto, que todo o empenho de Jayme em “acrescentar [...] informação nova, de forma a manter ou dar continuidade ao referente já estabelecido no discurso” (ZAVAM, 2007, p. 127), ao que parece, ocorre de forma cortês, cuidadosa. Isso porque Jayme tem a delicadeza de pedir permissão e de aguardar a resposta da noiva. Percebemos, assim, que Jayme ao preservar sua própria face tenta preservar a da noiva também, estabelecendo, assim, o “equilíbrio” da interação (GOFFMAN, 2011, p. 27).

Toda essa negociação intertextual entre Jayme e Maria, levou-nos para as construções intratextuais da última carta de Jayme, a do dia 26 de setembro, quando ele já tem conhecimento do consentimento de Maria. Julgamos que nessa missiva Jayme nos apresenta outros personagens que, de certa forma, nos ajudam a continuar construindo sua própria personalidade e a de Maria.

Como já desenvolvemos anteriormente uma discussão acerca do vocativo dessa carta, *Minha querida noivinha!*, parece-nos relevante agora destacar o que, de acordo com Lopes (2012), na seção inicial, seria a captação de benevolência que “serve, como o próprio nome diz, para captar a boa vontade do destinatário com o teor da carta e garantir que o contato seja mantido com eficácia em futuras trocas de correspondência” (p. 45). Ao utilizar essa estratégia, o remetente pode apresentar o que Marcotulio (2009, p. 86), em trabalho sobre as cartas do Marquês de Lavradio, chama de “uma boa disposição mencionando humildemente algo relativo à sua posição, aos seus negócios ou obrigações.” Isto é o que faz Maria na carta do dia 28 de setembro de 1936, que discutiremos mais adiante no exemplo 24, quando declara: “*Espero que esta te vá encontrar em perfeita saúde com os teus eu e os meus vamos bem graças a Deus.*”

(14)

Rio de Janeiro 26 de Setembro de 1936

Minha querida noivinha! Alegra-te?

Espero que esta te vá encontrar em franco repouso de convalescença assim como os teus, os meus vão bem graças a Deus, eu é que estou piorando muito, mas para não dar braço a torcer continuo calado.

Eu andava tão triste por não saber noticias tuas só tinha recebido a carta que escreves-te na

segunda feira, ainda hontem de manhã esperava que o Nelzinho trouxe-se alguma, não trazia nada, então fiquei muito mais inquieto, julgando que tivesse acontecido alguma coisa ahi, nem fui na pensão só para escrever-te pedindo noticias, pois é a nossa única via de comunicação, mas esta carta não cheguei a mandar, pensei que primeiro devia ir na tua casa, talvez tivesse chegado alguma, e guardei carta já pronta, com envelope e tudo.

A noite fui a tua casa, qual a alegria que esperava-me, tinha duas cartas para mim, mal recebias fui ler, as cartas eram dos dias 22 e 23 do corrente, fiquei um pouco mais descansado, mais um pouco desaçosegado por saber que tens tido febre e que a Hilda tambem está meio adoentada. Irei visitar-te no dia 4, pois não suporto mais tempo sem ver-te, quero ir buscar em ti minha flor o lenitivo de minha dor que é o teu amor, quero sorver de teus labios minha querida o néctar de um beijo de amor embriagador, quero buscar a minha ventura, olhando para os teus olhos, vejo de eles dizem que toda a minha ventura estão dentro deles só eles poderão me dar força na hora de desalento, para mim tú és a mesma coisa que uma taboa para um naufrago, que quando esta preste a morte, quando surge-lhe a taboa, ele é capaz de dar mundo inteiro pela aquela taboa porque nela esta a sua vida se ela fugir ele morre afogado, a mesma coisa tu és para, eu sou o nalfrago e tu es a táboa, não ha no mundo coisa alguma que pague o que mereces para mim, embora tu queiras só o meu amor, ele ja e teu a muito tempo, tu mereces muito mais minha flor, sem ti morrerei.

Queres saber porque briguei com Senhor Mario, isto não interessa, agua passada não volta ao moinho, depois falarte-ei quando for ahi. Vou satisfazer o teu pedido, irei amanhã na festa da Primavera, com o Antoninho, e o Dalves, mas talvez venha embora cedo porque eles vão para andar atraz de pequenas e isto não me interessa, porque só em ti reside todo o meu amor, e sei tambem que lá, não irá beleza que suplante a tua tu bem sabes disso, e mais a mais não gosto de bancar o center-half de ninguem.

Falas-te do beijo que demos, eu acho que de todos os que demos aquele foi o melhor, não tenho esquecido um só momento, foi tão forte que não posso rir estou com o labio arrebetado. Manda-me dizer se a Ismenia viu, e as fotografias estão demorando muito, se fosse aqui no Rio um milhão de fotografias, amanhã irei a tua casa logo de manhã cedo. Na ultima carta já te disse que vou para a linha de Tiro, no próximo mez, vou ser palhaço.

Recomendações aos teus, estimo as melhoras, um beijinho para a Hilda, e para voce minha querida noivinha muitos beijos e abraços deste teu noivinho que jamais te esquecerá, e que depositou todo seu amor em você.

teu tristonho noivinho Jayme O. Saraiva

Jayme, no entanto, nos pareceu ir além; ele demonstra sua benevolência em relação à Maria (*Espero que esta te vá encontrar em franco repouso de convalescença assim como os teus, os meus vão bem graças a Deus*), mas acaba nos mostrando algo mais forte que o impedia de ser benevolente consigo mesmo quando declara: “*eu é que estou piorando muito, mas para não dar braço a torcer continúo calado.*” Nesse enunciado, pareceu-nos, em um primeiro momento, que Jayme demonstrava ser uma pessoa teimosa por não “dar o braço a torcer.” Entretanto, depois, percebemos que Jayme deixa transparecer que existia alguma motivação maior do que uma simples teimosa. Isso, de certa forma, corrobora o que vínhamos inferindo da leitura de outras cartas, como podemos verificar nos recortes 15 e 16 a seguir.

(15)

[...] Hoje de manhã quando minha mãe foi me acordar perguntou-me se voce estava melhor eu disse que não sabia, ela julgava que tú tivesses chegado hontem, ela agora esta boazinha comigo, os meus paes sabiam que eu ia ahi naquele domingo, mas como eles começaram a dizer que eu fui, peguei disse que não tinha ido ahi só de pirraca, porque eu sou atravessado. [...]

(28/09/1936, Jayme-Maria).

(16)

[...] Desejo saber minha flor se de fato tens confiança em mim, sofro ainda mais por isso, tenho andado muito adoentado estes dias. no escritorio querem por força que eu vá a um medico já chegaram a falar com o *Senhor*. Mario e ele disse para que eu mo trata-se, porque ele me dá as ferias se eu quizer, mas tenho aguentado ~~em~~ a mão para não dar o braço a torcer, pois meus pais ainda não falam comigo, vou ver se não vou ao medico antes do carnaval, que é para poder passeiar contigo, mas acho que será um pouco dificil, [...] (24/01/1937).

Consideramos também que, ao demonstrar boa vontade com Maria (*Espero que esta te vá encontrar em franco repouso de convalescença*), Jayme está manifestando polidez por meio da simpatia com a noiva à medida que expressa seu sentimento de preocupação. Segundo Leech (2005), o interlocutor, quando recorre à simpatia, está pondo em evidência uma imagem de si que será bem aceita pelo outro. No entanto, Jayme acaba, de certo modo, “maculando” essa primeira imagem benevolente quando constrói outra imagem que põe em evidência sua teimosia: *eu é que estou piorando muito, mas para não dar braço a torcer continuo calado*.

Temos ciência de que “Qualquer enunciação, por mais significativa e completa que seja, constitui apenas uma *fração* de uma corrente ininterrupta [...]” (BAKHTIN, 2006, p. 126). Tentando manter essa corrente, buscamos mais informações na carta enviada por Maria como resposta para Jayme (exemplo 17). Nessa carta, Maria se mostra solidária com a atitude de Jayme e faz um apelo para que ele procure um médico: “[...] *aonde mandas-me dizer que estas piorando muito eu pesso-te pelo o nosso amor para ires au medico esta semana sim* [...]” Maria, assim, é polida ao solicitar dele o que Leech (2005) chama de tato. Em outras palavras, Maria tenta suavizar o seu pedido (*eu pesso-te pelo o nosso amor para ires au medico esta semana sim*) para que ele seja aprovado por Jayme e não visto como uma imposição. Caso esse pedido seja aprovado por Jayme, estaremos diante de um outro efeito de polidez postulado por Leech, a concordância, em que os participantes partilham as mesmas ideias.

Prosseguindo a análise da carta de Jayme (14), notamos que ele retoma o discurso romântico quando realiza uma nova reconstrução de Maria. Lembramos ainda que, no início deste tópico, discutimos a ampla negociação para instituir novos papéis sociais para Jayme e Maria: o de noivo e o de noiva. Quando nos voltamos para o discurso intratextual de Jayme,

percebemos que ele, mais uma vez, opta pela exaltação da figura de Maria, demonstrando simpatia, uma das regras pragmáticas postuladas por Leech (2005), no seu discurso por meio da manifestação de seus sentimentos para a noiva. Estamos inferindo que Jayme, talvez movido pelo sentimento, vai intensificando a categorização *Minha querida noivinha*. Notamos que a recategorização do tratamento afetuosos (*Minha querida noivinha* → *minha flor* → *minha querida* → *uma taboa para um naufrago*), ocorre acompanhando a mudança lírica do discurso, como podemos observar no recorte 17, retirado da carta de Jayme do dia 26 de setembro, cujo texto completo apresentamos anteriormente no exemplo 14.

(17)

[...] A noite fui a tua casa, qual a alegria que esperava-me, tinha duas cartas para mim, mal recebias fui ler, as cartas eram dos dias 22 e 23 do corrente, fiquei um pouco mais descansado, mais um pouco desaçosegado por saber que tens tido febre e que a Hilda também está meio adoentada. Irei visitar-te no dia 4, pois não suporto mais tempo sem ver-te, quero ir buscar em ti minha flor o lenitivo de minha dor que é o teu amor, quero sorver de teus lábios minha querida o néctar de um beijo de amor embriagador, quero buscar a minha ventura, olhando para os teus olhos, vejo de eles dizem que toda a minha ventura estão dentro deles só eles poderão me dar força na hora de desalento, para mim tú és a mesma coisa que uma taboa para um naufrago, que quando esta preste a morte, quando surge-lhe a taboa, ele é capaz de dar mundo inteiro pela aquela taboa porque nela esta a sua vida se ela fugir ele morre afogado, a mesma coisa tu és para, eu sou o naufrago e tu es a táboa, não ha no mundo coisa alguma que pague o que mereces para mim, embora tu queiras só o meu amor, ele ja e teu a muito tempo, tu mereces muito mais minha flor, sem ti morrerei [...] (26/09/1936, Jayme-Maria).

Além da reconstrução de Maria, Jayme confere ao seu discurso um tom informacional quando recupera alguns momentos de seu cotidiano. Nesse discurso, ele também vai introduzindo outros sujeitos que constituem “peças” importantes para entendermos alguns meandros da história de nossos protagonistas. Segundo Hanks (2008), como já mencionamos no segundo capítulo desta dissertação, a emergência diz respeito aos aspectos do discurso que surgem no interior dos processos de produção e de recepção em curso, enquanto a incorporação trata de aspectos contextuais em quadros sócio-históricos mais amplos. Em outras palavras, para o autor, existe, por um lado, a emergência de um contexto local e, por outro, a incorporação desse contexto em um contexto mais amplo.

Dessa forma, estamos conscientes de que a situação imediata não é suficiente para descrever a interação entre nossos protagonistas. Para dar conta do recorte (18), julgamos necessário ainda recorrer a um campo contextual mais amplo para acrescentar informações à situação enunciada por Jayme a fim de tentar inferir o que ocorreu na negociação

intersubjetiva. Partimos agora para o exame desse recorte, no qual percebemos que Jayme introduz novos personagens, mas não fornece dados suficientes para construí-los.

(18)

[...] Queres saber porque briguei com Senhor Mario, isto não interessa, agua passada não volta ao moinho, depois falarte-ei quando for ahi. Vou satisfazer o teu pedido, irei amanhã na festa da Primavera, com o Antoninho, e o Dalves, mas talvez venha embora cedo porque eles vão para andar atraz de pequenas e isto não me interessa, porque só em ti reside todo o meu amor, e sei tambem que lá, não irá beleza que suplante a tua tu bem sabes disso, e mais a mais não gosto de bancar o center-half de ninguem.

Falas-te do beijo que demos, eu acho que de todos os que demos aquele foi o melhor, não tenho esquecido um só momento, foi tão forte que não posso rir estou com o labio arreventado. Manda-me dizer se a Ismenia viu, e as fotografias estão demorando muito, se fosse aqui no Rio um milhão de fotografias, amanhã irei a tua casa logo de manhã cedo. Na ultima carta já te disse que vou para a linha de Tiro, no próximo mez, vou ser palhaço.

[...] Jayme O. Saraiva (26/09/1936, Jayme-Maria).

A introdução de entidades novas ao discurso, consoante Paredes (1996), geralmente, não se faz na posição de sujeito, mas em outras posições, como, por exemplo, em: “*irei amanhã na festa da Primavera, com o Antoninho, e o Dalves.*” Para a autora, em cartas pessoais, o nome próprio facilita a identificação entre remetente e destinatário. Entre esses sujeitos, ainda conforme a autora, existe uma certa cumplicidade quando se observa a referência a um universo opaco, pouco acessível a uma terceira pessoa.

No entanto, apesar da opacidade dos referentes em (18), surpreendeu-nos nesse recorte a declaração de Jayme acerca da briga ocorrida entre ele e o Senhor Mário: “*Queres saber porque briguei com Senhor Mario, isto não interessa, agua passada não volta ao moinho, depois falarte-ei quando for ahi.*” Isso porque o noivo de Maria acaba mostrando uma imagem de si que ainda não conhecíamos. Tentando, então, ir além da “ponta do iceberg” (BEAUGRANDE, 1997, § 34), recorreremos às cartas dos dias 21 de setembro de 1936 e 24 de janeiro de 1937 de Jayme, uma vez que elas podem nos ajudar a reconstruir essa “moldura comunicativa” (SALOMÃO, 1999, p. 70).

Na carta do dia 21, Jayme anuncia o ocorrido para Maria (recorte 19). Em seu discurso, o referente Senhor Mário aparece “opaco” (COSTA, 2000, p. 94), uma vez que Jayme não nos oferece subsídios suficientes para sabermos quem de fato ele é. Entretanto, conseguimos inferir que o Senhor Mário parecia ter uma importância maior quando Jayme declara: “[...] *ele disse-me que não consentia que gritasse com ele, mas eu disse que gritaria até com o presidente da Republica.*” Reunimos mais pistas após a leitura da carta do dia 24 de janeiro (recorte 20), na qual, a nosso ver, consta a informação mais saliente (*ele disse para*

*que eu mo trata-se, porque ele me dá as férias se eu quize*) de que o Senhor Mário, provavelmente, é o chefe de Jayme. Todavia, o ponto-chave que despertou nossa atenção nessa discussão foi essa outra imagem de Jayme. Surpreendeu-nos o fato de que Jayme, que sempre nos parecera romântico e cortês, dava lugar, agora, a um Jayme nervoso e arrogante.

(19)

[...] a simplesmente no escritorio que hoje de manhã briguei com o Senhor Mario, Senhor Paulino e com o empregado novo e com um do armazem, a peor foi com o Senhor Mario, eu gritei com ele, e ele disse-me que não consentia que gritasse com ele, mas eu disse que gritaria até com o presidente da Republica (21/09/1936, Jayme-Maria).

(20)

[...] no escritorio querem por força que eu vá a um medico já chegaram a falar com o *Senhor*. Mario e ele disse para que eu mo trata-se, porque ele me dá as férias se eu quize (24/01/1937, Jayme-Maria).

Conduzidos pelo enunciado de Jayme, afinal “os objetos de referência, formulam, invocam e constroem o contexto” (HANKS, 2008, p. 40), deduzimos, mais uma vez, que ele descobriu essa última imagem quando declara que pretende atender ao pedido que Maria lhe fez (recorte 21): ir à Festa da Primavera, que ocorria nos meses de setembro e outubro em homenagem à estação das flores. Nessa situação, ambos são polidos. Maria, pela manifestação da “generosidade” (LEECH, 2005, p. 13) ao ofertar a possibilidade do noivo ir à festa, e Jayme, por deixar claro que faz isso [ir à festa] somente para satisfazer sua amada, já que nessa festa nada lhe interessaria e só em Maria “reside” o seu amor.

(21)

[...] se fores [↑] a festa da Primavera manda-me dizer se estava boa eu peso-te para ires, com Antoninho por que elle vai [...] (23/04/1936, Maria-Jayme).

Jayme foi à festa da Primavera na companhia de outros dois personagens: Antoninho e Dalves. O primeiro, ao que nos consta, é um dos irmãos de Maria, e o segundo nos pareceu ser um amigo de Jayme. Convém esclarecer, mais uma vez, que todas essas informações nos foram dadas por meio da leitura das correspondências ou inferidas do que emergiu desses textos. Essas figuras, então, foram construídas durante essa leitura e, algumas vezes, percebemos que elas assumiram papéis importantes na história de Jayme e Maria. Antoninho, por exemplo, vai atuar como uma espécie de “carteiro”, uma vez que fica responsável por entregar as cartas de Maria a Jayme quando o casal enfrenta dificuldades com



os atrasos nos serviços do correio. Prova disso é o que podemos verificar nos recortes 22 e 23 a seguir.

(22)

[...] esta vai pela a minha irman e ja foi outra pelo o meu culhado na segunda-feira por que eu não tenho mais confiança pelo o coreio, voce não me respondeu nenhuma da semana passada eu acho que voce não a recebeu si voce ti vece a recebido voce merespondtia, eu estou muito triste com isto, [...] (13/10/1936, Maria-Jayme).

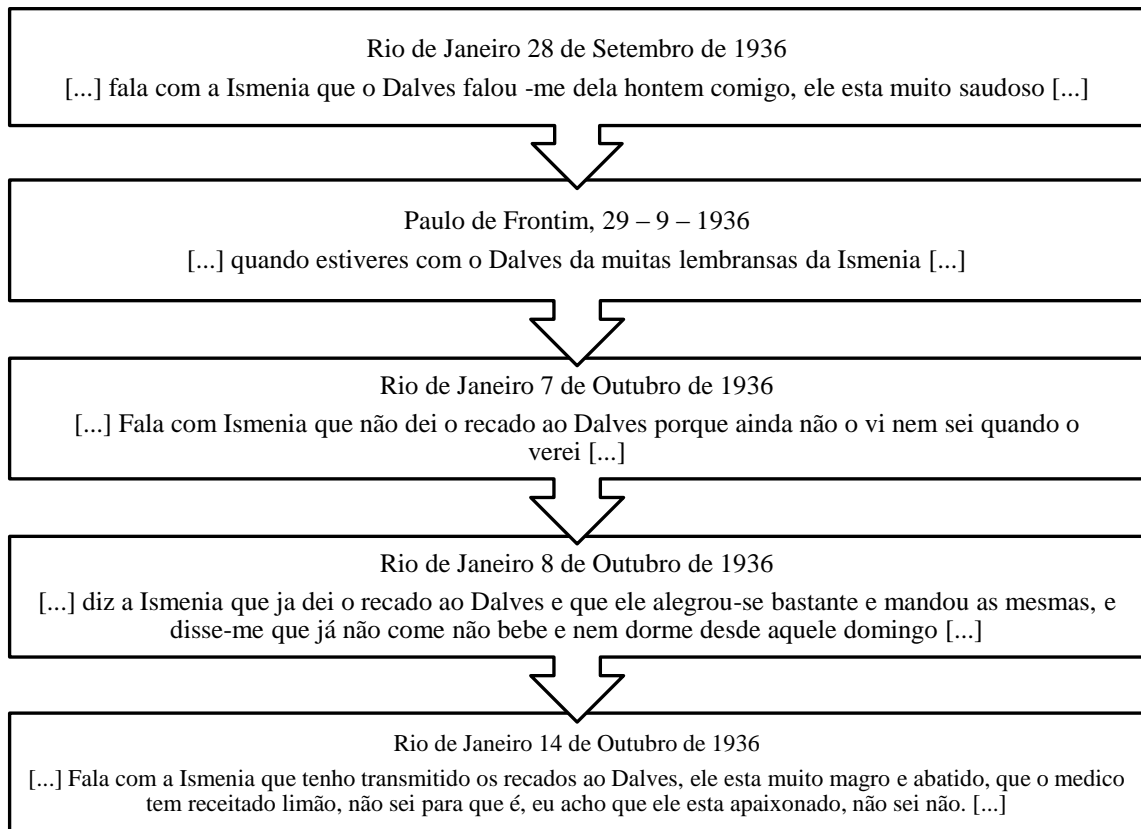
(23)

[...] voce não preçisa aranzar mais o lugar para eu mandar as minhas cartas, eu mando para a minha casa e o Antoninho te intrega que ele se ofereceu voce dia sim, dia não telefona para elle o numero é 22.33.03/ 22.3303 dep

depois voce vai buscar na hora do teu almoço que da tempo, pode ter toda comfiansa no Antoninho [...] (12/01/1937, Maria -Jayme).

Entendendo, assim, que “a relação entre os locutores não apenas funda a linguagem e dá sentido ao texto, como também constrói os próprios sujeitos produtores do texto” (BARROS, 1996, p. 28), precisamos explicitar que o Dalves foi construído no momento em que estávamos reunindo as “pistas” (SALOMÃO, 1999, p. 69) que contribuiriam para que reconstruíssemos novas imagens para Jayme e Maria. O Dalves, como já mencionamos anteriormente, parecia ser um amigo muito próximo de Jayme que tentava conquistar a Ismênia, personagem que aparece com frequência nas cartas de Maria. Ao que parece, Ismênia morava em Engenheiro Paulo de Frontin, enquanto Dalves residia no Rio de Janeiro, o que dificultava o contato imediato do casal.

Na carta do dia 28 de setembro de 1936, representada no exemplo 24 que discutiremos a seguir, Maria esclarece-nos que Ismênia não sabia escrever (*a Ismenia dice se soubece escrever que tinha escrito para voce dizendo que eu tinha chorado*). Acreditamos, assim, que devido a essas circunstâncias, Jayme e Maria mediam a negociação entre Dalves e Ismênia. Para nós, nossos protagonistas atuam como “escribas” para Dalves e Ismênia quando adicionam recados desse novo casal às suas cartas. É o que podemos verificar na troca de correspondências representada no diagrama a seguir.



O exemplo 24 traz a resposta de Maria à carta de Jayme do dia 26 de setembro que vimos discutindo até aqui. Convém lembrarmos que algumas informações dessa carta de Maria foram necessárias para a discussão que articulamos anteriormente, porém julgamos que alguns pontos ainda merecem ser explorados.

(24)

[↑]eu tiespero no dia 4[↑]  
Paulo de Frotim, 28 - 9 - 1936  
Meu Queridinho voivinho Jayme  
Muitas Saudades  
Espero que esta te vá encontrar em perfeita saude com os teus eu e os meus vamos bem graças a Deus eu a recebi a tua carta a do dia 26 no dia 27 que foi Domingo foi alegria que tive neste dia, aonde mandas-me dizer que estas piorando muito eu pesso-te pelo o nosso amor para ires au medico esta semana sim eu a semana passada estive muito resfriada com a Hilda ella já esta boa graças a Deus eu ja estava tam bem mais tinha que ir almosar no otel e apanhei us pingo de chuva foi o bastante para eu piorar da garganta e depois fui sem casaco mais isto não e nada eu estou e muito triste e de voce estas piorando muito não se e esquesa de ir au medico eu mesmo tempo fiquei com tente de saber que vais para a linha de Tiro para o meis voce dice que ia ser palhaço não vais não, eu mandei dizer que ia no dia 4 mais a minha irman e o meu ~~cunhado~~ ~~cunhado~~ cunhado me pedirão muito para eu ficar a té o dia 17 de Outubro que eu tinha vindo dia 9 que não adiantava nada que eu devia ficar 1 meis e que a sim a proveitava e ficava ate o dia 17 que e so mais uma semana.

Eu te espero no Domingo que e dia 4 na estação e acho que voce devi vir no trem das 8 horas para tua mães não desconfiar voce dis que vai a um passeio com um colega e sair as 7 horas de casa que da muito tempo sim vindo de onibus. eu a semana passada escrevi-te 6 cartas o meu pai dice que so tinha chegado 3 e a do dia 21 - 22 - 23 – eu escrevia todos os dias eu a recebi 7 cartas com a de Domingo. as fotografias não estam prontas o meu cunhado levou as chapas para [↑] copiar [↑] no Rio que aqui não ficavam boas ou o homem não sabia copiar eu tenho me aborecido muito com isto o meu e-cunhado vai mandar-te entregate esta semana que eu pedi, eu pagei as chapas dei 5.000 mil reis eu acho que elle não mereceu.

Recomendações da minha irman sobrinhas e Ismenia a Hilda manda-te um beijo e da tua noivinha muitos beijo e ab-abraços au meu noivinho Jayme

Maria Ribeiro da Costa

eu a semana passada pasei muito triste e chorando um pouquinho so mais não fiques sangado com migo o que fais isto e eu gostar muito do meu Jayminho a Ismenia dice se soubece escrever que tinha escrito para voce dizendo que eu tinha chorado. mais beijinha para o meu Jayminho não repares a minha carta e z-rasga  
manda-me dizer se foite a festa da Primavera e não esquesa da modinha.

Nessa carta, observamos que Maria começa se referindo a Jayme, como *Meu Queridinho voivinho Jayme*, mas na “tentativa de estabelecer uma conversa à distância no tempo e no espaço” (ANDRADE, 2010, p. 2), ela volta-se para a narração e a descrição dos últimos acontecimentos, usando somente o pronome *você* para referir-se a Jayme. Para autores como Silva (2011), a explicação para essa ocorrência no discurso feminino estaria no fato de o pronome *você* ainda conservar algum resquício de distanciamento e de cortesia da forma nominal de tratamento original Vossa Mercê, isto é, o uso dessa forma “guarda resquícios de indiretividade, por isso, as mulheres, observando o contexto da época em que elas deviam manter distância dos seus interlocutores, fazem mais uso dessa forma.” (p. 1).

No caso específico de Maria, podemos dar razão à autora, considerando, além da época em que a personagem viveu, o *status* assumido por ela diante de Jayme durante a sequência de cartas, particularmente em função da sua pouca habilidade com a escrita (pede sempre desculpas por não saber escrever, pede que ele rasgue as cartas etc.): “*não repares a minha carta e z-rasga.*”

Além disso, outro ponto que nos chamou a atenção foi o enunciado de Maria: “[...] *a minha irman e o meu ~~eisnhado~~-cunhado me pedirão muito para eu ficar até o dia 17 de Outubro que eu tinha vindo dia 9 que não adiantava nada que eu devia ficar 1 meis e que a sim a proveitava e ficava ate o dia 17 que e so mais uma semana.*” Percebemos, com base em Leech (2005), que Jaime, antes de receber a resposta de Maria, buscou polidamente a concordância: “*eu sei que a tua irmã não quer ficar sozinha com as crianças, só tú é que podes resolver, eu só tenho aguardar a tua resolução e mais nada.*” Segundo Goffman

(2011), para preservar sua própria face, a pessoa precisa considerar a “perda de face que sua ação pode causar.” (p. 22).

Seguindo essa ótica, observamos que, ao final dessa narrativa, Jayme pediu que Maria decidisse o que achasse melhor e que não fizesse *“nada contra a vontade.”* Agindo dessa forma, amenizou qualquer imposição e preservou uma imagem compreensiva de si diante de Maria. No entanto, ele põe essa imagem em risco, na carta do dia 30 de setembro, ao tomar conhecimento de que Maria vai permanecer um tempo a mais em Engenheiro Paulo de Frontin: *“[...] a unica coisa que entristeceu-me um pouco é tu ficares ahi 15 dias, tú julgas que não tenho coração ou que sou de ferro [...]”* De acordo com Goffman (2011, p. 22), ao tentar salvar a face do outro, a pessoa tem que “escolher um método que não levará à perda de sua própria face.” No entanto, tendo em vista o que foi enunciado por Jayme, notamos que ele não escolhe a estratégia que seria adequada quando constrói uma nova imagem de *self*, mostrando-se, de certa forma, egoísta diante da decisão de Maria, e perdendo a oportunidade de preservar uma imagem compreensiva de si.

Retomando a carta de Maria, observamos a manifestação da polidez aparece, frequentemente, em virtude da “generosidade” (LEECH, 2005, p. 13) que Maria confere a Jayme a fim de assegurar uma troca comunicativa harmônica. Em (25), por exemplo, Maria fica contente em saber que Jayme tenha passeado no domingo, embora o seu domingo tivesse sido triste, como podemos perceber na seguinte passagem: *“[...] eu voce já sabes como eu passei muito resfriada e sozinha a qui feis um Domingo muito frio e choveu um pouquinho voce tem mais sorte do que eu Deus te conserve a sim [...]”* Já em (26), Maria afirma que não está zangada com Jayme. Na verdade, esse enunciado de Maria é a resposta de uma anterior carta de Jayme, do dia 29 de setembro de 1936, em que ele declara: *“Espero que não te zangues comigo, por ter mandado este, mas se o fiz foi somente para te prevenir, e para não ficares a minha espera, pois o meu irmão vae subir comigo.”*

(25)

[...] eu fiquei muito contente de saber que voce almocou em minha casa no Domingo e que foste a missa na Penha com o Zezinho e que foste na Quinta da Boavista com Antoninho e o Dalves e foste ao cinema que dizer que passaste um Domingo bem graças a Deus, eu voce já sabes como eu passei muito resfriada e sozinha a qui feis um Domingo muito frio e choveu um pouquinho voce tem mais sorte do que eu Deus te conserve a sim [...]. (29/09/1936, Maria-Jayme).

(26)

[...] Eu não me zangou com você nei prezavas pedir pela carta o meu amor e sego. eu sei perfeitamente que te sofri muito por minha causa mais tenha fé em Deus e na N. Senhora [...]. (12/01/1937).

Retornando ao final da carta (exemplo 24), notamos que, apesar da demonstração de generosidade, Maria abriu a possibilidade para que Jayme coloque em risco sua imagem de *self* quando menciona uma possível promessa que ele lhe fizera: “*não esqueça da modinha*”. Com base nas ideias de Goffman (2011), acreditamos que caso Jaime não tenha cumprido sua promessa, pode ser gerado algum conflito para a interação. Reforçamos ainda, com base em Del Priore (2006), que as modinhas para as moças da época, século XX – contexto em que Maria está inserida – serviam para cantar os diversos tipos de amor e, dessa maneira, contribuía com a aproximação entre os casais. Dessa forma, segundo a autora, as modinhas eram resultado do cotidiano, das notícias de jornal, dos namoros e da noite. No século XX, as músicas pareciam aproximar as pessoas e os hábitos, e as letras, apesar das intimidades e do apelo de sentidos, ainda retratavam o moralismo associado à pureza feminina (DEL PRIORE, 2006).

Outro ponto que despertou nosso interesse foi o fato de Maria incentivar Jayme a mentir para a mãe: “*Eu te espero no Domingo que e dia 4 na estação e acho que voce devi vir no trem das 8 horas para tua mães não desconfiar voce dis que vai a um passeio com um colega.*” Esse fato motivou nossa curiosidade para entender por que Maria demonstrava preocupação com a mãe de Jayme.

Em seu estudo, Silva (2002) argumenta que, dada a natureza da carta, “os produtores operam com o pressuposto de que, para que se estabeleça o espaço de interlocução, o outro a quem eles se dirigem é projetado como um parceiro que partilha um domínio de conhecimentos [...]” (p. 101). Para nós, essa partilha de conhecimentos também ocorria entre Jayme e Maria. Sendo assim, tentando apreender algo que nos contasse um pouco mais acerca da preocupação de Maria, buscamos evidências desse receio dela em outras cartas trocadas entre o casal porque julgamos que a construção de sentidos resulta da ação e da interação entre os interlocutores. Para ilustrar essas evidências, apontamos os seguintes trechos.

(26)

[...] manda-me dizer se a tua maisinha falou au guma cousa com voce do passeio mais beijinhos para voçe me escreve bastante que eu tam bei ti escrevo [...] (05/10/1936, Maria-Jayme).

(27)

[...] os meus paes não tem falado nada a teu respeito [...] (11/10/1936, Jayme-Maria).

É importante destacarmos que mesmo diante dessa inquietação, Maria, de certa forma, tem uma atitude polida para se referir à mãe de Jayme ao utilizar o diminutivo *maisinha* como forma de preservar sua imagem diante do noivo. Essa atitude de Maria, ao tentar sustentar um diálogo cuidadoso com Jayme, condiz com o que observa Silva (2002), em sua pesquisa sobre o gênero carta. A autora define o escrevente como um autor que “sempre está atento ao seu destinatário, mobilizando uma série de estratégias de modo que torne possível e facilite a construção de um diálogo” (p. 165). Nesse mesmo trabalho, Silva (2002) reconhece ainda que embora algumas rotinas de polidez sejam previstas como típicas do próprio gênero (as saudações ou as despedidas, por exemplo), outras são geradas durante a interação com o intuito de assegurar que as faces dos missivistas sejam preservadas. É o que ocorre com esse ato de Maria.

Ao final da carta, recorte 28 a seguir, Maria ainda julgou relevante deixar um *post scriptum*, no qual expõe seus sentimentos: “*eu a semana passada pasei muito de que é retriste e chorando um pouquinho so mais não fiques sangado com migo o que fais isto e eu gostar muito do meu Jayminho.*”; solicita ainda que Jayme diga se foi à festa da primavera; e pede que ele não “*esquesa a modinha.*” Ao que parece, o *post scriptum* tem “função mais interativa que informacional ou instrumental”, uma vez que ele acolhe manifestações de polidez “que expressam os (derradeiros) movimentos através dos quais o escrevente se volta para o seu interlocutor” (SILVA, 2002, p. 147), como, por exemplo, quando Maria pede desculpas: “*não repares a minha carta e z-rasga.*”

(28)

<p>[...] eu a semana passada pasei muito triste e chorando um pouquinho so mais não fiques sangado com migo o que fais isto e eu gostar muito do meu Jayminho a Ismenia dice se soubece escrever que tinha escrito para voce dizendo que eu tinha chorado. mais beijinha para o meu Jayminho          não repares a minha carta e z-rasga          manda-me dizer se foite a festa da Primavera e não esquesa da modinha. (28/09/1936, Maria-Jayme).</p>
--

Até esse momento, estávamos inferindo que a tristeza enunciada por Maria se devia à distância entre o casal, no entanto, tendo em vista as evidências que discutimos anteriormente, como, por exemplo, a preocupação de Maria com a mãe de Jayme: “[...] *para tua mães não desconfiar voce dis que vai a um passeio com um colega*”, já começávamos a suspeitar que houvesse outras motivações para tal estado de espírito da personagem. É sobre essas motivações que vamos discorrer na próxima subseção.

## 4.2.2 Segunda Fase: o clímax

Esta fase constitui o ponto mais relevante para esclarecermos o sofrimento que permeia a história de nossos protagonistas. Nesse período, Maria finalmente deixa o município Engenheiro Paulo de Frontin e segue para Petrópolis, mas algumas de suas cartas são enviadas também do Rio de Janeiro, onde seus pais moravam. Através da leitura das cartas, em seu trabalho Silva (2011, p. 2)<sup>23</sup> esclarece que os escreventes “residiam ambos no Estado do Rio de Janeiro. Jayme morava em Ramos, [...] no subúrbio da cidade do Rio de Janeiro [...]. Já Maria [...] morou nos municípios fluminenses de Petrópolis e Engenheiro Paulo de Frontin nos períodos em que as cartas foram escritas.”

### 4.2.2.1 Momento 3: a perseguição ao relacionamento de Jayme e Maria

Guiados pela desconfiança adquirida na fase anterior, buscamos nas cartas que consideramos representativas desse momento subsídios que decifrem nossa suspeita. No exemplo 29, Maria inicia a carta invocando Jayme pelo uso da categorização *Meu queridinho noivinho*. Vale lembrar que os vocativos têm a intenção de “alcançar a atenção do ouvinte, sinalizando a contínua orientação do falante em direção a ele” (HENGEVELD; MACKENZIE, 2008 *apud* PANHAVEL, 2012, p. 54). Por meio dos vocativos, além dos “efeitos de polidez, pode-se de igual modo apreender a qualidade do relacionamento entre os participantes.” (SILVA, 2002, p. 99).

(29)

Rio-12- 2- 1937

Meu queridinho noivinho saudades

infundas. Espero que esta te vá encontrar em perfeito estado de saude, eu vou bem graças a Deus. Eu ontem cheguei sedo em casa o meu pai a inda não tinha chegado. O meu irmão Neuzinho esteve com o teu irmão ontem elle esteve jogando o verde no Neuzinho mais elle não caiu, voce pergunta au Neuzinho o que elles falarão, o teu irmão perguntou a onde a gente morava o Neuzinho diçe que morava em catumbi eu acho que elle

feis mal de dizer que morava em catumbi por que a Thereza sabe que a jente mara em S. Francisco Xavier ella não sabe e o numero, voce fala com o Neuzinho para não dar muita com verça au teu irmão por que elle e facil de cair com o teu irmão. Eu espero duas cartas para a semana em Petropolis, e não te escesas do nosso encontro no sabado si Deus quizer

<sup>23</sup> Neste trabalho, que foi apresentado no Simpósio Nacional e Internacional de Letras e Linguística (SILEL), Silva (2011) estuda a variação entre os pronomes “tu” e “você” em cartas particulares trocadas entre um casal de noivos no final da década de 1930.

Eu te peço para não ires a praia no Domingo sim. Eu já sei que vou passar um Domingo muito triste e nei vou sair de casa nois temos que nos com formar com a nossa sorte, eu tenho muita fé em Deus e na Santa Teresinha e peço-te para teres tam bem. Aceita desta que loucamente te ama muitos beijos e abraços da tua noivinha trite Mariquinhas  
Eu te peço pelo amor de Deus para rasgares este bilhete.

Notamos, assim, que após a negociação que discutimos na fase antecedente, Maria passa a referir-se a Jayme por meio do vocativo *noivinho*, alterando apenas os modificadores. Na primeira carta de Maria do dia 10 de setembro de 1936, Jayme é invocado pelo referente *Querido Jayme* e só assume o papel de noivinho quando Maria atende ao pedido do então namorado (recorte 30) e passa a chamá-lo de *noivinho*. Isso nos faz lembrar o que afirma Pinker (2008, p. 477), que nossas palavras são escolhidas com cuidado, uma vez que elas precisam realizar duas tarefas simultaneamente: “transmitir nossas intenções e manter ou renegociar nossos vínculos com os outros.” Para nós, essa recategorização de Jayme deixa implícita a intenção de Maria de firmar um compromisso com o noivo e, dessa forma, manter o vínculo afetivo com ele.

(30)

Meu Queridinho Noivinho Jayminho  
[...] Jayme voçe dise que era melhor chamar-me de noivinha eu jabotei na carta não repares eu fiquei [...] (22/ 09/1936, Maria-Jayme).

Depois de iniciado esse encontro, Maria comprova o que menciona Silva (2002) acerca das cartas pessoais: o escrevente conduz o destinatário por meio de temas variados e cenas do cotidiano. Uma dessas cenas que nos despertou interesse foi enunciada por ela (recorte 31). Nela, a missivista discorre acerca de uma conversa que seu irmão Neuzinho teve com o irmão de Jayme. O fato de Maria voltar-se para as notícias do cotidiano lembra o que menciona Biber (1988) acerca dos textos escritos, que, normalmente, centram-se em um determinado propósito informacional. De acordo com o autor, o texto escrito também guarda certa semelhança com textos orais, em que o foco volta-se para as relações, isto é, para a expressão de sentimentos e para o relacionamento interpessoal. No entanto, se o foco está nas informações, não ocorre centralidade nas relações. É o que observamos no discurso de Maria. Ela parece tão preocupada com a “investigação” do irmão de Jayme que deixa em segundo plano o lirismo de seu discurso.



(31)

[...] O meu irmão Neuzinho esteve com o teu irmão ontem elle esteve jogando o verde no Neuzinho mais elle não caiu, voce pergunta au Neuzinho o que elles falarão, o teu irmão perguntou a onde a gente morava o Neuzinho diçe que morava em catumbi eu acho que elle feis mal de dizer que morava em catumbi por que a Thereza sabe que a jente mara em S. Francisco Xavier ella não sabe e o numero, voce fala com o Neuzinho para não dar muita com verça au teu irmão por que elle e facil de cair com o teu irmão [...] (12/02/1937, Maria-Jayme).

Temos consciência, no entanto, que Jayme e Maria partilhavam conhecimentos que nós, leitores, não temos. Na verdade, nosso casal compartilhava um “conhecimento mútuo” (PINKER, 2008, p. 473), como podemos verificar em (31). Atentando para as pistas, despertou-nos interesse a passagem “*jogando verde no Neuzinho mais elle não caiu*” que faz menção ao dito popular “jogando verde para colher maduro”. Para nós, essa passagem denuncia que havia algo que o casal partilhava e que a família de Jayme queria saber do que se tratava. Estamos inferindo, assim, que o uso dessa expressão constitui uma pista de que a relação entre Jayme e Maria não era bem aceita pela família deste, o que os forçava a mantê-la em segredo.

Na carta do dia 13 de fevereiro de 1937, representada no exemplo 37 a seguir, Jayme envia sua resposta para a noiva e mostra que entendia a preocupação dela: “[...] *o teu irmão fez mal [...], motivo por qual tenho que reservar-me sobre qualquer ataque em minha casa, [...].*” Nesse trecho, a expressão “*qualquer ataque*” também representa uma pista de que o relacionamento entre o casal não era aceito, tanto que qualquer suspeita de envolvimento poderia gerar um “ataque”. Para evitar esse ataque, Jayme arquiteta uma estratégia: “*eu parar despistar caso perguntem a mim digo a mesmo cousa que é para julgrem que eu não sei tambem.*”

Nesse enunciado de Jayme, podemos perceber o que afirma Hanks (2008, p. 184), acerca da incorporação: “no curso da vida social, não há situação que não esteja intimamente ligada a um cenário e não há cenário separado de semiose.” Entendemos, assim, que por tratar-se de cartas pessoais, em que os missivistas demonstram cumplicidade, o conhecimento partilhado entre Jayme e Maria permanece “opaco” (COSTA, 2000, p. 94) para uma terceira pessoa. Isto porque eles compartilham o mesmo contexto social, o que permite que as informações negociadas sejam facilmente incorporadas. Para nós, leitores, há certa dificuldade de entender essa negociação entre Jayme e Maria, tendo em vista que não partilhamos do mesmo contexto social de nossos protagonistas. Sendo assim, precisamos recorrer a pistas, presentes em outras cartas do casal, para construirmos nossas inferências. Os recortes 32 e 33 a seguir nos ajudam nessa construção.

(32)

[...] Eu não te dice que atua mãe não foi na minha casa ella não viu cartas nenhuma ella viu só o cartão que o Neuzinho deu au teu irmão Zezinho para a tua mãe ler elle confesou em casa que fei elle que deu auteu irmão que o teu irmão me ofendeu muito.

[...]

eu falei com o meu cunhada que nois tinhamos acabado e com a tua tia com o Neuzinho só quen sabe e o meu pai a minha mãe o Antoninho tu podes ter toda comfiansa no Antoninho. [...] (19/01/1937, Maria-Jayme).

(33)

[...] O teu tio Eduardo perguntou au Migeu se voçe tinha brincado com migo no carnaval ele dise que não, até elle andanos persigindo eu acho que elle devia olhar para a noiva delle e já não era pouco, eu entrego isto tudo a Deus, a Thereza pediu para ir na minha casa no Domingo o meu irmão Zezinho dice que eu estava em petropolis ella dice que não fazia mal que ella queria fazer uma visita a minha mãe mais elle dice que não ia como não forão, eu acho que isto foi mandado de algem que ella estava muito interesada. [...]

[...] Estes dias tenho andado muito triste não sei por que tenho sonhado muito com os teus pais e com voce eu acho que e por cauza de tamto diçe me diçe. Eu posso-te para fazeres as pazes com os teus pais. [...] (16/02/1937, Maria-Jayme).

Depois de examinar os trechos anteriores, parece-nos que o relacionamento entre Jayme e Maria sofria uma certa “perseguição” não apenas pelo irmão de Jayme, como podemos observar no recorte 31, mas também pela mãe (recorte 32) e até pelo tio (recorte 33) deste. Para tentarem se proteger dessa perseguição, eles decidem simular uma separação: “[...] eu falei com o meu cunhada que nois tinhamos acabado e com a tua tia com o Neuzinho só quen sabe e o meu pai a minha mãe o Antoninho tu podes ter toda comfiansa no Antoninho.” Nesse momento, conseguimos inferir que alguns familiares de Maria, o pai, a mãe e o irmão Antoninho, aprovam o namoro de nossos protagonistas. O trecho a seguir traz mais evidências para essas conclusões.

(34)

[...] eu posso-te esperar todos os sabados a noite para evitar de vires da minha casa não vais pensando que isto e muito tenpo so us 4 Domingos deve chegar a minha mãe sabe diso e ella com cordou com isto. a minha mãe mado-te dizer so para vires em minha casa so quando pudes não faças sacrificio que ja teis feito muito por mim [...] (28/09/1936, Maria-Jayme)

Tanto é verdade que Antoninho, como já mencionamos em 4.2.1.2, e o pai de Maria aprovam o relacionamento entre ela e Jayme e, em alguns momentos, assumem os papéis de “carteiros” da correspondência de nosso casal. Tendo em vista que os pais de Jayme desaprovavam o relacionamento que ele mantinha com Maria, algumas das cartas dela foram

enviadas à casa dos seus pais, cabendo ao noivo, com a ajuda de Antoninho e do pai de Maria, pegá-las.

(35)

[...] voçe não preçisa aranzar mais o lugar para eu mandar as minhas cartas, eu mando para a minha casa e o Antoninho te intrega que ele se o fereceu voce dia sim, dia não telefona para elle o numero é 22.33.03/ 22.3303 dep

de pois voce vai buscar na hora do teu almoço que da tempo, pode ter toda confiança no Antoninho [...] (12/01/1937, Maria –Jayme).

(36)

[...] eu a semana passada escrevi-te 6 cartas o meu pai dice que so tinha chegado 3 e a do dia 21 - 22 - 23 [...] (28/09/1936, Maria-Jayme).

É interessante observar que Maria, mesmo diante “*de tamto diçe me diçe*” (recorte 33), ainda consegue ser generosa com Jayme: “[...] *Eu posso-te para fazeres as pazes com os teus pais*” (recorte 33), o que nos lembra que, ao fazer esse pedido a Jayme, Maria o coloca em uma “posição em que ele pode ter que dizer não, o que lhe renderia a reputação de mesquinho e egoísta.” (PINKER, 2008, p. 433). Esse é o resultado que pudemos verificar no trecho destacado no exemplo 37 a seguir, quando Jayme não atende ao seguinte pedido de Maria (trecho retirado do exemplo 29): “*Eu te peço para não ires a praia no Domingo sim. Eu já sei que vou passar um Domingo muito trite e nei vou sair de casa nois temos que nos com formar com a nossa sorte [...].*”

(37)

Rio de Janeiro, 13 de Fevereiro de 1937

Minha querida noivinha sempre teu

Espero que esta te vá encontrar em perfeito estado de saude, assim como os teus. Recebi teu bilhete datado de hontem cujo conteudo muito interessou-me, porque o teu irmão fez mal em dizer que estava morando no Catumby, motivo por qual tenho que reservar-me sobre qualquer ataque em minha casa, eu parar despistar caso perguntem a mim digo a mesmo cousa que é para julg- rem que eu não sei tambem. **Eu amanhã vou a praia, peço-te perdão por isto, mas o ambiente em minha casa é insurpotavel cada vez comprehando menos.**

**Tu sabes minha flor se não fora isso, eu acataria o teu pedido, em casa todos parecem uma feras contra mim até os meus irmãos Eu quero ir a praia somente para não ver tudo isso, porque faz-me pensar em bobagens. Mas tudo que facam minha querida, não faz esquecer-me de ti, pelo contrario, fazem- me gostar cada vez mais de ti, sonho, penso soffro tudo enfim, mais meu amor é fiel, dedica-se somente a ti, a mulher que mais soffreu neste mundo pelo amor, procurarei nos resto de dias de minha existencia corresponder com o meu amor e o meu aféto,# o amor que tanto me dedicas, portanto correspondo a ti, a altura que tu mereces.**

Sinto me feliz em saber que tu me amas, e que teu coração pertence somente a mim, as lagrimas que tens derramado por mim, que Deus transforme-as no futuro em felicidade porque o mereces,

minha Deusa. Tu ensinas-te-me a amar a viver a sofrer e a querer-te, por isso tens-me em teus braços para eternamente, és a minha eterna sonhadora amada Mariquinhas, o meu futuro e a minha felicidade. Amanhã a noite se eu ficar sosinho em casa, te escreverei uma carta como tu gostas bem grande e bonita, e mandarei para# Petropolis, eu não paguei a prestação da apólice em virtude de estar bombardeado, ando pronto mas segunda feira já tenho dinheiro e pagarei Lembrança a todos os teus e um beijo na Hilda Deste teu eterno apaixonado noivinho, aceita muitos beijos e abraços.  
Jayme O. Saraiva

A decisão de Jayme de contrariar o pedido da noiva (“*Eu amanhã vou a praia, peço-te perdão por isto, mas o ambiente em minha casa é insurpotavel cada vez compreendo menos [...]*”) invoca a resposta desta, como podemos notar no recorte 38 abaixo. Nessa resposta, Maria dirige sua atenção para o que Silva (2002, p. 192), discorrendo sobre o gênero carta pessoal, chama de “fato em cena.”

(38)

Rio de Janeiro, 14 de Fevereiro de 1937

Queridinho noivinho Jayme

Muitas saudades

[...] Espero que ao receberes esta estejes passando bem de saude e que os teus pais esteja mais calmos com voce que e o meu desejo, eu vou bem de saude graças a Deus, estou e muito triste e de saber que o ambiente em tua casa e suportavel isto tudo e por minha causa eu peço-te perdão e não fiques sangado com migo, e não se esqueça da tua noivinha que tanto te ama [...]

Eu te pesso para não pensares em bobagens que isto não adianta nada eu te pesso e para pensares é em Deus. Eu acho melho que tu não debes vir na minha casa tam sedo a te os teus pais ficarem calmos com voce, se voce não ficar es sangado [...].

Dito de outra forma, pareceu-nos que Maria não atribui egoísmo à atitude de Jayme; pelo contrário, ela se solidariza com a situação do noivo (*estou e muito triste e de saber que o ambiente em tua casa e suportavel*) e chega a punir-se por esse mal-estar na casa de Jayme (*isto tudo eu peço-te perdão e não fiques sangado com migo, e não se esqueça da tua noivinha que tanto te ama [...]*). Maria, de certa forma, age polidamente e preserva a autoimagem de Jayme quando tenta amenizar o “peso” (LEECH, 2005, p. 21) do que foi colocado por ele. Ela faz isso autodepreciando-se, o que enaltece a imagem de Jayme, mas acaba arriscando a sua própria imagem ao exagerar sua preocupação com o noivo. Como bem justifica Pinker (2008), independentemente dos conflitos que possam ocorrer, “as pessoas precisam levar a vida, e junto têm de fazer pedidos e reclamações.” A solução para evitar esses conflitos, então, seria adoçar os enunciados com “expressões educadas” que comprovem a preocupação com o outro ou que aceitem a autonomia do outro (p. 433).

Jayme, por exemplo, sempre utiliza expressões afetuosas para dirigir-se a Maria. Em suas cartas, o uso de expressões de tratamento é muito diversificado, como já mencionamos em exemplos anteriores. No exemplo 37, a destinatária é inscrita no texto como uma “figura textual” (VIOLI, 2009, p. 48) por meio da categorização “*Minha querida noivinha*” que se transforma em “*minha flor*”, recategoriza-se em *minha querida*, em seguida, modifica-se em “*a mulher que mais sofreu neste mundo pelo amor*” e passa a “*minha eterna sonhadora amada Mariquinhas, o meu futuro e a minha felicidade.*”

Em outros termos, Jayme, além de relatar acerca das situações que vem experienciando, ainda consegue inovar o discurso, tornando-o lírico. Na assunção de seu turno, Jayme idealiza na atividade discursiva a figura de sua destinatária, usando como recurso a extensão do sintagma. Ao final da reconstrução de Maria, o núcleo “*Mariquinhas*”, além de ser antecedido por três adjetivos, ainda é seguido por dois apostos. Nesse caso, em relação à recategorização de Maria, podemos dizer o mesmo que foi observado por Silva (2002) sobre a figura do destinatário. Para a autora, essa figura “antes de ser apenas um componente externo [à produção discursiva], coloca-se como um elemento nela implicado.” (p. 115).

Outro elemento implicado no encerramento da carta de Jayme é Hilda: “*Lembrança a todos os teus e um beijo na Hilda.*” Convém lembrarmos que essa personagem aparece com frequência nas cartas de nosso casal, inclusive na maioria das cartas que discutimos até aqui. No entanto, julgamos necessário contar parte da história de nossos protagonistas até esse momento para termos subsídios suficientes para construir a subjetividade de Hilda. Isso porque estamos inferindo que ela constitui um elemento importante para compreendermos o motivo da desaprovação do relacionamento entre Jayme e Maria pelos pais dele. É Jayme quem nos fornece novas informações e coloca Hilda em evidência na cena enunciativa.

(39)

Rio de Janeiro 5 de Outubro de 1936

[...] Eu quero que tú não proibas a Hilda de brincar, porque nos que somos marmanjos gostamos de brincadeiras. porque ela não é só tua, e nossa, pertence-me tambem, não amo só a mãe dela, mas ela tambem, porque ela é teu fruto, então se és minha ela tambem é minha. Recomendações aos teus beijos para a Hilda "minha futura filha", e para ti minha flor recebe com amor muitos beijos deste teu apaixonado noivinho, que só a ti pertence.

Jayme O. Saraiva

Com a leitura desse fragmento, que torna evidente o fato de que Maria tem uma filha chamada Hilda, estamos inferindo, assim, que ela é mãe solteira, uma vez que não há a

menção ao pai da menina em nenhuma das fases que analisamos. Apesar disso, concordando com Silva (2012, p. 48), também consideramos que “Jayme mostrava-se disposto a enfrentar os pais para manter a relação com Maria e para assumir Hilda como filha.” Acreditamos que este, provavelmente, teria sido o motivo maior da insatisfação dos pais de Jayme, uma vez que Maria “tinha uma filha, fruto de um relacionamento com outra pessoa e, para os padrões da época, isso não era bem visto.” (p. 48). O Código Civil, por exemplo, instituído em 1916, ainda mantinha a indissolubilidade do casamento. Além disso, lembramos que a influência da família e dos amigos ainda estava muito presente, uma vez que não se acreditava que casamentos realizados contra a vontade da família dessem certo (DEL PRIORE, 2006).

Após tomarmos conhecimento dessa problemática em que estavam envolvidos Jayme e Maria, chegamos ao ponto em que, ao que parece, a perseguição infligida pela família de Jayme é suavizada. Esse fato será examinado no próximo segmento.

#### 4.2.3 Terceira Fase: o desenlace

Nesta fase, contamos com um total de dezessete cartas. Na primeira e na segunda fase discutidas nas seções precedentes, contamos com uma quantidade relevante de cartas de ambos os sujeitos. No entanto, nesta terceira fase, dispomos de dezesseis cartas de Jayme e apenas uma carta de Maria. Em virtude do maior número de cartas de Jayme, inevitavelmente, estaremos mais voltados para o discurso dele para continuar contando a história de nossos protagonistas.

##### 4.2.3.1 Momento 4: a calma representada pela subjetividade lírica de Jayme

Ao examinar o início do “diálogo escrito” (VIOLI, 2009, p. 45-46), podemos perceber que a carta determina “a obrigação de resposta por parte do destinatário, e se isto não ocorre, seria como o silêncio que se instaura numa interação face a face, permitindo inferências pragmáticas análogas.” (ANDRADE, 2010, p. 6).

(40)

Petropolis 15-3-1937

Meu querido noivinho saudades.

Estimo que esta te vá encontrar em perfeita saúde, eu graças a Deus vou bem. Eu mando-te dizer que a carta da semana passada não chegou eu acho que estreviou. Eu chegei muito bem em

petropolis mais estou com muitas saudades tuas eu sonhei muito com voce na noite de Domingo para segunda feira, voce não dis nada aus meus irmãos que eu vou te espera no sabado por que eu não avizei a minha mãe. Eu espero que as cartas desta semana não acontenção como da semana passada, eu não tenho açunto para te escreveres, voce é o contrario de mim voce para escrever teis # sempre açunto mais quando estais perto de mim ficas tão caladinho eu e que falo tudo com voce, a Dona Marieta manda muitas lembranças para voce e juiso. Não se esqueca de me espera no sábado e acho que devo chegar mais tarde do que voce mais quei chegar primeiro espera. Desta tua noivinha que tamto te ama muitos beijos e abraços au meu queridinho noivinho Jayminho.

Mariquinhas

não se esqueca de resar todas as noites eu devo chegar as 6 ½ horas no ponto por que eu vou descer de onibus. não repares a minha carta por que eu não sei escrever e podes rasgar.

A principal característica das cartas de amor é “o caráter íntimo e os assuntos que permeiam a subjetividade sentimental dos remetentes, de forma que o conteúdo das missivas são sempre poéticos e líricos.” (SILVA, 2012. p. 42). No entanto, no exemplo 40, Maria aparece, mais uma vez, informativa ao voltar-se para assuntos de seu cotidiano. Em vista dessa diversidade de assuntos trazidos à interlocução pela noiva de Jayme, pudemos inferir, como vimos nas seções anteriores, alguns momentos da história de nosso casal. Ademais, a necessidade de Maria de relatar episódios ou situações vivenciadas pode ser explicada por fatores, que Silva (2002, p. 143) coloca em seu trabalho sobre o gênero carta pessoal, como: “o espaçamento que há entre a troca de correspondências [...]; os fatos ocorridos nesse ínterim e, por fim, o interesse do escrevente em fazer o outro conhecê-los.”

Considerando que no texto convergem ações linguísticas, discursivas, cognitivas e sociais (BEAUGRANDE, 1997, § 34), percebemos que Maria deixa transparecer a sua dificuldade em produzir um texto. Em outros termos, Maria, de certa forma, reflete sobre o seu processo discursivo quando enuncia: “*eu não tenho açunto para te escreveres,[...]*.” Ela reconhece sua insegurança com a escrita, como já acenamos antes, ao mesmo tempo em que tece elogios à desenvoltura do noivo com a escrita: “*voce é o contrario de mim voce para escrever teis # sempre açunto.*” Em termos de apelo à polidez, mais uma vez o discurso da personagem se conforma ao que postula Leech (2005), que considera o ato de elogiar uma forma de enaltecer a imagem do interlocutor, ressaltando suas qualidades. Maria, então, é polida com Jayme quando o elogia, colocando em evidência o seu desempenho com a língua escrita.

Esse posicionamento de Maria garante que a interlocução com Jayme continue ocorrendo de forma a viabilizar futuras trocas de correspondências. Além disso, Maria, provavelmente, empenhava-se mais em ser polida, o que nos lembra a colocação de Pinker (2008, p. 435-436) de que as pessoas tendem a ser mais lisonjeras “[...] quando o ouvinte tem

mais status ou poder que elas.” Isto é o que observamos entre Jayme e Maria, uma vez que eles pareciam ter *status* diferentes. Essa assimetria, que é evidenciada nas cartas tanto pelo conteúdo quanto pela forma, e à qual já nos referimos em alguns trechos anteriores desta análise, conforma-se perfeitamente à sociedade patriarcal em que estava imerso nosso casal, em que o homem era responsável pela família e pelos bens comuns, enquanto a mulher era responsável pela “felicidade no lar” (SACRAMENTO, 2006, p. 322) e ocupava uma “posição de dependência e inferioridade perante o marido” (DEL PRIORE, 2006, p. 259). Concordando, então, com Bakhtin (1997), para quem os sujeitos são construídos socialmente, parece-nos que tanto Jayme quanto Maria tenderam a “incorporar e exemplificar os valores oficialmente reconhecidos pela sociedade.” (GOFFMAN, 1975, p. 41).

Com o desenrolar da leitura, percebemos que Maria empreende a reconstrução da figura de Jayme. Primeiro ele é invocado com a categorização “*Meu querido noivinho*”, depois assume o papel de “*você*” e, passa a “*meu queridinho noivinho Jayminho.*” Notamos que Maria, mais uma vez, não inova o tratamento conferido ao noivo. Por outro lado, percebemos essa inovação na carta de Jayme, representada no exemplo 43 a seguir.

(43)

Rio de Janeiro 16 de Março de 1937

Minha enesquecível noivinha, saudades incontadas

Todo o meu desejo é que esta té vá encontrar em perfeito estado de saude, e que a tua saudade não seja tão cruel quanto a minha eu vou bem graças a Deus, de saude, de amor tu sabes como me sinto, cada vez mais cego, e cada vez querendo amar mais.

Eu sinto que nesta vida já tenho tudo preparado, tenho a carreira mais ou menos bem graças a Deus, e tenho a flor de meus sonhos a deusa que mais amo e mais idolatro, a santa que inspira-me e me da forcas que é voce, só falta-me a felicidade que a terei dentro em breve, que é possuindo-te como minha esposa e como minha eterna companheira, só assim sentiria-me feliz. O nosso amor surgiu do crepusculos das ondas, revoltas pela tempestade da paixão, porque quando nos falamos já nas amanomos.

E hoje que possuo todo o seu amor, é que sei dizer que maior prazer nesta vida consiste no amor, que seria de mim sem teu amor, sí voce me desprezasse, seria o fim de um pobre mendingo de amor, que morreria crucificado pela grande paixão que trazia no peito, mas isso sei eu que jamais acontecerá porque o meu fim seria o teu, nos estamos um para o outro, como a planta está para a raiz, que seria a planta sem a raiz morreria naturalmente o mesmo aconteceria comnosco, estamos enraizados um ao outro, nos somos a raiz de nos proprios, jamais poderemos, nos separar.

Viveremos eternamente um para o outro, amando cada vez mais, esquecendo as dores de agora, o meu coração terá eternamente em teu peito batendo dando-te vida, e o teu viverá em meu peito dando-me vida e alento para continuar dedicando a ti todo o amor que mereces, porque a flor que enalteceme, que me ensina a amar e me ensina o caminho da felicidade és tú, dedicando todo o meu amor ainda e pouco porque todo o meu amor, não paga tudo isso que fazes por mim, mas estarei sempre a teu lado.



Nessa carta, a representação de Maria também é engatilhada pelas predicções. Dito de outra forma, Jayme põe em evidência não apenas as expressões nominais, mas também o que Custódio Filho (2011, p. 174) chama de “unidades de ordem maior.” Em (43), Jayme traz Maria à interlocução por meio da categorização “*Minha enesquecível noivinha*”, que se recategoriza em “*a flor de meus sonhos*”, que se modifica em “*a deusa que mais amo e mais idolatro*”, que passa “*a santa que inspira-me e me dá forças*”, que se transforma em “*minha esposa e [...] minha eterna companheira*”, para, finalmente, assumir o papel de “*a flor que enaltece, que me ensina a amar e me ensina o caminho da felicidade.*” Para esclarecer essa longa cadeia de transformações, observamos que ocorreu a seguinte reconstrução da figura de Maria: “*Minha enesquecível noivinha*” → “*a flor de meus sonhos*” → “*a deusa que mais amo e mais idolatro*” → “*a santa que inspira-me e me dá forças*” → “*minha esposa e [...] minha eterna companheira.*”

A série de descrições definidas, que, da perspectiva da Teoria da Acessibilidade (ARIEL, 2001) poderia indicar um referente pouco acessível e, por isso, nomeado por expressões mais rígidas em termos de informatividade, funciona, na verdade, como um recurso por meio do qual o personagem tenta expressar todo seu sentimento de forma exagerada. O dizer e o redizer parece constituir uma tentativa de afastar qualquer dúvida quanto à verdade que é expressa: o sentimento de paixão do escrevente pela sua interlocutora.

Além de Maria, é interessante destacarmos que Jayme também, durante sua própria enunciação, assume outra identidade [*um pobre mendigo de amor*] que lhe permite expressar-se. Ele opta por uma identidade, visto que, tal como afirma Prado (2008)<sup>24</sup> sobre o discurso de Mariana Alcoforado, “sua [de Jayme] condição de sujeito lhe oferta muitas.” (p. 204). Essa escolha, de certa forma, também o ajuda no seu projeto de dizer, isto é, no seu projeto de explicitar para Maria o que aconteceria, quem ele seria caso ela o desprezasse: “*si voce me desprezasse, seria o fim de um pobre mendigo de amor, que morreria crucificado pela grande paixão que trazia no peito*”. É com essa nova identidade que Jayme tenta envolver sua destinatária com o que está sendo anunciado (SILVA, 2002): “*nos estamos um para o outro, como a planta está para a raiz, que seria a planta sem a raiz morreria naturalmente o mesmo aconteceria conosco, estamos enraizados um ao outro [...]*”, para que se tornem um só sujeito ([...] *nos somos a raiz de nos próprios [...]*), que não pode ser dividido ([...] *jamais poderemos, nos separar*).

---

<sup>24</sup> Em seu artigo intitulado *Cartas portuguesas: sujeito e língua imbuídos de amor*, Prado (2008) analisa, discursivamente, a subjetividade nas Cartas portuguesas atribuídas à freira portuguesa Mariana Alcoforado.

Sendo assim, as recategorizações percebidas em (43) nos permitem considerar o que afirma Silva (2012), em sua pesquisa sobre as cartas de Jayme e Maria, como já acenamos antes, que nosso protagonista masculino, em alguns trechos de suas cartas, “utiliza-se de palavras não usuais em discursos orais e de expressões que se aproximam de textos mais poéticos” (p. 42), como no seguinte fragmento: “*O nosso amor surgiu do crepusculo das ondas, revoltas pela tempestade da paixão, porque quando nos falamos já nas amanomos.*” É importante destacarmos que, ainda consoante Silva (2012), são recorrentes nas cartas de Jayme termos que refletem “o sentimento que [ele] sente por Maria e o desejo de tê-la ao seu lado” (p. 42), o que confere aos seus textos uma subjetividade lírica, como podemos observar no trecho a seguir.

(44)

[...] Tú bem sabes minha flor, que longe de ti jamais serei feliz, porque em ti reside a creatura que me dá toda a alegria, eu sei que tens chorado porque tenho sentido, essas tuas lagrimas servem para regar o teu pobre coração que trago dentro do meu peito, que parece querer parar sentindo a ausencia tua [...] (01/10/1936, Jayme-Maria).

Como já mencionamos na seção anterior, nas cartas de Jayme e Maria, verificamos que eles sofriam não apenas em virtude da desaprovação do relacionamento pela família de Jayme, mas sofriam também devido à distância que os separava. Nesta terceira fase, em virtude de contarmos com um número maior de cartas de Jayme, como já dito antes, é ele quem vai discorrer sobre a “ausência” de sua amada. Essa ausência do ser amado também foi observada por Prado (2008) em sua pesquisa sobre as Cartas portuguesas da sóror Mariana Alcoforado. Para a autora, o sujeito Mariana “toma a língua como confidente” e prioriza, em seu discurso, “o sentimento amoroso de que se vê sujeito e, a partir do qual, vê seu amado como objeto.” (p. 203). O discurso amoroso, então, ainda na perspectiva de Prado, é que salvaria o escrevente da solidão.

Observamos, então, certa semelhança desse discurso amoroso destacado por Prado (2008) nas cartas de Jayme representativas desta fase, em que só dispomos de uma missiva de Maria. Apesar da pequena quantidade de cartas de Maria, acreditamos que Jayme tenha recebido as respostas da noiva, mas que estas podem não ter “sobrevivido” ao tempo, não estar disponíveis no acervo do projeto PHPB<sup>25</sup> ou Jayme pode ter se desfeito de algumas cartas para atender aos pedidos constantes de Maria, como podemos observar no exemplo 40, discutido anteriormente: “[...] não repares a minha carta por que eu não sei escrever e podes

<sup>25</sup> Ver seção 3.2.

*rasgar.*” Sendo assim, estamos inferindo a participação de Maria na troca comunicativa com base na seguinte enunciação de Jayme, na carta do dia 20 de abril de 1937: “*Conforme combinamos continuo a aguardar com ansiedade o dia de sabado.*” Estamos supondo que a negociação desse encontro com Maria se deu durante a interlocução, visto que os noivos não dispunham de outra via de comunicação, como bem coloca Jayme em outra carta, a do dia 26 de setembro de 1936: “*nem fui na pensão só para escrever-te pedindo noticias, pois é a nossa única via de comunicação.*”

Mesmo diante da “ausência” de Maria, Jayme assume-se, no espaço de interlocução de que dispõe, a carta, como um sujeito amoroso a fim de comunicar a sua amada a saudade que sente devido à distância que os separa. É o que podemos verificar nos trechos destacados em (45) e (46).

(45)

[...] Esta carta escrevi as cinco horas da manhã, esta noite não durmi quase nada, só pensando em ti. E penso, que longe de ti, quase impossivel é viver, sem a luz vivificante dos teus olhos, eu só vivo ma esperança de que Deus se compadeça do nosso sofrer, fazendo que nos unirmos para eternamente, para que possamos alimentar esse nosso grande amor. Minha flor o meu quarto é tão triste, para mim é uma solidão irrevugavel, ele só se encheria de alegria com a presença, da minha eterna sonhadora felicidade que é voce. [...] (13/04/1937, Jayme-Maria).

(46)

[...] Minha flor é tão belo sonhar com a pessoa a quem se ama, principalmente quando esta pessoa está longe de nossos olhos, e que a saudade nos crucifica fazendo chorar pensando, no coração que é nosso, e que está longe de nossas mãos e não podemos pega-lo. Sabado estaremos juntinhos novamente, esquecendo a saudade de agora [...]. (20/04/1937, Jayme-Maria).

Ainda que sem o discurso de Maria, a figura dela se presentifica no discurso de Jayme, como em (47). Ele transforma a noiva em um ser idealizado que tem uma imagem que traz “*sedução*”, com mãos acariciadoras, olhos e lábios que foram feitos para satisfazê-lo. Esperávamos que Jayme, diante do sofrimento causado pela separação, se colocasse submisso em relação a sua amada como forma de atraí-la para a interlocução. No entanto, ao que parece, a imagem de Maria foi criada unicamente para satisfazer ao enunciador que se sente solitário: “*esses seus olhos que parecem que foram feitos somente para me ver, e para só a mim pertencer, esse seus labios que foram criados [...], somente para trazer aos meus os seus beijos embriagadores.*”

Por outro lado, o discurso de Jayme nos pareceu também compatível com o que enuncia Barthes (1981). Para o autor, “[...] o sujeito apaixonado percebe o outro como um

Tudo [...], ele gaba a sua perfeição, se vangloria de tê-lo escolhido perfeito; imagina que o outro quer ser amado como ele próprio gostaria de sê-lo, mas não por essa ou aquela de suas qualidades, mas por *tudo*.” (p. 14, grifo do autor).

(47)

[...] Em tudo que vejo, tudo que fasso, tudo que pego pareço ouvir tua voz, pareço sentir as tuas mãos acariciadoras, envolvendo-me com ternura, conforme só eles mesmo e que sabem afagarme, quando medito, pareço ver sua imagem, que tanta sedução traz-me, esses seus olhos que parecem que foram feitos somente para me ver, e para só a mim pertencer, esse seus lábios que foram criados pela mão maravilhosa da natureza, somente para trazer aos meus os seus beijos embriagadores, que de tantos desejos me enchem. Jayme O. Saraiva. (16/03/1937, Jayme-Maria).

De acordo com a Marquesa de Merteuil<sup>26</sup>, citada por Barthes (1981, p. 33), quando escrevemos a alguém, escrevemos para esse alguém e não para nós mesmos. Devemos, então, dizer menos aquilo que pensamos e mais aquilo que agrada ao outro. Isto foi o que verificamos no seguinte trecho de (48): “[...] *Longe de teus olhos, desses olhos tentadores, enfeitiçantes e cheios de carícias, é que eu vejo o quanto a minha vida é vazia longe de ti [...].*” Ademais, a polidez se manifesta quando Jayme, por meio de uma das regras pragmáticas reconhecida por Leech (2005), o elogio. Para o autor, o elogio seria uma forma de enaltecer a imagem de Maria, ressaltando as suas qualidades (mãos acariciadoras e olhos cheios de carícias). Acreditamos também que ao elogiar Maria, ele “adoça” (PINKER, 2008, p. 433) as suas afirmações, comprovando, dessa forma, sua preocupação com o sofrimento dela: “*Eu penso sempre em ti, és o melhor prazer de minha vida, quero ser teu para seres minha, Minha querida sinto-me feliz em amar-te, e ser amado por ti.*”

(48)

[...] Sinto saudades tuas, e de teus olhos, a força estranha que tens em teu olhar, [ele magnetiza, tonteia... Meu amor! Longe de teus olhos, desses olhos tentadores, enfeitiçantes ] e cheios de carícias, é que eu vejo o quanto a minha vida é vazia longe de ti, Meu amor! Quero-te tanto, que a mais obscura existencia, a teu lado, me parecia principesca e feliz.  
Longe de ti, quase impossivel é viver; sem a luz vivificante dos teus olhos eu só vivo na esperança de que Deus se compadeça de nosso sofrer, será este o único lenitivo a dor do nosso pobre coração. O amor é o nectar delicioso libado pelos unicos felizes na vida os que amam e que são amados, quanto é sublime ouvir a palavra “ Eu te amo” proferida por uns labios adoraveis, e, cuja tradução é: Eu penso sempre em ti, és o melhor prazer de minha vida, quero ser teu para seres minha, Minha querida sinto-me feliz em amar-te, e ser amado por ti.[...]

<sup>26</sup> A Marquesa de Merteuil é a protagonista da obra *Ligações Perigosas*, de autoria de Choderlos de Laclos. Essa obra, construída exclusivamente a partir de cartas, trata do envolvimento entre o Visconde de Valmont e a Marquesa de Merteuil, verdadeiros representantes da nobreza francesa do século XVIII. (Fonte: L&PMBlog. Disponível em: <[http://www.lpm.com.br/site/default.asp?Template=../livros/layout\\_produto.asp&CategoriaID=636453&ID=715261](http://www.lpm.com.br/site/default.asp?Template=../livros/layout_produto.asp&CategoriaID=636453&ID=715261)>. Acesso em: 29 jan. 2015.

(20/04/1937, Jayme-Maria).

Assim como Maria é construída por meio do discurso de Jayme, como acenamos antes, podemos entender que a construção por meio do discurso do outro também ocorre na obra *Ai vai meu coração: cartas de Tarsila do Amaral e Anna Luisa Martins para Luís Martins*, cuja autoria é de Ana Luisa Martins. Nessa obra, a autora conta, por meio das cartas escritas por Tarsila do Amaral ao crítico de arte Luís Martins e das cartas escritas pela escritora Anna Maria Martins a Luís Martins, a história de amor desses três personagens. Luís Martins foi casado com Tarsila durante dezoito anos, mas, em 1952, separa-se dela para casar com Anna Maria. Esse livro também traz trechos da autobiografia do crítico e crônicas publicadas por ele que tratam do sofrimento da separação de Tarsila e do novo relacionamento com Anna, que enfrentava a oposição de sua família, os tradicionais Amarais.

Nos trechos (49) e (50) a seguir, vemos, claramente, que a construção do sujeito Luís nas cartas Tarsila e de Anna Maria.

(49)

Meu querido Luís,

A carta que eu mostrei a Liloca (em sua defesa, pois vinha provar seus bons sentimentos) era de 14-2-52, véspera da viagem de Ana Maria. Você começava com: “Minha muito querida, e sempre querida Tarsila”. Falava no seu sofrimento, na sua angústia pela nossa separação, sem coragem até o último instante de me dar a notícia definitiva. Depois você dizia: “... Tarsila, o que eu lhe disse um dia é verdade: sei que sou um homem condenado à infelicidade; de qualquer forma, seria infeliz. Tenho receio de nem sequer poder fazer a felicidade de outrem, pois estarei sempre marcado, estigmatizado pelo drama atroz que venho vivendo. Paguei muito alto a faculdade de escolher o meu futuro e tentar renovar a minha vida. Nunca, no fundo de mim mesmo, me perdoarei o que fi você sofrer. Haverá sempre esse espinho no meu futuro. Se há algum bálsamo que possa suavizar minha dor é a esperança (que você alimentou) de que seremos sempre amigos e que você saberá contar comigo como o amigo que sempre fui”. [...] (MARTINS, 2003, p. 164, 25/02/1952, Tarsila-Luís).

(50)

Luís,

Quero chamá-lo de querido, de adorado mas sinto tanta amargura em você que tenho que tenho medo que estas palavras soem falsas. São 3h. da manhã; acabei de ler o que você me mandou por M. Antonietta. De tudo o que mais me cala profundamente é a impressão que eu sou a criatura a mais miserável, a mais infeliz, a mais indesculpável. [...]. (MARTINS, 2003, p. 199, 02/04/1952, Anna Maria-Luís).

Em (49), é o próprio Luís quem fala por meio da carta de Tarsila, no trecho em discurso direto: “... *Tarsila, o que eu lhe disse um dia é verdade: sei que sou um homem condenado à infelicidade; de qualquer forma, seria infeliz. Tenho receio de nem sequer poder fazer a felicidade de outrem, [...].*” Já em (50) é Anna Maria quem “desenha” a imagem de

Luís: *“Quero chamá-lo de querido, de adorado mas sinto tanta amargura em você que tenho que tenho medo que estas palavras soem falsas”*, para no final ela própria reconstruir-se como *“a criatura a mais miserável, a mais infeliz, a mais indesculpável.”*

Voltemos agora à história de Jayme e Maria, que é foco de nossa análise. Apesar de todas as dificuldades enfrentadas por Jayme e Maria, as quais vimos discutindo desde o início desta análise, estamos inferindo que a história de amor deste casal teve um final feliz, baseados no seguinte trecho da carta de Jayme do dia 16 de março de 1937, representada no exemplo (43): *“só falta-me a felicidade que a terei dentro em breve, que é possuindo-te como minha esposa e como minha eterna companheira.”*

Ao nos decidirmos pela organização dos dados que apresentamos até aqui, nossa intenção foi pôr ordem no “caos” representado pela troca de correspondência entre os missivistas, os quais, é bom que se ressalte, não deixaram transparecer em nenhum momento da corrente de interação algum propósito de contar sua história íntima a terceiros. As etapas que definimos surgiram como uma forma de ordenar os fatos, reunindo-os de acordo com a sequência temporal e estabelecendo as relações de causa e efeito, elementos importantes em uma narrativa.

Apesar desse esforço de organização, acreditamos, no entanto, que deixamos de contemplar alguns episódios da história de nosso casal de namorados que, mesmo não se enquadrando diretamente nos episódios comentados, julgamos merecerem atenção, uma vez que mostram características importantes acerca da personalidade desses personagens. É isto o que vamos discutir na seção posterior.

#### 4.3 JAYME E MARIA: COMPLEMENTANDO A CARACTERIZAÇÃO DOS PROTAGONISTAS

Nesta seção, selecionamos e acrescentamos três episódios da história de Jayme e Maria com o intuito de ampliar a discussão de alguns resultados que enunciamos nas seções precedentes e, assim, “atar as amarras” que porventura tenham comprometido a fluidez da história de nossos protagonistas. Além dessa tentativa de ampliar a discussão e de assegurar, assim como afirma Beaugrande (1997, § 34), que o texto é um “multissistema” que envolve “múltiplos sistemas interativos”, acreditamos ainda que, com o acréscimo desses dados, estamos deixando mais acessíveis elementos importantes da história de Jayme e Maria. Conseqüentemente, a exposição desses elementos permite que o nosso leitor acompanhe a multiplicidade de inferências que construímos no decorrer da leitura das cartas.

O primeiro episódio que merece nossa atenção é o que trata da carta do dia 17<sup>27</sup> enviada por Jayme e mencionada na missiva de Maria do dia 19 de janeiro de 1937 (recorte 51). Nessa carta de Maria, ela demonstra uma preocupação excessiva com o conteúdo da carta do dia 17, o que a faz expor para Jayme uma imagem amargurada pela dor, quando atentamos para a seguinte passagem: “*Eu a recebi a tua carta a do dia 17 quando cheguei em Petropolis no dia 19 eu fiquei muito triste quando ali levei o dia inteirinho chorando muito [...]. Jayme eu pesso-te pelo a mor de Deus para não a cabares com o nosso a mor.*”

(51)

[...] Eu a recebi a tua carta a do dia 17 quando cheguei em Petropolis no dia 19 eu fiquei muito triste quando ali levei o dia inteirinho chorando muito [...]. Jayme eu pesso-te pelo a mor de Deus para não a cabares com o nosso a mor eu nunca peissei que tu memandace uma# carta dessas tu não queras saber a dor que eu trago no meu coração a minha vida e so chorar tu sabes perfeitamente que eu não fui a culpada disso eu acho que tu não tens pena de min eu sou uma pobre infelis que Deus botou no mundo para fofer tu sabes perfeitamente que eu dediquei todo o meu amor a voçe o mundo para mim se voce não e mundo. [...]

Jayme Pelo a mor de Deus me escreve para min para eu descansar o pobre do meu coração que esta tão ferido que chegu a medar pontadas eu acho que eu não vou muito loge so tenho pena de deixar a minha filha e voçe [...] (19/01/1937, Maria-Jayme).

Além de amargurada, Maria se mostra tão decepcionada com as palavras de Jayme (*eu nunca peissei tu memandace uma# carta dessas tu não queras saber a dor que eu trago no meu coração a minha vida e so chorar tu sabes perfeitamente que eu não fui a culpada disso*) que o transforma, nesse momento, no alçoz de uma “*pobre infelis*” (*eu acho que tu não tens pena de min eu sou uma pobre infelis que Deus botou no mundo para fofer*). Nesse trecho, chamou-nos atenção o uso do dêitico *isso* em “*eu não fui a culpada disso* [de + *isso*].” Percebemos que esse dêitico encapsula a informação principal veiculada na carta do dia 17. Conforme Ariel (2001 *apud* COSTA, 2007, p. 114), os falantes orientam os seus interlocutores “pela ‘sinalização’, através de formas referenciais, do grau de acessibilidade que atribuem a esses referentes.” Segundo Costa (2007), o fato de uma determinada “forma referencial remeter a uma outra mensagem levaria, pelos critérios distância e unidade, a uma consideração de baixa acessibilidade.”(p. 159).

No entanto, tendo em vista que a carta, de acordo com Violi (2009, p. 47), é uma forma de “comunicação dialógica”, para nossos protagonistas, que partilhavam o mesmo

<sup>27</sup> É importante lembrarmos que não tivemos acesso à carta de Jayme do dia 17 mencionada por Maria em sua missiva do dia 19 de janeiro de 1937. Provavelmente, essa carta de Jayme perdeu-se no tempo. Sendo assim, só dispomos da carta de Maria para tentar reconstruir a problemática criada pela carta do dia 17.

campo contextual, as informações recuperadas pelo pronome demonstrativo *isso* eram mais acessíveis. Já para nós, leitores, a informação encapsulada pelo *isso* na carta de Maria torna-se pouco acessível porque, além de não compartilharmos o mesmo contexto social, ainda não dispomos da carta do dia 17 de Jayme. Essa carta não se encontra disponível no acervo do PHPB, visto que, possivelmente, ela perdeu-se no tempo, como já foi dito antes.

Desse modo, para tentar recuperar alguma informação que nos diga mais sobre esse dêitico da carta de Maria, voltamo-nos para uma outra carta, enviada por ela no dia 19 de janeiro de 1937. Em um trecho dessa missiva, representado em (52), ela, ao que parece, insinua a motivação do que levou Jayme a escrever, nas palavras de Maria, “*uma carta dessas.*”

(52)

“Eu não te dice que atua mãe não foi na minha casa ella não viu cartas nenhuma ella viu só o cartão que o Neuzinho deu au teu irmão Zezinho para a tua mãe ler elle confesou em casa que fei elle que deu auteu irmão que o teu irmão me o fendeu muito.” (19/01/1937, Maria-Jayme).

Inferimos, com isso, que o motivo que fez Jayme escrever a carta do dia 17 seria uma possível mentira inventada por sua mãe para tentar causar algum mal-estar entre o casal de namorados. Ao que parece, ela disse ao filho ter ido até à casa de Maria e ter visto uma suposta carta dele lá. No entanto, Maria esclarece que o que ela realmente havia visto era “*o cartão que o Neuzinho<sup>28</sup> deu au teu irmão Zezinho para a tua mãe ler elle confesou em casa que fei elle que deu auteu irmão.*”

É em meio ao desespero que a carta do dia 17 lhe causa que a “pobre infeliz” implora por uma resposta de Jayme porque o sofrimento parece abreviar-lhe a vida: “*Jayme Pelo a mor de Deus me escreve para min para eu descansar o pobre do meu coração que esta tão ferido que chegu a medar pontadas eu acho que eu não vou muito loge so tenho pena de deixar a minha filha e voçe.*” Maria autodeprecia-se quando se autodenomina uma “*pobre infelis*”, inferiorizando-se diante do noivo, mas o enaltecendo ao colocá-lo no mesmo patamar de importância que a sua filha: “*so tenho pena de deixar a minha filha e voçe.*”

De acordo com Goffman (2011, p. 18), espera-se que “um membro de qualquer grupo realize certos esforços para resguardar o sentimento e a [face] dos outros presentes”, e espera-se também que ele faça isso de forma voluntária e espontânea por ter “uma identificação emocional com os outros e com os sentimentos deles” (p. 18). Para o autor,

<sup>28</sup> Lembramos para o leitor que o Neuzinho era um dos irmãos de Maria.



como consequência desse posicionamento, esse membro acaba demonstrando que não está “inclinado a testemunhar a desfiguração [...] dos outros.” (p. 18). Percebemos, então, que a desfiguração de Maria estimula uma atitude espontânea e polida de Jayme quando este tenta resguardar a imagem da noiva, recusando a participar dessa desfiguração. É o que notamos, portanto, no recorte 53 a seguir.

(53)

Tú# não debes pensar em bobagens pense unicamente em nosso amor, descansa bem, alivia o teu cérebro, porque jamais te deixarei, [...]

[...] jamais pensarei em te# despojar do trono de meu coração, és a rainha e dele ninguém te tirará. Meu amor tú julgarias se eu não te amasse que sofreria tanto quanto temos sofrido? Meu amor seja um pouco razoável creia um pouco mais em meu amor, este amor que o meu pobre coração te dedicou, e que tanto sofre, em ter criado o amor mais belo que há neste mundo, e no entanto não cres nele tanto, quanto ele cre em ti, [...]

[...] Não posso informarte quando podemos conversar. mais farei o possível para ser o mais breve, tenha confiança em mim pelo amor de Deus é o que te peço.[...] (19/01/1937, Jayme-Maria)

Nesse recorte, Jayme tenta evitar a desfiguração de Maria (*Tú# não debes pensar em bobagens pense unicamente em nosso amor, descansa bem, alivia o teu cérebro, porque jamais te deixarei*), recategorizando a “*pobre infelís*” na rainha do seu coração (*jamais pensarei em te# despojar do trono de meu coração, és a rainha e dele ninguém te tirará*). Podemos observar, com base em Leech (2005), que, nesse trecho, a polidez manifesta-se por meio da atitude generosa de Jayme de comprometer-se com Maria (*jamais pensarei em te# despojar do trono de meu coração*) e do tratamento elogioso que ele confere à noiva quando a elege a rainha de seu coração.

No entanto, nosso protagonista masculino finaliza sua carta, mostrando-se ressentido diante da desconfiança de Maria: “*este amor que o meu pobre coração te dedicou, e que tanto sofre, em ter criado o amor mais belo que há neste mundo, e no entanto não cres nele tanto, quanto ele cre em ti, [...]*.” A polidez, nesse momento, fica a cargo do pedido de Jayme: “*tenha confiança em mim pelo amor de Deus é o que te peço.*” Em outros termos, caso Maria aceite confiar em Jayme, atendendo, assim, o seu pedido, ambos estarão operando para manter o equilíbrio da interlocução.

Para tentar superar as dificuldades enfrentadas pelo relacionamento, Maria, apegava-se à fé na tentativa de reunir forças para vencer não apenas a dor provocada pela distância de Jayme, mas também a preocupação causada pela “perseguição” empreendida pela família dele, que foi discutida na seção 4.2.2. Nos recortes 54 e 55, podemos comprovar isso.

(54)

[...] eu tenho muita fé em Deus que elle ade|nus ajudar a vencer [...]. (24/01/1937, Maria-Jayme).

(55)

[...] eu tenho muita fé em Deus e na Santa Teresinha e peço-te para teres tam bem. (12/02/1937, Maria-Jayme)

Maria, ao que parece, transmite sua fé para Jayme. Na seguinte passagem da carta do dia 5 de outubro de 1936, ela envia-lhe uma imagem de Nossa Senhora da Penha e pede que ele vá à missa: “[...] neta vai uma santinha que e Nossa Senhora da Penha para tu guardares com tigo e não se esqueça de ir 3 vese a missa que tu prometeste, eu queria que voçe foçe commigo a missa na Penha no dia 25 [...].” Maria pede polidamente que Jayme a acompanhe à missa na Igreja da Penha. Caso ele não aceite, isto pode parecer uma ofensa para Maria e, de certa forma, comprometer a continuidade da troca comunicativa. Na escala relativa de polidez, esse ato de Jayme seria “pouco polido” (LEECH, 2005, p. 7), uma vez que ameaça a sua interlocutora.

Estamos supondo que, provavelmente, Maria tenha inspirado a fé de Jayme, fazendo com que ele se posicione como um sujeito religioso, conforme podemos verificar no seguinte trecho da carta do dia 8 de março de 1937: “*Estimo que esta te vá encontrar em perfeito estado de saude, eu vou bem graças a Deus, parece-me que estou ficando catolico, agora já rezo ao deitar-me e ao levantar-me.*” Segundo Silva (2012), nas cartas é possível constatar que Jayme e Maria encontravam-se com frequência na Igreja da Penha. “Os encontros ocorriam, na maioria das vezes, aos domingos, já que a distância entre os dois impedia que pudessem se encontrar com muita frequência.” (p.48). Isto é o que podemos comprovar no recorte (56) abaixo, representativo do segundo episódio que corresponde ao período do Carnaval.

(56)

[...] Espero que fasas o posivel para passiares com migo no carnaval manda-me dizer se voce vai compar camisa para o carnaval e se ~~que seres~~ queres que eu compre a ancora para voce, eu no Domingo de carnaval eu vou a missa na Penha ve se pode ir com migo se pode manda-me dizer que eu te espero no portam da Penha as 8 ½ horas para nois combinarmos melhor. (28/01/1937, Maria-Jayme).

Nesse período, Jayme e Maria tinham combinado passear: “*Espero que fasas o posivel para passiares com migo no carnaval.*” Entretanto, na carta do dia 02 de fevereiro (recorte 56), Jayme parecia não ter certeza sobre se realmente iria cumprir sua promessa (*No*

*domingo espera-me em tua casa que eu irei lá ter, caso eu não vá, porque já estou adivinhando qualquer corrente, tu não sahes da casa porque eu não quero [...]* porque, possivelmente, ainda estava adoentado, como havia mencionado na carta do dia 24 de janeiro de 1937, anterior a representada no recorte 57: “[...] *vou ver se não vou ao medico antes do carnaval, que é para poder passeiar contigo, mas acho que será um pouco dificil, [...].*”

(57)

[...] No domingo espera-me em tua casa que eu irei lá ter, caso eu não vá, porque já estou adivinhando qualquer corrente, tu não sahes da casa porque eu não quero, só podes brincar comigo. Dá lembranças a *Dona Marietta*, deve ser esse o nome dela, esta que esta ahi contigo, e não da confiança a esse tal chauffeur. (02/02/1937, Jayme-Maria).

O que chama atenção é o fato de Jayme, assumindo-se como um sujeito ciumento, acabar evidenciando uma certa “distância vertical” (LEECH, 2005, p. 21) que existia entre ele e a noiva: “*caso eu não vá, porque já estou adivinhando qualquer corrente, tu não sahes da casa porque eu não quero, só podes brincar comigo.*” Além de não permitir que Maria saia de casa caso ele não possa acompanhá-la, Jayme ainda manifesta o seu ciúme em relação a outro homem, que aparece representado pela expressão referencial *esse tal chauffeur*: “*e não da confiança a esse tal chauffeur.*” Estamos inferindo que esse distanciamento devia-se à diferença do *status* social entre os interlocutores, uma vez que, consoante Del Priore (2006), a mulher ocupava, como já mencionamos antes, uma posição de dependência e inferioridade em relação ao homem. Vemos ainda, nesse trecho da carta de Jayme, o que enuncia Goffman (1975, p. 21): quando um indivíduo reclama, implícita ou explicitamente, uma imagem de si de determinado tipo, involuntariamente exerce uma “exigência moral sobre os outros, obrigando-os a valorizá-lo e a tratá-lo de acordo com o que as pessoas de seu tipo têm direito de esperar.”

O terceiro episódio, que conta mais a respeito de nosso casal de protagonistas, é o que trata das idas de Jayme ao cinema. Ele parecia ser um assíduo espectador dos musicais românticos da época, como podemos examinar no seguinte trecho de (58): “[...] *a noite fui ao cinema ver o film ‘Roberta’<sup>29</sup> pelos mesmos artista de ‘Picolino’<sup>30</sup>[...].*”

<sup>29</sup> *Roberta* foi uma comédia musical com dança requintada, com desfiles da alta costura francesa e com histórias de amor como pano de fundo. Foi estrelado por John (Randolph Scott) e Irene Dunne (Stephanie), com Fred Astaire (Huck Haines) e Ginger Rogers (Lizzie Gatz), em papéis secundários. (Fonte: Blog *Os musicais*. Disponível em: < <http://osmusicaisdomundo.blogspot.com.br/2010/06/1935-roberta.html> >. Acesso em: 29 jan. 2015).

(58)

[...] a noite fui ao cinema ver o film “Roberta” pelos mesmos artista de “Picolino”, e eu sentia o coração muito inquieto, batendo muito, e a dizer-me que tú estavas chorando, não pude mais assistir a fita tive que fechar os olhos para não chorar, e sentia as tuas lagrimas cahirem no meu coração [...]. (28/09/1936, Jayme-Maria).

Conforme Del Priore (2006), os musicais influenciavam o imaginário amoroso da época. Nessas tramas, o casal aparecia como uma entidade autônoma, eximindo-se de tudo o que acontecia a sua volta e movendo-se por meio do sentimento amoroso. No entanto, ao que parece, Jayme, nesse episódio, não conseguiu desprender-se da realidade e, ao assumir o papel de um protagonista apaixonado, ainda parecia sofrer devido à influência das dificuldades impostas por essa realidade: “[...] eu sentia o coração muito inquieto, batendo muito, e a dizer-me que tú estavas chorando, [...] tive que fechar os olhos para não chorar, e sentia as tuas lagrimas cahirem no meu coração [...].”

Ademais, em (59), Jayme, quando relata que foi ao cinema assistir a um filme em que a mocinha sofria pelo amor de um rapaz, parece dar pistas de que o relacionamento amoroso não era somente o foco de sua vida, mas também era o foco principal dos filmes românticos de sua época: “[...] a noite fui ao cinema, gostei muito da fita porque nela trabalha uma artista, que desempenhou o papel de que sofria pelo amor que tinha a um rapaz [...].” No entanto, segundo Sacramento (2006), a mulher, nessa época, antes um ser frágil, começou a aparecer insinuante, inspirada pelas atrizes americanas. O que nos chama a atenção é o paralelo que Jayme faz entre a situação vivida pela personagem do filme e a situação de Maria. Fica claro que os romances do cinema influenciavam aquele romance real, o que justifica tanto “esforço” do casal para encontrar palavras que representassem, nas cartas, esse lirismo.

(59)

[...] a noite fui ao cinema, gostei muito da fita porque nela trabalha uma artista, que desempenhou o papel de que sofria pelo amor que tinha a um rapaz, e eu então pensava só em voce o quanto tens sofrido por minha causa somente por amar-me. (08/03/1936, Jayme-Maria).

Essa nova postura da mulher, para nós, não foi assumida por Maria, como demonstram as palavras de Jayme: “[...] o quanto tens sofrido por minha causa somente por

---

<sup>30</sup> O filme *O Picolino* foi estrelado por Fred Astaire e Ginger Rogers em 1935. Nesse filme, Jerry Travers (Astaire), um famoso dançarino americano, apaixonou-se perdidamente pela bela Dale Tremon (Rogers) e passa a prosseguir-la insistentemente na tentativa de conquistá-la. (Fonte: Blog *O cinema antigo*. Disponível em: <<http://ocinemaantigo.blogspot.com.br/2012/08/o-picolino-1935.html>>. Acesso em: 29 jan. 2015).

*amar-me.*” Mesmo tratando-se de uma mulher que, provavelmente, era mãe solteira, o que era um avanço para a época, acreditamos que ela não conseguia libertar-se dos preconceitos impostos pela sociedade em que vivia.

Sendo assim, se a sociedade lhe negava o espaço, ela o conquistava nas cartas enviadas ao noivo. Nesse espaço de interlocução, ela mostrou diversas faces do seu eu, construindo-se como uma pessoa solícita, insegura, apaixonada, religiosa e generosa. Esta última característica revela-se principalmente em relação a Jayme que, algumas vezes, demonstrou-se como um sujeito nervoso, teimoso e ciumento, como já discutimos antes, mas que, na maioria de suas cartas, adotou uma subjetividade lírica (*meu amor é fiel, dedica-se somente a ti, a mulher que mais sofreu neste mundo pelo amor, procurarei nos resto de dias de minha existencia corresponder com o meu amor e o meu aféto,# o amor que tanto me dedicas [...]*), devota do amor que sente por Maria.

A partir dessa discussão, percebemos que, por um lado, as reconstruções ocorridas intra e intertextualmente enfatizam as predicções na construção dos referentes e o processo inferencial permite ampliar o dito na materialidade; percebemos também, por outro, que a polidez linguística colabora com a interpretação dos dados, deixando mais acessível o que estava submerso nos discursos dos protagonistas.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Embora reconheçamos a ideia de texto como um construto multissemiótico que diz muito mais do que aquilo que a materialidade sustenta, somos levados a confirmar que nossa tentativa de reconstrução da história de Jayme e Maria constitui apenas um pequeno “fragmento” do que realmente foi vivenciado por esses personagens. No entanto, mesmo conscientes das incertezas do percurso que traçamos até aqui, parece-nos apropriado reavivar para nosso leitor, neste momento final, os achados de “[...] uma historia de amor... de um grande amor” (12/10/1936, Jayme-Maria) que reunimos no decorrer de nossa jornada dissertativa.

Esses achados dizem respeito às respostas das questões que orientaram nossa pesquisa, tendo em vista nosso objetivo de resgatar a história de Jayme e Maria por meio da (re)construção dos sujeitos, utilizando os pressupostos teóricos da Linguística textual, com a referenciação, sob um ponto de vista discursivo, e da Pragmática, com a polidez linguística.

Na tentativa de cumprir nosso propósito, guiamo-nos pelas seguintes questões: 1) Como os atores sociais categorizam e recategorizam a si e ao outro ao longo da troca de correspondências? 2) Quais marcas de polidez estão envolvidas na construção desses atores sociais? 3) As escolhas referenciais e as marcas de polidez entrelaçadas na tessitura textual contribuem para contar a história dos atores sociais? 4) De que forma a ampliação do texto possibilita o resgate da história dos protagonistas?

Nossas primeiras descobertas dizem respeito à ampla variedade de expressões de tratamento utilizadas pelos protagonistas. Tal variedade nos permitiu observar a construção e reconstrução desses sujeitos. Inferimos, então, que Jayme dava preferência a formas inovadoras de tratamento para se referir a Maria, o que o caracterizava, frequentemente, como um sujeito apaixonado. Em contrapartida, Maria optava, geralmente, pelo recato no tratamento conferido a Jayme, o que a caracterizava, provavelmente, como uma figura submissa, que se enquadrava nas regras sociais da época, e insegura, que demonstrava ter pouca habilidade com a língua escrita.

O fato de nos orientarmos por uma perspectiva que demonstra um alcance amplo do texto nos permitiu centrar a atenção não apenas na reconstrução intratextual dos sujeitos, mas também nas negociações estendidas intertextualmente. Pensamos ser pertinente mencionar a extensa negociação empreendida por Jayme a fim de conseguir o consentimento de Maria para o seu pedido: “*chamar-te de minha querida noivinha: consentes?*” Destacamos que Maria não só consentiu que Jayme se referisse a ela como noivinha, como também

reconstruiu a figura de Jayme por meio do vocativo: “*Meu Queridinho Noivinho Jayminho.*” Maria nos pareceu avançar no tratamento, enquanto Jayme, optou por um posicionamento cortês, por não ter recebido a resposta da noiva, mantendo a figura da “*Querida Mariquinhas*” em suas cartas.

Ainda em relação às reconstruções intra e intertextuais, consideramos curioso o fato de que essas negociações garantiram a ênfase das predicções na construção dos referentes. Muitas das recategorizações de Maria, principalmente, “abrigavam-se” em unidades mais amplas. Observamos que algumas sequências de recategorizações poderiam indicar o baixo grau de acessibilidade dos referentes (ARIEL, 2001), no entanto Jayme parece utilizar expressões mais informativas com a finalidade de expressar seu sentimento de forma exagerada, não de tornar o referente mais acessível. Acreditamos que essa descoberta nos permite validar o posicionamento de Custódio Filho (2011, p. 192) acerca do caráter não linear das recategorizações, uma vez que, para o autor, a “‘informação completa’ (em que se inclui a predicação), e não apenas as expressões referenciais incluídas nessa informação, pode ser relevante para a recategorização de determinado referente.”

Além dos processos de categorização e recategorização, consideramos pertinente mencionar que o processo inferencial também foi muito recorrente no decorrer da leitura da sequência de todas as cartas trocadas entre Jayme e Maria. As inferências que realizamos ao longo dessa leitura nos permitiram “refabricar” momentos importantes da história dos protagonistas. Salientamos ainda que, ao lidar com uma sequência de cartas pessoais, as quais estabelecem uma relação responsiva entre remetente e destinatário, estamos, inevitavelmente, confirmando que o ato imediato não porta toda a significação, mas que ela pode “irradiar-se” para porções mais amplas do (con)texto.

Outro resultado importante para nossas considerações diz respeito aos personagens secundários que, de certa forma, constituíram “peças” fundamentais para o resgate da história de Jayme e Maria e que foram construídos por meio do discurso de nosso casal de protagonistas. Dentre eles, julgamos importante destacar a mãe de Jayme, a responsável pela nossa descoberta de que o relacionamento entre os protagonistas era desaprovado pela família do noivo. Outra personagem que merece ser evidenciada é Hilda, a filha de Maria, que nos pareceu ser uma das motivações para essa desaprovação. Isso porque, para a época em que viveu Maria, ser mãe solteira não era uma condição aceita pela sociedade.

Evidenciamos ainda os personagens Dalves e Ismênia. Ismênia, provavelmente, uma amiga de Maria, serviu-lhe de companhia enquanto ela permaneceu no município

Engenheiro Paulo de Frontin e aparece nas cartas como uma grande incentivadora do romance do casal. Já Dalves nos pareceu ser um amigo de Jayme que também aprovava o relacionamento com Maria e que o acompanhava nos passeios que ele fazia para amenizar a dor da saudade que sentia da noiva. O interessante desses dois personagens “secundários” foi o fato de eles empreenderem um pequeno “flerte” por meio das cartas de Maria e Jayme.

Nossas constatações em relação à polidez linguística dos personagens dizem respeito aos elogios dispensados ao outro, utilizados tanto por Jayme quanto por Maria. Podemos destacar o tratamento elogioso que Jayme conferiu à noiva quando a elegeu a “rainha de seu coração”. Percebemos que ele, com essa atitude, adoçava suas afirmações para afastar a ocorrência de possíveis desacordos ou conflitos. Uma parte considerável dos elogios empreendidos por Maria estavam voltados para a desenvoltura do noivo com a escrita, o que nos fez atentar para outro tipo de manifestação de polidez: a autodepreciação. Observamos que ela optava com frequência pela própria desfiguração, o que, geralmente, estimulava uma atitude espontânea e polida de Jayme na tentativa de resguardar a imagem da noiva.

No que respeita ao entrelaçamento das escolhas referenciais e da polidez, temos que acrescentar os momentos em que Jayme exalta a figura da noiva, demonstrando simpatia no seu discurso por meio da manifestação de seus sentimentos. Em alguns momentos, o noivo de Maria nos pareceu, talvez motivado pelo sentimento, intensificar os processos de categorização e de recategorização que ocorreram acompanhando o discurso lírico.

Além das observações aqui já acenadas, pensamos que é relevante mencionar ainda algumas de nossas considerações acerca do contexto emergente e incorporado em que estão envolvidos Jayme e Maria. Para construir nossas inferências, tivemos que recorrer às pistas presentes nas cartas de nossos sujeitos. Reconhecemos que algumas dessas pistas permaneciam opacas para uma terceira pessoa, uma vez que esta (no caso, a pesquisadora) não participava dos mesmos conhecimentos compartilhados entre Jayme e Maria, que estavam imersos no mesmo contexto social.

Como mencionamos durante a análise, muitas alusões a pessoas, lugares, episódios eram feitas a partir de um conhecimento pressuposto. O nível de conhecimento mútuo entre os dois tornava os referentes acessíveis entre eles, o que, de acordo com a Teoria da Acessibilidade (ARIEL, 2001), permitia-lhes usar expressões menos informativas, menos rígidas e mais atenuadas para referir esses elementos. Sendo assim, nossas considerações a respeito da questão contextual nas cartas dos protagonistas constituem, para o leitor desta dissertação, exemplos mais concretos para os conceitos abstratos, postulados por Hanks (2008), de emergência, que trata de contextos “rápidos” (BENTES; REZENDE, 2008, p. 38),



e de incorporação, que cuida de enquadramentos sócio-históricos mais amplos.

Outra importante observação refere-se à parte prática de nossa pesquisa que envolve o tratamento sequencial que conferimos aos dados. Este, a nosso ver, constitui um ponto relevante do estudo, uma vez que a leitura “amplificada” desses dados nos proporcionou vislumbrar com mais riqueza de detalhes a história de amor de Jayme e Maria. Acreditamos, assim, que esse levantamento representa um imenso “iceberg” de possibilidades para pesquisas futuras.

Ressaltamos, por fim, que esta pesquisa colabora com os estudos sobre Linguística Textual e sobre Pragmática. Na leitura amplificada que fizemos das cartas dos dois jovens do século passado, mostramos na prática, como o referente pode recategorizar-se intra e intertextualmente; de que maneira nosso sistema inferencial pode ser acionado para trazer esses referentes ao discurso e, tecendo as necessárias emendas, assim, tornar mais visíveis partes do iceberg que ainda estavam submersas.

No que tange especificamente à questão da polidez, cremos ter demonstrado que é possível (talvez até imprescindível) recorrer aos princípios dessa teoria, se queremos explicitar o dito de alguém. Como sugere Pinker (2008), as delicadezas, medidas e dubiedades no discurso fazem parte do uso da língua, ajudam-nos a tornar nosso discurso aceitável. Nossa análise seria, certamente, bem mais pobre, no que respeita ao trabalho interpretativo dos dados, se não tivéssemos lançado mão desses pressupostos. Ressaltamos, porém, a opção de ir trazendo aos poucos as ideias que se revelavam úteis a cada explicação, visto que na organização dos dados demos preferência à sequência temporal da interação. Foi esse tipo de organização que nos permitiu lançar um olhar menos preso às categorias discretas, propostas pelos teóricos da polidez, e mais comprometido com o discurso.

Que o que conseguimos dizer aqui inspire outras pesquisas a “desvelar” os segredos que, porventura, o amor de nossos protagonistas protegeu de nosso olhar indiscreto, como Jayme já havia previsto em uma de suas cartas para Maria:

Estes pobres bilhetes que te mando, peço-te que não mostres a ninguém, guarda-os contigo, esconde-os sempre e quando não os quiseres mais, queima-as meu bem, nunca deixes que nelles domarando possa acaso, indiscreto, o olhar de alguém ao fundo queira saber.” (13/09/1936, Jayme-Maria).

Nossas desculpas ao casal pela indiscrição aqui cometida. Acreditamos que as pequenas contribuições trazidas por este trabalho para os estudos da linguagem possam nos redimir do crime de “invadir” suas vidas. Por outro lado, cremos também que o fato de, com

esta pesquisa, ajudarmos a torná-los personagens da História deve contar ponto para nos absolver da intromissão.

## REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, N. M. A. **Jornal das moças: leitura, civilidade e educação femininas (1932-1945)**. 2008. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-graduação em Educação Brasileira, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2008. Disponível em: <<http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/3186>>. Acesso em: 29 jan.2015.
- ANDRADE, M. L. C. V. O. A arte de escrever cartas e sua aplicação nas práticas escolares. **Revista Linha D'Água**, São Paulo, 2010. Edição especial 30 anos. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/linhadagua/article/view/62345/65149>>. Acesso em: 19 jan. 2015.
- ARIEL, M. Accessibility theory: an overview. In: SANDERS T; SCHILPEROORD, J.; SPOOREN, W. **Text representation: linguistics and psycholinguistics aspects**. Amsterdam/Philladelphia: Benjamins, 2001. p. 29-89.
- BAKHTIN, M. O enunciado, unidade da comunicação verbal. In: \_\_\_\_\_. **Estética da criação verbal**. Tradução Maria Ermantina Galvão: revisão da tradução Maria Appenzeller. 3 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997, p. 289-326.
- \_\_\_\_\_. **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. 12 ed. São Paulo: Hucitec, 2006.
- BARROS, D. L. P. de. Contribuições de Bakhtin às teorias do texto e do discurso. In: FARACO, C. A.; TEZZA, C.; CASTRO, G. de.; BRAIT, B. *et al.* (Orgs.). **Diálogos com Bakhtin**. Rio Grande do Norte: Editora da UFRN, 1996, p. 21-42.
- BARTHES, R. **Fragmentos de um discurso amoroso**. 2 ed. Tradução de Hortênsia dos Santos. Rio de Janeiro: F. Alves, 1981.
- BEAUGRANDE, R. **New foundations for a science of text and discourse**. Norwood: Ablex, 1997. Disponível em: <[http://www.beaugrande.com/new\\_foundations\\_for\\_a\\_science.htm](http://www.beaugrande.com/new_foundations_for_a_science.htm)>. Acesso em: 07 dez. 2014.
- BENTES, A.; REZENDE, R. C. Texto: conceitos, questões e fronteiras [con]textuais. In: SIGNORINI, I. **(Re)discutir texto, gênero e discurso**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008, p. 19-71.
- BENVENISTE, Émile, 1902-1976. A língua e a experiência humana. In: \_\_\_\_\_. **Problemas de linguística geral II**. Tradução de Eduardo Guimarães, Marco Antônio Escobar; Rosa Atitíe Figueira; Vandarsi Sant' Ana Castro; João Wanderlei Geraldi; Ingedore G. Villaça Koch. Campinas, SP: Pontes, 2006, p. 68-80.
- BIBER, D. **Variation across speech and writing**. Cambridge: Cambridge University Press, 1988
- BRAIT, B. Enunciação e intersubjetividade. **Revista Letras Émile Benveniste: Interfaces Enunciação e Discursos**. Universidade Federal de Santa Maria, Centro de Artes e Letras, Programa de Pós-graduação em Letras, n. 33, p. 37-50, jul. - dez. 2006.

BROWN, P.; LEVINSON, S. C. **Politeness**: some universals in language usage. Cambridge: Cambridge University Press, 1987.

CARDOSO, S. H. B. **A questão da referência**: das teorias clássicas à dispersão de discursos. Campinas, SP: Autores Associados, 2003.

CAVALCANTE, S. R. O. Posição do sujeito e posição social: um caso de competição de gramáticas em cartas dos séculos XIX e XX. **Filologia e Linguística Portuguesa**, São Paulo, v. 16, n. 1, p. 147-170, jan./jun. 2014. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/flp/article/view/83496>>. Acesso em: 19 jan. 2015.

CAVALCANTE, M. M. **Referenciação**: sobre coisas ditas e não ditas. Fortaleza: Edições UFC, 2011.

\_\_\_\_\_. **Os sentidos do texto**. São Paulo: Contexto, 2013.

CHEN, R. Pragmatics East and West: similar or diferente? In: TROSBOG, A. (Ed.). **Pragmatics across languages and cultures**. Disponível em: <<http://books.google.com.br/books>>. Acesso em: 17 nov. 2014.

CIULLA, A. **Os processos de referência e suas funções discursivas**: o universo literário dos contos. 2008. 205p. Tese (Doutorado em Linguística) – Programa de Pós-graduação em Linguística, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2008.

COSTA, M. H. A. **De quadrinhos a narrativas**: a recontextualização do discurso na escrita infantil. Fortaleza, 2007. 130p. Dissertação (Mestrado em Linguística). Programa de Pós-graduação em Linguística, Centro de Humanidades, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2000.

\_\_\_\_\_. Os dêiticos na correspondência eletrônica. In: Congresso Internacional da Abralín, 2, 2001, Fortaleza. **Anais do II Congresso Internacional da Abralín**. Fortaleza: UFC, 2001. p. 1-7.

\_\_\_\_\_. **Acessibilidade de referentes**: um convite à reflexão. Fortaleza, 2007. 176p. Tese (Doutorado em Linguística). Programa de Pós-graduação em Linguística, Centro de Humanidades, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2007a.

CUNHA, E. C. **Estratégias de polidez na interação em aulas chat**. 2009. 295p. Tese (Doutorado em Linguística). Programa de Pós-graduação em Letras, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2009.

CUSTÓDIO FILHO, V. **Múltiplos fatores, distintas interações, esmiuçando o caráter heterogêneo da referenciação**. 2011. Tese (Doutorado em Linguística) – Programa de Pós-graduação em Linguística, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2011.

DEL PRIORE, M. **História do Amor no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2006. Disponível em: <<http://books.google.com.br>> Acesso em: 19 mar. 2012.

DIAS, L. S. **Estratégias de polidez linguística na formulação de pedidos e ordens contextualizados**: um estudo contrastivo entre o Português curitibano e o Espanhol

montevideano. 2010. Tese (Doutorado em Letras) – Curso de Pós-graduação em Letras, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2010. Disponível em: <  
[http://dspace.c3sl.ufpr.br/dspace/bitstream/handle/1884/24943/TESE\\_EST.PDF?sequence=1](http://dspace.c3sl.ufpr.br/dspace/bitstream/handle/1884/24943/TESE_EST.PDF?sequence=1)  
 >. Acesso em: 20 out. 2014.

FARACO, C.A. **Linguagem & diálogo**: as ideias linguísticas do círculo de Bakhtin. São Paulo: Parábola editorial, 2009.

GOFFMAN, E. **Interaction ritual**: essays on face-to-face behavior. Garden City: Anchor Doubleday, 1967.

\_\_\_\_\_. **A representação do eu na vida cotidiana**. Tradução de Maria Célia Santos Raposo. Petrópolis: Vozes, 1975.

\_\_\_\_\_. **Ritual de interação**: ensaios sobre o comportamento face a face. Tradução de Fábio Rodrigues Ribeiro da Silva. Rio de Janeiro: Vozes, 2011.

GOULART, I. B.; BREGUNCI, M. G. C. Interacionismo simbólico: uma perspectiva psicossociológica. In: **Em Aberto**. INEP: Brasília, ano 9, n. 48, out./dez. 1990, p. 51-60. Disponível em: < <http://disciplinas.stoa.usp.br/mod/url/view.php?id=64925> >. Acesso em: 02 jan. 2015.

HANKS, W.F. O que é contexto? In: BENTES, A.C.; REZENDE, R.C.; MACHADO, M.A.R. (Orgs.). **Língua como prática social**: das relações entre língua, cultura e sociedade a partir de Bourdieu e Bakhtin. São Paulo: Cortez, 2008.

KERBRAT-ORECHIONI, C. **Análise da Conversação**: princípios e métodos; tradução Carlos Piovezani Filho. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

KOCH, I.G.V. Linguagem e cognição: a construção e reconstrução de objetos-de-discurso. **Veredas**: revista de estudos lingüísticos, Juiz de Fora, v.6, n.1, p. 9-161, 2002.

\_\_\_\_\_. **Introdução à linguística textual**. 2 ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2009.

JAGUARIBE, V. M. F. Os caprichos e as condescendências do discurso literário. In: **Texto discurso sob múltiplos olhares**: referenciação e outros domínios discursivos. v. 2. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007.

JUNG, C. F. **Metodologia científica**: ênfase em pesquisa tecnológica. 3 ed. Santa Cruz do sul, 2013. Disponível em: < [http://www.unisc.br/portal/upload/com\\_arquivo/metodologia\\_cientifica....pdf](http://www.unisc.br/portal/upload/com_arquivo/metodologia_cientifica....pdf) >. Acesso em: 20 jan. 2015.

LEECH, G. **Principles of Pragmatics**. London: Longman, 1983.

\_\_\_\_\_. Politeness: is there an Eastwest divide? **Journal of foreign languages**, n. 6, general serial n. 160, nov. 2005 Disponível em: <<http://www.ling.lanccs.ac.uk/staff/geoff/leech2006politeness.pdf>>. Acesso em: 20 out. 2014.

LEITE, R. L. **Metaforização textual**: a construção discursiva do sentido metafórico no texto. 2007. Tese (Doutorado em Linguística) – Programa de Pós-graduação em Linguística, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2007.

LOPES, C. R. S. Tradição Textual e mudança linguística: aplicação metodológica em cartas de sincronias passadas. In: MARTINS, M. A. ; TAVARES, M. A. (Orgs.). **História do Português brasileiro no Rio Grande do Norte**: análises linguística textual da correspondência de Luís Câmara Cascudo a Mário de Andrade 1924 a 1944. Natal: EDUFRN, 2012, p. 17-54. Disponível em: <<http://www.lettras.ufrj.br/laborhistorico/producao/UFRN.pdf>>. Acesso em: 15 jan. 2015

MARCOTULIO, L. L. **A preservação das faces e a construção da imagem no discurso político do marquês do Lavradio**: as formas de tratamento como estratégias de atenuação da polidez linguística. 2008. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa) - Curso de Pós-Graduação em Letras Vernáculas, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2008. Disponível em: < <http://www.lettras.ufrj.br> > Acesso em: 26/06/2012.

MARCUSCHI, L. A. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: DIONISO, A.P. *et al.* **Gêneros textuais e ensino**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002, p. 19-36. Disponível em: < <http://pt.scribd.com/doc/61404180/Generos-textuais-definicao-e-funcionalidade-Luiz-Antonio-Marcuschi#scribd> >. Acesso em: 02 fev. 2015.

\_\_\_\_\_. Do código para a cognição: processo referencial como atividade criativa. In: MARCUSCHI, L. A. **Cognição, linguagem e práticas interacionais**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007, p. 82-103.

\_\_\_\_\_. Aspectos da questão metodológica na análise da interação verbal: o *continuum* qualitativo-quantitativo. In: MARCUSCHI, B.; AGUIAR, M. A. de M. (orgs.). **Luiz Antonio Marcuschi, seu percurso, seus textos**: uma homenagem. Recife: PGLetras, 2010. v. 1. 153 p.

\_\_\_\_\_. **Da fala para a escrita**: atividades de retextualização. 10 ed. São Paulo: Cortez, 2010.

MARTINS, A. L. **Aí vai meu coração**: cartas de Tarsila do Amaral e Anna Maria Martins para Luís Martins. São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2003.

MEAD, G.H. **Espiritu, persona e sociedad**. Barcelona: Paidós, 1973.

MONDADA, L.; DUBOIS D. Construção dos objetos de discurso e categorização: uma abordagem dos processos de referenciação. In: CAVALCANTE, M. M.; RODRIGUES, B. B.; CIULLA, A. (Org.) **Referenciação**. São Paulo: Contexto, 2003, p.17-52.

NASCIMENTO, D. M. do. **Metodologia do trabalho científico: teoria e prática**. Fichamento de: CERQUEIRA, A.; SOUZA, P.C. Ilhéus: Universidade Estadual de Santa Cruz, 2010.

OLIVEIRA, F. P. L. de. **Da construção à co-construção de referentes: um olhar sobre os mecanismos cognitivo-discursivos subjacentes à produção e à compreensão de peças de divulgação elaboradas por designers**. 2012. 170f. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada) – Programa de Pós-graduação em Linguística Aplicada, Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2012.

PAIVA, G. M. F. e. **A polidez linguística em sala de bate-papo na Internet**. 2008. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Programa de Pós-Graduação em Linguística. Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2008.

\_\_\_\_\_. **A influência da terceira parte na mudança de *footing* em *chats* educacionais**. 2013. Tese (Doutorado em Linguística) - Programa de Pós-Graduação em Linguística. Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2013.

PANHAVEL, E. Vocativos e marcadores discursivos na gramática textual-interativa. **Revista Linha D'Água**, São Paulo, n. 25, p. 51-65, 2012. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/linhadagua/article/view/62345/65149>>. Acesso em: 19 jan. 2015.

PAREDES SILVA, V. L. Quando escrita e fala se aproximam: uso do pronome de terceira pessoa em cartas pessoais. In: MACEDO, A. T. *et al.* **Varição e discurso**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996.

PINKER, S. Os jogos que as pessoas fazem. In: \_\_\_\_\_ **Do que é feito o pensamento: a língua como janela para a natureza humana**. Tradução Fernanda Ravagnani. São Paulo: Companhia das letras, 2008. p. 425-480.

PRADO, P. F. do. Cartas Portuguesas: sujeito e língua imbuídos de amor. **Revista Trama**, Paraná, v. 4, n. 7, p. 201-214, 2008. Disponível em: <<http://e-revista.unioeste.br/index.php/trama/article/viewArticle/2373>>. Acesso em: 19 jan. 2015.

PRODANOV, C.C.; FREITAS, E. C. **Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico**. 2. ed. – Novo Hamburgo: Feevale, 2013. Disponível em: <[files.metodologiaincientifica.com/200000005-138251575c/e-book-mtc.pdf](http://files.metodologiaincientifica.com/200000005-138251575c/e-book-mtc.pdf)>. Acesso em: 20 jan. 2015.

SACRAMENTO. S. O amor em terras brasileiras. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v.14, n.1, p. 305-323, janeiro-abril/2006. Disponível em: <<http://www.scielo.br>> Acesso em: 05 jun. 2012.

SALOMÃO, M.M.M. Gramática e interação: o enquadre programático da hipótese sócio-cognitiva sobre a linguagem. **Veredas: revista de estudos lingüísticos**, Juiz de Fora, v.1, n.1, p. 23-39, 1997. Disponível em: <<http://www.ufjf.br/revistaveredas/files/2009/12/artigo35.pdf>>. Acesso em: 09 mar. 2014.

\_\_\_\_\_. A questão da construção do sentido e a revisão da agenda dos estudos da linguagem. **Veredas: revista de estudos lingüísticos**, Juiz de Fora, v.3, n.1, p. 61-79, 1999. Disponível

em: < <http://www.ufjf.br/revistaveredas/files/2009/12/artigo35.pdf>>. Acesso em: 09 mar. 2014.

SANTOS, A. T. **A construção do papel social da mulher na Primeira República**, 2009. Disponível em: < [www.maxwell.lambda.ele.puc-rio.br](http://www.maxwell.lambda.ele.puc-rio.br) >. Acesso em: 10 jun. 2012.

SANTOS, E. A. **A emergência da (inter)subjetividade em interação virtual**: um estudo sobre negociação de sentidos e construção de referentes no fórum da comunidade “Professores do Ceará”. 2013. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada) – Programa de Pós-graduação em Linguística Aplicada, Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2013.

SAUSSURE, F. de, 1857-1913. In: BALLY, C.; SECHEHAYE, A. (Orgs.). **Curso de lingüística geral**. Tradução Antônio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein. 27. ed. São Paulo: Cultrix, 2006.

SEARLE, J.R. **Os actos de fala**: um ensaio de filosofia da linguagem. Coimbra: Livraria Almedina, 1981. 270p.

SILVA, E. N. A variação entre as formas pronominais de segunda pessoa “tu” e “você” em cartas de 1930. In: Simpósio Nacional e Internacional de Letras e Linguística, 1, 2011, Uberlândia. **Anais do Simpósio Nacional e Internacional de Letras e Linguística**. Uberlândia: EDUFU, 2011. Disponível em: < <http://www.ileel.ufu.br> > Acesso em: 22 jul. 2012.

\_\_\_\_\_. **Cartas amorosas de 1930**: o tratamento e o perfil sociolinguístico de um casal não ilustre. 2012. Dissertação (Mestrado em Letras Vernáculas – Língua Portuguesa) – Programa de Pós-graduação em Letras Vernáculas, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2012.

SILVA, F.O.; CUSTÓDIO FILHO, V. O caráter não linear da recategorização referencial. In: CAVALCANTE, M.M.; LIMA, S.M.C. de. (Orgs.) **Referenciação**: teoria e prática. São Paulo: Cortez, 2013.

SILVA, J. Q. G. O quadro da situação comunicativa da carta pessoal. In: **Um estudo sobre o gênero carta pessoal**: das práticas comunicativas às marcas de interatividade na escrita do texto. 2002. Tese (Doutorado em Linguística) - Programa Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2002. Disponível em: < <http://www.ich.pucminas.br> > Acesso em: 12 jun. 2012.

SOBRAL, A. Ato/ atividade e evento. In: BRAIT, B. (Org.). **Bakhtin**: conceitos-chave. São Paulo: Contexto, 2005, p. 11-36.

SOUSA, M. M. F. **A Organização textual-discursiva dos anúncios de turismo no Ceará**. 2005. Tese (Doutorado em Linguística) – Programa de Pós-graduação em Letras, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2005.

SUASSUNA, L. **Pesquisa qualitativa em Educação e Linguagem**: histórico e validação do paradigma indiciário. Revista Perspectiva, Florianópolis, v. 26, n. 1, p. 341-377, jan./jun. 2008. Disponível em: < <http://www.perspectiva.ufsc.br> >. Acesso em: 20 jan. 2015.



TEIXEIRA, L.A.P. **A polidez na conversa de pessoas esquizofrênicas:** figuratividade, estratégias e faces. 2011. Tese (Doutorado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2011.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO. **Laboratório de História do Português Brasileiro.** Disponível em: < <http://www.lettras.ufrj.br/laborhistorico> >. Acesso em: 17 set. 2011.

VARELA, F.; THOMPSON, E.; ROCH, E. **A mente incorporada:** ciência cognitiva e experiência humana. Tradução Maria Rita Secco Hofmeister. Porto Alegre: Artrued, 2003.

VIOLI, P. O diálogo eletrônico entre a oralidade e a escrita: uma abordagem semiótica. Tradução de Maria Helenice Araújo Costa. In: BEZERRA, B. G.; BIASI-RODRIGUES, B.; CAVALCANTE, M. M. (Orgs.). **Gêneros e sequências textuais.** Recife: EDUPE, 2009, p. 45-60.

ZAVAM, Aurea. São axiológicas as anáforas encapsuladoras? In: **Texto discurso sob múltiplos olhares:** referenciação e outros domínios discursivos. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007.

**APÊNDICES**

## APÊNDICE A - Correspondência entre Jayme e Maria (versão adaptada)

<b>Jayme</b>		<b>Maria</b>
<b>1ª FASE</b>		
<b>Carta 1 - 09 de setembro de 1936 (word)</b>	<b>Formas de tratamento direcionadas a Maria</b>	
<p>Rio de Janeiro 9 de setembro de 1936</p> <p>Cara Mariquinhas</p> <p>Estimo que a viagem tenha te corrido maravilhosamente bem. Embora tivesses partido hoje só em pensar que tenho de passar uns tempos sem te ver, ja começo a sentir os tormento da saudade, meu anjo eu falo com toda sinceridade eu falei contigo que iria te visitar no 3 ° domingo, mas eu não suporto tanto tempo assim sem te ver então irei no 2 ° domingo dia 20 do corrente.</p> <p>Tu bem sabes minha flor o quanto eu te adoro e te amo, mas podes ficar certa, que de domingo para cá senti o meu amor aumentar muito mais. Só a ti é que eu dedico toda a minha vida, e os meus momentos, tú es a deusa que embala-me nos meus sonhos de ilusão, embora já estejas longe de mim pareço que sinto o teu coração batendo juntinho ao meu. Espera-me no 2 ° domingo na estação que irei no trem de 5 horas, e como chegada te darei um beijo caso tú mo permitas, levarei a maquina fotografica, para tirarmos os nossos retratos.</p> <p>Deste teu amo, que não sabe o que fazer para agradar-te, mil beijos e, ternas saudades.</p> <p>Jayme O. Saraiva</p> <p>N. B. Não separe o papel, e mais, por ter sido escrito a lapis, espero que me perdoe, por que o amo tem esses caprichos.</p>	<p>Cara Mariquinhas meu anjo minha flor</p>	

		<b>Carta 1 - 10 de setembro de 1936 (word)</b>	<b>Formas de tratamento direcionadas a Jayme</b>
		<p>Paulo de Frontem 10- 9- 1936</p> <p>Querido Jayme</p> <p>Saudades</p> <p>Desejo que ja estejas passando melhor de saude que e o meu desejo eu e a Hilda chegamos bem grasas a Deus mais com muita chuva aqui fais muito fro e bom para que e casado aqui so tem mato tem muito sapo grilo e gafanhoto sam os bichos do lugar.</p> <p>Jayme isto não entereça o que entereca e o nosso a mor eu tenho chorado muito con saldades tuas aqui e muito triste era bom se voce estivese aqui com migo. Jayme manda-me dizer se atua mãe falou alguma cousa com voce au meu respeito eu espero voce no dia 27 se poder vin no dia 20 era bom por que estou com tantas saudades tuas muitas lembranças da minha irma Imenia e dos meus sobrinha e da Hilda e desta tam te ama muitos beijo e abraços</p> <p>Mariquinhas</p> <p>Jayme não repare a minha carta por que eu não sei escrever quando acabar de ler você rasga a carta vai uma rosinha por nome roso Mariquinhas do quintal da minha irma</p>	<p>Querido Jayme Jayme</p>
<b>Carta 2 - 26 de setembro de 1936 (download)</b>	<b>Formas de tratamento direcionadas a Maria</b>		
<p>Rio de Janeiro 26 de Setembro de 1936</p> <p>Minha querida noivinha! Alegra-te?</p> <p>Espero que esta te vá encontrar em franco repouso de convalescença assim como os teus, os meus vão bem graças a Deus, eu é que estou piorando muito, mas para não dar braço a torcer continuo calado.</p> <p>Eu andava tão triste por não saber noticias tuas só tinha recebido a carta que escreves-te na segunda feira, ainda hontem de manhã esperava que o Nelzinho trouxe-se alguma, não trazia nada, então fiquei muito mais inquieto, julgando que tivesse acontecido alguma coisa ahi, nem fui na pensão só para escrever-te pedindo noticias, pois é a nossa única via de</p>	<p>Minha amada Marinhas Minha querida Minha bela Minha querida</p>		

comunicação, mas esta carta não cheguei a mandar, pensei que primeiro devia ir na tua casa, talvez tivesse chegado alguma, e guardei carta já pronta, com envelope e tudo.

A noite fui a tua casa, qual a alegria que esperava-me, tinha duas cartas para mim, mal recebias fui ler, as cartas eram dos dias 22 e 23 do corrente, fiquei um pouco mais descansado, mais um pouco desaçosegado por saber que tens tido febre e que a Hilda também está meio adoentada. Irei visitar-te no dia 4, pois não suporto mais tempo sem ver-te, quero ir buscar em ti minha flor o lenitivo de minha dor que é o teu amor, quero sorver de teus lábios minha querida o néctar de um beijo de amor embriagador, quero buscar a minha ventura, olhando para os teus olhos, vejo de eles dizem que toda a minha ventura estão dentro deles só eles poderão me dar força na hora de desalento, para mim tú és a mesma coisa que uma taboa para um naufrago, que quando esta preste a morte, quando surge-lhe a taboa, ele é capaz de dar mundo inteiro pela aquela taboa porque nela esta a sua vida se ela fugir ele morre afogado, a mesma coisa tu és para, eu sou o naufrago e tu es a táboa, não ha no mundo coisa alguma que pague o que mereces para mim, embora tu queiras só o meu amor, ele ja e teu a muito tempo, tu mereces muito mais minha flor, sem ti morrerrei.

Queres saber porque briguei com *Senhor* Mario, isto não interessa, agua passada não volta ao moinho, depois falarte-ei quando for ahi. Vou satisfazer o teu pedido, irei amanhã na festa da Primavera, com o Antoninho, e o Dalves, mas talvez venha embora cedo porque eles vão para andar atraz de pequenas e isto não me interessa, porque só em ti reside todo o meu amor, e sei também que lá, não irá beleza que suplante a tua tu bem sabes disso, e mais a mais não gosto de bancar o center-half de ninguem.

Falas-te do beijo que demos, eu acho que de todos os que demos aquele foi o melhor, não tenho esquecido um só momento, foi tão forte que não posso rir estou com o labio arrebetado. Manda-me dizer se a Ismenia viu, e as fotografias estão demorando muito, se fosse aqui no Rio um milhão de fotografias, amanhã irei a tua casa logo de manhã cedo. Na ultima carta já te disse que vou para a linha de Tiro, no próximo mez, vou ser palhaço.

Recomendações aos teus, estimo as melhoras, um beijinho para a Hilda, e para voce minha querida noivinha muitos beijos e abraços deste teu noivinho que jamais te esquecerá, e que depositou todo seu amor em você.  
teu tristonho noivinho Jayme O. Saraiva

Carta 2 - 28 de setembro de 1936 (download)	Formas de tratamento direcionadas a Jayme
<p>[↑]eu tiespero no dia 4[↑]</p> <p>Paulo de Frotim, 28 - 9 - 1936</p> <p>Meu Queridinho voivinho Jayme Muitas Saudades Espero que esta te vá encontrar em perfeita saude com os teus eu e os meus vamos bem graças a Deus eu a recebi a tua carta a do dia 26 no dia 27 que foi Domingo foi alegria que tive neste dia, aonde mandas-me dizer que estas piorando muito eu pesso-te pelo o nosso amor para ires au medico esta semana sim eu a semana passada estive muito resfriada com a Hilda ella já esta boa graças a Deus eu ja estava tam bem mais tinha que ir almosar no otel e apanhei us pingo de chuva foi o bastante para eu piorar da garganta e depois fui sem casaco mais isto não e nada eu estou e muito triste e de voce estas piorando muito não se e esquesa de ir au medico eu mesmo tempo fiquei com tente de saber que vais para a linha de Tiro para o meis voce dice que ia ser palhaço não vais não, eu mandei dizer que ia no dia 4 mais a minha irman e o meu <del>cunhado</del> cunhado me pedirão muito para eu ficar a té o dia 17 de Outubro que eu tinha vindo dia 9 que não adiantava nada que eu devia ficar 1 meis e que a sim a proveitava e ficava ate o dia 17 que e so mais uma semana.</p> <p>Eu te espero no Domingo que e dia 4 na estação e acho que voce devi vir no trem das 8 horas para tua mães não desconfiar voce dis que vai a um passeio com um colega e sair as 7 horas de casa que da muito tempo sim vindo de onibus. eu a semana passada escrevi-te 6 cartas o meu pai dice que so tinha chegado 3 e a do dia 21 - 22 - 23 – eu escrevia todos os dias eu a recebi 7 cartas com a de Domingo. as fotografias não estam prontas o meu cunhado levou as chapas para [↑] copiar [↑] no Rio que aqui não ficavam boas ou o homem não sabia copiar eu tenho me aborecido muito com isto o meu <del>e</del> cunhado vai mandar-te entregate esta semana que eu pedi, eu pagei as chapas dei 5.000 mil reis eu acho que elle não mereceu.</p> <p>Recomendações da minha irman sobrinhas e Ismenia a Hilda manda-te um beijo e da</p>	<p>Meu Queridinho voivinho Jayme meu Jayminho</p>

	<p>tua noivinha muitos beijo e <del>ab</del>-abraços au meu noivinho Jayme</p> <p>Maria Ribeiro da Costa</p> <p>eu a semana passada pasei muito triste e chorando um pouquinho so mais não fiques sangado com migo o que fais isto e eu gostar muito do meu Jayminho a Ismenia dice se soubece escrever que tinha escrito para voce dizendo que eu tinha chorado. mais beijinha para o meu Jayminho</p> <p>não repares a minha carta e <del>z</del>-rasga manda-me dizer se foite a festa da Primavera e não esquesa da modinha.</p>	
	<b>2ª FASE</b>	
	<b>Carta 3 – 12 de fevereiro de 1937 (word)</b>	<b>Formas de tratamento direcionadas a Maria</b>
	<p>Rio-12- 2- 1937</p> <p>Meu queridinho noivinho saudades</p> <p>infundas. Espero que esta te vá encontrar em perfeito estado de saude, eu vou bem graças a Deus. Eu ontem chegei sedo em casa o meu pai a inda não tinha chegado. O meu irmão Neuzinho esteve com o teu irmão ontem elle esteve jogando o verde no Neuzinho mais elle não caiu, voce pergunta au Neuzinho o que elles falarão, o teu irmão perguntou a onde a gente morava o Neuzinho diçe que morava em catumbi eu acho que elle</p> <p>feis mal de dizer que morava em catumbi por que a Thereza sabe que a jente mara em S. Francisco Xavier ella não sabe e o numero, voce fala com o Neuzinho para não dar muita com verça au teu irmão por que elle e facil de cair com o teu irmão. Eu espero duas cartas para a semana em Petropolis, e não te escesas do nosso encontro no sabado si Deus quizer</p> <p>Eu te peço para não ires a praia no Domingo sim. Eu já sei que vou passar um Domingo muito trite e nei vou sair de casa nois temos que nos com formar com a nossa sorte, eu tenho muita fé em Deus e na Santa Teresinha e peço-te para teres tam bem. Aceita desta que loucamente te ama muitos beijos e abraços da tua</p>	<p>Meu queridinho noivinho</p>

	noivinha trite Mariquinhas Eu te peço pelo amor de Deus para rasgares este bilhete	
<b>Carta 3 – 13 de fevereiro de 1937 (word)</b>	<b>Formas de tratamento direcionadas a Jayme</b>	
<p>Rio de Janeiro, 13 de Fevereiro de 1937</p> <p>Minha querida noivinha sempre teu</p> <p>Espero que esta te vá encontrar em perfeito estado de saude, assim como os teus. Recebi teu bilhete datado de hontem cujo conteudo muito interessou-me, porque o teu irmão fez mal em dizer que estava morando no Catumby, motivo por qual tenho que reservar-me sobre qualquer ataque em minha casa, eu parar despistar caso perguntem a mim digo a mesmo cousa que é para julg- rem que eu não sei tambem. Eu amanhã vou a praia, peço-te perdão por isto, mas o ambiente em minha casa é insurpotavel cada vez compreendo menos.</p> <p>Tu sabes minha flor se não fora isso, eu acataria o teu pedido, em casa todos parecem uma feras contra mim até os meus irmãos Eu quero ir a praia somente para não ver tudo isso, porque faz-me pensar em bobagens. Mas tudo que facam minha querida, não faz esquecer-me de ti, pelo contrario, fazem- me gostar cada vez mais de ti, sonho, penso soffro tudo enfim, mais meu amor é fiel, dedica-se somente a ti, a mulher que mais sofreu neste mundo pelo amor, procurarei nos resto de dias de minha existencia corresponder com o meu amor e o meu aféto,# o amor que tanto me dedicas, portanto correspondo a ti, a altura que tu mereces.</p> <p>Sinto me feliz em saber que tu me amas, e que teu coração pertence somente a mim, as lagrimas que tens derramado por mim, que Deus transforme-as no futuro em felicidade porque o mereces, minha Deusa. Tu ensinas-te- me a amar a viver a sofrer e a querer-te, por isso tens-me em teus braços para eternamente, és a minha eterna sonhadora amada Mariquinhas, o meu futuro e a minha felicidade. Amanhã a noite se eu ficar sosinho em casa, te escreverei uma carta como tu gostas bem grande e bonita, e mandarei para# Petropolis, eu não paguei a prestação da apólice em virtude de estar bombardeado, ando pronto.</p> <p>mas segunda feira já tenho dinheiro e pagarei Lembrança a todos os teus e um beijo na Hilda Deste teu eterno apaixonado noivinho, aceita muitos beijos e abraços. Jayme O. Saraiva</p>	<p>Minha querida noivinha minha flor minha querida minha Deusa</p>	



		3ª FASE	
		Carta 4 – 15 de março de 1937 (download)	Formas de tratamento direcionadas a Jayme
		<p>Petropolis 15-3-1937</p> <p>Meu querido noivinho saudades.</p> <p>Estimo que esta te vá encontrar em perfeita saude, eu graças a Deus vou bem. Eu mando-te dizer que a carta da semana passada não chegou eu acho que estreviou. Eu chegei muito bem em petropolis mais estou com muitas saudades tuas eu sonhei muito com voce na noite de Domingo para segunda feira, voce não dis nada aus meus irmães que eu vou te espera no sabado por que eu não avizei a minha mãe. Eu espero que as cartas desta semana não acontenção como da semana passada, eu não tenho açunto para te escreveres, voce é o contrario de mim voce para escrever teis # sempre açunto mais quando estais perto de mim ficas tão caladinho eu e que falo tudo com voce, a Dona Marieta manda muitas lembranças para voce e juiso. Não se esqueca de me espera no sábado e acho que devo chegar mais tarde do que voce mais quei chegar primeiro espera. Desta tua noivinha que tanto te ama muitos beijos e abraços au meu queridinho noivinho Jayminho.</p> <p>Mariquinhas</p> <p>não se esqueca de resar todas as noites eu devo chegar as 6 ½ horas no ponto por que eu vou descer de onibus. não repares a minha carta por que eu não sei escrever e podes rasgar.</p>	<p>Meu queridinho noivinho</p> <p>Meu queridinho noivinho</p> <p>Jayminho</p>
Carta 4 – 16 de março de 1937 (download)	Formas de tratamento direcionadas a Maria		
<p>Rio de janeiro 16 de Março de 1937</p> <p>Minha enesquecivel noivinha, saudades incontadas</p> <p>Todo o meu desejo é que esta té vá encontrar em perfeito estado de saude, e que a tua saudade não seja tão cruel quanto a minha eu vou bem graças a Deus, de saude, de amor tu sabes como me sinto, cada vez mais cego, e cada vez</p>	<p>Minha enesquicivel noivinha</p>		

<p>querendo amar mais.</p> <p>Eu sinto que nesta vida já tenho tudo preparado, tenho a carreira mais ou menos bem graças a Deus, e tenho a flor de meus sonhos a deusa que mais amo e mais idolatro, a santa que inspira-me e me dá forças que é você, só falta-me a felicidade que a terei dentro em breve, que é possuindo-te como minha esposa e como minha eterna companheira, só assim sentiria-me feliz. O nosso amor surgiu do crepúsculo das ondas, revoltas pela tempestade da paixão, porque quando nos falamos já nos amamos.</p> <p>E hoje que possuo todo o seu amor, é que sei dizer que maior prazer nesta vida consiste no amor, que seria de mim sem teu amor, se você me desprezasse, seria o fim de um pobre mendigo de amor, que morreria crucificado pela grande paixão que trazia no peito, mas isso sei eu que jamais acontecerá porque o meu fim seria o teu, nós estamos um para o outro, como a planta está para a raiz, que seria a planta sem a raiz morreria naturalmente o mesmo aconteceria conosco, estamos enraizados um ao outro, nós somos a raiz de nós próprios, jamais poderemos, nos separar.</p> <p>Viveremos eternamente um para o outro, amando cada vez mais, esquecendo as dores de agora, o meu coração terá eternamente em teu peito batendo dando-te vida, e o teu viverá em meu peito dando-me vida e alento para continuar dedicando a ti todo o amor que mereces, porque a flor que enaltece-me, que me ensina a amar e me ensina o caminho da felicidade és tu, dedicando todo o meu amor ainda e pouco porque todo o meu amor, não paga tudo isso que fazes por mim, mas estarei sempre a teu lado.</p>		
---	--	--

APÊNDICE B - Correspondência entre Jayme e Maria (acervo completo)<sup>31</sup>

<b>Jayme</b>		<b>Maria</b>
<b>1ª FASE</b>		
<b>Carta 1 - 27 de junho de 1936 (word)</b>	<b>Formas de tratamento direcionadas a Maria</b>	
Querida Mariquinhas  Espero que ja estejas um pouco refeita do golpe por que passaste. Apesar de ter te visto hontem de manhã não queiras saber a saudade que invade o meu peito. Meu pensamento é só em ti, quer sob o sol ou sob a lúá, quer estar aqui em casa ou na sua, minha lembrança é só tua. Peço-te que tenhas confiança em mim, e que não me esqueças, porque jamais te esquecerei, nem poderei deixar de te amar, não podemos nos separar, porque o destino esta sempre a unir-nos. Espero tuas letras, por favor. Deste que não cança de te amar, mil beijos. Rio 27— 6— 36 Jayme O. Saraiva	Querida Mariquinhas	
<b>Carta 2 - 30 de junho de 1936 (word)</b>	<b>Formas de tratamento direcionadas a Maria</b>	
Querida Mariquinhas	Querida Mariquinhas	

<sup>31</sup> As notas de rodapé que aparecem posteriormente neste apêndice são de autoria dos organizadores do acervo Jayme-Maria (1936-1937) que faz parte do Projeto para uma História do Português Brasileiro (PHPB) da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).

<p>Recebi o teu favor datado de 29- 6- 36 não queiras saber a alegria que invadiu meu coração, pois a uns tempos para cá tem vivido tão oprimido, mas esta alegria pouco me valeu, embora tuas letras me traga alegria, mas não é como aquela alegria que sinto, quando estou junto de ti, sentindo suas mãos esfregando as minhas. Meu amor cada vez mais, cresce, só em pensar que a amo, e que tú me amas, o meu triplica-se, Não tome a brincadeira este meu verso, porque reproduz a verdade. Meu amor cresce tanto Que já parece um trophéo Pois de tanto crescer, já... Está um enorme arranhacéo. Mariquinhas... meu amor é todo teu eu pertença, somente a ti, é a voce somente que eu amo, que dedico toda a minha afeição, quero que tú me queiras conforme eu te quero a ti. Deste que jamais lhe esquecerá, e que viverá somente para o seu amor Continuo aguardando tuas nova letras, beijos para ti e para Hilda Rio 19 36 6 Jayme O. Saraiva</p>	<p>Mariquinhas</p>	
<p><b>Carta 3 - 20 de agosto de 1936 (word)</b></p>	<p><b>Formas de tratamento direcionadas a Maria</b></p>	
<p>Rio de Janeiro 20 de Agosto de 1936</p> <p>Cara Mariquinhas.</p> <p>Saudades.</p> <p>Todo o meu desejo é que este te vá encontrar em franco repouso e convalescimento. Tenha fé em Deus e em nosso amor, Deus jogará os seus raios de ponderancia e de bem, para que fiques boa o mais breve possivel, para que possas voltar aos meus braços, que tanto sentem a tua falta.</p>	<p>Cara Mariquinhas Minha Mariquinhas Mariquinhas</p>	

<p>O mundo para mim sem voce, não é um pa-raíso, e sim um inferno, as saudades tem me atormen-tado, não consigo fazer nada que não seja a tua imagem, em tudo pareço ver os teus olhos a me dizerem coisas maravilhosas de nosso amor, ou então pareço ouvir teus labios a dizer-me que tam-bem sentes saudades minhas ou pareces ouvil-os suplicantes a pedirem beijos, e quando vou para beijal-as ha desilusão, eles desaparecem, então sinto o coração dilascerar-se ainda mais.</p> <p>Minha Mariquinhas o único consolo que me resta, é saber que tú ainda me amas, não fora isto que seria de mim se não mes resta-se o seu amor, nos nunca mais podemos nos separar nos pertencemos um para o outro eternamente, nos não podemos mais nos separar, seremos sempre os eternos Jayme e Mariquinhas, viveremos um para o outro até Deus nos separar na morte, ta que tal-vez nem assim nos separemos.</p> <p>Deste que loucamente te ama, mil beijos. e que jamais te esquecerás Jayme O. Saraiva</p>		
<p><b>Carta 4 - 22 de agosto de 1936 (word)</b></p>	<p><b>Formas de tratamento direcionadas a Maria</b></p>	
<p>Rio de Janeiro 22 de Agosto de 1936</p> <p>Saudades atormantadas Querida Mariquinhas.</p> <p>Desejo que já estejas passando melhor, e que dentro em breve, estejas boa por completo, para sermos bem felizes, que é o meu idal, o felicidade. Ideal querido! Sonho lindo de minha vida! Tu que passas docemente a em-balar a minha imaginação com teus canticos suaves, cheios das doces ilusões de que falam os poetas. És o cofre precioso das minhas mais caras aspirações! Na grandiosidade do teu ser</p>	<p>Querida Mariquinhas minha flor Minha querida Mariquinha da Costa</p>	

imafinario, vagueiam as chimeras ardentes dos meus desejos! Ansiosamente espero ver-te na magia deslum-brante da realidade, e tu me apareces apenas como uma sombra vaga, indecisa, que me proporciona momentos deleitosos nas horas sismarentas do meu viver, mas não me satisfazem ainda; porque estes instantes tão doces no sonambulismo da minha existencia não são mais que essas chimeras ilusorias, que o tempo caprichoso, no seu marchar faz desaparecer como folhas mortas levadas pelo vento á correnteza do rio... É então, quando experimento, nessa atmosfera espiritual de enganosa felicidade, o desejo de possuir uma felicidade mais sensível, mais verdadeira a realidade da vida, harmonizada com os encantos sublimes da poesia, perfumada com a essencia divina das flores singelas, brotadas no coração pela semente da Esperança... E eu espero em ti... ideal da minha felicidade... Dedico a ti minha flor os versos abaixo, embora não sejam feitos por um poeta, mas foram ditados pelo meu coração.

O meu coração Neste sofrimento  
 Vibra de paixão Espero o momento  
 Sentindo a dor que minha' alma invade Numa atitude  
 tristosa  
 Tendo na lembrança O meu coração  
 Suave esperança Vibra de emoção, pulsa de amor  
 De matar minha saudade Soluça, canta e sonha. Continua

Más quando o amor é sincero  
 A ausencia aumenta a saudade  
 Por isso que ainda espero  
 Momentos de felicidade.

Quizera dizer-lhe baixinho  
 Pra ninguem mais escutar  
 Se voce não matar da saudade  
 A saudade vae me matar. Minha querida não deixes a  
 nostalgia matar-me, és todo o meu amor, é toda a minha vida,  
 é o meu destino, a ti que dedico todos os minutos de minha

<p>existencia, es tu a deusa porque tanto tenho chorado não deixes a saudade matar-me. Quer dizer-te que és minha somente minha, quero sentir, teus braços, envolver o meu corpo, quero extasiar-te na taça de nossos labios com beijos ardentes, voltes [ pi ] porque eu não suporto mais a tua ausencia, suplica-te que não demores mais, porque meu coração acabará dilacerado. Deste que sempre te amou com fervor, mil beijos Jayme O. Saraiva Mariquinha da Costa</p>		
<p><b>Carta 5 - 25 de agosto de 1936 (word)</b></p>	<p><b>Formas de tratamento direcionadas a Maria</b></p>	
<p>Rio de Janeiro 25 de Agosto de 1936</p> <p>Querida Mariquinhas</p> <p>Espero que este te vá encontrar em franco re-pouso de coalescência. Só Deus e eu é quem sabemos o que tenho sofrido, as a saudade que avassala no momentos o meu pobre coração já não tem limite. Só tu minha querida e que poderás me dar socego, so o teu amor minha flor e que me poderá trazer felicidade, tenho sentido tanto a tua ausencia que chego a julgar que tu não queres mais voltar mas esse pensamento morre logo, porque vejo que tú não tens culpa. Cada vez compreendo melhor, o que seria o mundo para mim sem voce, eu agora sabendo que tú ainda me amas sinto-me tão desolado, que fará então agora sem voce nem é bom pensar meu anjo. Espero dentro em breve ver-te novamente ao meu lado, para almentar-mas ainda mais o nosso amor. Deste que tanto te ama, mil beijos e muitas saudades. Jayme O. Saraiva</p>	<p>Querida Mariquinhas minha querida minha flor meu anjo</p>	

	<b>Carta 1 - 10 de setembro de 1936 (word)</b>	<b>Formas de tratamento direcionadas a Jayme</b>
	<p>Paulo de Frontem 10- 9- 1936</p> <p>Querido Jayme</p> <p>Saudades</p> <p>Desejo que ja estejas passando melhor de saude que e o meu desejo eu e a Hilda chegamos bem grasas a Deus mais com muita chuva a qui fais muito fro e bom para que e casado a qui sotem mato tem muito sapo grilo e gafanhoto sam os bichos do lugar. Jayme isto não entereça o que entereca e o nosso a mor eu tenho chorado muito con saldades tuas a qui e muito triste era bom sevoce estivese aqui com migo. Jayme manda-me dizer se atua mãe falou alguma cousa com voce au meu respeito eu espero voce no dia 27 sepoder vin no dia 20 era bom por que estou com tantas saudades tuas muitas lembranças da minha irma Imenia e dos meus sobrinha e da Hilda e desta tam te ama muitos beijo e abraços</p> <p>Mariquinhas</p> <p>Jayme não repare a minha carta por que eu não sei escrever quando a cabar de ler voce rasga a carta vai uma rosinha por nome roso Mariquinhas do quintal da minha irma</p>	<p>Querido Jayme Jayme</p>
<b>Carta 6 - 09 de setembro de 1936 (word)</b>	<b>Formas de tratamento direcionadas a Maria</b>	
Rio de Janeiro 9 de setembro de 1936	Cara Mariquinhas meu anjo	



<p>Cara Mariquinhas</p> <p>Estimo que a viagem tenha te corrido maravilhosamente bem. Embora tivesses partido hoje sóe m pensar que tenho de passar uns tempos sem te ver, ja começo a sentir os tormento da saudade, meu anjo eu falo com toda since-ridade eu falei contigo que iria te visitar no 3 ° domingo, mas eu não suporto tanto tempo assim sem te ver então irei no 2 ° domingo dia 20 do cor-rente. Tu bem sabes minha flor o quanto eu te adoro e te amo, mas podes ficar certa, que de domingo para cá senti o meu amor aumentar muito mais. Só a ti é que eu dedico toda a minha vida, e os meus momentos, tú es a deusa que embala-me nos meus sonhos de ilusão, embora já estejas longe de mim pareço que sinto o teu coração batendo juntinho ao meu. Espera-me no 2 ° domingo na estação que irei no trem de 5 horas, e como chegada te darei um beijo caso tú mo permitas, levarei a maquina fotografica, para tirarmos os nossos retratos.</p> <p>Deste teu amo, que não sabe o que fazer para agradar-te, mil beijos e, ternas saudades. Jayme O. Saraiva N. B. Não separe o papel, e mais, por ter sido escrito a lapis, espero que me perdoe, por que o amo tem esses caprichos.</p>	<p>minha flor</p>	
<p><b>Carta 7 - 10 de setembro de 1936 (word)</b></p>	<p><b>Formas de tratamento direcionadas a Maria</b></p>	
<p>Rio de Janeiro 10 de Setembro de 1936</p> <p>Minha Mariquinhas</p> <p>Desejo-te muitas felicidades, assim como aos teus, peço-te desculpas, da ultima carta não ter falado neles, como tú sabes todo o meu sentido esta preso em voce, que quando começo a escrever- te esqueço-me até do mundo. Tenho umas</p>	<p>Minha Mariquinhas Minha querida</p>	

<p>novidadesinhas que muito te agradarão, no ultimo dia que subimos juntos, a noite, eu e minha mãe estivemos conversando, então elafalou muito a teu respeito, demonstrou estar muito interessada em voce, chegou a chorar, disse que ela e papai foram os culpados por tudo que houve, falou tambem que tem a certeza que nós não acabamos, e que dentro em breve voce voltará a frequentar a nossa casa. Minha mãe falou também, que não se metia em mais nada,</p> <p>Porque se fosse o nosso destino nos casavamos mesmo e não adiantava estar se me-tendo, ela culpa somente a sua irmã, a sua irmã é que foi afronta-la. Minha querida essa conversa alegrou-me tanto que sinto vontade de correr, pular cantar, mas começo a pensar que estás tão longe, embora tú mores dentro do meu coração, eu só posso ver-te somente nos sonhos. Eu não sei o que seria de mim sem teu amo, tu és para mim a mesma coisa, que é a agua para o viajante no deserto, o viajante no deserto no deserto sem a agua morrerá, e eu sem teu amor morrerei. só a ti e que eu devo o meus melhores momentos, e as minhas noites de insonias. Aguardo a tua carta com uma das maiores ansiedades, para desa-bafar um pouquinho o meu coração sabendo noticias tuas,</p> <p>Um abraço para todo os teus. E para voce um eternecido beijo em todas as vezes que pensa-res em mim, porque eu sei que serão milhares de pei beijos por dia. porque pensas tanto em mim. Jayme O. Saraiva junto envio-te uns uns selos eu não os comprei porque no escritório tem muitos, de modos que não faz falta.</p>			
		<b>Carta 2 - 12 de setembro de 1936 (word)</b>	<b>Formas de tratamento direcionadas a Jayme</b>
		Paulo de Frontem, 12- 9- 1936 Meu Queridinho Jayme Desejo-te muitas felicidades assim como aos teus eu e os	Meu Queridinho Jayme Jayme

		<p>meus vamos muito bem grasas a Deus eu recebi a tua carta do 9 e do 10 no dia 11 eu e a Ismenia fomos buscar na estação por que o coreio não traes em casa eu fiquei muito contente com as noticias que mandaste diser sobre o meu respeito Jayme manda-me dizer o que a tua mãe falou com voce que eu estou anciosa para saber. Eu tenho sonhado todas as noites com voce eu quando recebi as tuas cartas fiquei tan contemte que chegei a chora eu vin lendo pelo caminho e chora-ndo que a Ismenia chegou me chamar de boba Jayme a qui cheve muito e fais muito frio  [ ↑ ] a Hilda manda um beijo para voce ela dise que e um so me responde a carta sim [ ↑ ] e muito triste. Eu fiquei tam com temte saber que voce vinha vem no dia 20 do corente voce manda-me dizer a certesa sivem mesmo para eu ir esperarte com Ismenia e manda dizer em que trem vem abraços da minha irma dos meus sobrinha da Ismenia e da Hilda. e desta que tanto te ama muitos a braços e muitos beijo– e não se esqueca de min  Maria Ribeiro da Costa  a minha irma manda-te pedir para voce trazer mais um filme que depois ella paga a qui muito o brigada pelos selos. Jayme não repares a minha carta que não sei escrever</p> <p>[ ↓ ] quando acabar de ler g rasga a carta [ ↓ ]</p>	
<b>Carta 8 - 11 de setembro de 1936 (word)</b>	<b>Formas de tratamento direcionadas a Maria</b>		
<p>Rio de Janeiro 11 de Setembro de 1936</p> <p>Querida Mariquinhas</p> <p>Espero que este te vá encontrar em perfeito estado de saude junto aos teus. A saudade começa a apoderarce se mim ja sinto que tua ausencia é para mim um martirio, só tú minha</p>	<p>Querida Mariquinhas  minha flor  Minha querida  Mariquinhas</p>		

<p>flor é que podes trazer a alegria no meu viver, só tu com o teu sincero amor é que poderá iluminar a minha vida, tu és o meu tesouro, em ti é que esta guardada toda a minha vida, contigo é que esta toda a minha felicidade. Minha querida eu sinto tanto em só poder dizer o que sinto por escrito pois quando estamos juntos quasi não podemos falar. Tu bem sabes que eu não sou nenhum nababo, não tenho riqueza alguma, toda a riqueza que possuo e que te posso dar, é o meu amor que julgo não haver nenhum igual, porque é um amor puro, e o meu pobre coração, que no momento vive tão oprimido de tanta saudade, a maior riqueza que eu almejo neste mundo é o teu amor e o teu coração só isto basta para eu considerar-me o homem mais feliz do universo.guardo a tua carta que tanto me prometeste antes de partistes eu sei que ficaras acanhada em escrever, com medo de fazer muitos erros, não faz mal logo que escrevas é quanto basta o resto não reparo, uma coisa te peço, não deves escrever palavras doces, porque estou doente do estomago. Um abraço para todos os teus, e um beijo para a Hilda. e para tí minha querida envio-te um beijo em cada vez que pensa-res em mim, peço-te que contes todos. Deste que tantas saudades sente tuas</p> <p>Jayne O. Saraiva</p> <p>Mariquinhas</p>			
	<p><b>Carta 3 - 14 de setembro de 1936 (word)</b></p>	<p><b>Formas de tratamento direcionadas a Jayme</b></p>	
	<p>Paulo de Frontem 14- 9- 1936</p> <p>Querido Jayme</p> <p>Saudades atormentadas</p> <p>Espero que esta te vai encontra em perfeita saude a sim como os teus. Eu e os meus vamos bem de saude eu</p>	<p>Querido Jayme</p> <p>Jayne</p>	

		<p>estou com muitas saudades tuas no domingo que pasou eu estive deitada todo o dia só melevantei para almosar choveu o dia todo estive todo o dia pensando em voce e chorando muito voce manda-me dizer o que feis o dia todo e sefoiste au cinema e que filme viste. viu. Jayme eu recibí a tua carta do 11 no dia 14 e ja mandei duas cartas a do 10 e do 12 e esta do 14. Eu espero voce no dia 20 do corente na estação com a Ismenia as 7 aras.</p> <p>Jayme e Mariquinhas sem pre unidos</p> <p>Jayme manda-me dizer como vais pasando do estomago eu quero sabe se estais melhor. Voce memandou um beijo em cada vez que pensase em voce e me pidiu para eu contra todos eu não poso contar por que eu perco a conta so sieu tivese um contador.</p> <p>Voce dise para eu não escrever palavras doces que te fasem mal au estomago voce sabe que eu não sei escrever nada voce sabe que eu sou uma bobinha abraços da minha irman dos meus sobrinha Hilda e da Ismenia e desta que loucamente te ama mil beijo e abraços. Mariquinha da Costa</p> <p>não repare a minha carta e conta todos os eros e manda-me dizer não se esqueca de rasgar [ ↓ ] e me responda a carta [ ↓ ]</p>	
<b>Carta 9 - 13 de setembro de 1936 (word)</b>	<b>Formas de tratamento direcionadas a Maria</b>		
<p>Rio de Janeiro 13 de Setembro de 1936</p> <p>Querida Mariquinhas</p> <p>Que este te vá encontrar em perfeito estado de saude, assim</p>	<p>Querida Mariquinhas Minha querida meu anjo lindo meu bem</p>		

como todos os teus, embora que eu saiba que não sintas menos saudades do que eu. Hoje domingo não saí de casa, também não fui na sua conforme prometi porque tenho passado mal, eu ando em pé só para não dar o braço a torcer, se eu continuar assim talvez não possa ir ahi no proximo domingo dia 20, porque tenho piorado muito, no entretanto suplico-te para pedires a Deus para eu ficar bom, para eu poder ir, por-que não suporto mais esta separação. Escrevo-te um pouco do que sinto e penso, no momento desta saudade

### SAUDADE III

Longe de ti, triste desperto

E a ti me chego pelo pensamento

Longe dos olhos teus, neste momento

Ante meus olhos, tudo está deserto... II

Deserto sim. Em torno a mim nem tanto

Ver, pois não tenho nada a ver por certo

Da tua alma, á minha alma está bem perto

Em dulcissimo e santo enlevamento.

Minha querida sinto tanto a tua falta, anseio para ver-te que parece-me que tu não voltas mais, eu sei que um dia virás e espero-te ansioso, mas quando? Uma esperança acende-me a face e o riso de um sonhar abre-me o coração, vivo espalhando a luz como quem dando o pão, feliz em fazer bem no bem se rejubila, Ama-me assim querida sem ânsias nem clamores, sem amostras no olhar de cousa alguma, num silencio feliz num gesto em suma, furtivo ás aparencias exteriores. Esta noite tive um sonho contigo tão lindo, que preferia ficar naquela doce ilusão até tu chegares, sonhava que havia entrado na tua casa, sem ninguem pecerber e fui encontrar-te dormindo tua alcova estava linda, era a palida luz da lampada sombria sobre um leito de flores reclinada, como a lua por noite embalsamada entre as nuvens de amor voce durmia.

Era a deusa do mar, na esuma fria pela maré das aguas embaladas, era um anjo entre nuvens d'alvorada Que em sonhos se banhava e se esquecia, era mais bela, o seio

<p>palpitando negros olhos as palpebras abrindo formas núas no leito resvalado, não te rias de mim, meu anjo lindo, por ti as noites eu velo chorando, por ti nos sonhos morrerei sorrindo. Estes pobres bilhetes que te mando, peço-te que não mostres a nim-guem, guarda-os contigo, esconde-os sempre e quando não os quizeres mais, queima-as meu bem, nunca deixes que nelles domarando possa acaso, indiscreto, o olhar de alguém ao fundo queira saber. Continuo esperando a tua carta que tanta ha de trazer-me. Lembranças para os teus, da um beijo por mim na Hilda E para ti tantos beijos quantos desejares. Deste que sempre te pertenceu muitas saudades Jayme O. Saraiva Recebi tua carta hoje Rio 14- 9- 36 muitos beijos</p>		
<p><b>Carta 10 - 15 de setembro de 1936 (word)</b></p>	<p><b>Formas de tratamento direcionadas a Maria</b></p>	
<p>Rio de Janeiro 15 de Setembro de 1936</p> <p>Minha Querida Mariquinhas</p> <p>Desejo-te muitas felicidades assim como aos teus. Recebi as tuas duas primeiras cartas que mui-to alegrara-me, mas que mera - me aumentar-me a saudade. Estas tuas lagrimas é que não me agradam não precisavas dizer-me porque eu já sabia. tu bem sabes que deixas-te o teu coração comigo e levas-te o meu contigo. Seu coração é quem trabalha para mim ele e quem me da a vida, meu benzinho eu sem ele talvez já tivesse morrido de saudade. Não tenhas medo porque eu jamais esquece-rei de voce, eu esquecendo de voce, esqueceria de mim mesmo, esqueceria do mundo e da vida esquecendo tudo isto estaria morto. Tu sabes minha flor que</p>	<p>Minha Querida Mariquinhas meu benzinho minha flor</p>	

<p>de ti é que eu espero os meus momentos de felicidade em ti e que esta depositada toda a minha existencia então não sejas tola em pedir bobagens dizendo não se que esqueça de mim, isso é uma cantiga muito velha.</p> <p>Recomendação aos teus e dois beijos para a Hilda, diga a ela que esta zagado com ela por ela ter me mandado só um beijo, tão pequena e já tão egoista como a mãe, espera-me domingo dia 20 no primeiro trem no que chega ahi as 7 ou 8 horas, só não irei se chover. Deste teu amado uma tonelada de beijos. Jayme O. Saraiva</p> <p>Sinto-me envergonhado de te escrever a lápis mas se te enfastiares de minhas letras manda-me dizer, porque eu então não escreverei mais, mas tu podes escrever quantas cartas tu queiras por dia porque para mim é uma alegria. do teu saudoso Jayminho muitas saudades.</p>		<p align="center"><b>Carta 4 - 21 de setembro de 1936 (word)</b></p>	<p align="center"><b>Formas de tratamento direcionadas a Jayme</b></p>
	<p>Paulo de Frontim 21- 9- 1936</p> <p>Adorado Jayme</p> <p>Saudade</p> <p>Desejo-te muitas felicidade assim como aos teus eu e os meus vamos bem graças a Deus voçe me pediu para eu não chora mais não foi poçível eu não posso viver mais sem voçe eu devia matar as saudades no domingo mais fiquei com muito mais eu chegei en casa deiteime logo mais so fui dormir as 11 horas o meu pensamento estava esperando que voçe chegaçe en sua casa para descansar eu fiquei com muito pena de voçe es tar muito cansadi-nho eu escrevi-te esta carta as 9 horas da manha de pois do café a minha irman chegou-me a dizer-me si eu não tinha matado as</p>	<p align="center">Adorado Jayme Jayme</p>	



		<p>saldades ontem eu disse que não que tinha ainda a mentado muito mais eu não esperava a quele beijo na despedida foi pena de não ter sido muitos eu escrevi-te esta carta com muitas dores no corpo eu desconfio que foi de andar muito no domingo mais isto passa o que não passa e a tristeza que trago no meu coração. a braços da minha irmã dos meus sobrinha Ism Ismenia e da Hilda e desta que loucamente te ama muitos beijos e abraços. Maria Ribeiro da Costa</p> <p>manda-me dizer se tua mãe falou a alguma coisa com você do passeio Jayme se tua mãe falar com você a meu respeito manda-me dizer. não repare a carta quando acabar de ler rasga</p>	
<p><b>Carta 11 - 21 de setembro de 1936 (word)</b></p>	<p><b>Formas de tratamento direcionadas a Maria</b></p>		
<p>Rio de Janeiro 21 de Setembro de 1936</p> <p>Minha querida Mariquinhas, é melhor chamar-te de minha querida noivinha : consentes ? responde-me</p> <p>Espero que esta te vá encontrar um pouco mais descansada do que eu assim como as tuas, eu sei que tu choraste muito, eu te pedi tanto para que tu não chorasses e não me atendeste, porque tu fazes isso? tu não sabes que eu sofro com isso ? porque tu és tão tolinha assim? isso não te serve de nada só serve para martirizar a ti e a mim, eu sei<sup>1</sup> que te perguntando tudo isso tu me dirias que é porque tu me amas, e bem sei minha querida, que teu amor é muito forte mas ele não manda que tu chores, tu bem sabes que eu não mereço as tuas lágrimas, meu amor fica tão<sup>2</sup> amargurado com esses teus sentimentos, que não se sente em paz, já a tua ausência a meu lado é um abismo que se abre, que dirá sabendo que tu choras. Minha querida tu</p>	<p>Minha querida Mariquinhas Minha querida minha flor Minha querida</p>		

<p>bem sabes que eu não vivo para mais ninguém a não ser você, você é que é todo o meu ideal, de você é que espero a minha vida, eu quero<sup>3</sup> colher no jardim de tua vida flor de minha felicidade que é você. Aquelle beijo que demos hontem foi tão doce, tão cheio de vida e de amor, que não sei explicar aonde chegou, sinto-o ainda nos labios, chegou-me a brotar-me maior o desejo de possuir-te, na viagem não durmi pensava somente em você e no teu beijo. Eu disse que não voltaria mais ahi, mas tenho que faltar a palavra perdoa-me manda dizer-me quando vens embora que eu irei ahi te buscar, ainda hontem mes-mo cheguei a falar com o Zezinho a Aninhas que só voltaria ahi para ir naquela cartorio“ Cartorio” com você e passar uns 15 dias ahi na lua de mel, mas sendo assim como vou te buscar tenho que ir antes. Recomendações a todos os teus, e beija a Hilda por mim, E para você minha flor tudo o que você desejar e tiver ao meu alcance e aceita um beijo meu em cada vez que pensares em meu nome. Jayme O. Saraiva</p> <p>Em casa até o momento não há nada, a simplesmente no escritorio que hoje de manhã briguei com o Senhor Mario, Senhor Paulino e com o empregado novo e com um do armazem, a peor foi com o Senhor Mario, eu gritei com ele, e ele disse-me que não consentia que gritasse com ele, mas eu disse que gritaria até com o presidente da Republica. Minha querida só descansarei e ficarei como quando possuir-te em meus braços mais um beijinho grande logo mais a noite sé tiver oportunidade tornarei a escrever, porque essa escrevi na hora do almoço no correio geral mais um beijo grande bem pequenininho. e não chores muito porque me zangarei.</p>		<p><b>Carta 5 - 22 de setembro de 1936 (download)</b></p>	<p><b>Formas de tratamento direcionadas a Jayme</b></p>
	<p>Paulo de Frontim, 22 – 9 – 1936</p>		

	<p>Meu Queridinho Noivinho Jayminho</p> <p>Saudades Espero que esta te vá encontrar em perfeita saude junto aus teus eu e os meus vamos bem graças a Deus eu recebi a tua cartinha no dia 22 as 2 horas da tarde eu quando recebi fiquei tam comtente mais as saudades au mentarã muito mais eu fiquei lendo na estaç-ao<sup>32</sup> na quele banco onde nois estivemos a sentados eu estava lendo e as lagrimas caião na carta lenbran-do-me do domingo a noite que eu estava junto de voçe e na quela hora estava so com a Ismênia no dia que eu fubuscar a carta fasia um dia lindo para nois dois paciarmos juntinhos como no domingo Jayme voçe dise que era melhor chamar-me de noivinha eu jabotei na carta não repares eu fiquei</p> <p>[↑] eu jáli a quele romanze que voçe troçe no domingo e muito bonito mais não proçedas como elle eu vou proçeder como ella para voçe <del>não</del><sup>33</sup> eu passo o dia inteiro lendo as tuas cartinhas e beijado o teu retratinho. muitos beijinhos <del>da quela</del> desta que te ama muitonão repares a minha carta por que sou bobinha [↑]</p> <p>[↑] eu pesso-te para ires aumedico [↑]</p> <p>trite de voçe brigar no escritório eu pesso-te para ficares mais calmo, manda-me dizer por que voçe brigou co-m <i>Senhor</i> Mario. Eu talves vou menbora no dia 4 de Outubro si não for vou só no dia 17 por causa do aniverçario da minha irman si eu ficar a te o dia 17 eu queria que voçe vieçe ou traveis a qui por que eu não suporto tanto tenpo de sau-dades tuas podes vir no dia 4 no tren das 8 horas e ires no tern das 4 horas da tarde para nãoficares muito</p>	<p>Jayminho Jayme</p>
--	---	---------------------------

<sup>32</sup> Til rasurado pelo autor.

<sup>33</sup> Rasura ininteligível.

	<p>cançadinho. Eu tive um sonho com vo-çe e tua mãe mais não foi muito bom foi do dia 21 para o dia 22. Jayme manda-me dizer se a tua mãe falou au guma cousa com voçe au meu respeito. Abraços da minha irman dos meus sobrinhos e Ismenia e da Hilda beijos para voçe e da tua noi-vinha trite mil beijo e abraços          Maria Ribeiro da Costa                rasga a carta</p>	
<b>Carta 12 - 21 de Setembro de 1936</b>	<b>Formas de tratamento direcionadas a Maria</b>	
<p>Rio de Janeiro 21 de Setembro de 1936</p> <p>Minha querida Mariquinhas e noivinha.</p> <p>Espero que esta te vá encontrar em perfeito estado de saude e que esse meu desejo seja extensivo aos teus. Embora eu tenha te escrito hoje de manha, torno a voltar a tua presença com as minhas letras. Com o dia de hontem minha querida o meu amor consideravelmente cada vez desejo-te mais, e que sejas somente minha eternamente só a ti é que eu pertencerei e a mais ninguem. Minha querida quero que tu consintas que eu te cha-me de minha noiva, tú não sabes a alegria que se apossou de mim, e invadiu meu peito quando fui apresentado no hotel, e que a moça falou com a dona fazendo signal, e que a moça falou que eu era seu noivo, lembra-te, isto só serve nos unirmos cada vez mais. Peço que remetas as fotografias o mais breve possível, porque estou ancioso por vel-as , depois na próxima carta te remeterei dinheiro para pagal-as. Em casa não há nada cheguei não falaram nada, porque tambem quasi não falei, porque estava com muito somuo. Recomenda-me aos teus, beijos para Hilda aquela que disse que tu ias casar comigo até ela adivinhou. E para ti muitos abraços e eternecidos beijos          Jayme O. Saraiva</p>	<p>Minha querida          Mariquinhas e noivinha          Minha querida</p>	

Good-bye Ainda sinto o beijo que tu me deste hontem.		<b>Carta 6 - 23 de setembro de 1936 (download)</b>	<b>Formas de tratamento direcionadas a Jayme</b>
			<p>Paulo de Frontim, 23 – 9 – 1936</p> <p>Meu Queridinho noivinho Jayme</p> <p>Saudades Desejo-te muitas felicidade assim como aos teus eu e os meus vamos bem graças a Deus eu recebi a tua carta a do dia 21 no dia 23 atarde quando fui botar a minha no coreio eu esperava carta tua por que voce dice se tivesse a portunidade que me escrevia de noite eu fiquei muito contente de a receber uma carta no dia 22 e no dia 23 mais com tudo isto não e como nois tarmo juntinho. Eu esta semana tenho estado muito refriada e um pou-quinho de febre e a Hilda tam bem mais isto passa si Deus quizer, eu pra semana mando dizer-te sivou no dia 4 o no dia 17 eu acho que vou no dia 4 mais a minha irman quer que eu-<sup>34</sup>va no dia 17 mais eu não suportto tanto tempo sem tiver. voce dice que ainda na segunda-feira de noite que sentia o</p> <p>[↓] eu esta semana ja recebi 2 cartas tuas a do dia 21 manha e a da noite e ja temandei 3 com está que vai do ia 21 – 22 – e 23 – que e essa.[↓]</p> <p>um so momento dece beijo foi tam grandio o estalo que Ismenia chegou a escutar o estalo ella estava na nosso frente mais não fais mal. as fotografias ainda não estão prontas nois fizemos mal de deichar as chapas com elle por que elle e muito m-ole. <del>Se fores</del> [↑] se fores [↑] a festa da Primavera manda-me dizer se estava boa eu peso-te para</p>

<sup>34</sup> Rasurado.

	<p>ires, com Antoninho por que elle vai mais não namores muito sim. a braços da minha irman sobri-nha e Ismenia e beijo da Hilda. E para ti muitos beijo e abraços desta que não te cansa de ti amar          Maria Ribeiro da Costa          vai no Domingo na minha casa pode ter auguma carta para voce que eu vou escrever no sabado e boto as fotografias mais não a mostre a minha mae a queles que nois tiramos juntos sim.          [↓] não repares a minha carta e os meus eros rasga [↓]<sup>35</sup></p>	
<p><b>Carta 13 - 22 de setembro de 1936 (download)</b></p>	<p><b>Formas de tratamento direcionadas a Maria</b></p>	
<p>Rio de Janeiro 22 Setembro de 1936</p> <p>Querida Mariquinhas: (provisoriamente) pois ainda aguardo a resposta que pedi</p> <p>Almejo que esta te vá encontrar em franco estado de repouso e saude, assim como todos os teus.</p> <p>Amanhã devo receber a tua carta conforme prometeste, e que tão ancioso espero, qual o coração que não pulsaria de alegria ao re-ceber, uma cartinha da pessoa a quem mais se ama, mas o meu é um pouco diferente ele pulsa de alegria e de tristeza ao mesmo tempo pulsa de alegria por receber as tuas letras, por saber noticias tuas, sabendo se vais bem ou mal, mas pulsa de tristeza em saber que estas tão longe embora saiba que teu coração bate juntinho a ele mas isso só não me contenta, o que mais me contenta e ter-te em meus braços, beijar-te eextasiarte com a loucura de todo o meu amor</p> <p>Minha querida só a ti é que pertence todo o meu amor, só de ti minha flor que eu espero todo o meu ideal, a</p>	<p>Querida Mariquinhas          Minha querida          minha flor</p>	

<sup>35</sup> Sublinhado como no original.

<p>esperança que brota de meu peito cresce de uma forma espantosa, envolvendo-nos e unindo-nos cada vez mais, a luz de teu olhar e que ilumina a estrada por aonde sigo para encontrar voce que é a minha felicidade, se esta luz se apagar apagará também o meu nome da lista dos viventes sobre o mundo terrestre.</p> <p>✚ Junto a esta mandas-te 20\$000 (vinte mil reis) para pagares as fotografias espero que tú mas mande com brevidade, se não chegar o dinheiro manda pedir mais, porque irei roubar se for preciso, porque fiquei limpo, e se sobrar troco guarda-o para ti.</p> <p>Em casa não há nada, esxepto eu que estou louco de amor. Recomendações para todos os teus, beija a Hilda por mim, e para voce minha querida, deste teu querido noivinho aceita tantos beijos quantas foram os pingos de chuva que cahiram domingo ahi. e não quero lagrimas ouviu</p> <p style="text-align: center;">Jayme O.Saraiva</p> <p>[↑] Não esqueci-me da modinha que pediste. [↑]</p>		
<b>Carta 14 - 23 de setembro de 1936 (download)</b>	<b>Formas de tratamento direcionadas a Maria</b>	
<p>Rio de Janeiro 23 de Setembro de 1936</p> <p>Minha querida Mariquinhas (provisoriamente)</p> <p>Desejo que esta te vá encontrar em fraco repouso, e boa de saude, que este meu desejo seja extensivo a todos o teus. Recebi a tua carta datada de 21 do corrente que muito alegrou-me, mas que entristeceu-me em saber que não estavas passando bem na segunda feira, manda-me dizer se estas melhor, sinto-me como culpado por isso.</p> <p>Minha querida tu bem sabes que fiz inconciente porque</p>	<p>Minha querida Mariquinhas Minha querida minha flor minha adorada</p>	

<p>o meu ideal e ver-te boa, para que possamos almentar o nosso amor.</p> <p>De ti minha flor eu espero o amor mais puro que existe no mundo, tenho tanta confiança em teu amor, como na propria vida como na morte De ti minha adorada é que eu espero todo o meu ideal, possuindo-te considero-me o homem mais feliz do mundo, tu bem sabes que nos não podemos mais nos separar, não podemos viver um sem o outro, haveremos de nos amar eternamente, que seria voce sem o meu amor? o mesmo seria</p> <p>eu sem o seu amor, jamais nascerá em nossos cerebros essa ilusão, porque sabemos que pertence-mos um ao outro, e que nascemos um para o outro e que jamais nos separaremos, so mesmo a morte nos separara. Aguardando a tua nova carta, recomendações aos teus</p> <p>beija a Hilda por mim, e para ti minha querida aceita deste teu noivinho que tanto te ama muitos beijos e abraços.</p> <p>Jayme O. Saraiva</p>		
<p><b>Carta 15 - 24 de setembro de 1936 (download)</b></p>	<p><b>Formas de tratamento direcionadas a Maria</b></p>	
<p>Rio de Janeiro 24 de Setembro de 1936</p> <p>Minha amada Mariquinhas</p> <p>Que esta te vá encontrar boa de saude assim como aos teus, espero que já estejas boa de domingo, Eu minha querida cada vez ando mais inconstante</p> <p>lavel do que nunca, tua ausencia é terrivel, preferia ser condenado aos serviços mais rudes que existe a estar longe de ti, longe de ti minha bela, tudo e diferente para mim; mundo</p>	<p>Minha amada Mariquinhas minha querida minha bela Minha querida minha querida</p>	



<p>parece-me que vae acabara saudade atormenta-me a todo momento pareço ouvir- te falar, ou então ouvir-te jamar pelo meu nome, pa-</p> <p>reço vel-a, mas tudo isso não passa de uma ilusão, porque estas tão longe, e só tenho comigo dentro do peito o teu pobre coração.</p> <p>Minha querida o mundo é tão ingrato, nos nos amamos tanto e temos que suportar essa sepação, nos não podemos estar longe um do outro porque é impossível; porque somos sacrificados pela saudade.</p> <p>Eu soube que tu vinhas do dia 4 de Setembro. pediste que tua mãe foste te buscar, eu não quero<sup>36</sup> que eles vão dizer que foi por minha causa, eu queria ir buscar-te ja que mandaste a tua mães-, contento-me em esperar-te na Central</p> <p>Lembranças aos teus, beijos para Hilda, e para voce minha querida quantos beijos, quantos tu desejar.</p> <p>Jayme O. Saraiva</p>			
	<b>Carta 7 - 26 de setembro de 1936 (download)</b>	<b>Formas de tratamento direcionadas a Jayme</b>	
	<p>[↑] não se esqueça da minha modinha sim [↑]</p> <p>Paulo de Frontim, 26 – 9 – 1936</p> <p>Meu amado noivinho Jayme</p> <p>Saudades</p> <p>Espero que esta te va encontrar em perfeita saude junto aus teus eu e os meus vamos bem graças a Deus. eu ja vou melhor do resfriado eu no dia 25 recebi 2 cartas tuas a do dia 23 E do dia 24 eu fiquei muito contente de ter noti-</p>	<p>Meu amado noivinho Jayme Meu noivinho Jayminho</p>	

<sup>36</sup> Rasurado.

cias tuas eu esta semana recebi 5 cartas tuas  
 A minha irman chegou [↑] a dizer [↑] que era melho a  
 gente se casar que eu parecia uma bobinha por v-  
 oçe eu javi as chapas parece que estam boas a  
 quela que tu bateste em belei estragou-se e a da  
 minha irman que bateste no otel ~~também~~ tam  
 bem o resto es tão ~~m~~-todas muito bem o moso

so vai copiar ~~no sabado a noite~~ hoje a noite  
 so posso botar no coreio Domingo debes a  
 Receber na tersa-feira si Deus quizer eu com es-  
 ta ~~são~~ são 6 cartas ~~em que esta~~ escrevi todas os  
 dias a si mesmo doente eu pra semana man-  
 do-te dizer si vou ou não no dia 4 de Outubro  
 se você podeçe vir no dia 4 eu acho que não  
 ia por que a minha irman que que eu fique  
 a té o dia 17 se voce podece vir no dia 4 e no 17  
 era bom mais eu sei que voce não pode vir.  
 Jayme voçe diçe que eu pedi a minha mãe  
 para vir me buscar no dia 4 não foi assim que  
 eu escrevi para elles eu escrevi para ella vir com  
 voçe se voçe podeçe, eu par semana eu mando-te  
 dizer si vou ou não, a Hilda com tinua resfriada  
 abraços da minha irman sobrinhos e Ismenia e da Hilda  
 beijos para voce e desta tua voivinha<sup>37</sup>  
 sincera muitos beijos e abraços para o  
 meu voivinho Jayminho

Maria Ribeiro da Costa

não repare a minha carta e rasge ou traves  
 muitos beijinhos.

<sup>37</sup> A palavra é *noivinha*, mas foi grafado com <v> inicial como nas duas linhas seguintes (*voivinho* no lugar de *noivinho*). O traçado do <n> inicial é diferente. Vide linha 24 (no dia 4).

Carta 16 - 25 de setembro de 1936 (download)	Formas de tratamento direcionadas a Maria	
<p>Rio de Janeiro 25 de Setembro de 1936</p> <p>Minha querida Mariquinhas</p> <p>Espero que esta te va encontrar boa de saúde assim como aos teus Eu minha querida estes dias tenho passado mal, pois até agora ainda não voltei ao medico, como e[u] posso ficar bom. ma noticia que muito vae te agradar é esta hoje vou encher a proposta para o mez que vem entrar para a linha de tiro. Tu disseste numa carta para a tua família para irem te buscar no dia 4 de Outubro, estive ontem a noite no Curso com o Zezinho, teu irmão e ele disse que ainda é muito cedo para tu vires que ainda vaes ficar mais uns tempos, minha flor, eu juro como nesse momento pensei que o teu irmão não sabia o <del>que</del> que era o amor, mas como ele esta perto de quem gosta não avalia, o que é a dor de se estar longe de quem se ama, ainda não conhece a dor que a pessoa sente,<sup>38</sup> quando sosinho começa a meditar o firmamento olhando para todas as estrellas, mas não consegue descobrir, dentre todas as estrellas, a eleita do seu coração a estrellas que lhe da vida e luz, só se sente dentro do peito o coração dela bater, mas a sua dona esta tão longe dos olhos.</p> <p>Não desejo mal a ninguem, mas o teu irmão um dia ainda ha de sentir parte do que ja passamos</p> <p>Em todo o caso ele tem razão tu ainda estas muito fraca, se quizeres ficar mais uns dias, eu comprometo-me a ir visitar-te no dia 4 não quero que os teus vão dizer que foi por minha causa.</p> <p>Aguardando a tua segunda carta, remeto lem-branças aos teus, se a Hilda estiver cheia de beijos da-lhe um abraço</p>	<p>Minha querida Mariquinhas minha querida minha flor</p>	

<sup>38</sup> Rasurado

<p>por mim, e para voce minha querida o que devo mandar? recebe muitos beijos, abraços e mais um pedaço de amor pois o meu cresceu muito de domingo para cá. Jayme O. Saraiva [↓] (E as fotografias? esqueces-te?) [↓]</p>		
<p><b>Carta 17 - 26 de setembro de 1936 (download)</b></p>	<p><b>Formas de tratamento direcionadas a Maria</b></p>	
<p>Rio de Janeiro 26 de Setembro de 1936</p> <p>Minha querida noivinha! Alegre-te?</p> <p>Espero que esta te vá encontrar em franco repouso de convalescença assim como os teus, os meus vão bem graças a Deus, eu é que estou piorando muito, mas para não dar braço a torcer continuo calado. Eu andava tão triste por não saber noticias tuas só tinha recebido a carta que escreves-te na segunda feira, ainda hontem de manhã esperava que o Nelzinho trouxe-se alguma, não trazia nada, então fiquei muito mais inquieto, julgando que tivesse acontecido alguma coisa ahi, nem fui na pensão só para escrever-te pedindo noticias, pois é a nossa única via de comunicação, mas esta carta não cheguei a mandar, pensei que primeiro devia ir na tua casa, talvez tivesse chegado alguma, e guardei carta já pronta, com envelope e tudo. A noite fui a tua casa, qual a alegria que esperava-me, tinha duas cartas para mim, mal recebias fui ler, as cartas eram dos dias 22 e 23 do corrente, fiquei um pouco mais descansado, mais um pouco desajeitado por saber que tens tido febre e que a Hilda tambem está meio adoentada. Irei visitar-te no dia 4, pois não suporto mais tempo sem ver-te,</p>	<p>Minha querida noivinha Minha flor Minha querida Minha flor Minha querida noivinha</p>	

quero ir buscar em ti minha flor o lenitivo<sup>39</sup> de minha dor que é o teu amor, quero sorver de teus labios minha querida o néctar de um beijo de amor embria-

gador, quero buscar a minha ventura, olhando para os teus olhos, vejo de eles dizem que toda a minha ventura estão dentro deles só eles poderão me dar força na hora de desalento, para mim tú és a mesma coisa que uma taboa para um naufrago, que quando esta preste a morte, quando surge-lhe a taboa, ele é capaz de dar mundo inteiro pela aquela taboa porque nela esta a sua vida se ela fugir ele morre afogado, a mesma coisa tu és para, eu sou o naufrago e tu es a táboa, não ha no mundo coisa alguma que pague o que mereces para mim, embora tu queiras só o meu amor, ele ja e teu a muito tempo, tu mereces muito mais minha flor, sem ti morrerei. Queres saber porque briguei com *Senhor* Mario, isto não interessa, agua passada não volta ao moinho, depois falarte-ei quando for ahi.

Vou satisfazer o teu pedido, irei amanhã na festa da Primavera, com o Antoninho, e o Dalves, mas talvez venha embora cedo porque eles vão para andar atraz de pequenas e isto não me interessa, porque só em ti reside todo o meu amor, e sei tambem que lá, não irá beleza que suplante a tua tu bem sabes disso, e mais a mais não gosto de bancar o center-half<sup>40</sup> de nin-

guem. Falas-te do beijo que demos, eu acho que de todos os que demos aquele foi o melhor, não tenho esquecido um só momento, foi tão forte que não posso rir estou com o labio arreventado. Manda-me dizer se a Ismenia viu, e as fotografias estão demorando muito, se fosse aqui no Rio um milhão de fotografias, amanhã irei a tua casa

logo de manhã cedo. Na ultima carta já te disse que vou para a linha de Tiro, no próximo mez, vou ser palhaço.

Recomendações aos teus, estimo as melhores, um beijinho

<sup>39</sup> Medicamento que abranda ou suaviza a dor.

<sup>40</sup> Terminologia do futebol que corresponderia hoje ao volante, centromédio, médio-volante, cabeça-de-área. É uma posição do futebol, em que o jogador atua à frente dos zagueiros, protegendo a entrada da área e fazendo a ligação entre a defesa e o meio-campo. Era comum utilizar termos em inglês para as posições dos jogadores no futebol.

<p>para a Hilda, e para voce minha querida noivinha muitos beijos e abraços deste teu noivinho que jamais te esquecerá, e que depositou todo seu amor em você. teu tristonho noivinho Jayme O. Saraiva</p>		<p><b>Carta 8 - 28 de setembro de 1936 (download</b></p>	<p><b>Formas de tratamento direcionadas a Jayme</b></p>
	<p>[↑]eu tiespero no dia 4[↑] Paulo de Frotim, 28 - 9 – 1936 Meu Queridinho voivinho<sup>1</sup> Jayme  Muitas Saudades Espero que esta te vá encontrar em perfeita saude com os teus eu e os meus vamos bem graças a Deus eu a recebi a tua ca-rta a do dia 26 no dia 27 que foi Domingo foi a legria que tive neste dia, a onde mandas-me dizer que estas piorando muito eu pe-sso-te pelo o nosso amor para ires au medico esta semana sim eu a semana passada estive muito resfriada com a Hilda ella já esta boa graças a Deus eu ja estava tam bem mais tinha que ir almosar no otel e a panhei us pingo de chuva foi o bastante para eu piorar da garganta e depois fui sem casaco mais isto não e nada eu estou e muito triste e de voce estas piorando muito não se e esquesa de ir au medico eu mesmo tempo fiq-uei com tente de saber que vais para a linha de Tiro para o meis voce dice que ia ser palhaço não vais não, eu ma-ndei dizer que ia no dia 4 mais a minha irman e o meu <del>eusnha</del> cunhado me pedirão muito para eu ficar a té o dia 17 de Outubro que eu tinha vindo dia 9 que não adiantava nada que eu devia ficar 1 meis e que a sim a proveitava e ficava ate o dia 17 que e so mais uma semana.</p>	<p>Meu Queridinho noivinho Jayme meu Jayminho meu noivinho Jayme meu Jayminho</p>	

		<p>Eu te espero no Domingo que e dia 4 na estação e acho que voce devi vir no trem das 8 horas para tua mães não desconfiar voce dis que vai a um passeio com um colega e sair as 7 horas de casa que da muito tempo sim vindo de onibus. eu a semana passada escrevi-te 6 cartas o meu pai di-ce que so tinha chegado 3 e a do dia 21 - 22 - 23 – eu escrevia todos os dias eu a recebi 7 cartas com a de Domingo. as fotografias não estam prontas o meu cunhado levou as chapas para [↑] copiar [↑] no Rio que a qui não ficavam boas ou o homem não sabia copiar eu tenho me aborecido muito com isto o meu <del>e</del>-cunhado vai mandar-te entregate esta semana que eu pedi, eu pagei as chapas dei 5.000 mil reis eu acho que elle não mereceu.</p> <p>Recomendações da minha irman sobrinhas e Ismenia a Hilda manda-te um beijo e da tua noivinha muitos beijo <del>e</del> abraços au meu noivinho Jayme          Maria Ribeiro da Costa</p> <p>eu a semana passada pasei muito triste e chorando um pouqui-nho so mais não fiques sangado com migo o que fais isto e eu gostar muito do meu Jayminho a Ismenia dice se soubece escrever que tinha escrito para voce dizendo que eu tinha chorado.          mais beijinha para o meu Jayminho          não repares a minha carta e z-rasga          manda-me dizer se foite a festa da Primavera e não esqueza da modinha</p>	
<p><b>Carta 18 - 28 de setembro de 1936 (download)</b></p>	<p><b>Formas de tratamento direcionadas a Maria</b></p>		
<p>Rio de Janeiro 28 de Setembro de 1936          Minha amada noivinha</p>	<p>Minha amada noivinha          minha querida          minha querida</p>		

<p>Estimo que esta te vá encontrar, um pouco refeita dos resfriado, e da Hilda e que todos estejam bons de saúde, eu felizmente vou apaixonado graças a Deus.</p> <p>Recebi mais duas cartas tuas, dos dias 24 e 26 do corrente, vieram ambas juntas. hontem sahi cedo de casa e fui pra tua, eu e o <del>Zezi</del>-Zezinho teu irmão fomos a missa na Igreja da Penha, quando chegamos a tua casa o correio já tinha chegado, recebi as tuas cartas com tanta alegria e sahi para ler, mas nada adiantou porque a saudade não se mata assim, eu e o Dalves almoçamos na tua casa, quando chegou a tarde, nos tres, eu o Antoninho e o Dalves fomos a Quinta da Boavista, estava muito linda havia flores para todos os lados mas não vi nenhuma como a flor que trago no coração que é voce minha querida, todos brincavam, estavam alegres mas esta alegria não dominava a tristeza que trago no coração, só em ti e que reside toda a minha alegria e felicidade, eu sei que tu hontem choraste muito, a noite fui ao cinema ver o film “Roberta” pelos mesmos artista de “Picolino”, e eu sentia o coração muito inquieto, batendo muito, e a dizer-me que tú estavas chorando, não pude mais assistir a fita tive que fechar os olhos para não chorar, e sentia as tuas lagrimas cahirem no meu coração, nos dois só em estarmos longe um do outro sofremos tanto, porque tú choras? para almentar os nossos sofrimentos?</p> <p>Minha querida no proximo domingo irei visitar-te, só não sei em que trem eu vou, não precisas me esperar na estação eu vou ter<sup>41</sup> ahi, havemos de ir juntos a missa nessa egreja que tem ahi, por causa de uma promessa que eu fiz.</p> <p>Hoje de manhã quando minha mãe foi me acordar perguntou-me se voce estava melhor eu disse<sup>42</sup> que não sabia, ela julgava que tú tivesses chegado hontem, ela agora esta boazinha comigo, os meus paes sabiam que eu ia ahi naquele</p>	<p>minha santa minha carinha metade</p>
---	---

<sup>41</sup> Rasurado.



<p>domingo, mas como eles começaram a dizer que eu fui, peguei disse que não tinha ido ahi só de pirraça, porque eu sou atravessado.</p> <p>Tú manda-me dizer que já mandas-te 6 cartas mas eu só recebi 5 são as seguintes dos dias 21, 22, 23, 24, e 26, eu acho que são 5 não são, ou eu não sei somar? eu ja mandei 7 com esta 8 e já estou ficando sem</p> <p>Assumpto. eu só te escreverei até quinta feira inclusive, as fotografias ja perdi as esperanças de ver, se eu tivesse mandado revelar na China ou no Japão ja tinham vindo a muito tempo.</p> <p>Um afetuoso abraço para os teus, um beijinho para a Hilda, e para voce minha santa que mandarei? aceita um beijo com toda a força de meu<sup>43</sup> amor,</p> <p>Jayme O. Saraiva</p> <p>Ia me esquecendo por causa de voce, fala com a Ismenia que o Dalves falou-me dela ontem comigo, ele esta muito saudoso, e voce minha carinha metade, fi-que boazinha, que é para voce domingo<sup>44</sup> poder passear, manda espanar aquele banco da estação para nos tornarmos a nos sentar nele, meus labios estão sentindo falta dos teus beijos, queres <del>d</del>-darme um no domingo? responda-me. Diga a tua irmã, que aquela ideia de ela dizer que era melhor nos casarmos, que a muito tempo já vem se alimentando nos nossos corações, que dentro em breve o nosso fim sera esse.</p>			
	<b>Carta 9 - 29 de setembro de 1936 (download)</b>	<b>Formas de tratamento direcionadas a Jayme</b>	
	Paulo de Frontim, 29 – 9 – 1936	Meu queridinho noivinho	

<sup>43</sup> Rasurado.

	<p>Meu Queridinho Noivinho Jayme</p> <p>Saudades  Que esta te vá encontrar em perfeita saude assim como todos os teus eu e os meus vamos bem graças a Deus. Recebi mais uma carta tua a o dia 28 que muito me a legrou a Ismenia foi buscar de manha cedo por que eu tinha a certeza que tinha carta tua eu fiquei muito contente de saber que voce almocou em minha casa no Domingo e que foste a missa na Penha com o Zezinho e que foste na Quinta da Boavista com Antoninho e o Dalves e foste ao cinema que dizer que passaste um Domingo bem graças a Deus, eu voce já sabes como eu passei muito resfriada e sozinha a qui feis um Domingo muito frio e chuveu um pouquinho voce tem mais sorte do que eu Deus te conserve a sim voce dise para eu não te esperar na Estação mais eu quero te esperar voce manda dizer em que trem vem para eu ir, voce vem no trem das 8 horas para ires no das 7 horas para não fiques muito cansadinho  Eu na semana passada escrevite 6 cartas eu juro portudo que voce quizer voce no Domingo pergunta a minha irman.  Eu a recebi 7 cartas tuas na semana pasada a Ismenia quando vai no coreio não precisa dizer mais o meu nome a mosa já sabe voce disse na carta que nois haviamos de ir a missa eu acho que  que nece Domingo não tem missa nessa igreja so tem missa uma ves por meis. voce disse se eu queria darte um beijo no Domingose tiver a portunidade nois daremos muitos.  Abraços da minha irman sobrinha e Ismenia a Hilda dice que manda 10 beijo para voce e da tua noivinha trite muitos beijos e abraços au meu noivinho Jayme</p> <p style="text-align: center;">Maria Ribeiro da Costa</p>	<p style="text-align: center;">Jayme  meu noivinho Jayme</p>
--	---	--

		quando estiveres com o Dalves da muitas lembranças da Ismenia não faltes no dia 4 e não <del>esqueça</del> se esqueça da modinha eu vou menbora no dia 18 de Outubro si Deus quizer. si eu for só com a Ismenia <del>nois daremos um beijo</del> eu lidarei um beijo como chegada, nos lábios não no rosto nos labios so iscondido	
<b>Carta 19 - 29 de setembro de 1936 (download)</b>	<b>Formas de tratamento direcionadas a Maria</b>		
<p>Rio de Janeiro 29 de Setembro de 1936</p> <p>Minha querida noivinha. Estimo que esta <sup>45</sup> vá encontrar voce e a Hilda melhores do resfriado, e que estejam todos de boa saúde, eu estou bom graças a Deus, embora ande com friagem nos bolsos mas não há de ser nada.</p> <p>Minha querida sinto vergonha de dizer-te estes últimos dias tenho chorado, espero que tu me perdoes por essa minha crianssice, mas eu amo-te minha santa, tu melhor do que ninguem comprehendes a nossa dor, a saudade que invade nossos corações é imensa, sinto-me cada vez mais comba-</p> <p>lido, mais invadido pela saudade.</p> <p>Manda-me dizer quando voltas, eu sei que a tua irmã não quer ficar sozinha com as crianças, só tú é que podes resolver, eu só tenho aguardar a tua resolução e mais nada, portanto peço-te para ser razoavel, se achares que deves ficar podes ficar, e se achares que deves vir embora desceremos juntos no proximo domingo, não quero que faças nada contra a vontade.</p>	<p>Minha querida noivinha Minha querida minha santa minha flor</p>		

<sup>45</sup> Há uma rasura neste local.

<p>Recomendações aos teus, beijos para a Hilda e es-timo as melhores de voces duas sendo esse o meu maior desejo, e para ti minha flor envio-te um beijo cheio de esperança do nosso amor. deste teu noivinho que tanto te quer, muitas felicidades</p> <p>Jayme O. Saraiva</p> <p>Caso quando esta chegar au teu poder, ainda não tiveres mandado as fotografias não precisas mandar mais, porque já sei como elas estão, eu logo vi que esse fotografo de meia tijela, era um grandicissimo barbeiro, fala com o teu cunha-do que não precisa ter o trabalho de mandar revelar aqui na cidade, porque eu as trago no domingo. desculpe-me eu usar desses termos, porque estava um pouco na serra.</p>			
	<b>Carta 10 - 01 de outubro de 1936r (download)</b>	<b>Formas de tratamento direcionadas a Jayme</b>	
<p>Paulo de Frontim, 1 – 10 – 1936</p> <p>Queridinho noivinho Jayme</p> <p>Muitas saudades</p> <p>Desejo-te muitas felicidades a sim como aos teus eu e os meus vamos bem graças a Deus, eu a recebi a tua carta a do dia 29 que muito me alegrou de ter noticias tuas e que estas pasando bem de saude, voce não me mandou dizer que tinha recebido carta minha eu acho impocivel por que eu com esta são 4 cartas que te escrevo esta semana, e ja a recebi 2 tuas são as do dia 28 e 29, voce dice para eu mandar-te dizer quando eu vou me embora eu sepudece eu ia hoje mesmo que eu ja estou cheia de voçe não e por minha vontade que eu estou a qui e minha irman mepidiu para eu ficar a te o dia 18 por cauza do aniversario dela que so faltão 15 dias e pasão no estante depois eu falo com voce no Domin-</p>	<p>Queridinho noivinho Jayme meu noivinho Jayme</p>		

	<p>go e combinamos tudo direitinho eu peço-te para não fiques sangado com migo que eu não sou a culpada de ficar a qui se eu<sup>46</sup> paça-se uma vida a legre em tão sim mais e paçouma vida tão trite e chorando so por causa do meu noivinho Jayme. Os retratos ja devem estar com voce a te voce ficou na serra por cauza dos retratos, eu espero voce no Domingo sem falta na Estação abraços da minha irman sobrinhos e Ismenia e da Hilda um beijo para voce e da tua novinha muitos beijo e abraços au meu noivinho Jayme Maria Ribeiro da Costa</p> <p>[↑] rasga a não repares a minha carta nei os meus eros carta [↑] não se esqueça da modinha, não escrevo-te mais esta semana</p>	
<p><b>Carta 20 - 30 de setembro de 1936 (download)</b></p>	<p><b>Formas de tratamento direcionadas a Maria</b></p>	
<p>Rio de Janeiro 30 de Setembro de 1936</p> <p>Minha querida noivinha</p> <p>Espero que esta te va encontrar em perfeito estado de saude assim como os teus, eu e os meus vamos em graças a Deus. Recebi a tua carta de 28 do corrente, que muito alegrou-me visto eu ter pouca correspondencia tua, ainda bem que Hilda esta boa, porque parece que tem mais</p>	<p>Minha querida noivinha Minha querida minha querida</p>	

<sup>46</sup> Rasura ininteligível.

<p>juízo que a mãe, a única coisa que entristeceu-me um pouco é tu ficares ahi 15 dias, tú julgas que não tenho coração ou que sou de ferro, eu sou um triste apaixonado que se deixa levar pela correnteza do amor, que por amar-te tanto julgo-me um felizardo.</p> <p>Minha querida o meu coração parece querer parar já sente tantas saudades tuas pobrezinho. Porque nos martirizamos nossos corações tanto assim? Devemos dar-lhes vida, para que possam bater um pelo outro eternamente</p> <p>As fotografias: - sim as fotografias faladas talvez as receba amanhã. Recomendações aos teus beijos para a Hilda e para ti minha querida, recebe tantos beijos quantos forem os minutos que faltam para chegar domingo</p> <p>Jayme O. Saraiva</p> <p>Espera-me no domingo em qualquer trem talvez no primeiro.</p>		
<p><b>Carta 21 - 01 de outubro de 1936 (download)</b></p>	<p><b>Formas de tratamento direcionadas a Maria</b></p>	
<p>Rio de Janeiro 1 de Outubro de 1936</p> <p>Minha adorada noivinha</p> <p>Estimo que esta te va encontrar em perfeito estado de saude assim como a Hilda e todos os teus. os meus vão bem graças a Deus, eu é que cada vez amo-te mais. Recebi a tua carta de 29 de Setembro passado, que muito alegrou-me por saber que estas boa e a Hilda e os teus, onde tu dizias que eu tenho mais sorte do que voce, não penses numa coisa dessas, só porque domingo andei em varios logares, eu só queria que tú sentisses em teu peito, a dor que eu sentia no meu, só em pensar que estava andando em tantos lugares assim e tu sem poderes sair dahi, tu não dirias isso.</p> <p>Tú bem sabes minha flor, que longe de ti jamais</p>	<p>Minha adorada noivinha minha flor minha querida minha amada minha santa meu anjo</p>	

<p>serei feliz, porque em ti reside a creatura que me dá toda a alegria, eu sei que tens chorado porque tenho sentido, essas tuas lagrimas servem para regar o teu pobre coração que trago dentro do meu peito, que parece querer parar sentindo a ausencia tua, eu sem ti minha querida jamais seria o teu Jayminho ou o teu noivinho, que seria de mim sem ti, minha amada? Seria o meu fim</p> <p>por certo, o teu amor minha santa, é quem me dá vida e forças para poder viver, e para poder amar-te cada vez mais.</p> <p>Conforme prometi, esta é a ultima carta desta semana, com esta depois que foste para ahi perfazem um total de 16 cartas que te mandei.</p> <p>Espera-me domingo que irei transbordante de saudades e de amor, irei no trem de 5 horas, só se eu perder é que irei no outro, tú dissés-te que me darias um beijo no rosto, mas eu quero é nos labios, tu queiras ou não queiras, eu darei e nos labios, lembra-te daquele da despedida? pareço ainda sentil-o, quero outro assim.</p> <p>Recomendações aos teus, para a Hilda remeto 10 beijos conforme e iguais aos que ela manou-me, e para ti meu anjo, aceita muito beijos e abraços, e esperanças ao nosso amor.</p> <p>deste teu noivinho apaixonado.</p> <p>Jayme O. Saraiva a modinha levarei domingo</p>			
		<b>Carta 11 - 05 de outubro de 1936 (download)</b>	<b>Formas de tratamento direcionadas a Jayme</b>
		Paulo de Frontim, 5 - 10 – 1936 Meu querido noivinho	Meu querido noivinho meu filhinho Jayminho meu noivinho Jayminho

Muitas saudades  
 Espero que esta te va encontrar em  
 perfeita saude assim como os teus eu e os  
 meus vamos bem graças a Deus.  
 Estimo que a viagem tenha corrido bem  
 eu vou muito triste e com muitas saudade  
 tuas, neta vai uma santinha que e *Nossa Senhora* da Penha  
 para tu guardares com tigo e não  
 se esqueça de ir 3 vese a missa que tu  
 prometeste, eu queria que voçe foce com  
 migo a missa na Penha no dia 25 de Ou-  
 tubro si Deus quizer. eu<sup>47</sup> quando sai da  
 estação a Ismenia foi me levar na casa<sup>48</sup>  
 a onde a minha irman estava e ella saiu  
 para pasiar eu ficei na quele lugar a onde  
 nois es tavamos asentados eu ficei so com

manda-me dizer se a tua maisinha  
 falou au guma cousa com voce do passeio  
 mais beijinhos para voçe me escreve bastante que eu tam  
 bei  
 ti escrevo

a Hilda estava chorando um pouquinho que  
<sup>49</sup>a quela moça e a minha irman  
 virão ellas diçerão que quando voçe vier ou  
 traveis a qui ellas ião te contar que eu  
 era chorona eu diçe que eu não ~~me~~  
<sup>50</sup>me enportava que diseçe.  
~~eu~~ nois fomos para casa as 10 horas, a mi-  
 nha irman e a quela moça e<sup>51</sup> elles forão

<sup>47</sup> Rasura ininteligível.

<sup>48</sup> Rasura ininteligível.

<sup>49</sup> Rasurado como no original.



	<p>pasiar na estação eu fiquei com a Hilda na casa dela a sentada na quele cantinho<sup>52</sup> [↑] pensando [↑] no meu filhinho Jayminho que chegase em casa para descansar. lembranças de minha irman sobrinha e Ismenia e da Hilda desta tua noivinha apaixonada muitos beijos e abraços au meu noivinho Jayminho Maria Ribeiro da Costa não repare a minha carta nei os eros [↓] rasga [↓]</p>	
<p><b>Carta 22 - 05 de outubro de 1936 (download)</b></p>	<p><b>Formas de tratamento direcionadas a Maria</b></p>	
<p>Rio de Janeiro 5 de Outubro de 1936</p> <p>Minha querida noivinha</p> <p>Estimo que esta te vá encontrar com o coração cheio de saudade, e que a Hilda e o teus estejam bons. os meus vão bem graças a Deus, eu é como tu sabes cada vez mais apaixonado sempre te amando como nunca, e sei que o mesmo acontece contigo.</p> <p>Hontem viagei até Cascadura em pé, quando o trem chegou em Cascadura eu saltei e peguei um onibus Ramos, cheguei em casa mais cedo, ainda encontrei todos acordados pois eram só 10 horas e dez minutos, conversei com o papae e fui para o meu quarto.</p> <p>Hoje de manhã recebi uma carta tua datada de 1 – 1 – 936, eu recebi-a muito tristonho, porque a correspondencia só me traz noticias tuas e mais nada o que eu só queria e estar a teu lado, sentindo as tuas mãos esfregando as minhas, sentir</p>	<p>Minha querida noivinha minha flor</p>	

<p>as suas carnes roçar nas minhas, ver os seus olhos luminosos, clarear o nosso amor, ver teus lábios que estão sempre a pedir beijos, porque foram feitos só para beijar, e ouvir a sua linda<sup>53</sup> boquinha dizer bobagens como esta, “não se<sup>54</sup>esquece de mim sim!” ou então esta, "voce não gosta mais de mim", hontem eu vim me embora com tanta vontade de ficar só para estar juntinho de ti.</p> <p>Peço-te para me mandares aquele retratinho que me amostraste hontem, pode apagar o que tem escrito atraz não me incomodo, a unica cousa que me incomoda é se tú negares, por esses dias mandar-te-ei uns dos meus, porque o que tú tens, qual-que dia desaparece de tú tanto beijares, só me beijas mesmo só no retrato, quando estas comigo tens vergonha, como se eu fosse um desconhecido teu, ou então algum monstro que me fosse aproveitar de ti, não sejas tolinha.</p> <p>Eu quero que tú não prohibas a Hilda de brincar, porque nos que somos marmanjos gostamos de brincadeiras. porque ela não é só tua, e nossa, pertence-me tambem, não amo só a mãe dela, mas ela tambem, porque ela é teu fruto, então se és minha ela tambem é minha.</p> <p>Recomendações aos teus beijos para a Hilda "minha futura filha", e para ti minha flor recebe com amor muitos beijos deste teu apaixonado noivinho, que só a ti pertence.</p> <p style="text-align: right;">Jayme O. Saraiva</p> <p>[↓] diga-me em que dia recebeste esta carta porque quero ganhar um beijo porque apostamos. [↓]</p>		<b>Carta 12 - 06 de outubro de 1936 (download)</b>	<b>Formas de tratamento direcionadas a Jayme</b>
---	--	--	--

<sup>53</sup> Rasurado.

<sup>54</sup> Rasurado.

Paulo de Frontim, 6 - 10 – 1936

Meu quirido noivinho

Muitas saudades

Desejo-te que esta te va encontrar em  
perfeita saude a sim como os teus eu  
E os meus vamos bem graças a Deus, eu  
recebi a tua carta a do dia 5 no dia 6  
de manhã eu já sei que ganhaste  
aposta eu quando for para o Rio eu  
pago-te com muitos beijos.

Eu fiquei muito triste de voçe viajar  
em pé ate Cascadura eu nunca paga-  
rei o sacrificio que voçe fais por min eu  
não mereço tudo isto do meu noivinho.

Tu me pediste o retrato que te amostrei-te  
no Domingo este retrato eu dei a minha  
irman ja a muito tempo eu pedi a ella  
para eu mandar te para voçe quando o  
receberes eu peçote para veres e de pois  
voçe pode rasgar ou mandar ou tra-  
veis pramin por que este retrato esta  
orivel, eu estou esperado o teu por  
que os que eu tenho estão desaparecendo  
com muitos beijos a sim voçe diçe  
na carta que me mandaste.

Meu filhinho eu tenho chorado muitos  
com saudades tuas eu não posso  
viver mais sem voçe, a minha vi-  
Da é só ler as tuas cartas e ver  
os teus retratos.

Manda-me dizer se já enxeste a  
proposta da linha de tiro, manda-me  
dizer se voçe pode me esperar no  
dia 19 se não podes, eu vou no dia 20  
abraços da minha irman sobrinhos

Meu quirido noivinho  
meu noivinho  
Meu filhinho  
meu noivinho Jayminho

		<p>Ismenia e beijos da Hilda para voçe e da tua triste noivinha muitos beijos e abraços au meu noivinho Jayminho Maria Ribeiro da Costa</p> <p>não se esqueça do teu retrato</p> <p>_____</p> <p>não repares a minha carta nei os meu eros</p> <p>_____</p> <p>a minha irman esta esperãdo voçe no dia 18 com o Antoninho e Dalves a Ismenia manda lembranças para o Dalves</p>	
<p><b>Carta 23 - 06 de outubro de 1936 (download)</b></p>	<p><b>Formas de tratamento direcionadas a Maria</b></p>		
<p>Rio de Janeiro 6 de Outubro de 1936</p> <p>Minha adorada noivinha</p> <p>Desejo que esta te va encontrar em perfeito estado de saude assim como os teus, os meus vão bem graças a Deus, eu é que começo a ser atormentado pella sa- dade e sei que o mesmo acontece contigo.</p> <p>Já começo a sentir a anciedade de ver-te novamen- te, de ver a deusa que é a minha rainha, a deusa que eu sempre includo nos meus sonhos.</p> <p>A ti minha querida que dedico todo o meu amor e a minha existencia tú és a soberana do meu coração, tú és a santa que sempre há de aliviar-me com teu amor nas horas angustiosas de meu amor. a ti é que deposei toda a minha confiança, em ti é que vi que estava preso o meu futuro, e de</p>	<p>Minha adorada noivinha minha querida</p>		

<p>ti que espero toda a minha felicidade.</p> <p>Lembra-te daquele camarada que falei-te domingo? hontem veio pedir-me desculpas, dizendo que não levasse a mal, porque ele falou daquela maneira, porque essa tal “vaquinha” estava perto num altomovel, eu nem a vi, ele disse-me para que me metesse medo, so porque eu a tinha maltratado, portanto não fiques mais inquieta. Peça a Deus para que esses 15 dias corram para nós nos tornarmos a ver. Recomenda-me aos teus, beijos para a nossa garotinha, e para ti que possues todo o amor deste pobre apaixonado, recebe muitos beijos e abraços do teu muito tristonho noivinho.</p> <p style="text-align: center;">Jayme O. Saraiva</p> <p style="text-align: center;"><u>I LOVE YOU</u><sup>55</sup></p>		<p style="text-align: center;"><b>Carta 13 - 07 de outubro de 1936 (download)</b></p>	<p style="text-align: center;"><b>Formas de tratamento direcionadas a Jayme</b></p>
	<p>[↑] eu estou esperando o teu retrato [↑]</p> <p>Paulo de Frontim, 7-10-1936</p> <p>Meu adorado noivinho</p> <p>Saudades</p> <p>Estimo que esta te vá encontrar em perfeita saude assim como os teus, eu e os meus vamos bem graças a Deus.</p> <p>Eu recebi mais uma carta a do dia 6 no dia 7, eu ja mandei-te com esta 3.</p> <p>Tu telembras da queles biliscois no Do-</p>	<p>Meu adorado noivinho meu noivinho meu noivinho Jayme</p>	

<sup>55</sup> Sublinhado como no original.

		<p>mingo, eu estou toda marcada chegame duer mais isto não fais mal foi dado pelo o meu noivinho e manda- me dizer se estais tam bem <del>estais</del> marcado.</p> <p>Eu estou mais descansada de voçe me mandar dizer que a quele homen foi te pedir-te desculpas graças a Deus. Eu pesso-te para ires no Domingo na minha casa e para pasiares com o Antoninho <del>eu</del> desejo-te que passes um Domingo bou Eu na noite de terça feira para quarta eu tive um sonho com voçe eu de- pois tecomto.</p> <p>[espaço] Abraços da minha irman sobrinho e Ismenia e beijos da Hildinha para voçe, e da tua chorona noivinha muitos beijos e abraços au meu noivinho Jayme Maria Ribeiro da Costa eu recebi 15 selos des de ja muito obrigado _____ aminha irman esta te esperädo no dia 18</p> <p>[↓] não repares a minha carta nei os meus eros, eu não sei escrever cartas de amor como voce eu quando lei chego a chorar, voce sabe que eu sou uma burinha.[↓]</p>	
<b>Carta 24 - 07 de outubro de 1936 (word)</b>	<b>Formas de tratamento direcionadas a Maria</b>		
<p>Rio de Janeiro 7 de Outubro de 1936</p> <p>Minha querida noivinha</p>	<p>Minha querida noivinha minha flor Minha querida</p>		

<p>Estimo que esta vá encontrar voce e a Hilda em perfeito estado de saude assim como os teus, os meus vão bem graças a Deus, eu é que começo a sentir desejos de tornar a voltar ahi para tornar-te a ver minha flor. Hontem estive na tua casa estão todos bem graças a Deus, disseram que não é certo irem ahi se [ ↑ ] no dia 18 [ ↑ ] for vai so um, e se for seu pae, ele disse que tú descera's com ele, em melhor assim, porque assim não ha necessidade de desceres sosinha com a Hilda. Minha querida pede a Deus para esse tempo passar depressa, começo a sentir já os sintomas da saudade a sacrificar-me, é para que eu não pos-as voltar ahi no dia 18 para descer-mos juntinhos. A vida para mim longe de ti minha querida é um tomento, quero que venhas aliviar o meu pobre coração que vive tão tristonho, só por te amar-te tanto e tú estares tão longe de meus</p> <p>Embora eu saiba que tú me amas, e que pertences só a mim, e que está dentro do meu coração, é por eu saber tudo isso que eu soffro minha adorada, só quero ver a minha amada a minha Deusa. Fala com Ismenia que não dei o recado ao Dalves porque ainda não o vi nem sei quando o verei. Lembranças para todos os teus, beijos para a nossa garotinha, e para ti minha santa, muitos beijos e abraços, deste teu pobre noivinho apaixonado Jayme O. Saraiva</p>	<p>minha adorada minha amada minha deusa minha santa</p>	
<p><b>Carta 25 - 08 de outubro de 1936 (word)</b></p>	<p><b>Formas de tratamento direcionadas a Maria</b></p>	
<p>Rio de Janeiro 8 de Outubro de 1936 Minha querida noivinha</p>	<p>Minha querida noivinha Minha querida</p>	

<p>Que esta te vá encontrar em perfeito estado de saúde assim como todos os teus, os meus vão bem graças a Deus, eu é que apanhei um resfriado que não é brincadeira, mas com tudo isto não deixo de escrever-te, eu até agora ainda não recebi tua carta desta semana, se o Nelzinho não trouxer nenhuma na hora do almoço, de noite vou na tua casa, porque tenho certeza que terá, por que se que tú me escreves-te na segunda feira. Minha querida é tão triste, passar 3 dias sem uma car-tinha tua, eu já escrevi 4 cartas est com esta, nesta semana, só as tuas cartas é que podem sufocar um pouco da melancolia que invade o meu peito. Sinto tantas saudades tuas, sinto-me tão só, acho-me tão isolado do mundo, porque eu vivo somente para ti minha flor, de que serve-me o mundo para mim sem voce, e sinto-me tão contente em saber que tú só pertences a mim. Minha flor eu quero que tú não te aborreças comi-go por eu não poder ir ahi no dia 18, tu ficas triste mas eu fico ainda mais, porque só penso que tú te va aborrecer comigo por causa disso, peço-te que perdoes.</p> <p>Lembranças aos teus diz a Ismenia que já dei o recado ao Dalves e que ele alegrou-se bastante e mandou as mesmas, e disse-me que já não come não bebe e nem dorme desde aquele domingo, beijos para a Hilda, e deste teu noivinho apaixonado muitos beijos e abraços. Jayme O. Saraiva</p> <p>não repares a minha letras e nem os meus erros porque sou uma bobinha rasga a carta ( sabes quem escreve isto )???</p>	<p>minha flor minha flor</p>	
<p><b>Carta 26 - 09 de outubro de 1936 (word)</b></p>	<p><b>Formas de tratamento direcionadas a Maria</b></p>	
<p>Rio de Janeiro 9 de Outubro de 1936</p>	<p>Minha adoravel noivinha</p>	



<p>Minha adoravel noivinha</p> <p>Espero que estas minhas letras te vá encontrar em perfeito estado de saude assim como os teus, os meus vão bem graças a Deus, eu é que estou daquele geito muito resfriado porque tenho apanhado muito cereno estes dias. Hontem fui a tua casa, e tinha chegado uma carta para mim a do dia 5, que muito alegrou-me, so o teu coração de apaixonado que trago guardado no meu peito é que sabe dizer o que sentiu. Minha querida o nosso amor esta tão solido que só mesmo Deus poderá demolil-o , mas sei que ele não fará uma coisa dessas, porque ele sabe o quanto nós nos amamos e que pertencemos somente um ao outro, que tú és só minha e que eu sou só teu, nossas ambições caminham para a realidade havemos de nos casar, minha flor que é a unica cousa que nos resta, toda a minha ventura esta em te minha amada, contigo é que se encontra o meu prazer</p> <p>A saudade parece ser a minha inimiga persegue-me sem seçar soffro tanto com a tua ausência</p> <p>Minha santa estou mais do que certo, de que o mundo para mim nada vale sem voce. Escreves-te para os teus paes dizendo para que fosse fossem todos e que me levassem, eles não podem ir, só não o teu pae e o Nelzinho, eu farei o possivel para ir também mas não é certo. Recomenda-me aos teus, beija a Hilda por mim, a santinha que tu me mandaste beijei muitas vezes e trago-a junto com o teu retrato na carteira, no lado esquerdo. e deste teu noivinho que só a te pertence muitos beijos e abraços. Jayme O. Saraiva</p>	<p>Minha querida minha flor minha amada Minha santa</p>	
<p><b>Carta 27 - 10 de outubro de 1936 (word)</b></p>	<p><b>Formas de tratamento direcionadas a Maria</b></p>	
<p>Rio de Janeiro 10 de Outubro de 1936</p> <p>Minha querida noivinha</p>	<p>Minha querida noivinha Minha querida</p>	

<p>Espero que esta te vá encontrar em perfeito estado de saúde assim como todos os teus, os meus vão bem graças a Deus, eu é que continuo muito resfriado. Minha querida nunca passei uns dias tão aborrecido como agora, tudo isso é por estares longe de mim sem poder ver-te, sem poder sentir as tuas mãos, ou as tuas faces. Recordam-me de teus beijos as saudades almentam-se, vendo o teu retrato as saudades domina-me sacrifica-me isso para mim é um desespero minha flor não posso suportar muito tempo nessa agonia. Tenho beijado tanto aquela santinha, e tenho olhado tanto para o teu retrato, mas nada disso adianta as saudades não vão embora, porque estas longe de mim, mas não és culpada minha flor. Aquele retrato teu que tú me deste, e que estava com a minha mãe, anda comigo na minha carteira perto da santinha. Recomendações a todos os teus, beijos para a nossa garota, e para ti minha amada, aceita muitos beijos e abraços, dado com todo amor deste teu noivinho apaixonado apaixonado Jayme O. Saraiva</p>	<p>minha flor minha amada</p>		
		<p><b>Carta 14 - 11 de outubro de 1936 (download)</b></p>	<p><b>Formas de tratamento direcionadas a Jayme</b></p>
		<p>Paulo de Frontim, 11-10-1936</p> <p>Meu queridinho noivinho</p> <p>Muitas saudades Desejo que esta te vá encontrar um pouco melhor do resfriado e que os teus vão bem, os meus vão bem graças a Deus, eu vou com muitas saudades do meu Jayminho e hoje que e</p>	<p>Meu queridinho noivinho meu Jayminho</p>

		Domingo <sup>56</sup> recebi 4 carta 3 é de voce e 1 é do meu irmão Zezinho eu fiquei muito contente de ter notícias tuas por que ja amuitos <del>temp</del> dias não tinha [↑]carta[↑] eu estava muito triste que fui <del>aa</del> obrigada [↑]a[↑] registrar uma carta no sabado para voce, eu acho que as cartas estavam atrasadas. Eu esta semana ja escrevi 6 com esta e já <del>arecebi</del> 6 tuas estamos empate, eu escrevi esta no Domingo que é hoje, chuvia muito mais a si mesmo fui de tarde no coreio com a Ismenia e <del>depois saiu para casa</del>	
<b>Carta 28 - 11 de outubro de 1936 (word)</b>	<b>Formas de tratamento direcionadas a Maria</b>		
Rio de Janeiro 11 de Outubro de 1936  Minha querida noivinha  Espero que esta te vá encontrar em perfeito estado de saude assim como os teus, eu e os meus vamos bem graças a Deus. Hoje estive em tua casa, recebi 3 cartas tuas as dos dias 6, 7 e 9 do corrente que muito alegrou-me, qual o coração apaixonado não se alegra? ao receber noticia a pessoa a quem se ama. Voce está ausente! E nem imagina o mal que eu estou sofrendo! Esse mal que nos machuca cantando e que nos faz sorrir com os olhos cheios degua. Este anseio de um sonho que existe e que não vem, esta doce amargura de uma felicidade distante, que muito nos pertence. Voce está ausente! E nem pode saber que eu vivo pensando em mil cousas bonitas, relembrando as nossas loucuras que eram verdadeiras venturas, sublimes e impecaveis, porque todas elas eram nascidas do amor, e só do	Minha querida noivinha Minha querida minha santa		

<sup>56</sup> Rasura ininteligível.

<p>amo... Porque... voce me ama, bem sei! Eu tambem te amo, tanto que desse meu amor eu fiz a minha vida.</p> <p>Quem é a deusa dos meus sonhos e pensamentos? Voce!      Quem é que derrama no meu coração um punhado de frescas promessas e lagrimas? Voce! Quem acolhe os meus desejos, acariciando a minh'alma e despetalando os meus beijos? Voce! Meu amor! A sua ausencia deixa-me tão aflito, que até a recordação da nossa felicidade, amarga por demais a minh'alma cheia de saudade!... Minha querida até quinta feira te direi se irei ahi no domingo, os meus paes não tem falado nada a teu respeito, junto a esta remeto-te a fotografia que te pedi, não a quero visto ser da tua irmã, fico-te muito agradecido de satisfasera este meu desejo mandando-a, mas não posso guardal-a por já ter dona</p> <p>Lembranças para todos os teus, beijos para a Hilda e para voce minha santa, recebe com bastante ternura muitos beijos e abraços deste teu noivinho apaixonado      Jayme O. Saraiva</p> <p>Se eu for domingo só irei no trem das 8 horas e voltarei nos dias 4,40 do contrario não irei.</p>		
<p><b>Carta 29 - 12 de outubro de 1936 (word)</b></p>	<p><b>Formas de tratamento direcionadas a Maria</b></p>	
<p>Rio de Janeiro 12 de Outubro de 1936</p> <p>Minha adorada noivinha</p> <p>Que quando receberes esta estejas em perfeito estado de saude assim como todos os teus este é o meu desejo, eu e os meus vamos bem graças a Deus</p>	<p>Minha adorada          noivinha          minha flor          minha querida          minha flor</p>	

É tarde, o relógio já badalou as vinte e três horas e meia, e no entanto, eu não tenho sono e quero te escrever. Lá fora, a noite quente nos convida a seismar com seu céu todo nuveado, sem estrelas sequer! Aqui o calor do quebra-luz azul, a encobrir todos os meus sonhos de ilusão. Ouve-me... Eu quero contar-te tanta coisa bonita e festiva para gozar a delícia dos teus lábios ardentes! Mas o que poderá produzir-me essa ventura? Só uma história de amor... De um grande amor, esse grande amor está dentro de nós, eu conheço o teu que é só para mim, e o meu tu bem sabes que é só teu. Vem fitar os meus olhos, com o teu olhar que entra dentro em mim embriagando-me demais... e lê a minha história toda que somente se traduz nas maravilhosas palavras... " Eu te amo. "

Só tu minha flor, é que poderás avaliar a dor que trago no peito com a tua ausência, sofro somente por te amar, bem compreendes que o nosso amor é enorme, jamais poderia se comparar com os outros que pelo mundo existe o nosso fomos nós que o creamos, e por ele morreremos porque só a nós pertence, jamais poderemos viver um sem o outro, porque nascemos um para o outro.

Recomenda-me aos teus, beijos para a Hilda, e para ti minha querida recebe muitos abraços e afetuosos beijos deste teu noivinho que por tua causa não descança. Jayme O. Saraiva

Se domingo irei, não está nada resolvido, até quinta-feira te darei a resposta que é quase certa, só irei para buscar-te, subirei no trem de 8 horas e desceremos juntos no das 4,40 impreterivelmente. Esquecia-me de dizerte recebi a tua carta de ontem dia 11, e sei que tem mais outra em tua casa, alias está registrada conforme disses-te na carta acima és todo o meu encanto minha flor recebe mais beijinhos deste teu amado.

	<b>Carta 15 - 13 de outubro de 1936 (download)</b>	<b>Formas de tratamento direcionadas a Jayme</b>
	<p>Paulo de Frontim, 13-10-1936</p> <p>Meu queridinho noivinho</p> <p>Saudades  Que esta te vá encontrar um pouco melhor do resfriado <del>que</del> e que todos os teus estejam pa-ssando bem, eu os meus vâmos bem graças a Deus. Eu vou com muitas saudades tuas, eu pesso-te para mandar-mes dizer por que tu não escreves, eu sei que tu estais doente mais podes escrever duas linhas para eu ter notícias tuas, esta vai pela aminha irman e ja foi outra pelo o meu culhado na se-gunda-feira por que eu não tenho mais confiança pelo o coreio, voce não me respondeu nenhuma da semana passada eu acho que voce não a recebeu si voce ti vece a recebido voce meresponãdia, eu estou muito triste com isto, eu pesso-te para me escreveres ainda esta semana por que sera aultuma carta por que eu vou no Domingo si Deus quiser. Lembranças dos meus e beijos da Hilda para voçe e da tua noivinha triste muitos beijos e abraços au meu noivinho Jayminho</p> <p style="text-align: center;">Mariquinhas</p>	<p>Meu queridinho noivinho meu noivinho Jayminho</p>
<b>Carta 30 - 13 de outubro de 1936 (word)</b>	<b>Formas de tratamento direcionadas a Maria</b>	
<p>Rio de Janeiro 13 de Outubro de 1936</p> <p>Minha cara noivinha</p>	<p>Minha cara noivinha Minha querida minha flor</p>	

<p>Desejo que esta te va encontrar em perfeito estado de saude, eu e os meus vamos bem graças a Deus, o resfriado que eu tinha foi-se embora não quiz nada comigo.</p> <p>Embora tivesse ficado dois dias em casa, mesmo assim não deixei de escrever-te, pois se nas letras estão o meu unico consolo. A tua ausencia e demais voraz, para o meu pobre coração, tú somente e mais ninguem é que podes avaliar a dor que ele sente, e o anseio que ele tem para tornar a sentir as tuas caricias assim que voltares, de ti é que ele espera toda a força e vigor que é para ter vida e poder viver, para amar-te eterna-mente. Minha querida espera-me domingo que irei buscar-te subirei no trem das 8 horas, prepara as tuas malas para descermos juntos no trem das 4,40 horas, eu só te escreverei até quinta feira. Hoje e que o Nelzinho deve entregar-me a tua carta</p> <p>registrada, porque horem não a fui buscar porque são sahi de casa, hontem aqui em Ramos estava formidavel houve cinco lutas desde manha até a tarde, um morto varios feridos, cada vez me encho mais desta porcaria, só quero estar a teu lado.</p> <p>Recomenda-me aos teus, beijos para a Hilda, e para ti minha flor!.. Recebe com bastante afetuosidade muitos beijos e abraços deste teu noivinho apaixonado Jayme O. Saraiva já sabe domingo voltaremos no trem das 4,40 horas impreterivelmente.</p>		
<b>Carta 31 - 14 de outubro de 1936 (word)</b>	<b>Formas de tratamento direcionadas a Maria</b>	
Rio de Janeiro 14 de Outubro de 1936	Minha amada noivinha	

<p>Minha amada noivinha</p> <p>Espero que esta te va encontrar em perfeito estado de saude assim como os teus, os meus vão bem graças a Deus, eu é que cada vez amo-te mais. Hontem recebi a tua carta do dia 10 corrente a tal que vinha registrada, sinto muito ter feito voce passar uns dias triste, por causa das respostas das cartas que foram um pouco demoradas, mas a culpa não foi minha, eu escrevo-te todos os dias, tu podes ver pelas datas, o correio é quem atrazou, eu tambem só recebi uma carta tua a terça feira e depois só fui receber 3 no domingo. Tu bem sabes minha querida, que eu jamais posso esquecer-te, tú viverás eternamente no meu coração,eu escrevendo-te todos os dias sofro, que fará se eu não escrevesse, morreria de tanta dor. Domingo sentirei as tuas mãos de veludo acaricia-rem as minhas, sentirei o contacto do teu corpo com o meu, ouvirei o seu coração palpitando de desejos, e furtivamente lhe beijarei varias vezes</p> <p>Previne a tua irmã que desceremos no trem de 4 horas e 40 minutos, só irei eu teu pae e o Nelzinho vae arrumando a tua mala, domingo levarei as cartas que estão comigo para juntas com as outras.</p> <p>Esta é a penultima desta semana. Recomendações aos teus, beijos para a Hilda, e para a minha querida noivinha, que cada minuto que passe daqui até o domingo, represente um beijo deste teu noivinho apaixonado. Jayme O. Saraiva</p> <p>Fala com a Ismenia que tenho transmitido os recados ao Dalves, ele esta muito magro e abatido, que o medico tem receitado limão, não sei para que é, eu acho que ele esta apaixonado, não sei não.</p>	<p>minha querida minha querida noivinha</p>
---	---



Carta 32 - 15 de outubro de 1936 (word)	Formas de tratamento direcionadas a Maria	
<p>Rio de Janeiro 15 de Outubro de 1936</p> <p>Minha bella noivinha</p> <p>Desejo que esta te va encontrar em perfeito estado de saude assim como os teus os meus vão bem graças a Deus, eu é que ando um pouco avariado, um resfriado tomou conta de mim e parece não querer ir embora. Os retratos já tirei mas não sobrou nenhum para voce foi a conta certa que eu precisava, eu era para tirar outros hoje, que era pra voce, mas estou com o rosto inchado por causa de um dente, então só para a semana. Minha querida espero o domingo com tanta ansiedade que tú não imaginas, meu coração tem pulsado com tanta força que parece querer saltar fora do peito, tudo isto é porque vou tornar a ver-te minha flor</p> <p>Este teu amado não se cança de te amar, e te amará eternamente, todo o meu amor só a ti pertence, e so para ti viverá. Com esta, encerro a minha serie de cartas perfazendo um total de 27 cartas, agora não precisarei escrever-te mais, tú virás para mais perto de mim e nos veremos mais a miudo. Espera-me domingo, seguirei no trem que sahe</p> <p>daqui as 8 horas, minha querida peço-te o favor de fazeres o possivel de poder-mos descer no trem 4 horas e 40 minutos, pelo que desde já agradeço-te.</p> <p>Recomenda-me aos teus, beijos para a HILDA, para ti, aceita tantos beijos quanto forem os segundos de hoje até domingo, deste teu querido noivinho, que somente a ti pertence. Jayme O. Saraiva</p>	<p>Minha bella noivinha  Minha querida  minha flor</p>	

Carta 33 - 19 de outubro de 1936 (word)	Formas de tratamento direcionadas a Maria	
<p>O SEU RETRATO Quando estou pensativo, mudo e quedo, Sem ter quem me perturbe o desvanio, Sinto que, sem querer, como que o medo, Murmúrio baixo, todo o grande anseio,</p> <p>Que me vai n'alma, puro e grandioso. E desde estão, concentro o pensamento Sôbra êsse ser, que é todo harmonioso, Constitue meu grande sentimento...</p> <p>Para que posse então lembrar-me bem, Daquela deusa que está tão longe, Pego entre as mãos molhadas pelo pranto,</p> <p>O seu retrato. E peço a Deus que faça O dom de transformá-lo com sua graça Naquela original que eu amo tanto!...</p> <p>Rio de Janeiro 19 10 36 Jayme O. Saraiva</p>	deusa	
<b>2ª FASE</b>		
Carta 34 - 29 de outubro de 1936 (word)	Formas de tratamento direcionadas a Maria	
Rio de Janeiro 29 de Outubro de 1936	Minha querida noivinha	

<p>Minha querida noivinha</p> <p>Espero que não te zangues comigo, por ter mandado este, mas se o fiz foi somente para te prevenir, e para não ficares a minha espera, pois o meu irmão vae subir comigo. Amanhã nos encontraremos de manhã em Barão de Mauá, a hora do costume e combinaremos, encontros Sempre saudades deste teu querido noivinho beijos e abraços Jayme O. Saraiva</p>		
<p><b>Carta 35 - 19 de dezembro de 1936 (word)</b></p>	<p><b>Formas de tratamento direcionadas a Maria</b></p>	
<p>PRECE</p> <p>Eu ando em tudo a ver-te, em tudo, eu vejo O meu amor, por ti, mais se elevando... Attendo ao coração que, palpitando, Me põe na boca o favo do desejo...</p> <p>Favo- prece de amor- ansia de um beijo... - Alem a serenata vae cantando... Do meu quarto deserto, eu, te lembrando, Escuto mais attento o doce harpejo!...</p> <p>Mas ouço um violino agonisante Gemendo pela noite, tão distante, Num desafio á dor que me avassala,</p> <p>Que se eu pudesse, nessa hora triste, Daria tudo que no mundo existe, Somente para ouvir a tua fala.</p> <p>Rio de Janeiro 19 12 36 Jayme O. Saraiva</p>		

Carta 36 - 12 de janeiro de 1937 (word)	Formas de tratamento direcionadas a Maria	
<p>Rio de Janeiro, 12 de Janeiro de 1937</p> <p>Minha querida noivinha:- Saudações</p> <p>Espero que esta te vá encontrar em perfeito estado de saude, e que a viagem te tenha sido boa. Minha flor já começo a sentir uma inquietação por estares longe de mim, e ando um pouco triste por saber que tu não tens confiança em mim, eu que té dedico todo o meu amor, os meus momentos e tenho tanta confiança em ti. Só queria que tú estivesses aqui comigo eu poder te contar o sonho que eu tive esta noite contigo, tão lindo, que eu tenho comigo porque aquilo não era realidade?</p> <p>Mas fora simplesmente um sonho! Meu amor, em casa está tudo calmo, escreva-me quando receber esta. Para aliviar um pouco este meu coração que é teu (porque o meu tú o levaste ) porque quando lembro-me que estás distante<sup>1</sup> começo a ficar atormentado, só tú é que podes aliviar-me na minha dor. Só quero tu crêa em mim, porque não te esqueço se quer um um minuto, tua lembrança a todo instante<sup>2</sup> em minha memoria.</p> <p>Lembranças, e recebe tantos beijos e abraços quantos forem os passos daqui aonde estás; deste teu noivinho que loucamente te ame</p> <p>Jayme o. Saraiva</p>	<p>Minha querida noivinha Minha flor Meu amor</p>	

	<b>Carta 16 - 12 de janeiro de 1937 (word)</b>	<b>Formas de tratamento direcionadas a Jayme</b>
	<p>Petropolis, 12- 1 ° 1937</p> <p>Adorado noivinho</p> <p>Muitas saudades Espero que esta te va encontrar em perfeita estado de saude. Eua a recebi a tua carta do dia 19- no dia 20 que muito me alegrou foi o único remedio que me pois boa eu passei dois dias que eu nunca passei na minha vida graças a Deus agora vou indo mais ou menos. Eu não mezango com voçe nei presizavas pedir pela  carta o meu amor e sego. eu sei perfeitamente que teis sofrido muito por minha causa mais tenha fé em Deus e na N. Senhora. voçe não preçisa aranjear mais o lugar para eu mandar as minhas cartas, eu mando para a minha casa e o Antoninho te intrega que ele se o fereceu voçe dia sim, dia não telefona para elle o numero é 22.33.03/ 22.3303 dep  de pois voçe vai buscar na hora do teu almoço que da  tempo, pode ter toda comfiansa no Antoninho. Eu pricisava falar muito com tigo nem que fosse num sabado voçe pra/ semana me</p>	<p>Adorado noivinho meu noivinho Jayme</p>

esreve dizendo sim ou não  
 se voce puder no dia 30 que  
 e sabado eu deixo no trem  
 das 3 ½ horas que deve chegar  
 5.40 horas voce marca o lugar  
 para eu esperar eu te passo  
 isto pello a mor de Deus. eu no Domingo vou a missa no  
 Penho ve se pode em com  
 tra com migo com forme  
 te pedi na outra carta.

[ ↑ ] não repares  
 a minha  
 carte e muito ou-  
 brigado pelos os selos e muitos beijinho au  
 meu noivi-  
 nho jayme

me escreve muito que e o meu unico a minha  
 unica alegria

eu não queria te dizer eu fui a medico  
 no dia 20 de manha por que eu passei  
 mal de noite não pude dormir com  
 muita no meu coração e com falta  
 de ar o medico me deu calmante  
 elle me perguntou se eu tinha me a-  
 borecido eu disse que sim ella falou  
 que era por causa disso de me aborecer  
 que eu estava muito nervosa mas  
 agora vou melho com a graça de  
 Deus. a pesar de voce me mandar  
 uma carta alegre a indanão estou  
 comformada eu vejo a carta  
 do dia 17 as minhas lagrima comesão  
 a cair. desta que te ama loucamente muitos  
 beijos e abraços au meu noivinho Jayme  
 Mariquinha

	<b>Carta 17 - 19 de janeiro de 1937 (download)</b>	<b>Formas de tratamento direcionadas a Jayme</b>
	<p>Rio-19- 1 °-1937</p> <p>Meu eterno Jayme</p> <p>Muitas saudades Espero que esta te vá encontrar em perfeita saude que e o me dezeijo, eu vou cada veis peor de paixão. Eu a recebi a tua carta a do dia 17 quando chegei em Petropolis no dia 19 eu fiquei muito triste quando ali levei o dia inteirinho chorando muito que a D. Carmen mandou-me eu madeitar ella pergunto-me</p> <p>por que eu chorava tanto eu não dice ella perguntou se era por causa do meu noivo eu dice que não que era por causa da minha casa que eu tinha me aborrecido. Jayme eu pesso-te pelo a mor de Deus para não a cabares com o nosso a mor eu nunca peissei que tu memandace uma# carta dessas tu não queras saber a dor que eu trago no meu coração a minha vida e so chorar tu sabes perfeitamente que eu</p> <p>Jayme Pelo a mor</p>	<p>Meu eterno Jayme Jayme Jayme Jayme Jayme</p>

de Deus  
me escreve  
para min  
para eu  
descansar  
o pobre do  
meu coração  
que esta  
tão ferido  
que chegu  
a medar  
pontadas  
eu acho que  
eu não vou  
muito loge  
so tenho pena de  
deixar a minha  
filha e voçe que

não fui a culpada disso eu  
acho que tu não tens pena de min eu sou  
uma pobre infelis que Deus  
botou no mundo para fofer  
tu sabes perfeitamente que eu  
dediquei todo o meu amor  
a voçe o mundo para mim  
se voce não e mundo. Eu não te dice que atua mãe  
não foi na minha casa ella  
não viu cartas nenhuma ella  
viu só o cartão que o  
Neuzinho deu au teu irmão  
Zezinho para a tua mãe ler

tanto ou ama  
mil beijos para  
o meu Jaiminho

ve se voce



fais um  
 facrificio  
 para encon-  
 tra con migo  
 no Domingo  
 de manha  
 que eu  
 quero com  
 binar uma  
 couza  
 com voce  
 ei quato  
 antes posi-  
 vel muitos  
 beijos e abra-  
 ços au meu  
 eterno amor jayme  
 não se esquecendo de  
 min

elle confesou em casa que fei elle  
 que deu auteu irmão que o teu  
 irmão me o fendeu muito.  
 Jayme eu no Domingo vou a missa  
 na Penha eu queria com binar falar uma couza  
 com voçe ve se voce pode ir tam bem  
 voce dis que vai fazer uma cobrança  
 se voce for telefona para o Antoninho  
 para elle me da orecado o numero 22.3303. se voce for eu  
 te espero no portão da Penha  
 8 ½ as 9 ½. eu falei com o meu cunhada que nois  
 tinhamos a cabado e com a tua tia  
 com o Neuzinho só quen sabe e o meu  
 pai a minha mãe o Antoninho tu podes  
 ter toda comfiansa no Antoninho.  
 jayme eu que espero voçe o tenpo que voçe  
 quizer não se esquesa desta pobrezinha  
 que tanto te ama Mariquinhas

	<p>muitos beijos eu moro na Rua S. Francisco  Xavier  n° 691  eu pesso te  para me  escreveres  mais não  me trata  de colega  eu escrevo  para minha  casa de pois  o Antoninho  te entrega  e de pois  voce rasga  ou manda para min</p>	
<p><b>Carta 37 - 19 de janeiro de 1937 (word)</b></p>	<p><b>Formas de tratamento  direcionadas a Maria</b></p>	
<p>Rio de Janeiro 19 de Janeiro de 1937</p> <p>Querida noivinha</p> <p>saudades deste que deseja  que estejes passando bem, eu vou indo mais  ou menos. Espero que não tenhas te zangado  comigo por causa do que houve, só tu sabes  a extensão do nosso amor, e podes avaliar. o quanto tenho  sofrido, para mim nada mais  resta neste mundo a não [ ser á ] o teu amor,  dele é que tiro toda a energia de minha  vida, Tú# não deves pensar em bobagens  pense unicamente em nosso amor, descansa</p>	<p>Querida noivinha  Meu amor</p>	

bem, alivia o teu cerebro, porque jamais te deixarei, tal ideia não mo passa pelo

# lembrança, voce sabe perfeitamente que só ati é que eu amo, tú sabes que só ati é que pertenço, tú é a dona do meu coração, és a eleita de meus sonhos, és a rainha de meu pensamento, jamais pensarei em te# despojar do trono de meu coração, és a rainha e dele ninguem te tirará. Meu amor tú julgarias se eu não te amasse que sofreria tanto quanto temos sofrido? Meu amor seja um pouco razoavel creia um pouco mais em meu amor, este amor que o meu pobre coração te dedicou, e que tanto sofre, em ter criado o amor mais belo que há neste mundo, e no entanto não cres nele tanto, quanto ele cre em ti,

Precisamos ter calma e paciencia, porque haveremos de vencer, ainda não arrangei<sup>1</sup> para onde deves mandar as minhas cartas, mais assim que arranjar te avisarei. Não posso informarte quando podemos conversar. mais farei o possível para ser o mais breve, tenha confiança em mim pelo amor de Deus é o que te peço. Aceita mil beijos e abraços deste teu eterno amante que tanto amar<sup>2</sup> e todo dedica somente a voce, que é o teu caminho  
Jayme O. Saraiva  
não repares a letra porque a pena estava aberta  
beijos

Carta 38 - 24 de janeiro de 1937 (download)	Formas de tratamento direcionadas a Maria	
<p>Rio de Janeiro 24 de Janeiro de 1937</p> <p>Minha querida noivinha</p> <p>Saudades atormentadoras. Espero que ao receberes esta estejes passando bem, e que tua tristeza não seja tão avassaladora quanto a minha.</p> <p>Não posso dormir vivo só pensando em ti e no nosso amor que tantas lagrimas tem nos custado, nas minhas horas de insônia fico meditando o infinito que tantas ilusões guardo pareço ver-te numa imagem a chamar-me e eu na minha triste ilusão quero alcançar-te mas tú desapareces, e deixa-me os olhos arrasados d'água, e o coração parece ser uma chaga, sinto-o como se estivesse durmente, tamanha é a dor que sinto querer parar.</p> <p>Desejo saber minha flor se de fato tens confiança em mim, sofro ainda mais por isso, tenho andado muito adoentado estes dias. no escritorio querem por força que eu vá a um medico já chegaram a falar com o <i>Senhor</i>. Mario e ele disse para que eu mo trata-se, porque ele me dá as férias se eu quizer, mas tenho aguentado <del>em</del> a mão para não dar o braço a torcer, pois meus pais ainda não falam comigo, vou ver se não vou ao medico antes do carnaval, que é para poder passeiar contigo, mas acho que será um pouco difícil,</p> <p>Hoje levantei-me as 6 ½ horas e fui para a praia só voltei as 3,15 horas da tarde. longe de ti minha flor, a alegria foge-me</p>	<p>Minha querida noivinha minha flor minha flor</p>	

<p>quizesa só poder estar ao teu lado, para poder sufocar as minhas dores, que tanto me crucificam</p> <p>Receba deste teu noivinho de todo o coração muitos beijos e abraços e estimo que descanses um pouco, para que possas amar ainda mais este teu noivinho.</p> <p>Jayme O. Saraiva</p>		
<p><b>Carta 39 - 25 de janeiro de 1937 (word)</b></p>	<p><b>Formas de tratamento direcionadas a Maria</b></p>	
<p>Minha amada noivinha</p> <p>Saudades sem fim</p> <p>Todo o meu desejo é quando receberes esta estejes passando bem de saude, eu como tú viste hoje ando bombardeado mas não ha de ser nada. Minha querida, tú não pode avaliar# quanto me fez bem este nosso encontro cada vez me venço mais minha flor que para toda a dor que sentimos só mesmo paz no nosso amor é que nos fará parar de sofrer. Meu amor, com este encontro fiquei um pouco mais tranquilo, meu coração parece que socegou mais um pouco, cada vez acredito mais minha querida que teu amor me é sincero, um amor puro criado # somente para mim, e o mesmo correspondo-te eu, que vivo na ansia de cada vez te amar mais, e trazer-te bem presa ao meu coração, para poder cada vez mais gritar com mais fervor. “és Minha só e de mais ninguem, e o mesmo procurás tu fazer comigo, mais isso pode fazer já, porque já tens poderes para fazer, porque tú sabes que não pertenço a mais ninguém a não ser a voce, tú sabes que todo o meu prazer e viver em teus braços, recebendo as tuas caricias e teus beijos, Ho quanto me sentiria feliz com isso. Minha flor espero que melhores de teu estado de saude e que</p>	<p>Minha amada noivinha  Minha querida  minha flor  Meu amor  Minha flor</p>	

<p>estejes bem disposta para cumprires a tua obrigação e que me respondas com a maior brevidade, e tudo que te deseja este teu eterno amor. Deste que tão somente a ti pertence aceita mil abraços, e o dobro de beijos, para que possas ser eternamente feliz, o que te receito é o seguinte, pede a Deus que os anos passem depressa, e então teras a verdade casando-te com este teu# apaixonado noivinho Jayme O. Saraiva.</p>		<p><b>Carta 18 - 26 de janeiro de 1937 (download)</b></p>	<p><b>Formas de tratamento direcionadas a Jayme</b></p>
	<p>Petropolis, 26 – 1- 1937</p> <p style="text-align: center;">Meu queridinho noivinho</p> <p style="text-align: center;">Saudades</p> <p>Espero que ao receberes esta estejes passando melhor de saude que e o meu desejo, eu vou mais ou menos. Apesar deu onte estar com tigo duas veses não matei as saudades fiquei com muito mais eu não me esqueço de voce um segundo # as minhas lagrimas com tinuam a cair só penssado que estais doente eu pesso-te para te alimentares bem.</p> <p>A minha distração <del>são</del> são as tuas cartas eu leio toda as noites antes de me deitar e olho para os teus retratos que tantas</p> <p>saudades meda# eu só queria ficar pertinho do meu filhinho que eu tanto adoro so eu pensar que estou tam longe de ti e que eu soffro ainda muito mais.</p>	<p>Meu queridinho noivinho meu filhinho meu adorado noivinho Jayme</p>	

eu tenho que me conformar com a-  
 minha sorte que Deus me deu, mais  
 Deus eu tenho muita fé em Deus que  
 elle ade|nus ajudar a venser.  
 manda-me dizer se a tua mãe falou  
 de voçe chegar tarde na segunda-feira.  
 eu te espero no sabado na minha  
 casa ve se podes dar um jeitinho  
 de ir eu te espero.  
 não se esqueça de mandar a quele de-  
 zenho que tu me prometeste.  
 Desta tua noivinha triste muitos beijos  
 e abraço au meu adorado noivinho Jayme

Mariquinhas

[↑< não se esqueça  
 de me escrever  
 muito.  
 não repares a  
 minha carta nem  
 os meus erros  
 podes rasgar esta  
 carta que eu te  
 pesso e ve se  
 podes encontra com  
 migo no sabado  
 na minha casa  
 que eu estou te  
 esperando não  
 fiques sangado  
 com migo de eu  
 te podir<sup>1</sup> isto e por  
 que as saudades sam  
 muitas mais beijinhos >]

	Carta 19 - 28 de janeiro de 1937 (download)	Formas de tratamento direcionadas a Jayme
	<p>Petropolis, 28 – 1 – 1937</p> <p>Meu eterno noivinho</p> <p>saudades</p> <p>Espero que ao receberes esta estejes passando melhor do teu estado de saude eu vou bem grasas a Deus, mais vou com muitas saudades tuas.</p> <p>Eu recebi a tua carta a do dia 24 no dia 28 fiquei muito contente de ter noticias tuas e a única a legria que eu tenho são as tuas cartas eu ja estava triste da tua carta de morar muito, eu já mandei uma no dia 26 e esta do dia 28.</p> <p>Nesta vai uma santinha para voce uzar com tigo todos os dias voce pede a ella</p> <p>para # # # nos unir cada veis mais e de pois voçe beija.</p> <p>eu tenho sonhado todas as # noites com voçe, todos os dias eu pesso a Deus por nois dois eu quero que voce pesa<sup>1</sup> tam bem.</p> <p>Espero que fasas o posivel para passiares com migo no carnaval manda-me dizer se voce vai com par camisa para o carnaval e se <del>que seres</del> queres que eu compre a ancora para voce, eu no Domingo de carnaval eu vou a missa na Penha ve se pode ir com migo se pode man-</p>	<p>Meu eterno noivinho meu queridinho noivinho</p>



		<p>da-me dizer que eu te espero no portam da Penha as 8 ½ horas para nois com binarmos melhor. desta que tamto te</p> <p>[↑&lt; não te esqueças de uzar a santinha na tua carteira eu não escrevi nada atrais para a tua mãe não desconfiar mais beijinho da tua triste noivinha não repares a minha carta e puedes rasgar isto e que eu tepesso e merespondas &gt;]</p>	
<p><b>Carta 40 - 29 de janeiro de 1937 (download)</b></p>	<p><b>Formas de tratamento direcionadas a Maria</b></p>		
<p>Rio de Janeiro 29 de Janeiro de 1937</p> <p>Minha querida noivinha saudades Infindas</p> <p>Espero que esta te vá encontrar em perfeito estado de saude, e que estejas um pouco aliviada da dor que sentias no peito, eu graças a Deus vou bem, estou é virando cobra, mudando a pele por causa do sol de domingo, os meus labios estão todos arreventados.</p> <p>Hontem fui a loja do teu cunhado para ver se havia alguma carta tua</p>	<p>Minha querida noivinha Minha flor Minha querida minha flor</p>		

para mim trazendo notícias tuas, pois  
 é o meu único alívio nestas horas  
 de incansáveis tormentos da paixão

avassaladora que invade meu peito,  
 mas não havia chegado nada para mim  
 que serviu-me somente para aumentar a  
 minha tristeza.

Minha flor sinto-me tão só, infinitamente  
 só, com a lembrança do teu vulto no meu cérebro  
 e a saudade de teus beijos e sorrisos no  
 coração: Longe de ti, sou um pobre sonhador  
 que vive a sonhar a história do nosso amor!  
 Uma história de fadas e condões mágicos  
 de príncipes lindos como a flor do linho e de  
 rainhas maravilhosas, feitas pelas pétalas  
 das rosas e do olôr das violetas! O nosso  
 amor é tão belo, tão grande, que não tem  
 fim! Longe de ti minha flor sou um  
 pobre sonhador que tem no coração a nos-

talgia da vida! Anoitece. Que tristeza, lá fora!  
 O céu chora lágrimas violáceas e a brisa,  
 arrepiando as plantas, modula canções melancólicas.  
 Aqui dentro, a sombra de saudade,  
 a sombra da noite que nem baixando, lentamente,  
 sobre a terra, como sobre o meu  
 coração a sombra da tristeza de ter-te  
 longe de meus lábios.

Minha querido espero que tú  
 acredites no meu [↑] amor[↑] tanto quanto eu desejo,  
 pois mais ninguém neste mundo interessa-me  
 a não ser você: Você é quem mostrou-me  
 o verdadeiro amor! Você é quem ensinou-me  
 a amar amando-me.

De ti é que espero toda a  
 minha alegria de viver, em tuas mãos

<p>está o meu coração, o meu amor e a minha vida, a minha felicidade só a ti depende, sou inteiramente teu, e tú só a mim pertences.</p> <p>Aceita deste ente que loucamente te adora, muitos beijos e abraços do teu noivinho.</p> <p>Jayme O. Saraiva</p>		
<p><b>Carta 41 - 02 de Fevereiro de 1937</b></p>	<p><b>Formas de tratamento direcionadas a Maria</b></p>	
<p>Rio de Janeiro 2 de Fevereiro de 1937</p> <p>Minha querida noivinha saudades enfinda</p> <p>Espero que esta te vá encontrar em perfeito estado de saúde, eu vou bem graças a Deus, a dor que te falei no domingo é que tem aumentado, não me deixa descansar.</p> <p>Em casa continuam todos de ressaca, hoje vou comprar a camisa mas só a azul porque não ganhei dinheiro que chegue para as duas, e até sábado vou ver se arranjo para o bonet, se eu não arranjar tu vaes me emprestar o teu, e tu sabes seu bonet, que é mais bonito.</p> <p>Hoje de manhã antes de eu sahir para o trabalho o Zequinho, perguntou-me se eu queria sahir igual a ele, para eu dar o meu dinheiro a mamãe, que ela comprava, mas eu disse que não, a fantasia que ele queria sahir era igual a tua.</p> <p>No domingo espera-me em tua casa que</p>	<p>Minha querida noivinha</p>	

<p>eu irei lá ter, caso eu não vá, porque já estou advinhando qualquer corrente, tu não sahes da casa porque eu não quero, só podes brincar comigo.</p> <p>Dá lembranças a <i>Dona Marietta</i>, deve ser esse o nome dela, esta que esta ahi contigo, e não da confiança a esse tal chauffeur.</p> <p>Deste triste apaixonado que tanto te ama muitos beijos e abraços.</p> <p>Jayme O. Saraiva</p>		<p><b>Carta 20 - 02 de fevereiro de 1937 (download)</b></p>	<p><b>Formas de tratamento direcionadas a Jayme</b></p>
	<p>Petrópolis, 2-2-1937</p> <p>Meu querido noivinho</p> <p>Muitas saudades</p> <p>Espero que esta te vá encontrar em perfeita saude, eu vou bem graças a Deus mais vou com muitas saudades tuas.</p> <p>Eu te escrevo esta as 11 ½ horas da noite depois que eu acabei o serão todos os dias desta semana eu vou trabalhar a té as 11 horas da noite.</p> <p><del>eu tinha pensado muito</del></p> <p>Eu na noite de segunda feira sonhei muito com voçe de pois eu te contarei o sonho, meu filhinho eu cadaveis me aumenta as saudades tuas, a ultima carta que voce me mandou e linda como voçe eu tenho pena de eu não saber escreve, pesso-te para não reparares a minha buriçe, eu não tenho ideias para</p>	<p>Meu querido noivinho meu filhinho meu noivinho Jayminho</p>	

	<p>te escreve eu so queria estar auteulado  ja que não posso tenho que me com-  formar com aminha sorte,  meu filhinho manda-me dizer se a tua  mãe falou au guma couza de Domi-  ngo com voçe, eu te espero no Domingo  na minha casa si Deus quizer.</p> <p style="padding-left: 40px;">Aceita muitos beijo e abraços  desta tua noivinha que loucamente  te ama</p> <p style="text-align: center;">Mariquinha</p> <p>[↑&lt; Não repares esta  carta por que eu  estava muito cançada  e pode rasgar  mais beijinhos au  meu noivinho  Jayminho  Mariquinhas &gt;]</p>	
	<p style="text-align: center;"><b>Carta 21 - 12 de fevereiro de 1937 (word)</b></p> <p>Rio-12- 2- 1937</p> <p>Meu queridinho noivinho saudades</p> <p>infindas. Espero que esta te vá encontrar em per-  feito estado de saude, eu vou bem gra-  ças a Deus. Eu ontem chegei sedo em casa o meu  pai a inda não tinha chegado. O meu irmão Neuzinho  esteve com o teu  irmão ontem elle esteve jogando o verde  no Neuzinho mais elle não caiu, voce</p>	<p style="text-align: center;"><b>Formas de tratamento  direcionadas a Jayme</b></p> <p>Meu querido noivinho</p>

pergunta au Neuzinho o que elles fala  
rão, o teu irmão perguntou a onde a  
gente morava o Neuzinho diçe que mo-  
rava em catumbi eu acho que elle

feis mal de dizer que morava em  
catumbi por que a Thereza sabe que  
a jente mara em S. Francisco Xavier  
ella não sabe e o numero, voce fala  
com o Neuzinho para não dar muita  
com verça au teu irmão por que  
elle e facil de cair com o teu  
irmão. Eu espero duas cartas para a semana  
em Petropolis, e não te escesas do  
nosso encontro no sabado si Deus quizer

Eu te peço para não ires a praia no  
Domingo sim. Eu já sei que vou passar um Dom-  
ingo muito trite e nei vou sair de  
casa nois temos que nos com for-

mar  
com a nossa sorte, eu tenho  
muita fé em Deus e na Santa Teresinha  
e peço-te para teres tam bem. Aceita desta que loucamente  
te ama  
muitos beijos e abraços da tua  
noivinha trite  
Mariquinhas  
Eu te peço pelo amor de Deus  
para rasgares este bilhete

Carta 42 - 13 de fevereiro de 1937 (word)

Formas de tratamento  
direcionadas a Maria

<p>Rio de Janeiro, 13 de Fevereiro de 1937</p> <p>Minha querida noivinha sempre teu Espero que esta te vá encontrar em per- feito estado de saude, assim como os teus. Recebi teu bilhete datado de hontem cujo conteudo muito interessou-me, porque o teu irmão fez mal em dizer que estava morando no Catumby, motivo por qual tenho que reservar-me sobre qualquer ataque em mi- nha casa, eu parar despistar caso perguntem a mim digo a mesmo cousa que é para julg- rem que eu não sei tambem. Eu amanhã vou a praia, peço-te perdão por isto, mas o ambiente em minha casa é in- surpotavel cada vez compreendo menos.</p> <p>Tu sabes minha flor se não fora isso, eu acataria o teu pedido, em casa todos parecem uma feras contra mim até os meus irmãos Eu quero ir a praia somente para não ver tudo isso, porque faz-me pensar em bobagens Mas tudo que facam minha querida, não faz esquecer-me de ti, pelo contrario, fazem- me gostar cada vez mais de ti, sonho, penso soffro tudo enfim, mais meu amor é fiel, de- dica-se somente a ti, a mulher que mais soffreu neste mundo pelo amor, procurarei nos resto de dias de minha existencia correspon- der com o meu amor e o meu aféto,# o amor que tanto me dedicas, portanto correspon- do a ti, a altura que tu mereces.</p> <p>Sinto me feliz em saber que tu me amas, e que teu coração pertence somente a mim, as lagrimas que tens derramado por mim, que Deus transforme-as no futuro em felicidade porque o mereces, minha Deusa. Tu ensinas-te- me a amar a viver a soffrer e a querer-te, por isso tens-me em teus braços para eternamente, és a minha eterna so- nhadora amada Mariquinhas, o meu futuro e a minha felicidade. Amanhã a noite se eu ficar sosinho em casa, te escreverei uma carta como tu gostas bem grande e bonita, e mandarei para# Petropo- lis,</p>	<p>Minha querida noivinha minha flor minha querida minha deusa minha eterna sonhadora amada Mariquinhas</p>
---	---

<p>eu não paguei a prestação da apólice em virtude de estar bombardeado, ando pronto</p> <p>mas segunda feira já tenho dinheiro e pagarei Lembrança a todos os teus e um beijo na Hilda Deste teu eterno apaixonado noivinho, aceita muitos beijos e abraços. Jayme O. Saraiva</p>		<p><b>Carta 22 - 14 de fevereiro de 1937 (word)</b></p>	<p><b>Formas de tratamento direcionadas a Jayme</b></p>



mos com voce, se voce não ficar es sangado eu posso-te esperar todos os sabados a noite para evitar de vires da minha casa não vais penssando que isto e muito tempo so us 4 Domingos deve chegar a minha mãe sabe diso e ella com cordou com isto. a minha mãe mado-te dizer so para vires em minha casa so quando puderes não faças sacrificisio que ja teis feito muito por mim. A minha mãe não sabe que eu vou me encontra com voce no sabado, de pois nois combinamo os outros

outros em comtros. O meu irmão Antoninho manda-te convidar-  
te se tu queres ir com elle em Paulo de Frontem no dia 21 no trem das 8 horas elle manda-te dizer que te paga as passagens manda a resposta pelo o Neuzinho ou telefona para elle se tu fores eu vou tam bem eu acho um pouco defiçel de voce ir para Deus nada e posivel.

Lembranças dos meus, e recebes desta tua noivinha de todo coração muitos beijos e abraços au meu queridinho noivinho Jayme  
Mariquinhas  
não repares esta carta nei os eros posso-te para botares esta carta em outro envelope e da au Neuzinho para trazer para a minha casa fexa o envelope mis beijinho para o meu querido Jayme

se esquesa de me espera no sabado eu devo de chegar primeiro do que voce

Carta 43 - 15 de fevereiro de 1937 (word)

Formas de tratamento  
direcionadas a Maria

<p>Rio de Janeiro 15 de Fevereiro de 1937</p> <p>Minha eterna flor, saudades sem fim,  Espero que ao receberes esta te encontres de perfeito estado de saúde,  bem disposta. É o quanto te pode desejar este coração que de ânsias de te amar  muito sofre,  Eu vou bem graças a Deus, ando é muito aperreado pelos meus pais, ainda não nos falamos. Só tu minha querida e que podes trazer-me um pouco de alegria em meu peito, só tu é que podes dar o descanso a este coração que tão oprimido sofre, em ti é que este o lenitivo de minha dor, debes dar-mos o quanto antes. Este mundo é tão ingrato para nós dois, ele sabe perfeitamente o quanto nos amamos e no entanto finge não perceber,  Só eu posso dizer o quanto sinto me feliz quando sinto-te em meus braços, pareço sonhar, sinto tuas carícias como se fora um êxtase da natureza derramando petalas de rosas sobre nosso amor embriagando-nos com os seus perfumes, sinto que a felicidade residem seu coração, e que só a mim pertence. O nosso amor é tão lindo que jamais no mundo houve igual, aos poetas jamais passaram pela mente um romance tão lindos de dois corações que por se amarem muito sofrem.  Meu amor, sinto-me um tanto aliviado por saber que correspondes a meu amor, todo o meu desejo era sorver nas taças de teus labios arden  tes o nectar de teus beijos embriagados que eleva-me os sentidos para as coisas mais bonitas deste mundo. Quizera ser um beija-flor minha querida só para poder estar a beijar-te todo o momento, como eles fazem as flores, mas eu só beijaria a flor de minha vida que é voce, pois para mim não existe flor mais nenhuma a não ser voce, esta flor que adora e que tem o mel que eu procuro, o mel da felicidade e o mel do meu amor, para adocicar a nossa existencia.</p> <p>Espero-te minha flor no sábado aonde combinamos, na Rua</p>	<p>Minha eterna flor  minha querida  Meu amor  Meu amor  flor de minha vida  flor  flor  minha flor</p>	
---	---	--

Buenos Aires		<b>Carta 23 - 16 de fevereiro de 1937 (word)</b>	<b>Formas de tratamento direcionadas a Jayme</b>

uito interesada. Eu te pesso que no sabado não fasas  
 como da quela veis que nois cobinamos  
 eu deve de chegar antes das 6 horas si  
 Deus quizer. Eu estou esperando a outra carta

que me prometeste, vê se podes me  
 aranjá uma pena que a quela que tu  
 medeste esta muito aberta. Estes dias tenho andado muito  
 triste

não sei por que tenho sonha-  
 do muito com os teus pais e com voce eu  
 acho que e por cauza de tamto diçe me  
 diçe. Eu posso-te para fazeres as pazes com os  
 teus pais. Desta tua apaixonada noivinha muitos  
 beijos e abraços au meu querido noi-  
 vinho e a té sabado

Mariquinhas

[ ↑ ] eu te pesso para  
 não estais com  
 muita pressa  
 no sabado  
 eu tenho que chega  
 em casa as 9: 1/ 2  
 horas para não  
 descomfiarem  
 mais beijinhos  
 para o meu  
 filhinho Jayme

Mariquinhas  
 não repare esta carta  
 que eu não sei escre-  
 ver [ ↑ ]

Carta 44 -16 de fevereiro de 1937 (download)

Formas de tratamento  
 direcionadas a Maria

<p>Rio de Janeiro 16 de Fevereiro de 1937</p> <p>Minha querida noivinha amar-te e o meu dever.</p> <p>Espero que esta te vá encontrar em perfeita saude.</p> <p>Recebi hoje pelo Nelzinho uma carta tua, que muito alegrou-me já sei que passas-te um domingo igual o que passei, Só nossos corações e que podem definir a dor que trazemos neles, mas não há de ser nada, a Victoria nos espera, e haveremos de ser muitos felizes, haveremos de fazer o nosso ninho, tal qual as pombas nos galhos da felicidade, descansaremos nossos corações e viveremos somente um para o outro.</p> <p>Em minha há qualquer cousa que me é difícil de adivinhar modificaram pó completo, sei apenas que foram contar, que me viram terça feira de carnaval na praça Onze de 11 Junho, com um bloco de moças dentro de um onibus, e que as moças estavam fantasiadas de vermelho.</p> <p>Peço-te desculpas desta ser pequena pois não tenho tempo para mais, estou servindo-me da hora de fazer pagamentos nos bancos, não posso perder tempo.</p> <p>Tu bem sabes que não é por minha vontade, porque já que não posso estar junto de ti, então passaria o dia todo</p>	<p>Minha querida noivinha</p>	<p>Carta 24 - 21 de fevereiro de 1937 (word)</p>	<p>Formas de tratamento direcionadas a Jayme</p>
--	-------------------------------	--	--

Rio de Janeiro, 21 de Fevereiro de 1937

Meu querido noivinho

Saudades sem fim

Espero que ao reeberes esta te encontres de perfeito estado de saude, eu vou bem graças a Deus. Eu chegei bem em casa, manda me dizer se os teus pais falarão alguma cousa com voce, o teu irmão esteve com a Aninha na sexta-feira esteve perguntando muitas couzas elle disse que não acreditava que

ajente tinha acabado, elle disse que sim que ajente tinha acabado e que eu estava em petropolis e que não sabia quando eu vinha elle tam bem perguntou onde eu morava ella dice que uma pessoa que tinha nos visto no Domingo de carnaval na praça paris e que voce estava tam bem e que eu estava dançando com voce ella diçe que não, em tão elle pediu para ella jurar e ella jurou, elle diçe que não hia dizer nada em tua casa para a tua mãe não ficar zangada com elle, eu no Domingo eu te comto o resto si Deus quizer, por que elles estiverão mais de uma hora comverçando so em nosso respeito. Eu te pesso para não esqueceres de mim e tam bem não se esqueceres da nossa combinação de hoje de manha so quando puderes eu a inda estou com muitas saudade de sabado não me-

esqueso um só momento, eu te pesso para mandares duas cartas esta semana sim. Jayme se voce não puder vir no Domingo em minha casa eu te pesso para marcares um emcontro no sabado quei falou isto foi a minha mãe ella diçe que eu podia falar com voce no sabado um pouquinho a té as 7 ½ horas para voce não perder a hora de chegar em tua casa manda-me a resposta. Desta tua eterna a paixonada noivinha muitos beijos e

Meu querido noivinho  
Jayme  
meu noivinho Jayme  
meu filhinho Jayme

	<p>abraços au meu noivinho Jayme. Mariquinhas eu te pesso para rasgares este bilhete que eu não fico sangada e não repares este papel este em velope foi o que tu mandaste na minha carta eu botei um celo para fechar eu te escrevo a manha de noite si Deus quizer mis beijinhos pra voçe não se esqueça de rasga rasga e rasga</p>	
	<p><b>Carta 25 - 22 de fevereiro de 1937 (download)</b></p>	<p><b>Formas de tratamento direcionadas a Jayme</b></p>
	<p>Petropolis, 22-2-1937</p> <p style="text-align: center;">Meu querido noivinho saudades.</p> <p>Espero que esta te va encontrar em perfeita saude, eu vou bem graças a Deus Eu hoje tive uma viaje muito triste so pensando em voce, cada veis o meu amor aumenta muito mais espero que o teu aumente tam bem, eu sonhei com voce anoite de Domingo para segunda feira foi um sonho muito bonito. Jayme eu tenho rezado todas as noites a <i>Nossa Senhora</i> da Penha para a tua mãe ficar boazinha pra voce e que ella fique mais calma sobre o nosso respeito eu te pesso para [↑] voce[↑] rezares tam bem nei que seja um Padre Nosso e uma Ave-Maria se voce</p> <p>não souber rezar isto manda-me dizer que eu copio para voce. manda-me dizer se vais na minha casa no Domingo, eu estou esperando as tuas cartas são duas que eu espero esta semana. A <i>Dona Marietta</i> manda-te lembranças e pedete para não esqueceres de rezares.</p>	<p>Meu querido noivinho Jayme meu noivinho Jayme meu filhinho Jayme</p>

		<p>E desta tua apaixonada noivinha muitos beijos e abraços au meu noivinho Jayme</p> <p style="text-align: center;">Mariquinhas não te esqueças de rezar</p> <p>não repares a minha carta nei os eros, eu vou escrever outra esta semana. mais beijinhos para o meu filhinho Jayme em trega esta au Neuzinho bote # outro em velope</p>	
Carta 45 - 23 de fevereiro de 1937 (word)	Formas de tratamento direcionadas a Maria		
<p>Rio de Janeiro 23 de Fevereiro de 1937</p> <p>Minha querida noivinha</p> <p>Espero que esta te va encontrar em perfeito estado de saude, eu graças a Deus vou bem Sinto estar em falta contigo pois só hoje e que vim escrever-te, mas não tenho podido assim mesmo esta foi feita na hora de fazer pagamentos nos bancos Tu bem sabes se não fora isto já teria escrito a voce a muito tempo. Esta noite tive um sonho contigo muito lindo, quando acordei cheguei a chorar, só porque não foi verdade. Eu tenho pelejado para ver sé consigo escrever-# alguma coisa para presentear-te no domingo mas não tenho podido, já que não posso dar-te nada# como presente de aniversario, desejaria escrever qualquer cousa que voce gostasse. Apenas umas letrinhas dizendo que te amo muito, que tú és a flor de meus sonhos, que te</p>	<p>Minha querida noivinha</p>		



<p>tu és todo o meu ideal, que és toda a minha felicidade, que a ti só pertença, que ti és a rainha de meu coração, que és a eleita dos meus momentos etc. etc. e muita cousa mais. Eu acho que não e preciso escrever mais porque acabei de dizer tudo que iha escrever, não adianta mais nada. O meu pae já fala comigo, teu comersado*, domingo cheguei da praia tomei banho ] descansei um pouco e fui durmir as 8,20 horas, a minha mãe já fez as pazes com o meu pae, comigo é que não.</p> <p>Lembranças a D. Marietta, fala com ela que eu gostava muito de conhecela, embora já a conheça um pouco pela tua boca, mas gostaria de conhece-la pessoalmente. E a ti envia todos os“ grãos de terra” transformados em beijos e abraços. Jayme O. saraiva</p>		
<p><b>Carta 46 - 2 de março de 1937 (download)</b></p>	<p><b>Formas de tratamento direcionadas a Maria</b></p>	
<p>Rio de Janeiro 2 de Março de 1937</p> <p>Minha querida noivinha sempre teu</p> <p>Espero que esta te vá encontrar em perfeito estado de saude, eu graças a Deus vou bem, em minha nada de novo tudo conforme estava.</p> <p>De domingo para cá tenho pensado tanto em nos dois que não sei explicar porque.</p> <p>Quero que me mandes dizer se gostaste do anel, tú sabes que a minhas posses não são para mais, se eu fosse rico daria um conforme tu mereces, mesmo assim duvidaria porque neste mundo não furtuna para dar-</p>	<p>Minha querida noivinha</p>	

<p>te o que tu mereces.</p> <p>Para mim tu es maior que toda a riqueza que ha neste mundo,</p> <p>Tu és toda a minha fortuna a minha riqueza, e meu ser, a minha maior ventura neste mundo é amar-te e querer-te cada vez mais.</p> <p>Sinto que em ti é que esta toda a minha existencia, por isso quero-te muito para poder viver eternamente, sempre em teus braços recebendo as caricias tuas, que tanto me acalentam e me dão vida.</p> <p>São 11 horas preciso dormir, se não fosse isso seria capaz de ficar a noite toda escrevendo para ti, dizendo tudo quanto sinto por ti, porque quando estou junto de ti a emoção embarga-me a voz, faz-me fugir as palavras, e fico mudo.</p> <p>Lembranças a D.Marieta,</p> <p>E para ti, recebe uma carroçada de beijos e abraços deste teu sincero e apaixonado noivinho</p> <p>Jayme O. Saraiva</p>			
		<p><b>Carta 26 - 07 de março de 1937 (download)</b></p>	<p><b>Formas de tratamento direcionadas a Jayme</b></p>
		<p>Rio – 7-3-1937</p> <p>Meu eterno noivinho saudades</p> <p>Espero que ao receberes este te encontres de perfeita saude, eu vou bem graças a Deus.</p> <p>Eu hoje chegei bem em casa e não sai mais estive esperado voçe ate as 7 hora # depois eu fui medeitar mais não dormi</p>	<p>Meu eterno noivinho</p>

	<p>estava pensando muito em voce depois eu melevantei as 11 horas foi quando escreví este bilhete, manda-me dizer se os teus pais falarão auguma couza com voce, eu esta semana estou es- perando 2 cartas, e manda-me dizer se brincaste muito na praia e se foiste au cinema, eu acho que passaste uma tarde melhor do que eu. Eu no sabado espero voce não se esqueça desta tua noivinha que tamto te ama Mariquinha não se esqueça de mandar as cartas podes rasgar</p>	
Carta 47 - 8 de março de 1937 (download)	Formas de tratamento direcionadas a Maria	
<p>Rio de Janeiro 8 Março de 1937</p> <p>Minha enesquecível noivinha Estimo que esta te vá encontrar em perfeito estado de saude, eu vou bem graças a Deus, parece-me que estou ficando catolico, agora já rezo ao deitar-me e ao levantar-me.</p> <p>Hontem não fui a praia descansei toda a tarde, a noite fui ao cinema, gostei muito da fita porque nela trabalha uma artista, que desempenhou o papel de que sofria pelo amor que tinha a um rapaz, e eu então pensava só em voce o quanto tens sofrido por minha causa somente por amar-me.</p> <p>Minha flor, mas eu soffro igual a voce somente por te amar</p> <p>Finalmente temos que nos conformar porque Deus assim quer, e contra ele nada poderemos fazer.</p> <p>Mas chegará o dia em que descansaremos nos braços um do outro bem juntinhos, dando</p>	<p>Minha enesquecível noivinha Minha flor minha santa</p>	

<p>beijinhos eternos, afogando a lembrança das saudades que hoje sentimos.  Lembranças a D. Marieta  Recebe muitos beijos e abraços deste teu querido noivinho  Jayme O. Saraiva  não repares na carta porque foi feita no escretorio.  Amo-te minha santa.  Serei sempre teu.  Jayme O. Saraiva</p>		<p><b>Carta 27 - 08 de março de 1937 (download)</b></p>	<p><b>Formas de tratamento direcionadas a Jayme</b></p>
	<p>Petropolis, 8-3-1937</p> <p>Meu queridinho noivinho.  Saudades</p> <p>Espero que esta te va encontrar em perfeita saude. Eu graças a Deus vou bem, vou é com muitas saudades tuas.</p> <p>Eu escrevi esta as 9 horas da noite de pois do jantar, o meu irmão Neuzinho me falou que a dona da penção tem falado com elle au teu respeito eu acho que voce deve falar com ella para ella não se meter na tua vida que já chega# os teus.</p> <p>Manda-me dizer se os teus pais tem falado alguma couza com voce au nosso respeito. as tuas cartas eu quero maior do que esta.</p>	<p>Meu queridinho noivinho  meu queridinho noivinho  Jayme</p>	

3ª FASE	
Carta 48 - 15 de março de 1937 (download)	Formas de tratamento direcionadas a Maria
<p>Rio de Janeiro 15 de Março de 1937</p> <p>Minha enesquecível noivinha  Espero que esta te vá encontrar em perfeito estado de saúde, eu vou bem graças a Deus.</p> <p>Hontem cheguei em casa eram 9,15 horas os meus pais já tinham chegado, não falaram nada comigo,</p> <p>Hoje fui tirar o retrato, na hora do almoço, so estão prontos no sabado,</p> <p>Minha flor eu seria imensamente feliz se estivesse a todo momento, abraçando-te e beijando-te, mas tu queres viver tão longe de mim que chego a pensar que queres fugir de mim, mas é só impressão minha porque que tu não me abandonarás mais porque não podemos viver um sem o outro.</p> <p>Eu espero com tanta ansiedade o dia da nossa felicidade, para poder embriagar-me no turbilhão de seus seios, e esquecer com seus beijos, a nossa dor, que agora sentimos, e ver os meus desejos saciados e sentindo sempre em meus labios o frescor dos teus, sorvendo beijos dos mais deliciosos que ha neste mundo.</p> <p>Lembranças a D.Marieta.</p> <p>E deste teu apaixonado noivinho recebe mais beijos e abraços, e espera-me no sabado,</p>	<p>Minha enesquecível  noivinha  Minha flor</p>

<p>Jayme O. Saraiva          não repares letra do envelope          porque a pena estava para lá de aberta.</p>		<p><b>Carta 28 - 15 de março de 1937 (download)</b></p>	<p><b>Formas de tratamento          direcionadas a Jayme</b></p>

	<p>Mariquinhas          não se esqueca de resar todas as noites</p> <p>eu devo chegar as 6 ½ horas no ponto          por que eu vou descer de onibus.          não repares a minha carta por que eu não sei          escrever e podes rasgar</p>	
<p><b>Carta 49 - 16 de março de 1937 (download) 1</b></p>	<p><b>Formas de tratamento          direcionadas a Maria</b></p>	
<p>Rio de janeiro 16 de Março de 1937</p> <p>Minha enesquecível noivinha, saudades incontadas</p> <p>Todo o meu desejo é que esta té vá encontrar em perfeito estado de saúde, e que a tua saudade não seja tão cruel quanto a minha eu vou bem graças a Deus, de saúde, de amor tu sabes como me sinto, cada vez mais cego, e cada vez querendo amar mais.</p> <p>Eu sinto que nesta vida já tenho tudo preparado, tenho a carreira mais ou menos bem graças a Deus, e tenho a flor de meus sonhos a deusa que mais amo e mais idolatro, a santa que inspira-me e me dá forças que é você, só falta-me a felicidade que a terei dentro em breve, que é possuindo-te como minha esposa e como minha eterna companheira, só assim sentiria-me feliz.</p> <p>O nosso amor surgiu do crepúsculo das ondas, revoltas pela tempestade da paixão, porque quando nos falamos já nos amamos,</p> <p>E hoje que possuo todo o seu amor, é que sei dizer que maior prazer nesta vida consiste no amor, que seria de mim sem teu amor, se você me desprezasse, seria o fim de um pobre mendigo de amor, que morreria crucificado pela grande paixão que trazia no peito, mas isso sei eu que jamais acontecerá porque o meu fim seria o teu, nos estamos um para o outro, como a planta está para a raiz, que seria a planta sem</p>	<p>Minha enesquecível          noivinha          flor</p>	

<p>a raiz morreria naturalmente o mesmo aconteceria conosco, estamos enraizados um ao outro,</p> <p>nos somos a raiz de nos próprios, jamais poderemos, nos separar, Viveremos eternamente um para o outro, amando cada vez mais, esquecendo as dores de agora, o meu coração terá eternamente em teu peito batendo dando-te vida, e o teu viverá em meu peito dando-me vida e alento para continuar dedicando a ti todo o amor que mereces, porque a flor que enaltece-me, que me ensina a amar e me ensina o caminho da felicidade és tú, dedicando todo o meu amor ainda e pouco porque todo o meu amor, não paga tudo isso que fazes por mim, mas estarei sempre a teu lado</p>		
<p><b>Carta 50 - 16 de março de 1937 (word) 2</b></p>	<p><b>Formas de tratamento direcionadas a Maria</b></p>	
<p>Rio de Janeiro 16 de Março de 1937</p> <p>Minha amada noivinha</p> <p>Espero que esta te va encontrar em perfeito estado de saude eu vou bem graças a Deus. O calor aqui no Rio esta intenso, mas não consegue ultrapassar o calor desta paixão que me aniquila. Eu acho que no planeta terrestre não Existe aparelho capaz de medir a extensão De meu amor, este amor que só a ti Dedico e que tanto faz-me# sofrer. Minha flor que seria a vida sem o amor? Seria um mundo monotono todos sentiriam vontade de morrer ninguem</p>	<p>Minha amada noivinha Minha flor minha santa</p>	



<p>gostaria desta solidão. Mas quando nem o amor, e que a pessoa pensar em viver, para eternamente # não só ele como a pessoa a quem ama julga que este mundo é uma maravilha que esta vida é bela, e que a pessoa a quem dedica todo o amor, só a si pertence, e sente que só poderá viver parar ela e para mais ninguém, isto tudo minha santa é o que eu penso, acha que é a realidade, porque eu sinto assim. Lembrança a D. Marieta. E aceita muitos beijos e abraços de teu noivinho, louquinho apaixonado. Jayme O. Saraiva é pena não ter tempo, mas do jeito que estou hoje seria# capaz de escrever muitas folhas de papel.</p>		
<p><b>Carta 52 -16 de março de 1937 (word) 3</b></p>	<p><b>Formas de tratamento direcionadas a Maria</b></p>	
<p>Rio de Janeiro, 16 de Março de 1937</p> <p>Minha encantadora noivinha sempre teu</p> <p>Almejo que ao receberes esta te encontres em perfeito gozo de saúde, eu com a graça de Deus vou bem, emora seja a terceira vez que te escrevo hoje.</p> <p>volto a tua presença com as minhas letras, somente para dizer-te, que devido aquela dentada que me deste no domingo ainda estou com o dedo durmente.</p> <p>Esta semana não te escreverei mais, porque não adianta mais porque si mandar mais alguma carta não a receberás mais esta semana.</p> <p>Minha querida tú sabes perfeitamente que</p>	<p>Minha encantadora noivinha Minha querida</p>	

<p>toda a oportunidade que posso aproveitar é somente para escrever-te, porque não me sahes, um* unico segundo da lembrança,</p> <p>Em tudo que vejo, tudo que fasso, tudo que peço pareço ouvir tua voz, pareço sentir as tuas mão acariciadoras, envolvendo-me com ternura, conforme só eles* mesmo e que sabem afagar-me, quando medito, pareço ver sua imagem, que tanta se-</p> <p>dução</p> <p>traz-me, esses seus olhos que parecem que foram feitos somente para me ver, e para só a mim pertencer, esse seus labios que foram criados pela mão maravilhosa da natureza, somente para trazer aos meus os seus beijos embriagadores, que de tantos desejos me enchem.</p> <p>Mas quando penso que é ilusão minha, fico tão triste e com os olhos querendo chorar, e sinto a saudade querer afastar-me, e tomar conta de mim e transbordar o meu coração de nostalgia, mas não há nada, toda a inha esperança redonda-se no dia em que poderemos viver juntinhos somente um para o outro, e espero que assim penses também. Este teu querido noivinho envia-te muitos beijos e abraços. Jayme O. Saraiva</p>		
<p><b>Carta 53 - 22 de março de 1937 (download)</b></p>	<p><b>Formas de tratamento direcionadas a Maria</b></p>	
<p>Rio de Janeiro, 22 de Março de 1937</p> <p>Minha estima noivinha amor ardente.</p> <p>Espero que esta te vá encontrar em</p>	<p>Minha estima noivinha Minha flor Minha querida</p>	

<p>perfeito estado de saúde eu vou bem graças a Deus.</p> <p>Esta noite sonhei com tanta atrapalhada que cheguei a acordar com dor de cabeça.</p> <p>Minha flor sonhar com você é para mim um grande prazer, e sentir que cada vez me uno mais a ti, que meu coração transborda de alegria quando acordo e recordo que estava sonhando contigo.</p> <p>Minha querida quando sonho contigo não quizera mais acordar, queria continuar naquela ilusão, vendo a imagem, que me dá vida e amor, a santa que com seu amor ensinou-me a ama-la também, e encheu-me de desejo de possui-la somente para mim, e traze-la sempre bem juntinho de meu coração, que a muito já pertence ao dela.</p> <p>Amando-te para mim é a minha maior alegria neste mundo, possuir-te é minha maior ambição nesta vida, entretanto quero-te somente para o meu amor.</p> <p>Lembranças a <i>Dona Marieta</i></p> <p>Recebe deste teu querido noivinho apaixonado muitos beijos e abraços e uma fotografia.</p> <p style="text-align: right;">Jayme O. Saraiva</p>		
<b>Carta 54 - 30 de março de 1937 (download)</b>	<b>Formas de tratamento direcionadas a Maria</b>	
<p>Rio de Janeiro, 30 de Março de 1937</p> <p>Minha querida noivinha saudades.</p> <p>Espero que esta te vá encontrar em</p>	<p>Minha querida noivinha</p>	

<p>perfeito estado de saude, eu é que estou um pouco carregado, desta vez o resfriado pegou-me direito. Hontem não pude escrever-te porque não sahi a tarde, fui trocar os brincos agora eu sei que tu vaes gostar, mas ainda estão comigo, no domingo quando cheguei em casa não encontrei ninguém ainda não tinham chegado, já falei com aquele rapaz do baile. Logo mais espero ficar sosinho em casa, então te escrever uma carta maior mais agora não me é possível porque</p> <p>tenho muita pressa, domingo de manhã talvez vá a S. João de Merity, e a tarde irei na tua casa conforme prometi. Lembranças a D. Marietta Aceita deste teu querido noivinho apaixonado muitos beijos e abraços. Jayme O. Saraiva</p>		
<p><b>Carta 55 - 05 de abril de 1937 (word)</b></p>	<p><b>Formas de tratamento direcionadas a Maria</b></p>	
<p>Rio de Janeiro 5 de Abril de 1937</p> <p>Minha estimada noivinha</p> <p>Muito estimo que esta te vá encontrar em perfeito estado de saude, eu vou nem graças a Deus. na minha casa nada de novo. Hoje fui pagar a prestação da apolice, e daqui a quinze dias eles me darao a apolice, comprei um vestido para voce eu acho que tu não vaes gostar, mas se tu não quizeres serve para a Hilda. Eu estou fazendo hora para ir entregar os retratos la no club, as horas custam tanto a passar, se estivesse perto de ti, as horas voariam, mas como estou sosinho, pase-me* que</p>	<p>Minha estimada noivinha</p>	

<p>tenho que esperar uma semana.</p> <p>Eu amo a letra M. E dela tenho paixão Com ela se escreve M. do meu coração Quando o assucar amargar O limão adocar, E Deus deixar o mundo Deixarei de te amar Eternamente teu. Jayme O. Saraiva</p>		
<p><b>Carta 56 - 06 de abril de 1937 (download)</b></p>	<p><b>Formas de tratamento direcionadas a Maria</b></p>	
<p>Rio de Janeiro 6 de Abril de 1937</p> <p>Minha sempre estimada noivinha</p> <p>Espero que esta te vá encontrar em perfeito estado de saude, eu vou bem graças a Deus. Hontem fui no club levar as fotografias e sahi logo, não demorei mais de dez minutos, era ensaio só de homens, mas eu não dansei. No sabado eu te espero no nosso ponto na rua Uruguaiana esquina com Buenos Aires, não vá cantar victoria por eu fazer isso é só para eu te entregar a tal fazenda que comprei hontem, sabes que eu não gosto de ir na oficina, Minha flor esta noite tive um sonho tão lindo contigo, que muito desejava que fosse realidade, mas finalmente a realidade não está longe. O meu coração espera com tanta ansiedade o dia em que eu poder te chamar de minha esposa, que alegria sentiria. Não te esqueças, do nosso encontro, quem</p>	<p>Minha sempre estimada noivinha Minha flor</p>	

<p>chega primeiro espera, Lembranças a D. Marietta E deste teu apaixonado noivinho recebe muitos beijos e abraços Jayme O. Saraiva</p>		
<p><b>Carta 57 - 13 de abril de 1937 (word)</b></p>	<p><b>Formas de tratamento direcionadas a Maria</b></p>	
<p>Rio de Janeiro 13 de Abril de 1937</p> <p>Minha querida noivinha</p> <p>Muito estima que esta te vá encontrar em perfeito estado de saúde, eu melhorei um pouco Graças a Deus, peguei um bruto dum res- friado, que não sei como sahir dele Esta carta escrevi as cinco horas da ma- nhã, esta noite não dormi quase nada, só pensando em ti. E penso, que longe de ti, quase impossível é viver, sem a luz vivificante dos teus olhos, eu só vivo ma esperança de que Deus se compadeça do nosso sofrer, fazendo que nos unirmos* para eternamen- te, para que possamos alimentar esse nosso grande amor. Minha flor o meu quarto é tão triste, para mim é uma solidão irrevogavel*, ele só se encheria de alegria com a presença, da minha eterna sonhadora felicidade que é voce. Logo mais se me for possível te escrever uma carta grande. Não te esqueças do nosso encontro de</p> <p>domingo Lembranças a D. Marieta E para ti minha santa, aceita muitos beijos e abraços deste teu querido noivinho. Jayme O. Saraiva</p>	<p>Minha querida noivinha Minha flor minha eterna sonhadora minha santa</p>	

<b>Carta 58 - 19 de abril de 1937 (word)</b>	<b>Formas de tratamento direcionadas a Maria</b>	
<p>Rio de janeiro 19 de Abril de 1937</p> <p>Minha eternecida amada noivinha</p> <p>Espero que essa te vá encontrar em perfeito estado de saude, eu vou bem graças a Deus. A saudade é o meu maior mal, estar longe de ti minha querida perco a graça de tudo, tudo para mim é monotono, de ti não esqueço nem siquer um momento, Toda a minha alegria é sentir as tuas mãos nas minhas, e tu me dizeres,“ fala alguma cousa”, mas o assunto parece fugir-me, prefiro é adorar-te, e devorar a tua beleza com meus olhos, que são pequeninas como tú dizes, mas que são teus,</p> <p>Amando-te minha flor e sentindo que tú me amas, sinto-me feliz, meu amor só a ti pertence, e o teu só a mim pertence, nossas corações unidos num só, viverá eternamente nesse* fogo da paixão que agora nos devora. Espero-te no sabado, lembranças a D. Marietta</p> <p>E deste teu noivinho apaixonado, que eternamente* a ti pertence, aceita muitos beijos e abraços</p> <p>Jayme O. Saraiva</p>	<p>Minha eternecida amada noivinha minha querida minha flor</p>	
<b>Carta 59 - 20 de abril de 1937 (word) 1</b>	<b>Formas de tratamento direcionadas a Maria</b>	
<p>Rio de janeiro 20 de Abril de 1937</p>	<p>Minha querida</p>	

<p>Minha querida noivinha</p> <p>Desejo que esta te vá encontrar em perfeito estado de saude, eu vou bem graças a Deus Esta noite tive um sonho muito ruim sobre nos dois, quando acordei fiquei contente só em saber que era mentira</p> <p>Sonhar contigo minha querida é para mim um grande prazer, mais quando o sonho é bom, mais quando é ruim,, gosto, mais preferia não sonhar eu gosto de sonhar contigo, mais é quando estamos juntos passeiando, sentindo o calor de teus braços nos meus, ouvir a tua voz sublime, colher de teus labios o nectar de meus desejos em teus beijos</p> <p>Minha flor é tão belo sonhar com a pessoa a quem se ama, principalmente quando esta pessoa está longe* de nossos olhos, e que a saudade nos crucifica fazendo# chorar pensando, no coração que é nosso, e que está longe* de nossas mãos e não podemos pega-lo Sabado estaremos juntinhos novamente, esquecendo a saudade de agora</p> <p>Lembranças a D. Marieta E para ti minha santa, recebe muitos beijos e abraços deste teu noivinho apaixonado. Jayme O. Saraiva</p>	<p>noivinha minha querida Minha flor minha santa</p>	
<p><b>Carta 60 - 20 de abril de 1937 (word) 2</b></p>	<p><b>Formas de tratamento direcionadas a Maria</b></p>	
<p>Rio de janeiro 20 de Abril de 1937</p> <p>Minha inesquecivel noivinha saudades. Muito estimo que esta te vá encontrar em perfeito estado de saude, eu vou bem# Graças</p>	<p>Minha inesquecivel noivinha Minha querida minha flor minha santa</p>	



<p>a Deus,          Minha querida toda a folga que pego é para escrever-te, não perco uma só oportunidade, pois nisso é que reside a minha alegria quando estou longe ti, sinto o coração bater numa ansiedade louca aguardando o momento de tornar a ver-te. Mas conformo-me minha flor, porque sei que para se amar de verdade precisa-se sofrer, portanto e grande o nosso sofrimento, mais ainda maior é o nosso amor, sei perfeitamente que me amas, e tú também comprehendes, que te amo muito,</p> <p>Por isso minha santa, sou feliz, em saber que só a mim tu pertences, e que jamais renegaremos o nosso amor, o amor que só para nós dois foi creado. Portanto minha deusa estás tão longe de meus olhos, mas sinto-me em teu coração, pulsando para alimentar o nosso puro amor. O sábado para mim é uma ansiedade, sómente para ti ver          Aceita deste teu noivinho, que tanto# te ama, e que eternamente a ti pertence muitos beijos e abraços          Jayme O. Saraiva</p>	<p>minha deusa</p>	
<p><b>Carta 61 - 20 de abril de 1937 (word) 3</b></p>	<p><b>Formas de tratamento direcionadas a Maria</b></p>	
<p>Rio de janeiro 20 de Abril de 1937</p> <p>Minha querida noivinha saudades sem fim</p> <p>Muito almejo que esta te vá encontrar em perfeito estado de saude,          Minha querida, da janela de meu quarto, contemplo o azul do</p>	<p>Minha querida          noivinha          Minha querida          Meu amor          Meu amor          Minha querida          Minha querida</p>	

céu, a noite é  
 linda, a lua com seus raios prateados, parece invocar todos os  
 corações tristes  
 e pensativos, pedindo que confie-lhe os nossos segredos,  
 As vezes olho uma estrela, como se me convencesse de que a  
 olhos tam-  
 bem. Sorrio-lhe e confio-lhe o meu segredo,- esse segredo que  
 estas farta de saber... E ella brilha mais, fica mais bela e de  
 repente, apaga-se: desaparece... Será que vou levar-te a  
 suplica  
 que lhe faço e será que tú comprehendes, o lingua-  
 jar do luciluzir? De quando em vez, uma pancada mais forte  
 no coração parece avi-  
 sar-me de que tú pensas em mim, formulo pensamentos, que  
 não sei se receberá teu coração, pelas antenas enormes de meu  
 pensamento. As vezes, eu fico sonhando com voce, fico  
 lembrando toda a tristeza de que é feita a nossa vida, esta vida  
 que pôs tanta amargura em nossos olhos e encheu de tanta  
 tortura os nossos dias, mas não faz mal, meu doce bem.. Sinto  
 saudades tuas, e de teus olhos, a força estranha que tens em  
 teu olhar, ] ele magnetiza, tonteia... Meu amor! Longe de teus  
 olhos, desses olhos tentadores, enfeitiçantes ]  
 e cheios de caricias, é que eu vejo o quanto a minha vida é  
 vazia longe de ti,  
 Meu amor! Quero-te tanto, que a mais obscura existencia, a  
 teu lado, me parecia principesca e feliz  
 Longe de ti, quase impossivel é viver; sem a luz vivificante  
 dos  
 teus olhos eu só vivo na esperança de que Deus se compadeça  
 de nosso sofrer, será este o único lenitivo a dor do nosso  
 pobre coração. O amor é o nectar delicioso libado pelos  
 unicos  
 felizes na vida os que amam e que são amados, quanto é  
 sublime ouvir a palavra“ Eu te amo”  
 proferida por uns labios adoraveis, e, cuja tradução é: Eu  
 penso sempre em ti, és o melhor prazer de minha vida, quero  
 ser teu para seres minha,  
 Minha querida sinto-me feliz em amar-te, e ser amado por ti.

<p>Hoje não sahi de casa, toda a minha ambição era escrever-te, e contar-te a minha saudade, mas não julgues que o que eu escrevi foi para encher a arta, e sim toda a verdade para aliviar-me um pouco. Confor-me combinamos continuo a aguardar com ansiedade o dia de sabado. Lembranças a D. Marieta E para ti minha querida, recebe deste teu inesquecível apaixonado noivinho que traz o coração cheio de saudades tuas, muitos beijos e abraços Jayme O. saraiva MARIA Maria encerra, assim formosa e prazenteira, À inspiração feliz dos meus sonhos de groria Ri nela a doce luz de um esperança florea, Inundando de bens a minha vida inteira Amando-nos sinceramente, conseguiremos a nossa vitoria</p>		
<p><b>Carta 62 - 27 de abril de 1937 (word)</b></p>	<p><b>Formas de tratamento direcionadas a Maria</b></p>	
<p>Rio de janeiro 27 de Abril de 1937</p> <p>Minha inesquecível noivinha saudades. Muito estimo que esta te vá encontrar em perfeito estado de saude, eu vou bem graças a Deus. Domingo cheguei em casa, os meus paes, tinham chegado naquele momento, não disseram nada hontem não pude escrever-te, a tarde não sahi, e a noite tive uma cobrança para fazer, e hoje de manhã acordei tarde, só tive oportunidade agora, Não te zangues porque esta carta seja desinteressante, porque me falta o assunto, ando com a cabeça a evaporar-se</p>	<p>Minha inesquecível noivinha</p>	

<p>Sabado talvez te faça uma surpresa não sei se vais gostar, mas eu acha que sim,</p> <p>Logo mais se eu tiver oportunidade te escreverei novamente, mas um pouco melhor Lembranças a D. Marieta. E recebe deste teu eterno amor muitos beijos e abraços do teu noivinho apaixonado Jayme</p>		
<p><b>Carta 63 - 28 de abril de 1937 (word)</b></p>	<p><b>Formas de tratamento direcionadas a Maria</b></p>	
<p>Rio de janeiro 28 de Abril de 1937</p> <p>Minha querida noivinha saudades</p> <p>Espero que esta te vá encontrar em perfeito estado de saude, e que o res- friado já tenha ido embora, eu vou bem graças a Deus</p> <p>Minha flor porque sera que o amor nos fáz tanto sofrer? Nós temos confiança um no outro, sabemos que pertencemos um ao outro, e que não podemos viver um# sem o outro. Minha querida eu acho que tudo isso é por estarmos longe um do outro, nossos cora- ções vivem um perto do outro, mas nossos olhos não veem a pessoa que mais se ama neste mundo.</p> <p>Hontem fui buscar a tua apolice esta na minha escrivanhinha lá no escritorio sabado talvez te faça uma surpresa. Lembranças a D. Marieta E deste teu querido noivinho apaixonado</p>	<p>Minha querida noivinha Minha flor Minha querida</p>	

<p>recebe muitos beijos e abraços Jayme Saraiva</p>		
<p><b>Carta 64 - 03 de maio de 1937 (word)</b></p>	<p><b>Formas de tratamento direcionadas a Maria</b></p>	
<p>Rio de janeiro 3 de Maio de 1937</p> <p>Minha estimada noivinha</p> <p>Espero que esta te vá encontrar em perfeito estado de saúde, eu vou bem graças a Deus, em minha casa nada de anormal, o ambiente é o mesmo. Minha querida foram tão bons estes feriados é pena que tivesses de sahir hoje, e para o pior* destes tres feriados foi o de hoje, o mesmo espero que penses. Até que enfim vaes descer, só assim poderemos nos ver mais a miudo, para não deixarmos que cresça mais as nossas saudades. Hoje não posso te escrever muito porque os meus pais não saíram, e temos visitas lá em baixo.</p> <p>Se desceres na quinta-feira, vae me esperar no nosso ponto, agora se desceres outro dia quaquer não vae me esperar na quinta feira quando eu sahir vou lá ver se tú estas a minha espera, se não estiveres irei embora sozinho. Lembranças a D. Marietta E deste teu eterno apaixonado noivinho recebe muitos beijos e abraços. Jayme O. Saraiva</p>	<p>Minha estimada noivinha Minha querida</p>	